REVISTA LUSITANA

VOL. XXVI 1925 a 1927 N.os 1-4

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

I

A CANÇÃO DO TRABALHO

Pão — Azeite — Vinho

Pão para a bôca — Azeite para a panela — Vinho para o copo.

— «... O pão nosso de cada dia nos dai hoje...» — reza a formosíssima oração cristã do *Padre-Nosso*. Há fome, quando falta o pão. É o corpo místico de Jesus Cristo. Beija-se, ao levantá-lo do chão. Deixá-lo dentado nas sobras da mesa é desgostar Nossa Senhora que se põe a chorar, e largá-lo às bruxas, — num mixto de superstição cristã e pagã. Bento, livra ou cura da raiva maléfica, ou é o *Pão de Santo António* que distribuem aos pobres famintos as congregações de beneficência. — «Êste é o meu corpo, comei», — disse Jesus aos discípulos, reunidos na Ceia. É o milagre da multiplicação dos pães, simbolismo cristianíssimo do milagre luminoso da misericórdia — «dar de comer a quem tem fome». A seara é fartura.

*

— O azeite alumia o Santíssimo Sacramento, é sagrado. É óleo santo, que sagra monarcas, unge moribundos *in extremis*, dá luz nas lâmpadas dos altares e nas candeias do lar, abranda os furores das ondas tempestuosas. Na panela é tempêro bemfazejo; no prato môlho de apetite. A oliveira, que o dá, é paz, protecção, é abençoada.

*

— O vinho é a tradição bíblica de Noé, o milagre das Bodas de Caná. Alegria na festa, quando se entorna pelas toalhas brancas do bragal aromatizado nas arcas. O «São Martinho» festeja o vinho novo, numa invocação cristã. — «Bebei, êste é o meu sangue», — disse Jesus delicadamente aos Apóstolos na Ceia, apresentando-lhes o cálix com o vinho, que êle abençoara. A vide chora. A uva dá o vinho. No simbolismo cristão da Eucaristia, o cacho de uvas recorda o vinho do Senhor; a pomba, virginal e humilde, colhe a uva da vinha sagrada, e representa a pureza da alma no Sacramento.

*

O trabalho de cuidar, recolher, guardar o pão, o azeite, o vinho, traz ao povo um «céu aberto» de cantares de evocações, e larga cópia de sentenças proverbiais, rifões e anexins. São festas rurais as fases dominantes da sua cultura, como dominantes entre as outras são essas culturas de pão e de azeite e do vinho do Senhor. É o que vamos tentar demonstrar neste esbôço etnográfico da voz do povo — *Vox populi, vox Dei* — na Canção do trabalho.

Saber guiar-se pelos ditames tradicionais constitui a soberana sciência do homem do campo. E, como no seu conceito a felicidade está na riqueza, a primeira condição é enriquecer. — Quem nasceu para dez reis, não chega a vintém; — apesar disso êle pràticamente procura as regras de ganhar dinheiro. De que forma? Ou, naturalmente, buscando o trabalho que lho proporcione; ou, servindo-se de fórmulas supersticiosas, que são a sua mais possante herança no celeiro-comum dos séculos: como estas, por exemplo:

— Comer romãs em dia de Reis, é ter dinheiro todo o ano.

(Idanha-a-Nova) [1].

— Comer uvas no dia de Ano-Novo e romãs no de Reis, é ter dinheiro todo o ano.

(Castelo-Branco) [1]

---

[1] Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, V. N. de Famalicão 1926, I, 162.

E todo o calendário agrícola tende ao mesmo fim, com as suas pragmáticas, exigentes de precisão e formalismo: obter bons lucros do ano agrícola; que tudo corra, não ao-Deus-dará, mas consoante as regras a que êle obedece e que impõe à «Sorte» em obediência humana.

1.ª PARTE

O trabalho agrícola

— Já lá vai o Verão, que é quente,
Tempo que amadura a fruta;
Se queres ouvir meus ais,
Vem de vagar e escuta.

(Vila-Real, *Rev. Lusit.*, IX, 248).

I

A constituïção da propriedade é diferente nas províncias do Norte e nas do Sul do país. À sua divisão miúda no Norte opõe-se a vasta agregação rural da planície do Alentejo, vago e sêco. A antítese marca-se na própria paisagem discrepante; os acidentes orográficos condicionam o aspecto e a demarcação. Serras abruptas no Norte, com vales pequenos, lameiranchas húmidas, degraus férteis nas vertentes escalonadas do Douro e Minho; covões e veigas apertadas nas serranias transmontanas e beiroas, — tem o contraste nas landes extensas do Alentejo, de searas e montados, com poucas águas e más, muito sol.

No entanto, as causas demográficas, assim divergentes, tem a mesma origem inicial na dispersão e extrema divisibilidade dos bens de casal. Apenas o efeito se modifica em regiões opostas. O que é o retalho de terra no Minho em propriedades mínimas, e dá uma pobreza cantante e airosa, é no Alentejo sáfaro a impossibilidade de vida para a pequena propriedade, que se vai integrando na maior, para constituir, lògicamente evolutido e desenvolvido por condicionamento demográfico e agrícola, o *latifúndio*.

A *quinta* do Norte com o seu casal e o *caseiro*, que a cuida para o senhorio, ou o *rendeiro*, que a traz de renda a dinheiro e género, é de cultura mixta, de vinha, milho e horta, o centeio nas quebradas a aproveitar e nas chãs a aloirar de graúdo. Tem uma cultura intensa, onde na economia de espaço vai ganho incalculável. O pomar, aí, colide com a seara; a vinha trepa nas árvores de enforcado, ou corre nas latadas, que lhe arejam e ensoalham a uva; a horta perneia entre as árvores fruteiras nas abertas frescas, nos cantos de sol. No húmus mais regueiro cresce o milho, ávido de molhadio. A cultura é simples nos seus amanhos e no seu regímen.

Ao Sul, a lavoura complica-se. Ganha em extensão o que a de lá de cima tem de intensidade. O que além é economia apertada, é aqui esbanjamento de opulência. As *herdades* são largos tratos de terreno. Herdade grande ou um grupo de herdades, subordinadas à mesma exploração agrícola, formam a *lavoura*, especificada em aproveitança agrícola e utilização pecuária. O dono da «lavoura» é o *lavrador*, o tipo característico da velha fidalguia da cepa agrícola. O lavrador, que traz de renda as terras da sua «lavoura», é o *rendeiro*, ou *lavrador rendeiro*, que paga a sua renda ao dono, o qual, não sendo «lavrador», é simplesmente o *senhorio*.

A «lavoura» tem por base de exploração rural a cultura do trigo; é a seara infinda, com o cereal da planície; a seguir o olival, em massas compactas, no chão sêco e mirrado, e o montado de azinho [1].

O conjunto de herdades aglomeradas na «lavoura» chama-se *commodo*, cuja sede ou centro é o *monte;* no «monte» vive o lavrador mais a família dos parentes e a família da

---

[1] Os grandes domínios, no tempo do Império de Roma, classificaram-se em *latifundia* e *saltus*. Os *latifundia* eram terras de largos limites, além da unidade de superfície da cultura ordinária, *lati fundi;* ou eram domínios inteiros de um só, ou um agregado de herdades, *fundi*, ou *villae*, isolados no terreno. Os *saltus* são na origem os bosques e planícies *(silvae et pastiones*, de Varrão), e opõem-se aos *fundi*, por serem de terreno difícil, montanhoso, só explorável em talhões. *Gromatici*, Edit. Blome, Lachman et Rudorff. 157, 5; 161, 7;— Plínio, *Epist.*, 3, 19;— Varrão, *de Ling. Latina*, 5, 36.

criadagem ([1]); é lá que está o *casco da lavoura*, com a *ucharia* de «mantimentas» para o pessoal, tulhas para o cereal arrecadado, forragens para o gado, e as alfaias agrícolas. Em redor, numa verdadeira aldeia agrícola, há barracões, telheiros, arribanas, cavalariças, cortelhos e currais; estão as eiras, os bardos dos capruns, as malhadas dos porcos, os monturos, o forno do pão, as mêdas, *almeadas* ou *almearas*, de palha triga.

A herdade, para mais fácil exploração, divide-se em parcelas, chamadas *fôlhas*, e estas, consoante os acidentes do terreno, ainda em *tornas*. Encontra-se nas estradas o lavrador no cavalo de serviço; vai percorrer as herdades distantes da sua lavoura, que por isso se diz «andarem de cavalaria»; êle lá vai, a cavalo, de varapao comprido na mão.

Numa ou noutra destas formas de propriedade, há de preferência o pão, trigo cá para baixo, milho e centeio para o Norte, sobretudo nas serras ([2]); — o azeite dos olivais fartos da Beira-Baixa, Extremadura e Alentejo, – o vinho, riqueza do Douro, rivalidade entre Norte e Sul. Mais ou menos intensas, as culturas principais são estas; elas dão carácter à região, como aspecto à paisagem e actividade aos habitantes. É o pão para a bôca, — o azeite para o prato, — o vinho para o copo.

II

No Norte, os trabalhadores do campo são sempre os mesmos. No período das colheitas, fazem o seu mister nas suas regiões; depois buscam as outras, em que a densidade demográfica é menor, sendo precisos os seus braços, e onde as cul-

---

([1]) Já os Romanos tinham na *villa*, com a *familia urbana*, a *familia rustica*, composta dos escravos muito numerosos, organizados em serviços *(officina, ministeria)* com o *magister operum* ou capataz, mestre de obras. Repartiam-se em grupos de dez *(decuriae)*, cada um com o *decurio* ou *monitor*; o chefe orgânico era o *vilicus*.

([2]) Nas províncias do Norte usa-se a boroa de milho *(broa* e *brôua)* e o «pão-centeio». Falando-se em pão, trata-se de centeio, e, para referência ao de trigo, explica-se «pão trigo» ou pão alvo.

turas especiais são mais intensas. Descem ao Douro às vindimas, — vão ao Alentejo, às ceifas e aos lagares.

No Alentejo, como o pessoal faz falta e a terra é muita, são precisos muito braços. Há homens nas herdades com a sua *jornada*, que são os *jornaleiros* à jorna, ou os *ganhões* ao ganho ou ganhuça. Estes são permanentes. Há outros, êsses eventuais, que procuram trabalho nos grandes períodos agrícolas, de Verão para as ceifas, e de Inverno para a colheita da azeitona; andam de terra-em-terra, de *monte*-em-*monte*, oferecendo-se a patrões e a *menageiros* ou *manageiros*, e vão em ranchos, em «malta»; são os *malteses*, nome que já hoje se aplica a todo o rural, que anda de herdade em herdade a pedir ocupação, mas sem permanência.

Estes bandos migratórios levam ao Douro e ao Alentejo os malteses da Beira, que têm o nome tradicional de *ratinhos*; os *caramelos* vão do Norte procurar os campos do Sul; no Alentejo, ficaram conhecidos por *Galegos* os Minhotos, que correm a trabalhar para os lagares de azeite.

III

A regra de cultura obedece à tradição campestre do calendário. As ordenações de esta folhinha rural, formada pela observação contínua de gerações, que tantas são precisas para cristalizar a observação passiva em um axioma a seguir, classificam-se em variados capítulos. Como estes axiomas práticos são empirismo popular, êles vem correndo as gerações sob a forma de sentenças em anexins rimados. O *abono da estação* é feito por múltiplas regras proverbiais.

a) *Janeiro:*

Em Janeiro, põe-te no outeiro; — se vires verdejar, põe-te a chorar; — se vires terrear, põe-te a cantar. Neste mês, é mau que o desenvolvimento das plantações *verdeje* a paisagem; as geadas mirram, queimam as plantas tenras; deve de se ver *terrear* a terra dos campos.

Em Janeiro, sete capelos e um sombreiro. Como quem diz muito frio e chuva. Nas serras de Trás-os-Montes e Beira, as mulheres usam cobrir a cabeça com um saiote ou com *capuchas* de burel e *capelas* ou *capelos* de briche, como os homens

vestem as *crossas* e *palhoças* de palha e, em Miranda-do-Douro, as *capas-de-honras* com capuses, ou em Aveiro restos de antigos ferragoulos semelhantes nos *gabões*, *gabinardos* ou *varinos*. Os sete *capelos* indicam com o número sete, neste caso simplesmente reforçativo, pelo uso inconsciente ([1]), a intensidade do frio. O *sombreiro* é o guarda-chuva enorme de paninho azul, ou o chapéo largo, que no Alentejo chamam *aguadeiro* ou *aguadoiro*.

O sol de Janeiro anda sempre detrás do outeiro, — é um sol baixo e de curto caminho, pois *sai tarde e entra cedo*. Por isso: *em Janeiro, um pouco ao sol, outro ao fumeiro*, que vai crepitando, defumando, na lareira de brasido intenso.

O mês de Janeiro, como bom cavaleiro, assim acaba como na entrada; — se começa de chuva, em chuva acaba; se principia de sol, vai de sol ao fim.

Primeiro dia de Janeiro, primeiro dia de Verão, — crescem os dias, vai-se para as colheitas, sementeiras feitas, germinação em bom caminho; marca o início dos amanhos das terras, que vão acabar no Verão ([2]).

([1]) A superstição dos números está espalhada no país e em concordância com o mesmo facto no estrangeiro. Os números de maior credulidade são: três, sete, nove e treze. Para exemplificar a superstição do número sete, citem-se três atribuïções.

A par do número três, vai o sete:

Três é a conta que Deus fèz.
Sete o Diabo que te espete.

Na *Oração do Santo Custódio*, em que se percorre a numeração até doze, ao número sete cabe: — *As sete são os sete sacramentos*. Esta é mais uma cristianização de superstições antigas, e obediência a fórmulas tradicionais: há mais os *sete pecados mortais*, as quatorze *obras de misericórdia*, em dois grupos de sete; etc. A *lagoa das sete cidades*, como os *vales das sete cidades*, a *ilha das sete cidades* (lenda atlântica: Gaffarel, «*L'île des sept cités et l'île Antilia*», *Corpus des Americanistes de Madrid*, I, 198, 214, e *Histoire de la découverte de l'Amérique*, I (1892), *Saint Brandan, les sept cités, Antilia, Brésil).*

([2]) Veja em Agôsto o anexim recíproco.

Janeiro gioso, Fevereiro nevoso, Março molhinoso, Abril chuvoso, Maio ventoso, fazem o ano formoso. — Êste provérbio especifica os necessários característicos de cada mês, para a boa colheita. Para os outros meses, ao diante se verá; para o de Janeiro, gioso, se compreende que do *outeiro* se veja *terrear* e não *verdejar;* serem precisos os *sete capelos* e um sombreiro, é mau, que a chuva faz *verdejar.*

Para os trabalhos rurais vem a regra do bom lavrador: — *Obreiro de Janeiro, pão te comerá, mas obra te fará;* — *em Janeiro, mete obreiro, mês meante* (meado do mês), *que não ante* [1]. E, então, para o trabalho, *Janeiro fora, cresce o dia uma hora* [2].

b) *Fevereiro:*

Conforme se viu em Janeiro, *Fevereiro* será *nevoso*, frio de neves ou de névoas (no Sol).

Quando a Candelaria chora («Festa das Candeias» ou «Senhora das Candeias», dia 2), *o Inverno já está fora;* — *quando a Candelaria ri, o Inverno ainda está para vir.* — O dia santo da Igreja é oráculo de Ceres. Se chove, acabou o Inverno com o frio, as geadas; se dá sol, ainda o Inverno rigoroso há de vir ou continuar, para mais se o Janeiro foi molhado [3].

Fevereiro fêveras (ou febras) *de frio e não de linho,* — onde a *fêvera* (lasca, fatia) e *Fevereiro* jogam correspondência temática. Em Fevereiro há frio às *fêveras*, grande, *Fevereiro nevoso* (Vid. Janeiro), e não há linho.

Quando não chove em Fevereiro, não há bom pão nem bom centeio. Êste anexim completa o primeiro. E abrange os dois estoutro: *Água de Fevereiro mata o onzeneiro,* — a que o lavrador já não terá de recorrer com a fartura ou remedeança no celeiro farto.

---

[1] Estes anexins estão generalizados no campo, de Norte a Sul, não se podendo pois localizar.

[2] Ver o inverso em *Setembro.*

[3] Na *Revista de Guimarães*, IV, 44, Leite de Castro menciona a variante do Minho:

A Senhora da Luz chora, Inverno fora.
A Senhora da Luz ri, Inverno para vir.

Seja como fôr, — *em dia de S. Matias* (24), *começam as enxertias.*

c) *Março:*

Março molhinoso... ajuda a fazer «o ano formoso». (Vid. Janeiro).

Março deve de ser húmido, mas sem chuvas, porque lá diz: — *água de Março é pior que nódoa em pano,* e *em Março nem rabo de gato molhado,* não esquecendo que o «gato escaldado, de água-fria tem mêdo».

Março marçagão, de manhã cara de cão, de tarde bom Verão, — dias ásperos pela manhã, suaves e ensoalhados no sol da tarde, quê é de cuidado, pois:

Sol de Março queima a dama no Paço; e

Sol de Março pega como o pegamaço, fere como o maço.

Outra variante daquele provérbio é: *Março marçagão, de manhã cara de cão, — à tarde cara de raínha, — à noite cavar com a foicinha.*

Março ventoso e Abril chuvoso, de bom colmeal farão astroso (desastroso).

Trabalhos temporãos: — *se queres bom cabaço, semeia-o em Março; — quem não podar em Março, vindima no regaço.*

d) *Abril:*

Abril chuvoso... para fazer «o ano formoso». (Vid. Janeiro).

No princípio ou no fim, Abril soe ser ruim. Porque? Os provérbios imediatos o explicam, e de já se sabe que é *Abril chuvoso.*

Abril águas mil, coadas por um mandil.

Se não chover entre Maio e Abril, venderá El-Rei o carro e o carril; [1] — e, *se não chover entre Maio e Abril, dai ao Rei o carro e o carril por uma fogaça e um funil, e a filha a quem a pedir.*

É um salve-se, quem poder, anunciado pela folinha agrícola, precisa como o *Borda d'Agua.*

Por todo o Abril, o mau é descobrir; — pois levantará a chuva, que é ouro.

---

[1] Veja em Maio o inverso.

Uma água de Maio e três de Abril, valem por mil.

E roga-se a praga, com o fundamento desta necessidade pluvial de Abril: — *a ti chova todo o ano, a mim me chova em Abril e Maio;* — para ti chuva desde Janeiro frio, geoso, com Março, em que *nem rabo de gato molhado;* para mim a chuva de *Abril chuvoso, com águas mil.*

e) *Maio:*

Maio ventoso... é «ano formoso». (Vid. Janeiro).

Chuva de Maio é boa, como se viu em Abril, melhor porém a dêste mês. Se há chuva, é boa a horta, mas o *Maio hortelão, muita parra, pouco pão.*

Se chover em Maio, carregará El-Rei o carro, e em Abril o carril; e *entre Abril e Maio o carril e o carro* ([1]). — *Chuvinha da Ascenção, da palinha dá pão.*

Maio pardo (chuvoso, nevoado), *Junho claro,* — para aloirar as searas e ter ceifas ou ségas enxutas.

*

O amanho das terras dá que fazer em Abril. Maio sossega, e deixa esperar as colheitas. *Surge et ambula:* ergue-te, vai, e... trabalha.

Em Abril dorme o moço ruim; e por Maio, o moço e o amo.

Sono de Abril deixa-o a teu filho dormir; e o de Maio a teu cunhado.

f) *Junho:*

Em dia de S. Pedro, vê o teu olivedo; e, se vires um grão, espera por um cento. (29 dêste mês é dia de S. Pedro).

Chuva de S. João terá vinho e azeite, e não dá pão.

Chuva junhal, fome geral ([2]). (Valdevez). — Ensinamento claro.

Em Junho, são as *ceifas* (Sul) com a actividade febril dos *ceifeiros*, as *segas* (Norte) com os *segadores.*

([1]) Confrontar com o anexim inverso, em Abril.

([2]) Félix Alves Pereira, *Lusa*, I, p. 58, § 56, «Colheitas etnográficas em Valdevez».

Em Junho, fouce em punho. — Feno alto e baixo, em Junho é segado.

g) *Julho:*

É a faina agrícola das ceifas, das malhadas nas eiras, ao sol fortíssimo.

A geira de Maio vale os bois e o carro; a de Julho os bois e o jugo. Compare-se com os anexins simétricos de Abril («Se não chover entre Maio e Abril, venderá El-Rei o carro e o carril», etc.) e Maio («Se chover em Maio, carregará El-Rei o carro, e em Abril o carril», etc.)

h) *Agôsto:*

Água de Agôsto, açafrão, mel (1) *e mosto.*

Primeiro dia de Agôsto, primeiro dia de Inverno. Está acabado o período das colheitas de cereal, acabou o ano do pão, vai começar o arranjo das terras para o Inverno, em que se farão e enregarão as sementeiras. Corresponde ao recíproco, de Janeiro: «Primeiro dia de Janeiro, primeiro dia de Verão».

Em Agôsto aguilhoa o preguiçoso.

Terra lavrada em Agôsto, à estercada dá de rosto (inútil).

Quando chover em Agôsto, não metas o teu dinheiro em mosto, — não o compres. Porque, para o vinho, *Agôsto madura, Setembro vindima.*

Das hortaliças veraneiras dá rima êste mês: *se queres ver teu marido morto, dá-lhe couves em Agôsto.*

A 15 do mês é Nossa Senhora das Neves, acabam as sestas, começam as merendas (2); já não há dormir à hora do calor mais forte do «pino do Verão».

---

(1) Provérbios referidos ao mel: — *Março ventoso e Abril chuvoso, do bom colmeal farão astroso. — Enxame de Maio, a quem to pedir, dá-lho; o de Abril guarda-o para ti. — Água de Agôsto, açafrão, mel e mosto.*

(2) A. Gomes Pereira recolheu esta quadra alusiva:

Senhora das Necessidades,	Que me tirastes a merenda,
Não torno à vossa festa:	E mais a hora da sesta.

Tradições populares, Linguagem e Toponymia de Barcelos, Espozende, 1916, p. 72.

i) *Setembro:*

Setembro é sêco. — *Setembro ou seca as fontes, ou leva as pontes,* — com as chuvas. — *Em Setembro ardem os montes* (vêem-se por toda a parte as *queimadas) e secam as fontes.* Por êste motivo se diz em Valdevez: *Setembro matou a mãe à sêde* (1).

Se, «Janeiro fora, cresce o dia uma hora», em Setembro, *pela Santa Luzia* (dia 13) *cresce a noite, mingúa o dia.*

Começam os amanhos. *Pelo S. Mateus* (dia 21) *pega nos bois, e lavra com Deus.*

j) *Outubro:*

Às lavras de Setembro seguem-se as sementeiras de Outubro.

Por Santa Ireia (Santa Iria, a 20), *pega nos bois e semeia.*

k) *Novembro:*

Inverno. — *De «Todos os Santos»* (dia 1) *ao Natal é Inverno natural.* — Vêm todos os rigores da estação: — *por «Todos os Santos», neve nos campos;* e èstoutro: — *de «Todos os Santos» ao Natal bom é chover e melhor nevar.*

Trabalhos de campo: — *por «Todos os Santos», semeia trigo e colhe cardos.* — *Por S. Clemente* (dia 23), *alça a mão da semente.*

Marcação de tempo: — *do dia de Santa Catarina* (25) *ao Natal* (25 de Dezembro), *mês igual.*

l) *Dezembro:*

No primeiro Domingo do mês é a festa do Advento. — *Tudo se quere a seu tempo, e os nabos no Advento.*

É o rigor do Inverno, o «pino de Dezembro», o «pino do Inverno». — *Por S. Nicolau* (dia 6), *neve no chão.* — Mas, venha sol. — *O Natal ao soalhar, a Páscoa ao luar,* — ou — *por Natal sol, e por Páscoa carvão* (ao lume).

Sementeiras do mês: — *Natal em Sexta-feira, por onde poderes semeia; em Domingo, vende os bois, e compra trigo.*

---

(1) Félix Alves Pereira, *Lusa,* I, p. 58, § 5, *op. cit.*

O calendário agrícola tem nas terras de Valdevez o seguinte oráculo referido ao intervalo do dia de S. Tomé (21) e de Natal (25):

—Entre mim, ti e Tomé, três dias é:

21 de Dezembro,
Neste dia prende o porco pelo pé;
Se êle disser: —que é? que é?
Dize-lhe que tempo é.
Se êle disser: —que tal? que tal?
Guarda-o para o Natal (1).

Chama-se *têmporas* à previsão do tempo que se faz desde o dia de Santa Luzia (13 dêste mês) até véspera do Natal (2). No dia 25 começa nova previsão, mas ao invés da primeira. O dia 25 regula o da entrada do Ano-Novo; dia 26 prevê ou marca o tempo até dia 5 de Janeiro, véspera de Reis, que indica o tempo do resto de Janeiro. A combinação das duas previsões dá o prognóstico do tempo do ano. Se a primeira dá, para o mesmo mês, bom tempo, e a segunda o dá mau, o tempo será vário, ora sol, ora chuva. Se coincidem as previsões, sairá certa a confirmação que a segunda traz à primeira (3). Em Guimarães, por exemplo, as previsões chamam-se *arremedares* ou *arremedas* do ano; a primeira é o *arremedar*, a segunda o *desarremedar*, e esta prevalece sôbre a primeira, como «prova real» (4).

IV

Outros indícios marcam o tempo aos lavradores. Exemplifiquemos.

---

(1) F. Alves Pereira, *Lusa*, I, p. 82, § 83, *op. cit.*

(2) Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, Lisboa 1906, III, 258. — *Rev. des traditions populaires*, IV, 651.

(3) P.e Cunha e Brito, *Etnografia Minhota*, na *Rev. Lusitana*, XV, 107-108.

(4) D. Leite de Castro, *Folklore Vimaranense*, Espozende 1908, p. 23-24.

a) *Lua*:

— *Lua com circo, traz ágoa no bico.*
— *Circo de lua, pastor enxuga, se aos três dias não enxurra.*
— *Lua-Nova trovejada, trinta dias é molhada.*
— *Donde quinta, trinta*, isto é, se chove ao quinto da Lua, choverá até fim [1].

Lua cheia com círculo e nuvens dentro, — dá ventos terríveis; amarelada, e num círculo roxo, — tempestade de pedra e raios; — no Inverno, muito fria e brilhante, muito frio no dia seguinte.

b) *Sol e estrêlas*:

Chuva, ao pôr do sol, dá ventos fortes no dia seguinte. — Quando as estrêlas correm com freqüência, haverá ventos, que vêm do lado por onde se movem. — Nuvens vermelhas, ao sol posto, dão vento; se andam para o Sul, chove. — Muitas nuvens a cercarem o sol, sem o cobrirem todo, indicam tormenta. — Nuvem muito branca, estendida para Oeste, ao centro outra mais escura, ao pôr do sol, indica chuva breve e fortes ventos.

Em Viseu e outros logares da Beira-Alta chamam ao sol *Luís* = *Luisinho* [2]. Ao nascer do sol: — «Lá vem o sol ao Nascente, lá vêm as três pessoas da Santíssima Trindade e as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo»; — dizem por terras da Guarda, e rezam um *Padre-Nosso*, que santifica o dia todo. Ou então a mesma prece:

Em louvor do Sol Nascente,
Que nos não dôa mão nem dente [2].

O sol, como nos ciclos dos mitos de Osiris, tem fases

---

[1] F. Alves Pereira, *Lusa*, I, 58, § 7, *op. cit.*
[2] Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, Pôrto 1882, p. 7 a 12.

anotadas, que as cantigas de Guimarães e Alijó v. gr. referem [1]:

O Sol, quando nasce, é Rei;
Ao meio-dia, é morgado;
De tarde está doente;
À noite está sepultado.

(Guimarães).

O Sol, quando nasce, é Rei;
Às dez horas, é c'roado;
Ao meio-dia é morto;
À noite é sepultado.

(Alijó).

Mais próximo do ciclo osírico estão estoutras duas: numa aparece a lua (Isis) a par do sol (Osiris); na outra, há a ressurreição do sol (Horus):

O Sol-posto vai doente;
A lua o vai sangrar;
O Sol-posto ata a fita;
Pega na malga o luar.

(Viseu) [2].

O Sol, quando nasce, é Rei;
Quando se põe, é morgado;
Quando nasce, ressuscita;
E à noite é sepultado.

(Alijó) [2].

— «Deus te leve e traga em bem», — saúdam pelo Norte ao sol. E o campanário, à mesma hora, consagra o momento religiosamente no *Angelus*, — as «Trindades».

Vem depois, no Verão, a noite curta, em que se toma o fresco à porta de casa ou nos quintalejos; no Inverno, a noite longa, interminável, em que o frio aperta, e se faz serão, se *seranda*, ao calor da lareira ou da braseira.

Ó Seranda, ó Serandinha,
Eu hei de ir ao teu serão,
A fiar uma maçaroca
Do mais fino algodão [3].

c) *Arco-Íris:*

O arco-íris é o *Arco-da-Velha;* quando aparece, os dois extremos, pontas ou cornos, bebem ou chupam ágoa nos rios

---

[1] Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, Lisboa 1910, IV, 52.

[2] Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 7 a 12.

[3] Leite de Vasconcellos, *Trad. popul. de Port.*, p. 233.

ou no mar. É à sobreposição brilhante das suas côres, que esta quadra popular se refere:

O sol prometeu à lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promete prendas,
Que fará quem tem amores! [1]

Indicações de tempo: — o arco-íris, antes do meio dia, dá chuvas e ventos; — quando vem, é sinal de mais chuva, próxima [2].

d) *Nuvens:*

Além da aparição de nuvens com o sol, que dá previsões, já no parágrafo respectivo aludidas, há mais estas de referência isolada.

Nuvens com farrapos brancos, no Sul ou no Oriente, dão chuva. — Se as nuvens baixam sôbre os montes e à altura dêles, vem tormenta certa.

e) *Animais:*

Se andam as andorinhas ao rés-do-chão, vem tempestade, chuva ou vento. É bom tempo, quando elas vão altas, nas tardes, ao pôr-do-sol.

Se os corvos vôam sôbre o povoado, é sinal certo de chuva ou morte. (Beira-Baixa).

Se muitas aves, e de diversas espécies, se reunem à procura de alimentos, junto dos povoados, é sinal de grandes geadas.

Vai chover: — quando os pombos recolhem mais tarde ao pombal; — quando a galinha entra de dia no seu abrigo; — quando os patos esticam as pernas com os bicos, ou procuram mais a miúdo a água e soltam gritos; — quando as moscas se juntam ao sol; — quando as galinhas se catam com insistência.

---

[1] Ouvi-a na Beira; colhi-a em Santa-Vitória-do-Ameixial: *O Amor Português*, Lisboa 1922, p. 21; J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, V. N. de Famalicão 1927, II, 97.

[2] Como, pelo conhecido fenómeno óptico, se vê o Arco-Íris com sol e chuva, diz o povo que «quando chove e faz sol, está-se a velha (ou a raposa) a casar».

Depois de chover, se os bois pastam muito depressa, é que chove ainda mais.

Prometem tempestades as vacas, quando cheiram a terra, e erguem a cabeça para o céo; — ou os carneiros e ovelhas, se marram uns nos outros e, como as vacas, erguem a cabeça para o céo.

Os burros adivinham chuva, quando andam oblìquamente, e arrebitam as orelhas; — mas, quando se espojam ou «espolinham» na poeira, indicam bom tempo. É êste o primeiro sinal de bom agouro. — Também os mosquitos, juntando-se em grande número e zumbidores, ao pôr do sol, prometem um tempo sereno.

f) *Ventos:*

Se o vento do Sul, o «Suão», sopra, e não chove, há frio ou calor. — Tempo traz vento, vento traz chuva. — Vento do Norte varre o céo. — Vento do pégo (Poente) traz chuva (Estremoz). Os ventos chuvosos referenciam-se em toda a parte a um acidente ou orientação local; de forma que, quando êles de lá sopram, há indícios de chuva.

O vento rijo incomoda, é áspero. Atribue-se-lhe com ironia uma causa pejorativa: em Alcanena diz-se que «morreu um juiz em Tôrres»; em Bragança, «morreu um judeu»; «morreu um escrivão em Santarém», diz-se pela Estremadura central; «morreu um escrivão», diz-se em Lisboa.

g) *Trovoadas:*

Trovões de manhã, fortes ventanias à tarde. — Trovões no Verão, com muitos trovões e poucos relâmpagos, indicam vento pelo lado de onde se ouvem.

Grande calma, sinal de água.

*

Evocam-se S. Jerónimo e Santa Bárbara, quando o trovão estala, que só «se lembra Santa Bárbara, quando trovoa». Queima-se louro, alecrim, rosmaninho; deita-se ao lume sal ou ramos [1], bentos no Domingo-de-Ramos; o *cêpo de Natal*

---

[1] Os ramos bentos são: alecrim, rosmaninho, oliveira,

ou as pinhas que se debulham ao lume na Noite-de-Natal [1], ardem; acende-se a «Vela de Santa-Maria» [2], vela de cera colorida [3], que, para mais valor, é benta no dia da Senhora-das-Candeias (2 de Fevereiro, vid. atrás Fevereiro), ou a vela de cera virgem, que tenha servido nos Ofícios da Semana-Santa; na frente das casas, no meio das searas maduras, no alto das mêdas, colocam-se permanentemente cruzes de cana com ramos bentos enfiados na cana vasada, ou feitas apenas de ramos. Em Terras-de-Miranda, há em Genízio uma capela de S. Ciríaco; tem a sineta benta, *campana santa*, que em dias de trovoada toca sem cessar e afugenta os raios e coriscos, afasta a saraiva devastadora e espalha a trovoada [4]. Na capela do Senhor-do-Calvário de Gouveia, os fiéis tiram cortiça da base de um andor e levam bocados para afastar as trovoadas [5].

h) *Vária:*

Menciona Bluteau no *Vocabulário* vários provérbios de previsão ou conselho agrícola: — «Anno de neves, Anno de bens; — Anno de bêberas, nem de peras, nunca o vejas; — Anno de ovelhas, Anno de abelhas; — Anno caro, padeira em todo o cabo; — em Anno chuvoso, o diligente é preguiçoso; — em Anno bom, o grão é feno, e, em Anno mau, a palha é grão; — mau Anno has de aguardar, por não empeorar; — melhor Anno tardio que vazio; — mais pró faz o Anno, que o campo bem lavrado; — não mau Anno por pedra, mas guay de quem acerta; — não ha mau Anno por muito pão; — não

---

loureiro (já mencionado por Plínio, *Natural. História*, liv. XV, § 134, ed. Detlefsen), trovisco (sagrado, porque Nossa Senhora se encostou a êle em uma trovoada; *A Tradição*, I, 111).

(1) P.e Cunha e Brito, «*Etnografia Minhota*», na *Revista Lusit.*, XV.

(2) Félix Alves Pereira, *Lusa*, I, 74, § 70; Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, I, 169.

(3) De preferência amarela: L. Dias, *Etn. da Beira*, id.

(4) Antero de Figueiredo, *Jornadas em Portugal*, Pôrto 1921, p. 142.

(5) *Ecos da Beira*, de Gouveia, de 19 de Agôsto de 1917.

digas mal do Anno, até que seja passado; — o mau Anno em Portugal entra nadando; o que perde o mes, não perde o Anno...»

*

Deseja-se chuva, quando se promete bom tempo? É mergulhar em água uma imagem de Santo António de cabeça para baixo, S. Gonçalo de Amarante, etc. (1)

*

— Manhã ruiva, vento ou «chuiva».

— Amanhecendo com muita névoa, há tempo sereno para dois dias.

— Aurora amarela, tempestade com grandes ventos.

— Névoa no alto, ágoa em baixo.

— Branca geada, mensageira de ágoa.

— Chove: — quando o couro se torna mais áspero; — quando a fuligem da chaminé cai com maior continuação e quantidade; — quando se ouvem melhor os sinos e não há vento.

— Quando a ágoa, que se bebe, está fria, é que não adivinha outra, isto é, não choverá. (Alentejo).

V

Para os frutos, gados, caça, lenhas, ou seja para todos os produtos agrícolas, há tambem as mesmas regras na folhinha.

---

(1) Canta-se a S. Paio da Torreira (Aveiro):

Ó São Paio da Torreira,
Ó milagroso Santinho,
Hei de cá voltar p'r'ó ano
Lavar o Santo com vinho.

Universo Illustrado, I, 288.

A propósito de banhos a imagens: A. Maury, *La Magie et l'Astronomie* (4.ª ed.), p. 158; De Gubernatis, *Mythologie Comparée*, «Rev. Celtique», I, 485; Leite de Vasconcellos, *Trad. populares*, 56; *Rev. Lusitana*, VI, 240. Ver adiante o cap. VI desta Parte.

a) *Frutos:*

— *Castanha e vesugo, em Fevereiro não tem sumo.*
— *Temporã é castanha, que em Março arreganha.*
— *Agôsto tem a culpa, Setembro leva a fruta.*
— *Agôsto madura, Setembro vindima.*

b) *Gados:*

1) *Janeiro molhado, é mau para o pão e bom para o gado,* — que tem pasto.

— *O boi e o leitão, em Janeiro criam «rinhão»,* — engordam.

— *Pinto em Janeiro vai com a mãe ao poleiro,* — cresce e vinga.

— *Em Janeiro, seca à ovelha suas madeixas ao fumeiro; e em Março no prado; e em Abril as vai urdir.*

— *Vai-te embora, Janeiro; cá fica o meu cordeiro.*

2) *Lá vem Fevereiro, que leva a ovelha e o carneiro.*

3) *Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.*
Rês perdida, em Abril cobra vida.
Em Abril queijos mil; em Maio, três ou quatro.

4) *O rocim de Maio torna-se cavalo.*
Toiro, galo e barbo, todos tem razão em Maio.

5) *Por Santa Maria de Agôsto* (15, Senhora da Assunção), *repasta a vaca um pouco.*

6) *Em dia de Santo André* (30 de Novembro), *quem não tem porco, mata a mulher.* — Ao que as mulheres ripostam: — *Em dia de Santo André, a quem não tem porco, mata-o a mulher.*

c) *Caça:*

Fevereiro couveiro, afaz a perdiz ao poleiro; Março três ou quatro; em Abril cheio está o covil; e em Maio pio pelo mato.

Primeiro de Maio corre o lobo e o veado.

Em Dezembro, a uma lebre galgos cento.

d) *Lenha:*

Para parte de Fevereiro guarda lenha, — por causa da chuva, que a molha e a não deixa ir buscar.

Guarda pão para Maio, lenha para Abril; — e — *quem me vir e ouvir, guarda pão para Maio.*

VI

O mar, a faina marítima, o prognóstico do tempo e do estado do Oceano, a pesca, têm também a sua folhinha própria, com agouros e mandamentos.

— Quando o mar se altera e engrossa, sem fazer vento, haverá tormenta. Há violenta tempestade, se o mar ruge muito em tempo sereno e a espuma anda espalhada nas vagas.

— *Nem por Agôsto caminhar, nem por Dezembro marear.*

*

— *Pescada de Janeiro vale o carneiro.* — *Por S. Marcos* (25 de Abril) *bogas a sacos.* — *Sáveis em S. Marcos enchem os barcos.*

Solho de Abril, abre a mão e deixa-o ir.

Toiro, galo e barbo, todos tem razão em Maio.

Quem quiser mal a sua vizinha, dê-lhe em Maio sardinha. E do mesmo: — *A quem em Maio come sardinha, em Agôsto lhe pica a espinha.* Ou: — *peixe em Maio, a quem to pedir, dá-lho.*

No S. João, a sardinha pinga no pão.

Nem por Agôsto caminhar, nem por Dezembro marear.

Outubro, Novembro e Dezembro: — *busca o pão no mar, mas torna ao teu celeiro e abre o teu mealheiro,* — ou — *não busques o pão no mar.*

Tudo tem o seu tempo, e a arraia no Advento.

*

Quando a estiagem é longa, e a chuva falta, a Igreja faz as suas preces *ad petendam pluviam,* mas no campo é-se mais prático, por mais pagão, busca-se mais directamente a origem das coisas e o destino das orações.

Há em toda a parte uma imagem de Santo António, que, em necessidade de chuva, é mergulhado em ágoa, e, para vir sol, é posto ao lume, ou à soalheira para a conservar. Em

Valdevez (em Santa-Vaya, Santa-Marinha, etc.) uma imagem de S. Cipriano é banhada na fonte do Castro de Reboreda (Santa-Vaya) (1), no Rio Vez ou no Rio Frio, seu afluente. Em Vila-Real, molha-se a imagem de S. Miguel (2). Em S. Pedro-do-Sul, diz a tradição que o nome da vila provém de os habitantes de uma povoação, chamada Sul, terem lançado ao rio uma imagem de S. Pedro, que era seu orago; êste atentado contra o padroeiro motivou-o longa estiagem para cujo termo êles pediram ao Santo auxílio, que não chegou; a imagem, lançada ao rio, foi dar ao Vouga; encontraram-a na confluência daquele com èste rio, e aí foi S. Pedro do Sul.

2.ª PARTE

O Pão Nosso

— Moro na rua do Forno,
— Com sentido no pão mole;
— Mas eu torno a dizer:
— Quem o não tem, não o come.

(Atalaia, *Rev. Lusit.*, XI, 113).

I

São João Baptista guarda as nossas searas

São as cavas, as *rouças* de Alcanena, com as *arrédas* da terra extraída, que principiam o ano do pão. Tudo se faz a tempo, e depois — «melhor é quem Deus ajuda que quem muito madruga», — porque também «não é por muito ma-

---

(1) O Santo é levado em procissão ao castro; colocam-no sôbre uma pia cavada na rocha, e de cara para o sol, se querem chuva; se é precisa chuva, levam o santo até uma fonte no fundo do castro, e o padre banha a imagem com água da fonte. Félix Alves Pereira, «Colheitas Etnog. no Alto Minho», *Lusa*, I, 25, § 20 e em *O Archeol. Port.*, XXVI (1923-1924), 259.

(2) António Gomes Pereira, «Linguagem e Tradições pop. de Vila-Real», na *Rev. Lusit.*, XII, 318, n.º 3.

drugar que amanhece mais cedo». E emfim — «Deixai fazer a Deus, que é Santo Velho».

Preparam-se os homens para invocarem os santos, protectores da agricultura, no espírito que já a *Crónica do Condestável* indicava: — «quando o não dão os campos, — não o hão os santos» (p. 59). É S. Frutuoso o advogado de animais e frutos no curioso homónimo de NOMEN NUMEN, como Santo Ovídio protege os ouvidos à gente. Em Valdevez, na freguesia da Senhora do Vale, esta Senhora é advogada contra as largatas do milho, — «a bicha», — e, por isso, lhe oferecem milho ([1]). A Senhora da Lapinha, de Guimarães, e a Senhora das Candeias, de Vizela, depois de levadas processionalmente pelos campos, protegem os milhais ([2]).

Em Ponte-de-Lima clama-se: — «S. João Baptista nos guarde as nossas searas». De Santo Antão canta-se na Covilhã, — a quadra «quadrada» ([3]):

— Santo Antão imaculado,
Patrono dos lavradores,
Santo assim tão festejado,
Não no há nos arredores ([4]).

Procuram-se amuletos protectores. Uns pagãos: como o chifre encabado num pao, espetado no chão; como a «pedra de raio» ([5]) na tranqueira da porta ou no côncavo de uma

---

([1]) Félix Alves Pereira, «Colheitas Etnográficas no Alto Minho», *Lusa*, I, 35, § 25.

([2]) Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, *Guimarães e Santa Maria*, 1904, p. 116; Augusto José Vieira, *Minho Pittoresco*, Lisboa 1886, I, 641.

([3]) Quadra ou cantiga «quadrada» é a que cruza a rima: Leite de Vasconcellos, «Cantigas «quadradas», nótula etnográfica», sep. do *Correio Elvense*, de 29 de Abril de 1916.

([4]) Fernandes Tomás, *Velhas Canções*..., p. 92.

([5]) Em Inglaterra (de Lincoln a Cornwall e provàvelmente de Berwick à Ilha de Wight) tem virtude na agricultura, contra o mao olhado, pedras com furo natural. Preservam de bruxarias, e usam-se em especial para proteger colheitas em jardins e outros logares, e o gado doméstico. Suponho que é quanto se dá entre nós com os «coriscos» ou «pedras de raio«. F. T. Esworthy, «On perforated Stone Amulets», *Man*, III, 1903, p. 17; figs. na Estampa B (3, 4, 6, 10).

árvore. Outros cristãos: como as cruzes de cana com alecrim ou alfazema bentos, ou só de estas plantas, que no Domingo-de-Ramos se benzem nas igrejas, e, colocadas nas sementeiras, as livram do mao olhado [1] e das trovoadas.

*

Tem a cultura do pão o seu calendário em anexins.

Janeiro. — *Da flor de Janeiro, ninguém enche o celeiro.*

— *Janeiro molhado, se não ê bom para o pão, não é mao para o gado.*

Fevereiro. — *Quando não chove em Fevereiro, não há bom prado, nem bom centeio.*

Abril. — *Abril frio, traz pão e vinho.*

— *Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.*

— *Do pão te sei contar que em Abril não há de estar nascido, nem por semear.*

Abril-Maio. — *Em Abril e Maio, merenda para todo o ano.*

— *Guarda pão para Maio, lenha para Abril.*

— *Quem me vir e ouvir, guarda pão para Maio, lenha para Abril.*

Maio. — *Chuvinha da Ascensão, das palhinhas dá pão.*

— *Quanto Maio acha nado, tudo deixa espigado.*

— *Quem em Maio relva, não tem pão nem erva.*

— *Maio hortelão, muita parra, pouco pão.*

— *Pão tremês não o comas, nem o dês, mas guarda-o para Maio.*

— *Maio come o trigo, Agôsto bebe o vinho.*

— *Maio pardo, faz o pão grado.*

Junho. — *Em Junho, foice em punho.*

— *Feno alto ou baixo, em Junho é segado.*

— *Em dia de S. Barnabé* (a 11), *sega-se a palha pelo pé.*

— *Chuva de S. João* (25), *terá vinho e azeite, mas não dá pão.*

Julho. — *A geira de Maio vale os bois e o carro; a de Julho os bois e o jugo.*

Agôsto. — *Quem não debulha em Agôsto, debulha com mao rosto.*

---

[1] Tomás Pires, «Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos», *Rev. Lusitana*, XI, 263.

— *A quem não tem pão semeado, de Agôsto se faz Maio.*

— *Terra lavrada em Agôsto, à estercada dá de rosto.*

Setembro. — *Pelo S. Mateos* (21), *pega nos bois e lavra com Deos.*

Outubro. — *Por S. Francisco* (10), *semeia teu trigo, e a velha, que o dizia, semeado o tinha.*

— *Por Santa Ireia* (Iria, — 20), *pega nos bois, e semeia.*

Novembro. — *Por Todos os Santos, semeia trigo, colhe cardos.*

— *De Todos os Santos ao Natal, perde a padeira o cabedal.*

— *Por S. Clemente* (23), *alça a mão da semente.*

Dezembro. — *Natal em sexta-feira, por onde poderes, semeia; em Domingo, vende os bois e compra trigo.*

II

Há ainda em muitos logares o costume antigo de os lavradores ajustarem os criados e trabalhadores, no S. Miguel (29 de Setembro), como por exemplo em Bragança, onde há uma feira nesse dia, em Sousel (Alentejo), etc.

Diz-se no Alentejo (conc. de Estremoz, v. gr.):

— Quem se ajusta pelo S. Miguel, — não se senta, cada vez que quer.

Breve começam as tarefas nas herdades, quintas, «montes», cujos destinos ao pão se contam no Alentejo por: *searas*, limitadas ou não por *extremas* ou *lindas*, divididas em *fôlhas* de três até seis *parcelas*, e subdivididas em *tornas*, consoante os acidentes do terreno; *eira* ou *eiras; calcadouros*, onde o trigo é calcado; *tulhas* para o grão; *almeáras* ou *almeadas* (Alentejo), *mêdas* (Centro e Norte) com a palha acamada.

A superfície é medida pela *geira*, que corresponde ao que uma junta de bois lavra num dia (Alcanena). Nas margens do Tejo usa-se o *astém*, medida de cem passos de comprido [1].

---

[1] Magalhães Peixoto, *Tratado Prático de Contabilidade*, p. 124; Oscar de Pratt, «Notas à margem do Novo Dic.», *Rev. Lusitana*, XVIII, 69.

III

As rotações de cultura com semeadura *(semeada*, no Alentejo) ou pousio *(alqueive)* eram o regimen comum da lavoura grega. Os Romanos procuraram evitar o desperdício de estarem os campos em pousio durante um ano, quinze ou dezasseis meses. Para resolver essa deminuïção de proventos, alternaram a cultura de cereais com a de outras plantas menos fatigantes. A terra, que repousava pela mudança de produção, chamava-se *restibilis* (1). O uso do *alqueive* mantém-se na nossa agricultura.

*

Chega a lavra das terras. Em Roma, Ceres presidia às ceifas e às lavras. Havia festas em sua honra (2). Entre os negros de África (Angola, por exemplo) há festas pelas sementeiras e pelas colheitas, com batuques e banquetes (os Muhumbes e Candimbas, e os Evales que dão à festa o nome de *chipepa)* (3).

No precioso cadeirado da Sé de Évora há belas esculturas do século XVI. Entre os quadros, que os frisos do cadeirado têm, — e êles, ali no centro do Alentejo, dão de preferência a nota etnográfica dos trabalhos campestres, — vê-se um que representa um homem com a charrua a lavrar a terra. A junta de bois, que atrela nas lavradas, é no Minho a *sola* (4).

As operações da *semeada* alentejana são: — percorre-se a terra com o *arrojão* da *charrueca*, que desfaz os torrões; depois o *arado* de um *ferro*, o «ferro da sementeira», faz as *belgas*, onde a semente irá cair. Em Paredes-de-Coura, há uma charrua, chamada *arravessa*, que num percurso *seita* (abate),

---

(1) Varus, *De re rustica*, I, 44.

(2) As festas de Ceres em Eleusis *(Eleusinas)* duravam cinco dias, durante os quais só as mulheres eram recebidas no recinto sagrado. As *Thermophonias* comemoravam as sábios e benéficas leis de Ceres.

(3) João de Almeida, *Sul d'Angola*, Lisboa 1912, p. 344, 371 e 372.

(4) N. Alves da Cunha, *Paredes de Coura*, 319.

noutro lavra (¹). Os jornaleiros cortam o campo em listas, que a sombra das leivas faz negras. Espalham-se nos alqueives a arrotear. O alqueive ou «alquève», depois da «folga» de dois anos, leva dois *ferros*, duas passagens, uma de charrueca e outra de arado; o primeiro no fim das sementeiras, o segundo para Abril ou Maio. *Fôlha do alquève* é o prazo do alqueive; «fazer a fôlha» é preparar certo terreno em alqueive; no primeiro ano tem *sementeira de alqueive*, no segundo *sementeira de relva* (²), no terceiro pastagem por dois ou três anos seguidos, conforme a necessidade do pasto (Alentejo). De longe, lá do «monte», para *enregar* ou *desenregar* (começar ou levantar o trabalho), chamam-se os jornaleiros, — ganhões e malteses. — com cornetas, que vieram substituir as velhas concas de concha, búzios marinhos, as buzinas das serras, que ora chamavam ao trabalho ora incitavam as populações a rebate (³).

Na época das *vessadas* andam no Minho as môças à soga das vacas, a gradar a terra. Nas grandes vessadas antigas, com o arado enorme de pau, associavam-se dois lavradores, para assim reunirem os bois necessários, que em juntas, umas adiante das outras, se chamavam a partir do arado: *pé*, *trilho*, *picadouro*, e *guia* a da frente. Havia festas gradas, e o lavrador dava um grande jantar (⁴).

Os adubos da terra, além dos estrumes das estrebarias, currais, cortes, bardos, são a *molina* e a rama de giestas, para adubo vegetal; é a tapeteira do mato a curtir ao sol nas ruas aldeãs; é o *terriço*, de fôlhas, ervas, plantas tenras, apodreci-

---

(¹) N. Alves da Cunha, *op. cit.*, 216.

(²) Cantiga alusiva, da Atalaia:

Adeus, Terreiro do Quarto,	Agora estás *de relva*,
Tu já não és tão batido;	Para o estares *de trigo*.

Monteiro do Amaral, in *Rev. Lusit.*, VI, 96.

(³) Era a buzina, que chamava a rebate, com o P.ᵉ Casimiro José Vieira, o Minho inteiro. Camilo Castelo Branco, *Maria da Fonte*, 2.ª ed., Pôrto 1901, p. 69.

(⁴) Pires de Lima, «Tradições pop. de Santo Tirso», *Rev. Lusit.*, XVIII, 188.

das por completo, misturadas ou não com estrume de curral, desfeito, onde predomina a cama de mato (1); é o *moliço* à beira-mar, que os moliceiros e sargaceiros vão arrancar ao Oceano.

*

O centeio no Minho é forte, se fôr semeado por uma donzela de nome Maria (2). — Abunda em farta, se fôr bafejada a semente pelo hálito santo de um boi, pois lhe dá virtude (3). — As melhores sementes são as roubadas (4).

Para espalhar os pássaros nas sementeiras, ajustavam-se, ainda não há muito em algumas localidades do Alentejo, rapazes a 40 e 60 rs. por dia. Gritavam, apedrejavam os pássaros, e cantavam:

Passarinhos,
Ao monte, ao monte,
Que êste campo tem fel,
E o do vizinho tem mel.

Em alguns sítios, dependuram nas árvores as aves daninhas à agricultura, para afugentar a passarada (S. Martinho-de-Bougado). Usam-se espantalhos de palha, paos, papéis, cabaças, e diversos engenhos de latas e cabaças, para fazer ruído. Em Santo-Tirso, corta-se um ramo de pinheiro com duas ordens de galhos, e entre êles põem-se dois paos *(rebolos)*; esta armação constitue um aviso aos donos das galinhas, que invadem as sementeiras; os donos das terras matam as galinhas com os «rebolos», e dependuram-as nos ramos do

(1) *Almanaque das Aldeias*, 1914, 84.

(2) É um dos casos da superstição dos nomes: como João e Maria se chamam as crianças, que devem de passar pela fenda do carvalho cerquinho a criança quebrada; um Bento não pode por nascimento ser lobishomem; Santa Bárbara, S. Jerónimo, S. Brás, etc.

(3) Evocação da scena bíblica do Presépio de Belém.

(4) *Superstições do roubo:* as cabras medram com erva roubada; — gato roubado é bom rateiro; — para sementes, plantas e estacas pegarem bem e florescerem melhor, hão de ser roubadas; — o roubo com utilidade medicinal é muito vulgar: por exemplo a lenha, roubada e oferecida a certa imagem de S. Pedro, livra de sezões, etc.

espantalho, que, por causa dos galhos, se chama *galheiro*, ou, pela posição das galinhas nêle dependuradas, *forca* [1].

*

Depois vêm as *mondas*, É «mundar o trigo creçudo», como diz Gil Vicente no *Juiz da Beira* [2]. Na monda, ou limpeza das searas, trabalho executado por mulheres, as raparigas procuram saber de oráculo natural se o seu rapaz lhes quer bem; cortam uma espiga de centeio e conservam-na algum tempo na bôca; se abre, dizem que «floresce», e ela mais o rapaz serão felizes; se não «floresce», são desgraçados (Alentejo). É talvez daí que por aí se canta:

Cortei o bico à rôla,
E mais a espiga ao centeio;
Quem tem seu amor bonito,
Ri-se de quem no tem feio.

(Norte).

No dia da *Ascensão do Senhor* é a *Quinta-feira da espiga*, dia festivo no campo e de previsões de fartura. É Maio de searas ondeantes e de espigas cheias. A Igreja encontrou o costume pagão; e, na crença da proveniência divina de todas as origens e de todos os fenomenos, santificou, cristianizou a prática dos pagãos. — *Ascendit Deus in jubilatione*, diz o Hino da Igreja.

Em tôrno da divindade, que representa e rege a terra, as ceremónias populares tem sido de sempre; no *Tocitzin* dos Mexicanos, nas festas de *Demeter* dos Gregos, e de *Ceres* em Roma, ofereciam-se orações e primícias à produtora dos frutos e do trigo; na antiga Roma cria-se que uma colheita só era abundante, quando o agricultor invocasse Ceres, e com o espírito nela rasgassa e lavrasse a terra, mondasse, ceifasse, encelasse o trigo [3]. No Cristianismo a festa das searas é um dia santo de invocação de Jesus; no Pôrto, faz-se uma romaria à Senhora da Boa-Hora, á qual, num paralelismo de fecundidade maternal evocada (Boa-Hora — Bom-Sucesso — Bom--Parto), concorrem as mulheres grávidas [4].

---

[1] Pires de Lima, *op. cit.*, *Rev. Lusitana*, XVIII, 188.

[2] Gil Vicente, *Obras*, t. III, 1852, p. 164-165.

[3] Edw. Rood, *O homem primitivo*, V, 7.

[4] Sucede o mesmo com S. Gonçalo em Amarante, e com a Senhora-do-Alívio, em Braga (Setembro), cujas romarias e

Crê-se que no dia da Ascensão: — os passarinhos não vão ao ninho; — o queijo, feito nesse dia, é medicamento contra as sezões; — o vento, que soprar à uma hora da tarde, soprará todo o Verão.

Todos procuram ir ao campo, onde colhem três espigas, que nuns sítios devem de ser colhidas antes do sol, noutros à hora do meio-dia. Essas espigas, levadas para casa, afiançam ou prometem fartura de pão, como a prometem às pessoas a quem se dão.

*

Vêm as ceifas, a *acêfa* no Alentejo, aonde, nesta província do pão, as mulheres vão de saias apertadas em calções, com punhos de pano a proteger os pulsos, dedeiras de cana ou couro a resguardar os dedos. O cadeirado da Sé de Évora, já referido, representa em um dos relevos uma scena da ceifa: um homem de casaquinho, calção, faca de mato à cinta, chapéo grande (o *aguadeiro)* e gadanha; à esquerda, uma mulher sentada; à direita outra, com uma touca de bebé na cabeça (séc. XVI).

Os Romanos como os Gregos ceifavam o trigo a meia altura, cortando-se mesmo as espigas tão alto quanto fôsse possível, para preparar a palha e evitar que se quebrasse e esmagasse na eira. Isso se vê na coluna de Trajano e outras obras da arte imperial. As espigas iam em cestos para a eira, e só no fim se ceifava e enfeixava a palha, que se conservava em montão ou palheiro [1].

Hoje ceifa-se o pão pelo pé. De foice ou seitoira em punho, os ceifeiros vão prosseguindo sob o sol violento a sua tarefa, à vista do *menageiro*. A comida predilecta no Sul é o *caspacho* ou *gaspacho*, sopa de pão, azeite, vinagre, ágoa, sal e alhos grandes; comida a frio e pela sua qualidade, é refrigerante, motivo das preferências. O seu uso

---

cujas imagens são muito freqüentadas pelas mulheres grávidas, — o Santo por ser protector genésico dos casamentos, — a Virgem, por evocação do nome, protectora da «hora feliz» das parturientes. A-par das invocações citadas, a mais característica e antiga talvez, é a da Senhora do Ó, de imagem prenhe.

[1] Plínio, *Natural. Hist.*, XVIII, 72, 3.

vai pela Estremadura-Espanhola; refere-se a ela Merimée na *Carmen* (1).

O calor, as proximidades de arrosais e pântanos, provoca e ateia doenças de ocasião como as febres, para as quais se invoca S. Sebastião, e as *maleitas e sezões*, contra as quais vale o queijo fabricado no *dia da espiga*. Em Santa-Vitória-do-Ameixial (Estremoz), quem tiver sezões, faz um cigarro, misturando-lhe no tabaco algumas aparas das unhas; e, ao passar por uma encruzilhada, deita-o fora para trás das costas; fica sem as sezões, que transmite a quem apanhe o cigarro (2).

Reina animação. É uma festa de alegria. Andam os faunos à solta naquele paganismo de umas semanas rijas. Ama-se. Canta-se. É a festa mais cantadeira. Canta-se a toda a hora. Canta-se ao desafio. Ouvem-se grupos orfeónicos de segundas e terceiras vozes, admiráveis, no Alto-Alentejo e na região de Beja e Serpa, finos e de cristal nos campos de Braga, e coros unísonos pelo resto. Há abrigos especiais para resguardo na hora da calma e descanso. São barracas de palha no Ribatejo, são os *sambulachos* de ramagens sôbre quatro prumos, em latada fresca, no Alentejo.

Ceifa-se ou sega-se. São as *ceifas* do Sul, e as *segadas* do Norte. Acumulam-se os molhos de pão que formam as *paveias*. Três molhos formam em Alcanena um *rolheiro;* depois do molho feito, tiram-se as espigas mais salientes, *crestam-se as paveias*.

Da seara vai o trigo para a eira, onde forma *cabúla*, aglomerando-se *encabulado* (Alcanena). Principiam as malhas, de pó alto.

Dizes-me que estou trigueira,
Mas é com o pó da eira;
Hás de me ver ao Domingo,
Como a rosa na roseira.

(Geral no país).

Das estúrdias ou festas das *malhadas*, conta Camilo em *O Esqueleto* uma rixa, na qual os malhadores, ao encontra-

---

(1) P. Merimée, *Carmen*, trad. portug. de Mariano Level, Lisboa, cap. I, p. 13 (ed. de António Maria Pereira).

(2) Luís Chaves, «Folklore de Santa Vitória do Ameixial», *Rev. Lusitana*, XIX, 330 (3 *(g)*.

rem-se os dois grupos, que se degladiavam, largaram as rabecas, violas, clarinetes e bombos de parte a parte, e agrediram-se com os *manguais*, «cuja pancada é mortal» [1]. Em Santo-Tirso, findas as malhas, há distribuïção de vinho; os malhadores dão vivas aos donos da casa, com acompanhamento de gritos: ih! ih! ih!... uh! uh! uh!... prolongados [2]. O fim da ceifa tem por toda a parte descantes em honra dos lavradores, bailes, e fartura de vinho [3]; — são as *adiafas*.

Formam-se as medas de palha, *almearas* ou *almeadas* alentejanas, com a forma esquemática das cabanas, — longas, no Sul, por vezes muito juntas como a compor uma povoação de palha, — ou com a forma cónica, no Norte, mais semelhante à *meta foeni* dos Romanos, que terminava em ponta [4], como entre nós também. No Minho-e-Douro fazem-se medas de folhelho de milho, acamado à volta de um pao, terminando então em carapuço, ou disposto sôbre uma armação de ripas, dispostas como barraca. Neste trabalho da palha, usam-se *forquilhas* e *ancinhos*, que vão mudando de feitio e de nome, uns de madeira outros de ferro, uns e outros com número variável de dentes, etc.

IV

Depois vai o trigo ao moinho, à moenda, e a tramela ou taramela bate, bate, mas,

> por demais é a citola no moinho,
> quando o moleiro é surdo.

---

(1) Camilo Castelo Branco, *O Esqueleto*, 4.ª ed., p. 226.

(2) Pires de Lima, *loc. cit.*, *Rev. Lusit.*, XVIII, 188, nota 3.

(3) Igual facto se dá entre os negros, na colheita. Na Chibia, há cânticos, dansas, muitas bebidas, e matam um ou dois bois; é a *festa da sola* (p. 271); batuques e banquetes dos Muhumbes e Candimbas (p. 344); a *punra* dos Cuanhamas, em seguida às colheitas (p. 362), a *guelda* dos Gambos (p. 362), no Evale (p. 371), etc. João de Almeida, *Sul d'Angola*, Lisboa 1912.

(4) *Columella*, II, 19, 2; vid. a coluna Antonina.

Os moinhos nos altos giram a vela à roda, à roda. Põem-lhes búzios e púcaros de barro nos cabos das velas, para soarem bem, e alegrar o trabalho; também êste zoar anuncia ao longe que as mós trabalham. As azenhas, nas levadas, gemem com o pêso da ágoa, e as rodas enormes, de madeira rija, giram sem cessar. Leva-se lá o trigo em sacos. Diz-se em Barroso:

Deus te salve, saco,
Quatro maquias te rapo;
Ũa p'ro burro comer,
Outra por te moer,
Outra por te levar,
Outra por te trazer [1].

E vai o moleiro fazendo do dito certo, e tira ao trigo a sua *maquia*, tributo em género, que lhe é devido do seu trabalho. É a *maquia* ou *poya*, que os forais estipulavam e o costume conserva.

Coitado de ti, coitado,
Coitado por muitas vias;
Quantos foram ao moinho,
Só tu pagaste as maquias.

(Barroso) [2]

No fim da tarefa chega a farinha ao celeiro. Mas:

não é ouro tudo que reluz,
nem farinha o que branqueia.

E nem tudo é descanso para o moleiro, porque às vezes, por «malas artes»,

por um cabelinho
se queima o moinho,

e «lá vai tudo quanto Marta fiou».

Com o bago do trigo faz-se um oráculo do ano. Tomam-se doze grãos, dando a cada um o nome de um mês; colocam-se um-a-um na pá do forno, um pouco quente; os que saltam fora, indicam os meses felizes.

---

(1) Barroso, em Vilar-de-Perdizes; Fernando Barreiros, «Trad. popul. de Barroso», *Rev. Lusitana*, XVIII, 286, 10.

(2) F. Barreiros, *loc. cit.*, *Rev. Lusitana*, XVIII, 253.

Vai o pão a amassar.

Quem traz a mão na massa,
Sempre se lhe pega dela.

(Chron. do Condestável, p. 83).

Ao deitar-se o sal na amassadura do pão, diz-se no Alentejo:

em louvor de S. Gonçalo,
que não saia «ensolso», nem salgado.

E por toda a parte, ao cobrir a massa na masseira com um pano, para levantar e levedar,

S. Mamede
te levede;

S. Vicente
te acrescente.

Ou então, o que vale o mesmo:

S. João
te faça pão,
e te dê a sua benção.

S. João te faça pão;
S. Vicente te acrescente;
À Virgem-Maria, Avè-Maria.

(Minho).

Vem o pão, o pão da mesa, alimento dos pobres, consôlo dos ricos, o mata-fome e a fartura. — Fraco é o padeiro, que diz mal do seu pão. — (Oleiros) [1].

Não há pão como o pão branco,
nem carne como o carneiro,
nem vinho como o maduro,
nem amor como o primeiro.

(Beira-Alta, Douro).

É o *pão-de-trigo* ou «pão-trigo», a diferençar-se, ao Norte, do *pão*, simplesmente o pão que é de centeio; a *borôa* loira do Minho-e-Douro, mistura com milho áspero; o *pão-de-milho* de Barroso e de Serras, que dá aos dentes alvíssimos das

---

[1] Oleiros — (Ponte-de-Barca) — *Rev. Lusitana*, XVII-71.

raparigas reflexos metálicos. Mas sempre cuidado com o pão quente:

Pão quente,
muito na mão,
pouco no ventre.

Crê-se na Beira-Baixa que os guinchos ou zirros, quando voam, anunciam o preço do «pão-centeio»; se voam alto, êle será caro; será barato, se voam baixo (¹).

Vem o *pão-de-rala*, *rolão*, do Alentejo, — o trigueiro *pão saloio* dos arredores de Lisboa, — o *pão-caseiro*, completo, — o *bôlo* de milho, achatado com a pá do forno (²), para cozer mais depressa; estes *bôlos* comem-se quentes no Minho, com sardinha envolta em massa; a *bôla* da Beira-Alta tem dentro lombo de porco e toucinho, e comem-na em migas de azeite e vinho; no Alentejo o pão dá a culinária regional das *açordas*, que os curandeiros proïbem, quando há feridas graves (³). E é o «pão-centeio» rescendente, embora o provérbio: — Amigos que se desavêm por um pão de centeio, ou a fome é muito, ou o pão é pequeno. Mas: pão centeio melhor é no ventre que no seio.

O primeiro pão, que se coze num forno, livra da maleitas, e por isso dá-se a quem o peça, havendo por vezes empenhos para se obter (Alentejo). Em Valdevez, benze-se a cozedura do forno novo, com o forno fechado, fazendo uma cruz com o braço, e dizendo: (no traço vertical) — «Deus te acrescente pelo mundo todo»; — (no traço horizontal) — «quem te comer, coma pão e bôlo», e com um novo traço vertical: — «E os vizinhos, que comam um corno» (⁴).

Fazem-se reverências ao pão. É santo. É o corpo de Cristo (evocação da Ceia dos Apóstolos). É pecado deitar o pão ao

---

(¹) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Famalicão 1926, I, 163.

(²) Para o pão não ficar massudo, bate-se-lhe com a pá *(acorda-se)*; quando se abre o forno, batem-se as *bôlas* com uma vara, e diz-se a cada varada: — «Deus te acorde, e te abra os olhinhos». (Minho).

(³) Recomendam então os curandeiros que se substitua o pão por muito arroz. (Alto-Alentejo).

(⁴) Félix Alves Pereira, *loc. cit.*, *Lusa*, I, 153.

chão ou pisá-lo. Beija-se, quando isso involuntàriamente acontece. Deixar pão partido na mesa, é dá-lo ou deixá-lo às bruxas. Diz-se às crianças que, não comer o pão todo, faz chorar a Virgem Nossa-Senhora. Não pôr o pão na mesa (chama-se à mesa sem pão *mesa galega*, no Norte) ou pondo-o para cima, é mau sinal, o que se deve evitar.

O *pão-bento*, como o de Santo Estêvão, de Aboim e Prezêlo, em Valdevez [1], o da Santa Cabeça (Chaves), o de Santa Quitéria-de-Meca, em Alemquer, livra das mordeduras de cães raivosos [2].

V

— *Quadras populares*, alusivas e elucidativas das diferentes fases da cultura do pão para a bôca, ou, simplesmente, que têm alusão ao trigo, milho ou centeio.

1—Semear e não colher,
É que atrasa o lavrador;
Também ando atrasada
No serviço do Senhor.

(Vila-Real) [3].

2—Terras altas são p'r'ó trigo,
E as baixas p'r'ó tremês;
Repara, toma sentido,
Não tornes cá outra vez.

(Santa-Vitória-do-Ameixial
e Estremoz) [4].

3—Não quero que vás à monda,
Não quero que vás mondar;
Na monda é que eu ganhei
Um casaco de abafar.

(Benavente).

---

[1] Félix Alves Pereira, *loc. cit.*, *Lusa*, I, 17, § 15.

[2] Cardeal da Motta, *Chronica da Serra d'Osso*, livro II, cap. 3.°, p. 243.

[3] Vila-Real: António Gomes Pereira, «Trad. popul. e ling. de Vila Real», na *Rev. Lusitana*, IX, 240 e ss. X, 122 e ss, 191 e ss. etc.

[4] *Santa Vitória-do-Ameixial* (conc. de Estremoz): «Folklore de Santa Vitória do Ameixial», in *Rev. Lusitana*, XIX (1916), p. 297 e ss.

4—Em casaco de abafar,
Uma saia de baeta,
Não quero que vás à monda,
Na monda não se ganha cheta.

(Benavente).

5—Não quero que vás à monda,
Nem à Ribeira lavar;
Não quero que vás à monda,
Que vás à monda, vás mondar

(Cova-da-Beira) ([1]).

6—Ó mana, vamos à monda,
Vamos à monda, mondar;
Na monda é que eu ganhei
Dinheiro p'ra me casar.

(Golegã).

7—Não quero que vás a «acêfa»,
Não quero que vás ceifar;
Não quero que vás à monda,
Não quero que vás mondar.

(Golegã).

8—Não é a «acêfa» que custa,
Nem são os calores do V'rão;
É o pico da herva-gata,
Juntamente c'o beij[a]-mão.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

9—O cardo é que pica,
Que me picou numa mão;
Também a maldade pica
Os homens no coração.

(Sousel).

([1]) Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, II, 145.

10—Não me mandem à segada,
Que eu não sei correr o eito;
Mandem-me falar d'amores,
Que para isso tenho geito.

(Norte).

11—O Sol de Agosto queimava
Lá no «rocio» do ar;
E o ceifeiro descansava,
Bem cansado de ceifar.

(Vila-Real).

12—Eu venho da Terra-Quente,
Da segada do centeio;
Da fama ninguém me livra,
Hei-de te amar a rego-cheio.

(Vila-Real).

13—Menina, se eu me cortar,
É com minha foucinha d'aço;
É com minha pressa,
É com meu desembaraço.

(Barcelos) [1].

14—'Stá calma que abrasa o mundo,
À sombra me estou queimando;
Que fará o meu amor,
Que anda na leira limpando!

(Santa Vitória-do-Ameixial).

15—Chamaste-me moreninha,
Mas é com o pó da eira;
Hás de ver-me no Domingo
Como a rosa na roseira.

(Vária).

---

[1] António Gomes Pereira, *Trad. populares... de Barcelos*, p. 72.

16—O meu amor, coitadinho,
É meio «acidadão»;
Vem afeito a trigo,
Não quer comer o pão.

(Barcelos) (1).

17—Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda;
Falta-me aqui o pão branco,
E mais o sumo da uva.

(Barcelos) (1).

18—Tenho fome, não é de pão;
Tenho sêde, não é de vinho;
Tenho fome de um abraço;
Tenho sêde de um beijinho.

(Barcelos) (1).

19—Levanta-te, filha,
Vai ver o cèguinho;
Abre lá a porta,
Dá-lhe pão e vinho.

(Beira) (2).

20—Oh! que belo milho, milho!
Oh! que bela milharada!
Oh! que bela vista de olhos
Para quem vai de jornada.

(Santa Vitória-do-Ameixial
e Golegã) (3).

21—Já o milho miúdo
Tem a sua velhacaria;
Conserva a ágoa no bico,
Para beber todo o dia.

(Minho).

---

(1) António Gomes Pereira, *Trad. populares... de Barcelos*, respectivamente p. 113; 44; 58-59.

(2) «O Cego»: H. Fernandes Tomás, *Velhas Canções...* p. 48.

(3) Luís Chaves, *loc. cit.* na *Rev. Lusitana*, XIX, 297; «Etnografia Alentejana», in rev. *Terra Nossa*, 1916, n.º 2, p. 27; «Festas Agrícolas», na *Lusa*, 1924, IV, 129.

22—Oh! quem fôra rato, rato,
Quem «ratara» pelo chão!
Rataria as massarocas
Às meninas do serão.

(Atalaia) [1].

23—Quem me dera que viesse,
O tempo que há de vir,
O tempo das *esfolhadas*, [2]
Para me eu «adevertir».

(Vulgar).

Cantigas ao desafio, muito gritadas para que todos em volta, no trabalho, possam ouvir e associar-se, saem de enfiada, num desafio livre para todo contendor.

—Cantigas ao desafio
Para mim são escusadas;
As minhas vão de-repente,
As tuas vêm retardadas.

(Braga).

—Raparigas, cantai todas,
Ajude-me sequer uma;
O cantar é ser alegre,
Não é desonra nenhuma.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

—Sei um saco de cantigas
E mais inda um guardanapo;
Cale-se lá, minha m'nina,
Senão eu desato o saco.

(Leiria).

---

[1] Monteiro do Amaral, «Trad. e linguag. pop. da Atalaia», in *Rev. Lusitana*, XI, 9-6 e ss.

[2] A festa grande do milho é a *esfolhada* ou *desfolhada-descamisada*, ao serão, dentro de casa, ou a-preceito ao luar na eira. A «maçaroca» do minho desfolha-se entre a alegria geral. Fazem-se uns ganchos de descamisar, os «escamisadores» ou *sovinos* (de osso ou madeira), para melhor arrancar o folhelho. O milho vermelho é o *milho-rei;* a quem o encontre, dá o direito de abraçar todos. Lembre-se a descamisada em casa do Zé das Dornas, das *Pupilas do Sr. Reitor,* de Júlio Denis.

— Tu, cantador, não sabias
Que eu vinha a esta função;
Abre as asas, estende as guias,
À chegada do Gavião.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

Canta-se e dansa-se nas *adiafas* das ceifas, no acabamento. Depois enche o lavrador o carro no bom negócio da tulha farta.

Muito bem parece o carro,
À porta do lavrador;
Muito bem vai a moça
Nos braços do seu amor.

(Ribatejo).

3.ª PARTE

Azeite Santo

— O ramo da oliveira é bento,
êle dá o azeite p'r'ó Santíssimo Sacramento.

Chaves, Vila Real *(Rev. Lusit.*, x, 199).

I

A oliveira pertence ao número daquelas plantas, cujas sementes ou estacas «pegam» melhor, e florescem bem, frutificam esperançosamente, quando roubadas [1].

A «folhinha» da azeitona é curta.

Janeiro. — Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.

Junho. — Chuva de S. João tira azeite e não dá pão.

— Em dia de S. Pedro, vê teu olivedo; e, se vires um grão, espera por cento.

Agôsto. — De Agôsto é a culpa, mas Setembro leva a fruta.

---

[1] Já em nota do cap. III da 2.ª Parte, houve referência ao «roubo medicinal». Telhas roubadas curam sezões (Leite de Vasconcellos, *Excursão Extremenha*, p. 4); roubadas dos

No Inverno, Dezembro frio, Janeiro de gêlo e de geada, dessa geada da cantiga:

Nesta terra não há moças,
Que as levou a geada,
Só ali escapou uma,
Debaixo de uma ramada.

(Norte).

formam-se os ranchos, que vão apanhar a azeitona. Êles aí vão os *ratinhos* beirões aos bandos, em demanda do trabalho no Sul. Os criados e trabalhadores permanentes da quinta ou da herdade não chegam para a faina, precisa-se de mais «família».

Para a colheita da azeitona *(olivitas* ou *oleitas)*, os Romanos tinham entre a legião dos escravos, que eram os *operarii* de todas as artes e ofícios, os *leguli*, *factores* ou *torcularii*, correspondentes aos nossos lagareeiros, os *capulatores* ou tanoeiros para vasilhame [1].

O processo de colher a azeitona entre os Gregos era o varejamento. Vasos pintados, do grande período da arte helénica, mostram homens munidos de varapaos, uns montados na oliveira, outros em baixo no chão, a varejarem com êles o fruto [2]. É ainda o uso de hoje, só ou completado pelo arranque manual de esgarçamento.

---

telhados vizinhos e oferecidas a S. Domingos, curam das maleitas no conc. de Castelo-Branco (Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, I, 97); e até uma quadra, colhida por Fernandes Tomás, alude por certo a esta prática supersticiosa, embora com outro sentido (amoroso):

As telhas do teu telhado
São vermelhas, tem virtude;
Passei por elas doente,
Logo me deram saúde.

Canções da Beira, p. 184.

[1] J. Marquardt, *La vie Privée des Romains*, I, 162 e ss.

[2] Duruy, *Histoire des Grecs*, I, 716. Walters, *Catalogue of the Greek Vases in the British Museum*, II, B. 115. Há desenhos que reproduzem as scenas dos vasos pintados.

Eu não sou vossa oliveira,
Que a haveis de varejar.

Gil Vicente, *Clérigo da Beira*,
Obras, 1852, III, 226.

Saramago. — «Basta que eu passey de Saramago a oliveira, e que por meus pecados hey de ser varejado! Mas a mim que se me dá; pois se sou tronco, hey de ser insensivel».

António José da Silva (o Judeu),
Amphitryão, ed. da «Renascença Portug.» Pôrto, 1916.

Em baixo, mulheres estendem panos sob as árvores, para as azeitonas cairem nêles e ser mais fácil encher os cestos. Os homens são os varejadores, — os «avarjadores» do Alentejo. No Alentejo os homens vão ao olival de *çafões*, carapuça até as orelhas, metidos nos *pelicos* ou nos capotes alentejanos, «à cavalaria», de estamenha; libertam os braços, e, — com *pelico* ou sem êle, sempre em mangas de camisa, pois os *pelicos* as não tem, e em colete, de que se não desfazem, — esfarripam ou varejam. As mulheres, de saias apanhadas em forma de calções, como nas *ceifas*, lenço soqueixado sob o chapéo aguadeiro, chaile ou lenço de «cachiné» de malha, cruzado no peito como os mantos das sacerdotizas de Isis ([1]), apanham a azeitona; — são as *apanhadeiras*, e enchem com ela os *cabanejos* ou cestos, que o *menageiro* ou *manageiro* vai contando.

O «menageiro», que não sabe ler, marca o trabalho por cestos cheios, como nas vindimas. Toma uma vara, e faz um entalhe pequeno por cada cesto, e um maior, mais visível de dez em dez — a *deca;* ou, com giz, faz traços por cada medida e um circulozinho por grupos de dez; variando, porém, a marcação por sinais e dispositivo, mas sempre numa base de contagem decimal. O pagamento é *à soldada*, a dia, contado o trabalho pelas «denúncias» do «menageiro», ou *à obra*, segundo o número de cestos, que o trabalhador encheu.

Com a ciranda, as mulheres escolhem a azeitona, depois de largada a terra e as fôlhas. É um dos símbolos da *apa-*

([1]) *Alti della R. Academie dei Lincei*, I, 5.ª série, 112, fig. na pág. 115.

nha, *apanho* ou *apanhamento* da azeitona. Tem acento especial nas cantigas alusivas dessa quadra agrícola. No frio agreste dos olivais da serra ou da aragem crestante do Sul, aqueles cantares das ceifas são agora mais cristalinos, mais dulcidos na atmosfera húmida.

Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no campo da azeitona,
Anda a ciranda no ar.

Anda a ciranda no ar,
Anda a ciranda no chão;
Ó ciranda, ó cirandinha,
Amor do meu coração.

Amor do meu coração,
Não há palavra mais doce,
Quer tu me queiras quer não
Gosto de ti, acabou-se.

(Estremoz-Évora).

A canção é lenta e de tonalidade suave, com uma melodia ondulada que volta e revolta ao princípio. Em Vila-Real, há uma variante:

— Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos dar a meia-volta
Meia-volta vamos dar.

Conserva no entanto o mesmo ar de valsa, de ritmo dansado pelo movimento oscilatório da ciranda.

*

E volta a ciranda a cirandar, sem descanso, emquanto os varejadores «botam» abaixo a azeitona.

— Avarjai, avarjadores;
Apanhai, apanhadeiras;
Apanhai baguinhos de oiro,
Que caem das oliveiras.

— Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no tempo da azeitona,
Anda a ciranda no ar.

(Elvas) (1).

Para comparação, traduz-se a correspondência de três estâncias da *Mireia*, de Mistral (Nouvelle Edit. 1900):

— Quantas «apanhadeiras» são precisas, — para colher a azeitona de tantas oliveiras!... — Vem o dia de Todos os Santos, e as môças de Les Beaux, — com azeitonas vermelhas, em forma de amêndoa, — vão enchendo sacos e panos!... — e sempre cantando, vão juntando mais. — (Canto I, p. 6). — Dois cestos de colher azeitona (I, p. 8). — Vejo uma terra nova, um sol que alegra — as «apanhadeiras» em farandola, — diante dos frutos pendentes, — e, deitados nos feixes de aveia, — os ceifeiros que empinam o barril. — (VI, 260).

II

A festa grande do «apanhamento» é o final, o *acabamento*, — a *adiafa do acabamento* ou *acabo* da azeitona, como a da ceifa e a da mastuga da azeitona no lagar e lagariça. Lembram as antigas festas pagãs em honra dos deuses protectores da agricultura: — Ceres-Demeter, dos trabalhos agrícolas, especialmente das searas; — Baccho-Dyonisos, da vinicultura. Eram as Bacchanais em honra dêste; as Eleusinas, com os mistérios de Eleusis, em honra de Ceres.

Em Estremoz, não há muito, no dia do acabamento, havia missa, a que concorria o «rancho da azeitona», para dar solenidade de dia grande à festa. Mulheres e homens entravam e saíam da igreja aos vivas aos patrões. O traje era singular: mulheres, de sáia azul, lenço de malha ao pescoço, blusa berrante, outro lenço na cabeça debaixo do chapéo; homens, de fato alentejano, — de jaqueta curta aberta, estamenha côr de pinhão, a mostrar a cinta azul ou vermelha e

(1) António Tomás Pires, no livro de Vitorino de Almada, *Concelho de Elvas*, etc., Elvas, 1889, II, 46A s. v. «azeitona».

a camisa branca, de calça justa à perna; uns e outros de grossos çapatos de couro, feitos no Alentejo e Algarve.

De um lenço de sêda fazem lá uma bandeira, e dependuram-lhe das duas pontas livres outras tantas fitas. O «menageiro» é quem a transporta, no meio do rancho. Ladeiam-no duas mulheres, que seguram as fitas. E lá vão para casa dos donos do olival com estridentes vivas, saüdações e cantigas. Chegados, repetem os vivas, que tem de conceito uma semelhança grande com as *Janeiras* e os *Reis*, pois que neles se formulam todos os desejos, concebíveis, pela felicidade dos patrões. Êstes dão-lhes de comer e beber, o que de ordinário consiste em carnes, passas, filhós, vinho e aguardente. De volta, vão para casa de um dos do «rancho» ou para os celeiros dos patrões, e aí segue a *função* noturna, em que bailam *(balham)* as *saias*, dança bárbara de um movimento saltado, ágil, contínuo, as *valsas*, as *mazurcas*, as *chòtices*, adaptações campestres das danças de salão.

Em Elvas, durante o *apanhamento*, é ainda recente o costume do *arrebolar* (1). Nas horas do descanso, um rapaz levava a bem ou à fôrça uma rapariga, e, aproximando-se de uma ladeira, subjugava-a e *rebolava* com ela pelo pendor.

No princípio do *apanho* elvense, o *rancho* elege o *alferes*, a *juíza* e a *mordoma*. No dia do *acabamento*, o *alferes* leva a bandeira, feita de fitas de sêda, e pendentes de uma travessa a formar cruz; pendem também da cruz dois ramos de laranjas. À volta, vão homens e mulheres com archotes de palha encerada. A seguir, vai a *juiza* e a *mordoma*; atrás o *rancho*. O *alferes* veste *à moura*: calças brancas e largas, jaqueta igual, cinta vermelha a tiracolo, turbante de papelão. A *juíza* e a *mordoma* vão de branco, duas tranças pelas costas abaixo, ligadas nas pontas por fitas em laço. O caminho é o mesmo, a casa dos patrões. As raparigas vão com ramos de flores ou de laranjas (2).

---

(1) A. Tomás Pires, in Vitorino de Almada, *Çoncelho de Elvas*, etc. s. v. «azeitona», loc. já mencionado.

(2) António Tomás Pires, *loc. cit.* in *Concelho de Elvas*, 464 e ss.; Luís Chaves, «Etnografia alentejana — O rancho da azeitona (Estremoz e Elvas)», em *Terra Nossa*, revista alentejana, Junho, 1916, p. 26 e ss. e «Festas Populares — (Alentejo) —...» na *Lusa*, 1924, IV, 129 e ss.

Para o Norte, fazem-se também festas de acabamento. Os patrões dão a «comesaina»: vai o chibato ensopado, o arroz de olha gorda de toucinho. No páteo da casa levanta-se um mastro, enfeitado com verdura de medronheiro, mentastros e flores do monte; e tudo come, estruge e dansa.

III

A oliveira é benta, tem virtudes santas. De sempre foi árvore de consagração divina. Votou-se à simbolização da paz: a deusa *Eirené* dos Gregos, *Pax* dos Romanos, tinha por atributos um ramo de oliveira, um cadúceo e uma cornucópia, Era a árvore de Pallas-Minerva.

A oliveira é paz,
O pessegueiro é guerra;
Se não fossem os teus agrados,
Já não estava nesta terra.

(Vila Real).

A oliveira é a paz,
Que se dá aos bem casados;
A palma aos sacerdotes,
O alecrim aos namorados.

(Vila Real).

O ramo da oliveira é bento,
Êle dá o azeite p'ró Santíssimo Sacramento.

(Chaves — Vila Real, etc.).

A oliveira é benta,
O ramo dela tem virtude;
Ai quem vem aqui tão longe,
A saber da tua saúde!

(Vária).

Nos aniversários dos mártires, nas Catacumbas, celebrava-se o Ofício Divino, colocando-se sôbre pilares lâmpadas de azeite aromatizado ([1]).

([1]) Albano Belino, *Archeologia Christã*, Lisboa 1900, p. 28.

No romance transmontano de Lousa, — *o Cavaleiro*, êste e a filha do Senhor dêle apaixonam-se um pelo outro, apesar da idade dela. Êle afasta-se, e vai casar longe; ela procura-o, até o encontrar.

— Um morre pelo almoço,	No altar de cristal
Outro morre ao jantar;	Nasceu um videiral.
Um enterra-se no altar-mór;	A *olivia* dava azeite
Outro no altar de cristal:	Pró Senhor alumiar.
No mór nasceu *olivia*	O videiral dava vinho
Como não há igual;	P'ra no cálix consagrar [1].

Foi símbolo de vitória, — era a *corona panathenaea* ou *olympia*, da oliveira da Acropole para os vencedores dos jogos panateneicos e olímpicos [2]. Esparta coroou de oliveira Temistocles [3], o vencedor de Salamina, os Romanos coroavam assim também os seus heróes; o costume perdurou, associando-se-lhe modernamente a «palma» da vitória [4].

Também a oliveira foi símbolo de fecundidade. As estátuas de Damia e Auxéria, no Epidauro, eram de pao de oliveira; eram deusas da fecundidade; friccionavam-se nelas as mulheres, para se fazerem fecundas; consagravam-lhes sacrifícios as noivas.

É talvez desta longínqua e inconsciente origem, que vem o oráculo amatório das raparigas com as fôlhas da oliveira.

---

[1] Abade José Augusto Tavares, «Romanceiro Trasmontano», *Rev. Lusitana*, IX, 283, n.º 33.

[2] Plínio, *Naturalis Historia*, XV, 19.

[3] Plutarcho, *Themistocles*, 21.

[4] Os Gregos estavam celebrando as festas olímpicas com jogos gímnicos e carreiras de carros, quando Xerxes chegou a Histica. Chegavam os transfugas da Arcadia, e alguém, que os ouviu, lhes preguntou: — «E que prémios disputam êles (os gregos)?» — «Uma corôa de oliveira», — responderam os Arcades. — Então o persa Tritantequemo exclamou para o rei: — «Contra que homens, ó Mardónio, nos levas tu? Contra homens que lutam não pela riqueza mas pela honra!» — Adolfo Coelho, «A historia dos exercícios físicos, na sua relação com o desenvolvimento moral», nos *Arquivos da Universidade de Lisboa*, II, 170 (1915).

«Deitam-se por uma pessoa» folhas de oliveira ao lume; se encaracolam e estalam, essa pessoa quere bem a quem as deita; se ardem quere-lhe mal (Alentejo).

A esta adivinha se refere a cantiga de Barroso [1]:

— Ó oliveira do rio,
Bota-me p'ra cá um ramo,
Qu'eu sou rapariga nova,
Quero saber a quem amo.

É talvez ao mesmo facto, embora sem menção completa, que alude estoutra cantiga beirã [2]:

— A folha da oliveira,
Deitada no lume, estala;
Assim é meu coração,
Quando para o teu não fala.

Ramos de oliveira, bentos no Domingo-de-Ramos, são guardados para queimar pelas trovoadas, pois livram do raio as casas onde ardem. Dados aos noivos, no dia das bodas, são promessas de fartura, — pois, se a oliveira é benta, e por isso se dá aos bemcasados! E o azeite dá para o prato, onde a gente come; — para a candeia, com que a gente se alumia; — e para a lâmpada do Santíssimo Sacramento, onde a gente resa e comunga no Senhor!

Na heráldica nacional figura a oliveira no escudo da cidade de Guimarães, a oliveira do milagre que a lenda cristã, evoca e ergue simbòlicamente [3].

---

[1] No log. cit. «Trad. popul. de Barroso». *Rev. Lusit.*, XVIII.

[2] J. Lopes Dias, *Etnograf. da Beira*, II, 53.

[3] Havia uma igreja em Guimarães, dedicada à Virgem Maria. Já lá vão seis séculos. Junto do templo erguia-se o tronco mirrado de uma oliveira que tudo indicava morta. Pero Esteves colocou uma cruz na sombra suave da oliveira. E a árvore reverdeceu. A igreja reconstruída recebeu a invocação de N. Senhora da Oliveira, teve colegiada insigne cujo prior usava o título honorífico de Don Prior-mór; cole-

IV

São numerosas e variadas as cantigas, que vêm aludir à oliveira, como tema; ora se referem à árvore e seus caracteres, ora a costumes e crenças que se lhes ligam.

1—Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja;
No tempo em que estamos,
Ninguém logra o que deseja.

(Norte).

2—Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja;
Bem assombrado anda,
Quem não logra o que deseja.

(Barcelos) [1]

3—Ó oliveira do alto,
Rama dela tem virtude;
Passei por ela doente,
Logo me achei com saúde.

(Barcelos) [1]

4—Oliveira, frança sêca,
Carregada de «pendão»;
Menina, se há de ser minha,
Ninguém lhe há de pôr a mão.

(Vária).

---

giada que foi riquíssima pelos presentes reais e pela crença da Nação. Guimarães tomou para emblema seu a oliveira renascida.

[1] António Gomes Pereira, *Trad. pop... de Barcelos*, respectivamente: p. 62 e 77.

5—Oliveira é «verguia»,
Dá-lhe o vento, «troce, troce»;
Quem tem amor na terra,
Ou lhe escarra, ou lhe tosse.

(Atalaia) (1).

6—Oliveiras, oliveiras,
Quero dizer olivais;
Tenho o coração mais negro,
Que a azeitona que vós dais.

(Amarante).

7—Oliveira ao pé do oiro,
Deita galhadas de prata;
Menina, dê os seus olhos
A quem por êles se mata.

(Atalaia) (1).

8—Ó oliveira da Serra,
Do vento combatida,
Ainda eu espero passar
Contigo a minha vida.

(Norte).

9—A folha da oliveira,
Deitada ao lume, estala;
Assim é meu coração,
Quando para o seu não fala.

(Idanha-a-Nova) (2).

10—À sombra da oliveira,
Amor, é que é o falar;
Tem a fôlha miudinha,
Não entra lá o luar.

(Idanha-a-Nova) (2).

11—A oliveira é paz,
Que se dá aos bemcasados;
O alecrim é ramalhudo,
Que se dá aos namorados.

(Vária) (3).

12—Não cortes a oliveira,
Nem lhe ponhas o machado,
Que alumia toda a noite
A Jesus sacramentado.

(Barcelos) (4).

---

(1) Monteiro do Amaral, «Trad. pop. da Atalaia», in *Rev. Lusitana*, XI, 122, n.° 235 e 110, n.° 47.

(2) J. Lopes Dias, *Etn. da Beira*, II, 53.

(3) Leite de Vasconcellos, *Trad. pop.*, p. 119.

(4) António Gomes Pereira, *Trad. pop... de Barcelos*, p. 58.

13—A oliveira pequena
Também tem pequena sombra;
Toda a môça, qu'é bonita,
Pequeno dote lhe bonda.

(Vila-Real) (1).

14—Se a oliveira falasse,
Ela diria o que viu;
Que debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

(Norte).

15—Debaixo da oliveira,
É um regalo andar;
Tem a fôlha meudinha,
Não entra lá o luar.

(Barroso) (2).

16—Oliveira pequenina,
Tem a fôlha aos anéis;
Por via dêsses teus olhos,
Padeço penas crueis.

(Barroso) (2).

Também a azeitona tem a sua parte nas cantigas. Em geral, a alusão mais corrente é à côr negra da azeitona madura e curada, que logo recorda os olhos negros: «os olhos pretos são vadios».

17—Atirei com a azeitona
À menina da janela;
A azeitona caiu dentro
A menina quem m'a dera.

(Barcelos) (3).

18—Atirei com a azeitona
À menina da janela;
A azeitona está lá dentro,
Ai, menina, quem m'a dera.

(Atalaia) (4).

---

(1) Vila-Real: — António Gomes Pereira, «Trad. pop. de Vila-Real», in *Rev. Lusitana,* IX, 261, n.º 21.
(2) Barroso: — Fernando Barreiros, «Trad. pop. de Barroso», in *Rev. Lusitana,* XVIII, 245, n.º 10 e 258, n.º 171.
(3) Barcelos: — António Gomes Pereira, *Trad. pop... de Barcelos,* p. 49.
(4) Atalaia: — Monteiro do Amaral, «Trad. pop. de Atalaia», in *Rev. Lusitana,* XI, 118, n.º 177.

19—Os olhos do meu amor
São duas azeitoninhas;
Fechados são dois botões,
Abertos são duas rosinhas.

(Santo Aleixo — Extremoz).

20—Azeitona verdial,
Comê-la-hemos os dois;
Se ela tiver veneno,
Morremos ambos ao d'pois.

(Amarante).

21—Tendes os olhinhos pretos,
Côr de azeitona madura;
As falinhas da tua bôca,
Me levam à sepultura.

(Vila-Real).

22—Azeitona *cordovil*,
Deita azeite amarelo;
«Alumeia» todo o ano
A Senhora do Castelo.

(Atalaia).

4.ª PARTE

Vinho alegre

— Fui ao Douro à vindima,
Não achei que vindimar;
Vindimaram-me as costelas,
Foi o que lá fui ganhar.

(Vila-Real, *Rev. Lusit.*, x, 130).

I

A romaria agrícola da vindima converge ao Douro. É a zona vinícola por excelência. A ela concorrem as quatro províncias do Norte, que se debruçam sôbre o Douro. E das serras altas descem ao vale duriense as populações rurais, em busca de trabalho certo, que lhes garanta os bons lucros de «pé-de-meia» salvador das economias domésticas.

Quantas promessas a vindima não aponta! Dinheiro a guardar ao canto da arca, para livrar o rapaz da tropa; ou para o bragal da rapariga, a «môça» ou «cachopa», que o espera para os preparos do casamento. E quantas vezes não vai ela também, e não vai o rapaz a salvar da caserna, numa solidariedade simpática da família, onde grangeiam comum governança pais e filhos, irmãos e irmãs.

Por isso, no orçamento rural é de magna importância para a decisão da vida, esta romaria célere das vindimas do

Douro. Da Terra-Quente, por todo o Sul do Distrito de Bragança, — do anfiteatro de Vila-Real à Régoa, e de Guimarães a Amarante, à Livração, a Mezão-frio, — do cimo das Beiras, — tudo acode a cata do Eldorado. Falta de braços? Melhor garantia de trabalho abonde. — Nem sempre porém a ambição colhe proventos.

— Vindimas, vindiminhas,
As vindimas boas são;
Saí de casa c'um cruzado,
Entrei com meio tostão.

(Norte).

Assim se canta, pelo menos, em toda a faixa meridional do Minho e Trás-os-Montes (v. gr. Amarante, Vila-Real). Mas o costume é lei, e a necessidade obriga. Todos vão à vindima do Douro; até mesmo a Senhora-dos-Remédios, de Lamego, obedece à tradição agrária.

— A Senhora dos Remédios
Vai pelo Douro acima,
Com a cestinha no braço
Fazer a sua vindima.

(Douro, Trás-os-Montes,
Beira-Alta).

*

Em Guimarães, por exemplo, faz-se êste prognóstico do ano vinícola: se, na noite de Natal, houver *meio-luar* (1), ou seja luar durante metade da noite, haverá no ano seguinte menos vinho, em relação ao *vinho inteiro* (boa colheita), que terá lugar, se na noite de Natal houver *luar inteiro* (toda a noite). Não haverá vinho, caso nessa noite falte o luar (2).

---

(1) *Meio-luar*, *interlúno*, etc. Algumas superstições, agrícolas e domésticas, andam prêsas às fases da lua; nas diversas idades da lua, tem importância crendeira o *interluno*, entre lua-nova e lua-cheia ou entre duas luas-cheias. Exemplos: — agrícolas — o citado no texto; o da sementeira das batatas, que deve de se fazer no *interluno* para ser boa; — de economia doméstica: a matança do porco e o corte de madeiras tem de fazer-se no mesmo período do *interluno*.

(2) D. Leite de Castro, *Folk-lore Vimaranense*, Espozende, 1908, p. 23.

O calendário do vinho não é longo, o que não admira pela relativa facilidade vitícola. É a folhinha.

Maio:

A boa cepa, em Maio a deita.
Maio couveiro não é vinhateiro.
Maio come o trigo, Agôsto bebe o vinho.
Maio hortelão, muita parra, pouco pão.

Junho:

Chuva de S. João, terá vinho e azeite, e não dá pão.
Até S. Pedro há o vinho medo.

Julho:

Em Santa Marinha (a 18), *vai ver tua vinha, e, qual a achares, tal a vindima.*
Em de S. Tiago (a 25) *vai à vinha, e acharás bago.*

Agôsto:

Em dia de S. Lourenço (a 10), *vai à vinha, e encherás o lenço.*
Agua de Agôsto, açafrão, mel e mosto.
Quando chover em Agôsto, não metas teu dinheiro em mosto, — e não é bom mosto colhido em Agôsto.
Agôsto madura, Setembro vindima.

Setembro:

Dia de S. Mateus (a 21), *vindimam os sisudos, semeiam os caudeus.*

Outubro:

Por S. Lucas (a 18), *sabem as uvas.*
Por S. Simão e S. Judas (a 28), *colhidas estão as uvas.*

Novembro:

Por S. Martinho (a 11), *prova o teu vinho.*

Cuidado, que os rebentos da videira nãa sejam roídos por alguma cabra. É maldição. A planta não se desenvolverá em termos (Santo-Tirso) [1].

Vem a *cava* das vinhas. Mas deve de ter três cavas a vinha, a preceito: — a *cava* a *montes*, no fim do Inverno; — a *rasa*, *arrenda* ou *redra*, depois de limpa a flôr da vinha, arrasando os *montes* da primeira cava; — *a raspa* ou de *arxar*, no princípio de Julho, ao pintar do bago, para tirar, raspar a erva [2].

Na poda «choram» as vides, como «choram», quando as queimam.

O olho da vide chora
Lágrimas de seis a seis:
Também os meus olhos choram,
A causa bem na sabeis.

(Vila Real, Douro, etc.).

Chora a videira,
A videira chora;
Chora o meu amor,
Que se vai embora.

(Fundão).

É ir a tempo: — Quem não podar em Março, vindima no regaço. — Vai a *poda de polegar*, que corta baixo, para dar mais fôrça à vide; a *poda de rabo de gato*, que limpa toda a rama, deixando só uma haste; a *poda de trombeta*, que deixa apenas o corpo da vide; expressões recolhidas por Bluteau, no *Vocabulário*. E andam os podadores aos bandos nas vinhas grandes.

Vem a flor, vá de «sulfigar» (Alentejo) ou «assulfatar» e «assufaltar» (Norte), e enxofrar com «enxôfare». As videiras estão dispostas em *cepa* de pé solto, — em *latadas*, *parreiras* ou *ramadas*, horizontais ou oblíquas, sôbre esteios de granito ou xisto, de madeira ou de ferro, como caramanchões (carramanchões e carramancheis), mais ou menos baixos,

---

[1] Pires de Lima, «Trad. pop. de Santo Tirso», in *Rev. Lusit.* XVII, 187.

[2] Batalha Reis, *Século Agrícola*, 14 de Junho de 1913.

quási rasteiros em Viana-do-Castelo, altos em Felgueiras, Lousada, Amarante, etc.; — em *grades* verticais ou *bardos;* — de *enforcado*, enroscadas nas árvores (Minho e Douro), o que se chama também de *embarrado* e *uveira.*

No Douro, as vinhas descem para o rio em degraos mais ou menos estreitos, o que dá carácter à paisagem. As árvores, que servem de esteio às *uveiras*, alinham no Inverno os troncos, nús e bem aparados, nos escalões dêsse escadario — «escadório» — ciclópico da vinha duriense; as *uveiras* cobrem essa ramaria adrede disposta para suportar a vide sem a emsombrar com demasias de folhagem.

Ao calor da torreira do Verão, rigoroso entre aquelas alturas que do Norte e do Sul apertam o vale fundo e estrangulado, é de aplicar a quadra popular, generalizada no país:

— É um regalo na vida,
À borda d'água morar;
Quem tem sêde, vai beber,
Quem tem calma, vai nadar.

A cultura predominante é a da vinha; as cantigas que, dizia Garrett, nascem das romarias, saem também das vindimas, a romaria agrícola de mais densa população e de mais extensa afluência. Surgem e espalham-se dêste Douro caldeante, levados pelas dispersas gentes que dêle regressam aos lares. As vindimas lançam à moda a canção da época. À maioria das cantigas com alusões da vida, da vindima, do vinho, poderá talvez atribuir-se proveniência do Douro, generalizadas depois de província em província.

*

As gavinhas *(abraços)* põem anéis nos olhos de quem procura previsão dos frutos, e a vide grimpa, trepa em abraços de anéis às espirais. São os elos, os «enleios» da videira.

— Debaixo da ramada,
Videiras dão anéis;
Por via de ti, menina,
Sofro penas cruéis.

(Vária).

— Videira, dá-me um elo;
Elo, dá-me um enleio;
Menina, dá-me um d'sengano,
Que eu vivo em arreceio.

(Vila-Real).

— Não cortes a videira,
Que assobe pela janela;
É a escada do amor,
Que sobe e desce por ela.

(Ourem).

— Esta rua tem latadas,
Todas tem bago redondo;
Debaixo delas se cria
Por quem eu perco o sono.

(Amarante).

II

Vêm as uvas. Sob a folhagem espreitam os cachos. Há-os por toda a parte a açular o apetite. Quando Moisés, além do Jordão, sôbre o Monte Nebo, enviou os doze exploradores a Canaam, a Terra-da-Promissão, Josué e Caleb, os dois únicos optimistas, certo lhe levaram como garantia de fartura e prova de esperança, os maiores cachos do milagre da vocação de Abrahão (1). Ficaram as uvas no outro milagre artístico de Zeuxis, e na fronte de Baco, dos sátiros, das bacantes, todo o cortejo dionisíaco. Fazem a riqueza do lavrador.

— Doe-me a barriga com fome,
Desejo de comer uvas;
Eu morro por teus afectos,
Como o gato por leitugas.

(Vila-Real).

— Eu bem vi a morte negra
Depenar um cacho de uvas;
Vai-te daí, morte negra,
Desamparo das viúvas.

(Vila-Real).

---

(1) Confortamini, & afferre nobis de fructibus terrae. Erat autem tempus quando jam praecoque uvae vesci possunt (21)... absciderunt palmitem cum uva fina quem portaverunt in vecte duo viri (24). *Liber Numerarum*, cap. XIII.

— Apartar, apartar
O cacho preto do branco,
Também me a mim apartaram
De quem eu queria tanto.

(Vila-Real).

— Antoninho, cacho de uvas,
Quem te agora depenara
De baguinho a baguinho,
E nem um só te deixara.

(Bragança).

— Chamais-me moreninha,
Da côr do alvarelhão;
Eu sou morena de rosto
Mas sou leal do coração.

(Douro).

— Dá-me da tua ramada
Um cacho de moscatel,
Eu te darei um da minha,
Quando maduro estiver.

(Évora).

— Antoninho, pede, pede
Que eu já tenho que te dar:
Um belo cachinho de uvas,
Quando meu pai vindimar.

(Extremoz, Vila-Real).

— Ó parreira, dá-me um cacho,
Ó silva, dá-me uma amora;
Amor, dá-me o teu retrato,
Quero-te ver a toda a hora.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

— Ó parreira, dá-me um cacho,
O cacho, dá-me um baguinho;
Amor, dá-me um abraço,
Que eu te darei um beijinho.

(Santa Vitória-do-Ameixial,
Idanha-a-Nova [1]).

---

[1] Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, II, 71.

Depois chegam as vindimas, o período áureo da vinha. Anima-se a paisagem. Canta-se ao desafio, como nas ceifas, numa alegria estuante, sob o sol ardente. Secam as fontes, exgotam-se as provisões do farnel de bilhas esbeltas. É no Alentejo caldeante, que se canta:

— Ó ágoa, tem-te nos vales,
Não sejas tão corredia;
Quem namora, não se ausenta;
Quem quer bem, não se desvia.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

— Quem me dera que viesse
Um ventinho corredor,
Que levasse e trouxesse
Cartinhas ao meu amor.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

No cadeirado do côro da Sé de Évora, vê-se num dos retábulos de talha um episódio de vindima; à direita, um homem transporta um «cesto vindimo», carregado de uvas, para uma cuba, à esquerda, onde um outro pisa o vinho; junto, está um terceiro homem, caído de ébrio do mal do lagar.

Vão cantando, numa animação de coplas e doestos, que os ecos recolhem. São as vindimas, «festa dabundância nesses lugarejos pobres, em que os terrenos delgados não parecem felizes para qualquer outra cultura» [1].

Dos arredores de Chaves, as mulheres regressam ao pôr-do-sol, entrando na vila, de volta das vindimas. Com um ritmo rápido e vivo, evocador de animada melodia báquica, cantam unísono estas duas quadras breves e torneadas de «ritornello», que o crepúsculo manso e sereno de Setembro mantém:

Chora a videira,
Ó videirinha;
Chora a videira,
Ó vida minha.

Chora a videira,
Ó videirão;
Chora a videira,
Meu coração.

---

[1] Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed. 1915, p. 37.

E na Idanha-a-Nova cantam [1]:

Chora a videira,
A videirinha chora,
Pelo seu amor
Que se vai embora.

Chora a videira,
E torna a chorar,
Pelo seu amor
Que se vai a andar.

No fim das vindimas, o patrão dá de comer e beber ao rancho, que dança e canta ao ar livre ou, mais freqüentemente, na adega, onde o vinho é à descrição. Abandonada a vinha, o dono permite o *rabisco*, que consiste em os pobres irem «rabiscar» os restos das uvas. Já Mestre Gil Vicente faz falar duas personagens do *Juiz* da Beira [2]:

Moço — E depois de ida a vindima?
Escudeiro — Apanha dêsse rabisco.

Passa a uva ao lagar, e começa a «pisa»; cantam os lagareiros, que se revezam de quatro em quatro horas na pisa.

Não se me dá da vindima,
Nem tampouco de vindimar,
Dá-se-me das tristes noites,
Que passo no lagar.

(Vila-Real).

E depois é o vinho que ferve, a uva que se faz mosto, o sumo que se torna em vinho.

— Não há pão como o pão branco
Nem carne como o carneiro,
Nem vinho como o maduro,
Nem amor como o primeiro.

(Beira-Alta, Douro).

---

(1) Lopes Dias, *Etnogr. da Beira*, II, 71.
(2) Gil Vicente, *Obras*, 1852, III, 146-147.

Se quereis que eu cante bem,
Dai-me uma pinga de vinho;
Que o vinho é coisa santa,
Faz o cantar delgadinho.

(Douro. Trás-os-Montes).

Vem o maduro, o carrascão, o verdasco ou verdelho...
Mas:

— Pão de hoje,
Carne de ontem,
Vinho do outro Verão,
Fazem o homem são.

Lá chega o «vinho novo», ansiosamento esperado. É-lhe consagrado o dia de S. Martinho. A festa dura três dias: «S. Martinho Bispo», na véspera; «S. Martinho Papa», no dia; «S. Martinho Rapa», no dia imediato. Em Perre, o dia 11 de Novembro é o «S. Martinho dos homens», o dia 12 o «S. Martinho das mulheres»; os devotos procedem à eleição do juiz da confraria, no mais bêbedo, que tem diplomas do cargo impressos (1).

— Para cada porco há seu S. Martinho, — diz a *Aulegrafia* (fl. 90). Em cada povo há sua festa (2). Ficam juízes os que se embriagarem. Em S. Martinho-de-Dume, quem beber mais vinho sem «tombar», fica sendo juiz para a festa do ano seguinte (3). Se nas festas báquicas havia a primaveril (urbana) e a outonal (rústica), no Cristianismo ficou esta festa de Novembro em dia de S. Martinho, tanto urbana como rústica, geral, a não ser que à primaveril suceda o Entrudo, cujas liberdades a Igreja não pode reconhecer e durante os três dias burlescos desagrava nos tempos.

E aí vai o vinho para as adegas e para as tabernas; o

---

(1) Perre, — Viana-do-Castelo, *Lusa* I, 133.

(2) Félix Alves Pereira, *Lusa*, I, 82, § 81.

(3) As Bacanais Gregas (Festas dionisíacas) eram a orgia do nú e do vinho. Os Gregos sacrificavam a Baco: — a *pêga*, significando que muito fala quem muito bebe; — o *bode*, que estraga os rebentos das vides; — a *videira*, que dá o vinho; — a *hera*, símbolo de eternidade e constância.

taberneiro marca as medidas e as dívidas do vinho no tampo das pipas, com sinais particulares. Mede-se às «décas» ou decalitros, e prevalecem: o *quartilho*, a *canada* de quatro quartilhos ou um duodécimo de almude, o *alqueire* de seis canadas, o *almude* de doze canadas, a *arroba* que é um quarto de pipa, setenta e cinco canadas ou seis almudes e meio, a *quartola*, ou meia pipa, a *pipa* de Lisboa, que vale meio tonel, duas quartolas, vinte e seis almudes de doze canadas, e que no Pôrto é maior, e o *tonel* de sessenta a setenta e cinco e mais almudes.

Eis o vinho, que na evocação da Ceia dos Apostolos é o sangue de Deus, e pela falta do qual foi tamanho o *Pranto de Maria Parda*, que no testamento recomendou para os seus funerais de bacante incorrigível:

> Diante irão mui sem pejo,
> Trinta e seis odres vazios,
> Que despejei nestes frios,
> Sem nunca matar desejo.

(Gil Vicente, *Obras*, III, 372).

LUÍS CHAVES.

VOCABULÁRIO ALENTEJANO

(Subsídios para o léxico português)

(Continuado do vol. xxv, pág. 58)

B

* **babana,** ou **babanas,** s. m. e adj. — Homem aparvalhado, sem vontade própria, que se deixa sugestionar por todos. Palerma, tolo, piegas. O mesmo que *babanca* ou *babancas*, ou ainda *basbana*, já registados por C. Figueiredo, *Novo Dic.* (Colhido em Montemór — Us. em Évora).

babosa, s. f. — Variedade de ameixa. (Dist. de Évora — Elvas).

● **babujar,** v. t. — *Fig.* — Sujar a honra de alguém, conspurcar. Macular.

«... mais atento ao chocalhar das suas vacas que aos dizeres maledicentes dos que *babujam* todas as reputações...» Cf. Brito Camacho, *Gente Rústica*, 62. (Baixo-Alentejo). (Cp. *bacorejar).*

* **bacento,** adj. — (V. *bacilento).* (Évora — Elvas).

● **bachareleiro,** s. m. e adj. — Diz-se da pessoa que conta tudo o que ouve, que é incapaz de guardar um segrêdo. Bisbilhoteiro.

«Nunca fui *bachareleiro*, tudo que me contam aqui fica!» (Colhido em Montemór-o-Novo).

bacilento, adj. — Macilento, pálido. Embaciado, baço.

— O *Novo Dic.* de C. de Figueiredo, regista *prov. minh.* É também us. no Alentejo.

bácora, s. f. — Mulher mexeriqueira, intriguista. (V. *bacoreira).*

Cf. C. Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 233. Além destas acepções, no Alentejo significa também: mulher muito suja e desarranjada. (Odemira).

bacorejar, v. int. — Intrigar, fazer mexericos. Dar à língua. (De *bácora).*

— Já registado por C. de Figueiredo. (Serpa — Baixo-Alentejo).

* **bacoreira,** (è), s. f. — Mulher gorda e pouco asseada. (Évora — Elvas).

* **bacoreiro,** (ê), s. m. — Guardador de bácoros.
Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 17. (Elvas).

bacorinho, s. m. — Variedade de figo temporão.
— C. Figueiredo regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo.

• **badaladas,** s. f. pl. — Dobre de sinos, por morte de pessoa adulta (defunto). O mesmo que *sinais*. (Colhido em Serpa).

* **badalice,** s. f. — Acção de *badalar* ou *bacorejar*. Ditos. Fazer mexericos. Linguarice: *não acredites nessas badalices.* (Évora).

badalo, s. m. — Homem leviano, sem juízo. (Coligido por C. de Figueiredo, mas desconhecido por mim qual o ponto do Alentejo em que é usado). Em linguagem pop. significa «*língua*».

* **badoque,** s. m. — *Pop.* — Assim se chama à carne de carneiro com batatas, dada em épocas de eleições. (Évora).

* **baêtas,** s. f. pl. — Brinde que os padrinhos do baptismo dão às mães das crianças. É t. antigo. (Évora).

bafum, s. m. — Cheiro desagradável.
— C. Figueiredo regista o t. como *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo onde a terminação *um* é muito freqüente.

• **baganha,** s. f. — Assim é conhecida a comida de muitas misturas (em géneros). (Colhido em Montemór).

bagôxo, s. m. — Trapo, papel, etc. que fórma o centro do novelo. (Vidigueira).
— C. de Figueiredo regista o t. como *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo.
O mesmo que *alma*, t. de Alcaçovas e Viana do Alentejo.

• **baínha,** s. f. — O mesmo que *vagem* das leguminosas. (Portel).

* **baitel,** s. m. e adj. — *Fig.* — Aquele que tem a barriga cheia: *depois de jantar ficou que nem um baitel.* Por analogia com *batel* ou *baixel* (barco)? (Colhido em Serpa).

* **baixelho,** adj. — O mesmo que *baixel* (boi). Diz-se do boi, que tem um chifre mais baixo que outro. (Portel — Vidigueira).

* **baixial,** s. m. — O mesmo que *baixio* (nos rios). (Colhido em Serpa).

* **baixinho,** s. m. — Rodapé (a côr), nas paredes das casas. É mais us. no plural. (Dist. de Évora — Elvas).

baixura, s. f. — Baixa. Depressão de terreno.
— C. de Figueiredo regista o t. como *prov. alg.* É também *alent.*
No Alentejo corre a seguinte cantiga popular que justifica o significado do têrmo:

Monsarás 'stá numa altura,
Mourão 'stá numa chapada,
A Granja 'stá numa *baixura*,
Amareleja numa assentada.
(Reguengos).

bajouja, adj. — Coisa mole e espapaçada, sem gôsto.
«A açorda de hoje, está mesmo *bajouja*». Emprega-se êste adj. com esta acepção só na fórma feminina. (Colhido em Serpa).
bajoulada, s. f. — O mesmo que *bolègada* ou *barroqueirada*. Acção de atirar com *bolègos*, *bajôlos* ou *barroqueiros*. Pedrada. (Usado em quási todo o Alentejo).
bajoulo, s. m. — Pedra grande; calhau. O mesmo que *barroqueiro* ou *bolègo*. (V. estes têrmos).
— Usado em quási todo o Alentejo. Já registados por C. de Figueiredo.
* **balagueiro**, (ê), s. m. — Porção, quantidade. Assim de qualquer objecto muito caro costumam dizer que custou um *balagueiro* de dinheiro. (Colhido em Sant'Amador — conc. de Moura).
* **balastrôna**, adj. — Diz-se da mulher ou rapariga, sem préstimo e deselegante. (V. *desmaranhada)*. (Redondo).
* **balatúto**, s. m. — Homem muito gordo.
Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 15. (Elvas).
* **balazougas**, s. c. de dois. — Pessoa muito gorda. Cp. *balatúto*.
«Já aquele homem engordou! Está mesmo um *balazougas!*» (Colhido em Montemór-o-Novo).
• **balção**, s. m. — Porção de *botaréus* (degraus). (Fronteira).
• **balda**, s. f. — Encosta ou vertente, onde o sol dá em cheio. (Évora).
• **balde**, s. m. — Forquilha grande de seis dentes. É sòmente destinada ao *carrêgo* de palha. (Usado nos conc. de Mora e Reguengos).
• **baldear**, v. int. — Cair. (Estremoz).

baldoar, v. int. — Gritar em altos berros. Vociferar.
— C. de Figueiredo regista o t. como *prov.* sem o localizar. É us. em Avís.

* **baldorégas,** ou **baldroégas,** s. f. pl. — *Pop.* — O mesmo que *beldroégas.* (Dist. de Évora e Beja).

* **baldrugueira,** (ê), s. f. — (V. *bandoleira).* (Beja).

* **balhador,** s. m. — Indivíduo que *balha* bem. (De *balhar).* (Estremoz — Elvas).

balhana, s. f. — Além das acepções já registadas como *prov.* por C. de Figueiredo, *Novo Dic.* — Porção de mobília. Conjunto de trastes ou utensílios — no Alentejo significa mais: a roupa ligeira dos trabalhadores. O mesmo que *cópa.* (Arraiolos e Montemór).

1. **balharim,** s. m. — Tijolo fino, com que se ladrilhavam as salas das casas ricas. (Serpa).
— Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 241.

2. **balharim,** s. m. — *Deprec.* — Saia muito curta: *a pequena já não pode usar aquele vestido, a saia está mesmo um balharim.* (Colhido em Beja. Us. em Évora).

* **balhastreira,** (ê), s. f. — Mulher sem cotação moral, ordinária. Prostituta. (Évora).

baloiso, s. m. — O mesmo que *barroqueiro* ou *botégo.* (Beja).
— C. de Figueiredo regista *prov. alg.* É também alentejano.

* **baloisada,** s. f. — Pedrada. *Barroqueirada, bolègada,* etc. (De *baloiso).* (Beja).

1. ● **balsa,** (ç), s. f. — Alcôfa tapada. (Beja).

2. ● **balsa,** s. f. — Cacifo em que se leva o furão para a caça. (Coligido por J. Leite de Vasconcellos em Alandroal).

* **baltizo,** s. m. — Corr. pop. de *baptizo.* Também pronunciam: *bãutizo.* (Dist. de Évora — Elvas — Barrancos).

● **baluarte,** s. m. — Variedade de ladrilho, para casas. (Reguengos).

* **banastra,** s. f. — Alteração de *canastra.* (Colhido em Mértola).

* **banastro,** s. m. — O mesmo que *canastrel.* Cabanejo. (Gavião).

1. ● **bancal,** s. m. — O mesmo que *tapête.* (Mértola).

2. ● **bancal,** s. m. — Pano rectangular guarnecido de folhos por três lados, com que se tapam baús de couro, arcas, cómodas, etc. (Montemór — Beja).
Em Portel chamam a isto *coberteiras.*

bandalho, s. m. — Embora o significado geral seja — trapo, farrapo — em Avís designa trapo ou peça de roupa mas molhada.

* **bandeada,** s. f. — Nome por que designam a *açôrda-mexida*, em Serpa.

● **bandoleira,** (ê), s. f. — O mesmo que *baldrugueira*. Bisbilhoteira; intriguista. (Montemór — Beja).

* **bandorga,** adj. — Diz-se do indivíduo molengão, brando, desageitado.

— Terá alguma relação com *pandorga?* (Colhido em Vila-Viçosa.

● **banho,** s. m. — Pedaço de pote quebrado que se coloca atrás do lume para o fumo não enegrecer as paredes da chaminé. (Vidigueira).

(V. *boneca).*

● **banquête,** s. m. — O mesmo que *baptizo*. (Borba).

● **banza,** s. f. — Birra, teimosia, arrelia. Zanga. Grande desilusão ou irritação causada por qualquer acontecimento. (Dist. de Évora).

● **banzo,** adj. — O mesmo que *banzado*. Pasmado, admirado, surpreendido. (Dist. de Évora).

baptizo, s. m. — O mesmo que *baptizado*. Cerimónia e festa que se lhe segue. Já registado por C. de Figueiredo. (Dist. de Évora e Beja).

* **baraça-larga,** s. m. e adj. — *Pop.* — Homem gastador, perdulário. (Colhido em Gavião).

baracinha, s. f. — Corda fina de esparto ou de palma.

— O *Novo Dic.*, regista o t. como *prov. alg.* É também usado no Baixo-Alentejo.

1. ● **baralha,** s. f. — Metade de um cortiço, no sentido longitudinal, onde os pastores (ou nos montes), guardam os queijos. Em sentido figurado designa homem mal arranjado no vestuário. (Mourão).

— O Sr. Leite de Vasconcellos recolheu no Alandroal o mesmo têrmo, com a significação de: *Prateleiro de cortiça com canas, para pôr os queijos a secar. (Rev. Lusitana).*

2. ● **baralha,** s. f. — Recipiente de cortiça onde nos montes é guardado o sal. (Reguengos).

* **barbanja,** adj. — Diz-se da mulher muito gorda e deselegante: «*A mulher do Antonho das Cabanas desde que casou está mesmo uma barbanja!*» (Colhido em Serpa).

* **barbanjôna,** adj. — O mesmo que *barbanja.* (Serpa).

● **barbeito,** (è), s. m. — Corda delgada. Espécie de *liaça*, mas em pita. (V. *liaça).*

— Terá alguma relação com *barbante?* (Colhido em Portel).

● **barco,** s. m. — (V. *barquino).* (Baixo-Alentejo).

* **bardabôrra,** s. m. — *Fam.* — Indivíduo sem valor, fraca figura. Zé-ninguém. (Colhido em Gavião).

1\. ● **bardo,** s. m. — Curral feito com *rasmalhos.*

— «Ajudava a fazer o *bardo* compondo lenha...» Brito Camacho, *Gente Rústica*, 106. (Aljustrel).

2\. ● **bardo,** s. m. — Curral de estêvas onde se ordenham as cabras. (Alandroal — Leite de Vasconcellos, *Rev. Lusitana).*

3\. ● **bardo,** s. m. — Rêde de *alfirme* que isola temporàriamente o gado lanígero, para passar a noite ou ainda para ser tosquiado. O mesmo que *redil.* (Montemór — Mértola).

1\. * **barimbau,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *berimbau* ou *brimbaü.* (Portel — Elvas).

2\. * **barimbau,** s. m. — Em sentido figurado significa objecto muito pequeno: *não quero êsse alguidar tão pequeno; para que me servia um barimbau dêsses?* (Colhido em Évora).

barquino, s. m. — Espécie de grande borracha ou antes ôdre para água, obra feita por pastores. Faz-se de pele de cabra ou de chibato, esfolado de modo especial (v. *couro-cerrado).* O couro é salgado pela parte de dentro; e quando tem tomado bem o sal, atam fortemente as aberturas das pernas e do pescoço, e deitam-lhe dentro água com entrecasco de sôbro e azinho. Fica assim curtido; é depois despejado, enxuto e cozido com *corriol.* Cf. a *Tradição* (revista), I, 116. (Serpa).

— O *barquino*, a-pesar-de feito por pastores, é usado por estes e pelos trabalhadores do Baixo-Alentejo, e, tem, segundo me disseram, a curiosa particularidade de que quanto mais exposto estiver ao sol, mais fresca a água se conserva.

— C. de Figueiredo já regista o t. como *prov. alent.*

* **barrancada,** s. f. — Córrego fundo e pedregoso. (Serpa).

1\. * **barranha,** s. f. — O mesmo que *barranhôa* (grande tijela). (Redondo — Móra).

2. * **barranha,** s. f. — Espécie de bilha (para vinagre, azeite, etc.). (Serpa — Beja).

— Com uma e outra significação dêstes têrmos, regista C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, *barrenha*, que são respectivamente *prov. trasm.* e *alg.*

1. • **barranhão,** s. m. — Selha para água. (Ourique).

2. • **barranhão,** s. m. — Pequeno alguidar, ou vasilha de barro grosseiro, semelhante ao alguidar, mas mais pequena, donde comem os *gànhões* ou a «malta» dos montes, e até animais. (V. *barrenhão)*. (Moura — Serpa).

3. • **barranhão,** s. m. — Vaso de barro de feitio característico, onde os sapateiros amolecem a sola. É também no *barranhão* que êles solidificam o cerol. (Portel).

1. * **barranhôa,** s. f. — (V. *barranhão* 2). (Dist. de Évora). Tijela de louça ordinária, donde comem muitos trabalhadores ao mesmo tempo. O mesmo que *plangana*.

2. * **barranhôa,** s. f. — Prato grande, de louça grosseira, onde vai a comida à mesa. Substitue a travéssa em casa de gente pobre. (Serpa).

• **barrão,** s. m. — Nuvem muito escura e carregada, anunciadora da chuva. «Assim que vi aquele *barrão*, vi logo muita fôrça de água!» (Portel).

* **barrascana,** s. m. — *Pop.* — Campónio grosseiro, estúpido e ignorante. O mesmo que *barrasco*. (Us. nos campos de Évora).

barrena, s. f. — Broca de cavouqueiro. (Cast. *barrena)*.

— Cf. Candido de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 253. (Dist. de Évora e Mértola).

* **barrenar,** v. t. — Fazer furos com *barrena*. (Colhido em Mértola).

barrenhão, s. m. — Recipiente de madeira, onde se faz a travia para os porcos. (De *barrenha)*.

— Cf. Candido de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 253.

* **barrenho,** s. m. — Nome por que são conhecidos os trabalhadores do concelho de Beja e arredores. (Colhido em Mértola).

• **barrête,** s. m. — O mesmo que *êrmo* (crôsta escamosa que se fórma na cabeça das crianças). (Évora e Reguengos).

* **barriga-negra,** s. m. — O mesmo que *Zorzal* (ave). (Mértola).

• **barrileira,** (ê), s. f. — Peça de esparto, corda ou cortiça, que vai suspensa dos *tendais* dos carros alentejanos, e onde os carreiros levam o barril com água. (Dist. de Évora).

* **barrinhôa,** s. f. — (V. *barranhôa* 1).
«A açôrda — que cheiro a coentros! — nas *barrinhôas* fumega». — Conde de Monsaraz, *Musa Alent.*, 125. (Reguengos).

1. • **barroca,** s. f. — Local onde deitam as imundícies. O mesmo que *esterqueira*. (Lavre, conc. de Montemór).

2. • **barroca,** s. f. — Pedregulho grande. O mesmo que *barrôco*. (Évora — Reguengos).

* **barrôcada,** s. f. — (V. *barroqueirada)*. (Odemira).

barroqueirada, (ê), s. f. — Pancada com *barroqueiro*.
— Cf. Candido de Figueiredo, *Novo Dic.*, II, 971. (Dist. de Évora — Moura).

barruqueiro, (ê), s. m. — Pedra grande. O mesmo que *bolégo*. (Dist. de Évora — Moura).
— C. de Figueiredo regista *prov. alent.* com a forma *barroqueiro*, que não é da pronúncia alentejana.

• **barrunto,** s. m. — Além da acepção — acção de barruntar — significa em Moura «*raridade*», «*escassez*», «*falta*», etc.

1. * **basaréu,** s. m. — Haste de abrótea.
Com os basaréus acendem-se os lumes e dêles se servem os rapazes nas noites de S. Martinho para riscarem as paredes das casas onde geralmente moram raparigas novas. Êste costume passa-se na frèguesia do Vimieiro, concelho de Arraiolos, onde o têrmo e o curioso costume foram colhidos.

2. * **basaréu,** s. m. — Corruptela pop. de *vasaréu*. O mesmo que *basarico*. (Évora).

3. * **basaréu,** s. m. — Pote pequeno usado para cal. (Colhido em Serpa).

* **basarico,** s. m. — Qualquer vaso de barro. «*Que grande tijela! é mesmo um basarico*».
— Significa também: *Vaso de noite, de barro tôsco*. (Évora).

• **basbaque,** s. m. — Nome por que é conhecido no Baixo-Alentejo qualquer *remendo* (concêrto). (Frèguesia de Sabóia).

* **basboéga,** s. m. — *Pop.* — Parvo; pateta; palerma. (Mourão).

* **bataré,** s. m. — O mesmo que *patamar* (de escada). (Serpa).

• **bataréu,** s. m. — Degrau. (Fronteira).

1. * **bater** *(os engaços)*, loc. v. — *Pop.* — O mesmo que *morrer*. (Montemór).

2. * **bater** *(guita)*, loc. v. — *Pop.* — Ter frio. (Serpa).

● **batido,** s. m. — Tecido grosseiro de lã, usado pelas mulheres do campo em saias, que levam ao trabalhos mais rudes. O mesmo que *catrapeanha* ou *seriguilha.* (Dist. de Beja).

● **bazaruco,** adj. — Diz-se de pessoa ou coisa muito grande, de muita corpulência. (Évora — Montemór).

● **bedêlho,** s. m. — Presilha da camisa. (Serpa).

* **bedunguice,** s. f. — Sujidade; imundície; porcaria.
— Corresponde ao *prov. trasm. boldreguice.* (Moura).

* **béfe,** s. m. — Mau génio; irascibilidade: «*aquilo é que tem um béfe!*» (Colhido em Montemór).

● **beijinho,** (ê), s. m. — Variedade de ameixa, agri-doce, e com a côr arroxada da ameixa levemente tocada de vermelho. (Dist. de Évora e Beja).

* **belangana,** s. f. — *Pop.* — Dobrada; tripas. (Évora).

* **belcóira,** adj. — Diz-se da pessoa cheia de esquisitices; presumida, misteriosa. (Serpa).

* **bèldeguêra,** s. f. — Mulher que vai a todas as festas, que nenhum divertimento lhe escapa. (Colhido em Montemór, onde é usado em sentido pejorativo).

* **bèldegoar,** v. int. — Ir a todos os divertimentos. (Montemór).

* **belêgo,** s. m. — Pedra grande e rolada onde os sapateiros batem a sola.
— Por *bolègo?* (Serpa).

* **belencia,** s. f. — Também pronunciam: *belancia.* O mesmo que *melancia.* (Dist. de Évora).

● **bélfa** (s), s. f. — *Pop.* — O mesmo que *dinheiro.* (Colhido em Mértola).

* **belfécia,** s. f. e adj. — Diz-se da mulher ordinária, sem nenhum valor moral. (Serpa).

* **belharócas,** s. f. pl. — Covas feitas pela acção do tempo (chuva etc,), e onde se acolhem animais. (Colhido em Cabeça Gorda, conc. de Beja).

● **belicosa** *(pessoa)*, adj.—Pessoa presumida, esquisita. (Serpa).

* **bengarrinha** *(pessoa)*, adj. — Pessoa muito pobre, miserável. (Serpa).

* **berandeiro,** s. m. — Corr. pop. de *merendeiro* (pão pequeno). (Odemira).

* **berbatérno!** *(por)*, interj. — Valha-me Deus! Bolas! (e outros designativos de contrariedade): *Por berbatérno! o que êste rapaz aqui fêz!* (Serpa).

* **bernicóques,** s. m. pl. — *Pop.* — Enfeites exagerados: *era mais bonito o vestido, se não tivesse tantos bernicóques!* (Montemór).

* **bèrratório,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *berreiro.* Berraria; berrata. (De *berro).* (Serpa).

* **bertôldinho,** s. m. — Indivíduo muito fraco, raquítico. (Colhido em Cabeça Gorda, conc. de Beja).

— Comparem-se os vocábulos *bertôldo,* registado por C. de Figueiredo como *prov. trasm.* na acepção de: *Brutamontes. Palerma;* e *bretoldo,* registado por T. Pires, *Voc. Alent.* na acepção de: *Homem baixo e gordo.* (Elvas).

* **berundongas,** s. f. pl. — Medicamentos; mèzinhas. (Reguengos).

* **bespenêta,** s. f. — Criança viva, esperta, tagarela, respondona.

— Cf. C. Leão, *Camilo e o Povo.* (Baixo-Alentejo).

* **bêsta-de-rabo,** s. m. — *Pleb.* — (V. *barrascana).* (Altér do Chão).

* **béu-béu,** s. m. — *t. deprec.* — Indivíduo desprezível, abjecto. (Serpa).

* **bibra,** s. f. — Bebedeira. (Colhido em Belvêr — Gavião).

● **bicada,** s. f. — *t. caç.* — Designação dada à espera, que o caçador faz aos coelhos, lebres ou outra caça, à entrada dum mato, emquanto outros caçadores andam batendo o referido mato em direcção àquele ponto. (Colhido em Safára, conc. de Moura).

* **bicão,** s. m. e adj. — O mesmo que *bicanca* ou *bicancra* (indivíduo narigudo). (Serpa).

Em Portel chamam *bicão* ao indivíduo que tem o maxilar superior mais saliente, chamando *bélfo* ou *bêlfito* àquele que tem o beiço inferior também mais saliente.

bicha, s. f. — O mesmo que *víbora.*

— C. de Figueiredo, *Novo Dic.,* regista *prov. trasm.* É também us. no Alentejo. (Dist. de Évora, Beja e Gavião).

* **bicho-do-mato,** s. m. — *Fam.* — Pessoa esquiva, acanhada e que gosta pouco de convivência. (Évora — Portel).

* **bicho-tesoura,** s. m. — Insecto também conhecido por *bichacadela, rapa, rapalhão, rapêlho,* etc. (Viana-do-Alentejo).

● **bico,** s. m. — A pele do apêndice cecal dum boi ou vaca, quando cheia de carne de porco (peça de carne de conserva). (Évora).

* **bico-pico,** s. m. — Borbulhinha. (Serpa).

* **biconcra,** s. m. e adj. — (V. *bicão,* narigudo). (S. Manços, conc. de Évora).

* **bilar,** v. int. — Abalar, ir-se embora: *assim que viu o pai bilou logo sem dizer nada.* (Serpa).

● **bilhardeira,** (ê), s. f. — Mulher de costumes ordinários e de pouco valor moral. (Évora).

— Mulher de mau génio, sem contudo ser desonesta. (Dist. de Beja).

* **bisbíu,** s. m. — Buraco pequeno; pequeno rasgão num tecido: *vai começar a romper-se o casaco: já tem um bisbíu na manga.* (Colhido em Évora — Us. em Serpa).

* **bisborrear,** v. int. — Dar curso a mexericos; intrometer-se nas vidas alheias. (Montemór).

* **biscatura,** s. f. — Corr. pop. de *beliscadura.* Pequena ferida causada por arranhão ou coisa parecida: *anda sempre com biscaturas pelas brincadeiras com o gato.* (Montemór).

● **biscoiteira,** (ê), s. f. — Mulher mexeriqueira, enredadeira. (Évora).

* **bisgaia,** s. m. e adj. — Zarolho. Indivíduo vêsgo. (Mora).

* **bispêta,** s. f. — Pessoa metediça, intrometida, que gosta de observar as acções alheias para ir relatar. Cp. *bespenêta.* (Cabeça Gorda — Beja).

* **bistonto,** s. m. e adj. — Pateta; tôlo; palerma. Indivíduo meio tonto e de modos grosseiros. (Serpa).

* **blandilha,** s. f. — Azáfama; roda-viva; trabalho apressado: *todo o santo dia andei numa blandilha!*

— C. de Figueiredo regista com a mesma significação: *blandina (prov. minh.).* (Évora e Beja).

* **bôca-bélfa** — Diz-se que tem *bôca-bélfa,* o indivíduo que faz covinhas aos cantos da bôca. (Mértola).

● **bôca-de-lobo,** s. f. — O mesmo que *sargeta.* (Serpa).

* **bocalhage,** s. f. — Muitos bocados, pedaços. (Évora).

* **boé-ameixa,** s. m. e adj. — (V. *bistonto).* (Serpa).

* **boêr,** v. t. — Corr. pop. de *beber.* (Dist. de Évora).

● **bogango,** s. m. — Além da espécie de abóbora, significa em sentido fig.: *homem estúpido. Pl.* — Sapatarrões. (Serpa).

bogar, v. int. — C. de Figueiredo, *Novo Dic.,* dá-lhe o significado de «valer» — chama-lhe *prov. trasm.,* contudo é usado no Alentejo significando: ter valor: *você não bóga nada aqui.* (Cabeça Gorda — Beja).

— Noto o emprêgo negativo dêste têrmo.

bogaxo, s. m. — Pequeno novelo.
— C. de Figueiredo, regista já o têrmo como *prov. beir.* É também *alent.* (Viana).

* **bogueixo,** (ê), s. m. — O mesmo que *bogaxo.* (Reguengos).

• **boieiro,** (ê), s. m. — Homem, que no monte indica os bois para os diferentes trabalhos agrícolas. (Cabeção — Mora).

• **bojarda,** s. f. — *Pop.* — Asneira; frase pesada e mal soante. (Évora — Portel).

* **bolandêja,** s. f. — Argola de ferro, achatada, que se aplica nos eixos de madeira dos carros alentejanos, para evitar que a *maça* da roda gaste os *limões.* (Montoito, Reguengos e Redondo).

* **bolandilha,** s. f. — (V. *blandilha).* (Serpa).

• **bolear,** v. t. — Acto de fazer bôlos: *a Zabel da Côxa está já boleando.* (Serpa).

* **bolêgo,** s. m. — *Pop.* — Bôlo mal feito; feito sem mestria. (Cabeça Gorda).

1. • **boleiro,** (é), s. m. — Aquele que faz bôlos. (De *bôlo).* (Beja).

2. • **boleiro,** (ê), s. m. — Aquele que faz ou vende bolas. (De *bola).* — Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 289.

* **boletada,** s. f. — Porção de *boletas.* (Moura).

* **bolieira,** (ê), s. f. — Mulher que vai fazer bôlos a casas particulares, em ocasião de festas. (Portel).

* **boló,** s. m. — Parte sexual masculina da criança. (Serpa).

* **bôlo-batido,** s. m. — Variedade de bôlo, levando além dos ovos, limão e canela, bicarbonato de soda, para levantar e afôfar. (Évora).

* **bolólinha,** s. f. — Parte sexual feminina da criança. (Serpa).

• **bôlsa,** s. f. — Alcôfa fechada. (V. *balsa).* (Beja).
Em Moura chamam-lhe *alcôfa-de-segrêdo.*

* **bombinho,** s. m. — Tubo de borracha, para passar vinho ou outros líquidos, de uma vasilha para outra. (Portel).

• **bombo,** s. m. — Pedra redonda, empregada num jôgo infantil. (Colhido em Évora-Monte).

• **boneca,** s. f. — Guarnição de tijolo nas chaminés, que se caia de côr mais escura; tem o fim de evitar que a chama queime o resto da chaminé. Nalguns pontos do Alentejo chamam-lhe *frade;* no Algarve, *sempre-noiva.*
— O nome *boneca* vem-lhe da semelhança que de ordinário tem com uma figura humana.
(Cp. *banho).*

● **boneco,** s. m. — Marco fontenário. (Serpa).

Pl. — O mesmo que *fantoches*. Palhaços, títeres; acrobatas de feira. (Portel).

* **bonecreiro,** (ê), s. m. — *T. ant. de Évora*. — Homem que amortalhava defuntos.

● **bonina,** s. f. — *Pop.* — Mordedura de bicho. Espécie de cancro. (Serpa).

● **boquejadura,** s. f. — Suspiro do muribundo: *deu a última boquejadura às 8 da noite*. (Serpa).

● **boquilha,** s. f. — Aro de ferro, que sobressai na *maça* do carro alentejano para a proteger. (Portel).

* **bordanada,** s. f. — O mesmo que *cacetada*. Pancada com *bordão*. (Serpa).

* **borlanja,** adj. — (V. *barbanja*). (Serpa).

* **borlanjona,** adj. — O mesmo que *borlanja*. Mulher gorda e deselegante. (Serpa).

* **borrachar,** v. t. — (V. *desemborrachar*). (Serpa).

* **borrachear,** v. t. — O mesmo que *beberricar*. (Serpa).

* **bôrra-vrêdas,** s. m. — *Pop.* — *Almêce* depois de cozido. (Colhido em Altér do Chão).

borrefa, s. f. — Pústula, por motivo de entalão ou trilhadela, ou mesmo de queimadura.

— Já registado por C. de Figuieredo.

● **borrêga,** s. f. — Queijo pequeno, feito dos restos da coalhada, e que já não chega para encher o *cincho*, e alcançar o tamanho dos queijos. (Cabeça Gorda — Beja).

— C. de Figueiredo, regista o t. *borrêgo* com significado aproximado.

● **borrêgo,** s. m. — Porção de géneros (azeite, trigo, batatas, etc.) tirados da dispensa (ou celeiro), e vendidos pela dona da casa, a ocultas do marido, afim de obter dinheiro para as suas compras e para os seus alfinetes como se costuma dizer. (Cabeça Gorda — Reguengos).

● **bóssa,** s. f. — Aptidão; disposição. Tendência; inclinação: *ter bóssa para a má língua*. (Portel — Us. também em Elvas).

* **bóstia,** s. f. — O mesmo que *bosta* (excremento de gado vácum). (Portel — Mértola).

* **bota-caneleira,** s. f. — Bota, que tem o cano até à canela da perna. Deve vir da peça da armadura *caneleira*, antigamente usada, que cobria a canela da perna. (Colhido em Portel — Us. em Mora, Alandroal, Serpa e Aljustrel).

* **bota-joelheira,** s. f. — Bota alta, que cobre a perna até aos joelhos. Deve igualmente vir da parte da armadura *joelheira*, que cobria a perna até ao joelho. (Colhido em Portel — Us. em Mora, Alandroal, Serpa e Aljustrel).

* **botarêgo,** s. m. — Poste de alvenaria, para amparar uma parede pouco firme (em solidez). (Granja — Mourão).

* **botéfe,** s. m. — *Pop.* — Bofetão. Tabefe, pequena bofetada.
— Alteração de *bofête?* (Portel).

* **botêto,** s. m. — Indivíduo baixo e muito gordo. (Colhido em Évora — Serpa).

* **bôzear,** v. t. e int. — O mesmo que *baldoar*.
— Corruptela pop. de *vozear?* (Colhido em Safára, conc. de Moura).

brado *(a)*, loc. adv. — A pequena distância, tal que um grito (brado) soltado dum lugar, se ouve no outro.
«*Eu e meu irmão moramos a brado*». (Ferreira do Alentejo — Beja).

* **brazagal,** s. m. — O mesmo que *zagal* (pastor). (Gavião).

• **brêdos,** s. m. pl. — Brincadeiras, divertimentos: *não venhas atanazar-me, que eu não estou para brêdos!*
— Usa-se mais na fórma plural. (Portel — Reguengos).

* **bréjoeiro,** (ê), s. m. — Pequeno *bréjo* (pântano). (Gavião).

* **brendeirinho,** (ê), s. m. — Pãozinho doce, feito por ocasião do Natal. Cp. *berandeiro*.
— Corr. de *merendeiro?* (Serpa).

brinca, s. f. — O mesmo que *brincadeira*: *todo o dia ando na brinca*. (Évora e Portel).
Pl. — Brinquedos, quinquilharias: *não dês cabo das brincas do menino*. (Portel e Montemór).
— C. de Figueiredo regista o t. na 1.ª acepção, como recolhido na Bairrada.

* **brincadouro,** s. m. — Brincadeira: *é a toda a hora um brincadouro pegado!* (Montemór).

* **brincos-de-princesa,** s. m. — Fúcsias, flor de cálice branco e corola côr de rosa. (Dist. de Évora).

* **brincos-de-raínha,** s. m. — Fúcsias, flor de cálice vermelho e corola roxa. (Dist. de Évora).

* **brinhol,** s. m. — Bôlo feito com mogango, ovos e açúcar, que depois se frita em azeite.
— Era característico das romarias de S. Sebastião e S. Braz, em Évora. Também se vendiam numa feira, que

se fazia na vila da Vidigueira, e que era conhecida pela *feira dos brinhóis*. (Évora, Portel, Vidigueira e Serpa).

* **brinquedos,** s. m. pl. — Amoras de silva. (Colhido em Mora).

● **brochar,** v. t. — Jungir os bois (com as brochas). (Lavre, conc. de Montemór).

* **bronzélas,** s. f. pl. — Botões de metal (das calças). (V. *achêgas* 1). O conjunto de botões, fivelas, colchetes, etc.: *o fato para estar pronto só lhe faltam as bronzélas*. (Serpa).

● **bruxa,** s. f. — Planta *(lilidea de flores côr de rosa)*. (Évora).

● **buchada,** s. f. — Assim é conhecida a parte interna do melão onde residem as pevides.

Talvez por semelhança com as víceras dos animais. (Colhido em Portel — Us. em Serpa).

* **budura.** — O mesmo que:

* **budaría.** — Coisa muito feia. (Beja).

* **bufa-de-lobo,** s. f. — Cogumelo venenoso. O mesmo que *fungão?*

Veio-lhe o nome, suponho, do facto de, quando pisadas, deitarem pó. (Serpa — Portel).

● **bugalha,** s. f. — Melancia pequena. (Portel).

● **bugalhão,** s. m. e adj. — No *Novo Dic.* está registado como gíria significando: *valentão*. Em Évora, porém, significa: — habitante que não vive no bairro do Farrôbo. Era proverbial antigamente a rivalidade entre *bugalhões* e *farrobistas*, travando-se sérios combates à pedrada entre os garotos de um e outro partido. (V. *farrobista)*. (Évora).

● **bugiganga,** s. f. — Tenda, estabelecimento (ordinário). (Colhido em Mértola).

* **buíca,** adj. — Diz-se de toda a pessoa parva. (Serpa).

* **buínho,** s. m. — O mesmo que *bunho* ou *tabúa*.

Aproveita-se para os fundos das conhecidas cadeiras de Évora. Utiliza-se também no fabrico das *esteiras, capachos*, etc. (Dist. de Évora).

* **buracalha,** s. f. — Grande porção de buracos: *sempre esta saia tem uma buracalha!* (Montemór).

* **burcalho,** ou **burricalho,** s. m. — Burro pequeno. *Fig.* — Homem estúpido e de modos brutos. (Portel e Serpa).

* **burlandêra,** s. f. — Aro de ferro que se coloca entre os limões do carro e o eixo. Cp. *bolandêja*. (Alandroal — L. de Vasconcellos, *Rev. Lusitana)*.

• **burjaca,** s. f. — Bôlsa de couro usada pelos aceifadores, e onde estes trazem os *apatuscos*, papel e tabaco.

É utilizada para evitar o uso do colete, que neste serviço produz muito calor, já pela época de Verão, já pelo fatigante trabalho. (Us. nos campos de Évora).

1. • **burra,** s. f. — Queixada de porco, que os rapazes no Alentejo, com grande aprêço, comem assada sòmente com sal. (Portel — Reguengos).

2. • **burra,** s. f. — Tufo produzido em qualquer peça de roupa por imperfeição no corte.

— *O colete não assenta bem; faz burras aqui adiante.* (Montemór).

• **burricalho,** s. m. — (V. *burro).* (Reguengos).

burro, s. m. — Banco rústico, de pernadas de azinheira. Tripeça. (Reguengos e Elvas).

— Constitue quási sempre a mobília da *casa da malta*, nos montes.

— Já registado como *prov. alent.* por C. de Figueiredo.

• **buzaranha,** s. c. de dois — Pessoa ou animal muito feio. O mesmo que *rabuzana.*

— *«O pequeno, coitado, só os pais o podem achar bonito: êle é um buzaranha!»* (Colhido em Évora — Us. em Beja e Serpa).

* **buzino,** s. m. — Búzio (concha de certos moluscos).

— É com o *buzino*, que de madrugada fazem a chamada dos *aceifadores.* (Gavião).

• **búzio,** s. m. e adj. — Diz-se do indivíduo de poucas falas. O mesmo que *macambúzio.*

— Será contracção dêste têrmo? (Colhido em Portel).

Évora, Julho de 1927.

Tenente Pombinho Júnior.

RAIVA

(Continuação — Vid. *Rev. Lusit.*, XXIII, 96, e XXIV, 5)

A propósito da localização de *vermes* na bôca dos cães, convém registar o seguinte arreigado preconceito, a que me referirei com as próprias palavras do sr. Dr. J. V. Paula Nogueira, professor da Escola de Medicina Veterinária, de Lisboa [*Gazeta das Aldeias* (Pôrto), vol. 59, pág. 55-56]:

... «Custa a compreender como estes preconceitos [o da *pevide* das aves e o do *verme* da língua do cão], mais ou menos bárbaros, se espalharam por todos os povos e como apezar do muito que hoje se escreve e ensina contra tais prejuizos, ainda por toda a parte estão em voga essas lamentáveis práticas de que são vítimas os pobres animais.....

«A língua dos cães tem normalmente, na parte livre da face inferior, um sulco médio em que está alojado um cordão fibro-cartilagíneo, bem visível, quando examinamos a língua destes animais. Esse cordão saliente e escuro tem a aparência dum verme comprido e grosso que diríamos ondular, quando o animal move a língua. Tanto basta para que o vulgo ignorante imagine ser realmente aquilo um verme, uma grossa lombriga ou ascáride que ali vive agarrada parasitáriamente à língua do cão, fazendo sofrer o animal que a sustenta contra vontade, porque o não póde arrancar.

«E então esses ignorantes, condoídos do paciente, fazem-lhe caridosamente a *operação*, extirpando-lhes [aliás *lhe*] o pretendido *verme* e deixando mutilada, sangrenta, esfarrapada a língua do infeliz animal, que assim póde até sucumbir, vítima das conseqüências desastrosas de tão mal entendida caridade.

«Não falta ainda quem tenha a crença de que essa cruel e absurda operação tem a virtude de impedir que o animal, sendo de mênos de ano, venha um dia a ser atacado de *esgana*, doença contagiosa dos cães novos, conhecida também pelos nomes de *monquilho e funga*.

«É preciso reagir contra estas barbaridades, que envergonham quem as pratica e mais quem as consente. O *cordão cartilagíneo* ou falso *verme* da língua dos cães é necessário a este órgão, para dar apoio aos músculos importantes e nume-

rosos a que a língua do cão deve a sua enorme mobilidade, indispensável à regularidade das múltiplas funções da língua do animal.».....

Em *le Folk-lore de France,* regista Paulo Sébillot (¹): «au XVIe siècle des gens pensaient que les chiens auxquels on avait ôté un petit nerf qu'ils ont sous la langue et qui ressemble à un petit ver, n'enrageaient jamais. «L'éverration» dont parle Pline, comme d'une chose déjà ancienne, s'est continuée jusqu'à nos jours, et en 1864, le *Bulletin de la Société protectrice des animaux* s'élevait contre l'extraction d'un prétendu ver à la langue et à la queue des chiens.»

Voltemos à terapêutica da raiva, — enfiando o assunto. A cauterização pode ser praticada por sacerdotes e em igrejas. Junta-se à medicina a religião.

Em Santa Quitéria, de Meca (concelho de Alenquer), fazia-se, no templo, um tratamento por cauterização. O padre, após umas rezas adequadas, cauterizava as feridas dos mordidos, com ferro em brasa. Muita gente levava umas «pàzinhas» de ferro, as quais, depois de benzidas pelo padre, ficavam com virtudes curativas, mesmo fora do templo. «Há aqui [Vale-do-Coina] — conta-me o Sr. Óscar de Pratt —, um indivíduo de 40 anos, curado da raiva em Santa Quitéria. O pai, que era ferreiro, fêz uma «pàzinha» *(chegadeira)* que, benzida no referido templo, serviu para tratamento de muitos casos de raiva, por êstes lados. O homem acrescentou: — Às vezes... curava!»

No Alentejo usava-se também a *ferra* contra a mordedura do cão raivoso. A *ferra* consistia em queimar com um ferro em brasa as costas da mão da pessoa mordida. Esta prática realizava-se na ermida de S. Brás, junto de Évora, onde se venerava S. Romão e onde também se distribuia o já referido «pão de S. Romão». Não só as pessoas, mas os animais, eram *ferrados* em S. Brás.

Em Videmonte (Celorico-da-Beira), existe há muitos anos, em poder de uma família, um ferro que, diz a tradição, foi trazido de Roma por um criminoso arrependido, que lá foi fazer penitência dos seus crimes e pedir a respectiva absolvição ao Papa. Para que os animais se não «marfem», é costume, na referida aldeia beirã, marcá-los com êsse ferro em brasa.

(¹) III, pág. 136.

Em Penamacor, existe o «ferro de S. Romão», ferro que termina numa «cruz dos cruzados».

Lê-se em *Schweizer Volkskunde* (n.os 10-12 do ano XVII, pág. 75, nota): «Jadis dans la Montagne des Bois, si l'on avait été mordu par un chien ou un chat enragé, on se faisait «marquer» au gras du pouce avec une sorte de «marque à feu» qu'on nommait la clef de St-Hubert.»

Em Epauvilliers (Clos du Doubs), aparece a «chave» como sinal feito ao fim da seguinte frase, dita três vezes: «Que ta rage passe comme passa celle d'Hérode» *(Ibidem)*.

Para evitar a raiva, há ainda banhos de mar, ou de rio, em número de *três* geralmente.

Já na transcrição que acima fiz da *Pharmacopea tubalense*, se viu serem recomendados, além dos «pós antilissos», os banhos. Braz Luís de Abreu também, no *Portugal médico* (1726), recomendava os banhos nas ondas do mar [1]. Muitos outros autores se poderiam citar, e alguns citarei ainda abaixo.

— No Vale-do-Coina, é tradição que, se os cães mordidos por animal «derramado» não manifestam sintomas de raiva passadas *três sextas-feiras*, já se não danam, — sendo no entanto conveniente dar-lhes três banhos no rio, em cada sexta-feira.

A Senhora Sévigné aponta esta maneira de curar em uma das suas cartas:

..... «Il y a huit jours que madame de Ludre, Coëtlogon et la petite de Ronvroi, furent mordues d'une petite chienne qui étoit à Théobon; cette petite chienne est morte enragée; de sorte que Ludre, Coëtlogon et Ronvroi sont parties ce matin pour aller à Dieppe, et se faire jeter trois fois dans la mer.»... [2]

Augusto Wahlen, em o *Nouveau Dictionnaire de la Conversation*, Bruxelas 1844, s. v. *rage*, publica o seguinte:

«Trolliet donne aux personnes mordues ces conseils aussi simples que vrais: «Ne perdez pas de temps, courez au ruisseau le plus voisin, à la fontaine ou à la rivière la plus proche,

---

[1] Cfr. Carlos A. Salgado de Andrade, *obra cit.*, pág. 40.

[2] *Lettres choisies de M.me de Sévigné, de Guignan*..., Paris 1812, t. 1.º, pág. 67. — A carta é datada de 13 de Março de 1671.

lavez bien votre plaie, baignez longtemps la partie mordue et vous aurez employé le plus puissant moyen que la médecine ait dans son pouvoir, sans en excepter le feu.»

Por sua vez, Trousseau diz:

... «traitement que Dioscoride et Celse avaient déjà conseillé, et que M. Gosselin a de nouveau recommandé dans ces derniers temps, en rapportant l'observation d'une jeune fille qui avait été mordue par un chien enragé, et chez laquelle la rage ne s'était point développée (1). Celse avait pour but de renouveler les humeurs du malade, en excitant une grande exagération dans les fonctions de la peau, du foie, des reins, de l'intestin, et en facilitant la réparation des humeurs par une riche alimentation, l'exercice au grand air et des bains prolongés. M. le docteur Gosselin tendait probablement au même but en provoquant des sueurs abondantes, en conseillant des purgations répétées, un exercice forcé et des bains sulfureux chaque jour; aussi, sous l'action de ce traitement débilitant, vit-on la malade maigrir très-rapidement, malgré la bonne alimentation qui lui était accordée.» (2) Etc.

Onde, porém, se vêem claramente as raizes do tratamento, é no seguinte passo:

«Il était dans l'antiquité un traitement célèbre, dit traitement *des matelots*, et qui consistait à plonger les enragés dans la mer, dans un fleuve on dans une piscine, jusqu'à ce qu'on eût lieu de les croire asphyxiés par submersion. Van Swieten raconte que des enragés durent leur salut à cette double épreuve de l'eau et de l'asphyxie. Euripide, dit-on, aurait été guéri de la rage par la médication marine; aussi a-t-il écrit par reconnaissance que la mer lavait tous les maux des hommes. Mais les médecins qui autorisaient le traitement des matelots avaient probablement pour but d'agir violemment par la terreur sur le système nerveux des enragés; en effet, ces malheureux devaient être jetés à l'eau, lorsqu'ils ne s'y attendaient pas, et s'ils résistaient on employait la force pour les plonger dans la mer. C'est là une médication barbare et qui ne pourrait être autorisée que dans le cas où la guérison en serait toujours l'heureuse conséquence. Tulpius avait une

(1) L. Gosselin, *Bulletin de l'Académie impériale de médecine*. Paris 1863, t. XXIX, p. 22. — Nota de Trousseau.

(2) Trousseau, *loco cit.*, pág. 436.

grande foi «dans ce traitement, et il affirme que dans la ville «si populeuse d'Amsterdam, où la rage était commune, il n'a «vu mourir aucun des hommes enragés qui, en temps utile, «avaient été plongés dans la mer.» (1)

O nosso Curvo Semedo também menciona os banhos do mar ou, à falta de mar, de água doce, devendo o doente banhar-se todos os dias; «& porque os taes mordidos cobraõ hum medo taõ grande à agua, que primeyro perderàõ a vida, que chegar a ella, aconselhaõ Cornelio Celso, & outros muytos Authores, que os levem junto a algum tanque, & de repente os deytem nelle, & se naõ souber nadar, lhe naõ acudaõ com tanta pressa, que não beba primeyro huma boa quantidade; & se souber nadar, o mergulhem de quando em quando, em que lhe peze, porque assim beberà alguma agua.» (2)

Com poucas e levíssimas variantes, a hidroterapia da raiva é assim nos mais Autores.

Ainda relacionado com a água:

«Quando algum animal se damna enchem-se 10 enfusas de agua; 9 deitam-se fora e a 10 lança-se na cabeça do animal, para não estar a penar, que morre logo.» (3)

O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas suas *Tradições populares de Santo Tirso* (4), fala-nos de umas «pedras» que, aplicadas às mordeduras, curavam a raiva (Lousado, concelho de Famalicão). Repetirei a narrativa do ilustre etnógrafo, para deixar o mais completo possível êste meu trabalho:

—«Tratei de averiguar que pedras seriam essas, e um parente do indivíduo que as possuiu, homem muito inteligente e ilustrado, e, não obstante, crente em absoluto na eficácia da aplicação, narrou-me o seguinte:

«As pedras eram quatro, de um negro azeviche, oblongas, de 15 a 30 milímetros de comprimento, e, apesar de brilhantes, picadas de sinuosidades, que lhes davam a apa-

(1) Trousseau, *loco cit.*, págs. 436-437.

(2) *Polyanthea*, pág. 527.

(3) *Revista de Guimarães*, VI, 193, artigo de Abílio de Magalhães Brandão. — Acêrca de *raiva* e *água*, vid. ainda P. Sébillot, *Le Folk-lore de France*, III, 137, e II, 273, 274, 319, 320, etc.

(4) 2.ª série, Pôrto 1917, pág. 21, n.º 23.

rência de pedra pomes. Foi um *brasileiro* que as trouxe do Brasil, dando-as a um indivíduo de Lousado, e acompanhando a oferta das necessárias instruções. Contava o *brasileiro* que elas tinham sido extraídas pelos indígenas do Alto Brasil da cabeça duma serpente, e que eram eficazes na absorção do veneno das víboras e do vírus da raiva.

..... «Contava-se na família [do homem de Lousado] que, no país, só havia mais duas pedras iguais: uma em Lisboa e outra em Alcobaça.

«Modo de aplicação:

«Colocava-se a pedra sôbre a ferida do paciente, depois de avivada esta com uma lancêta. Passada uma hora, se a pedra não aderia aos bordos da ferida, era sinal de que não houvera contágio. Se, pelo contrário, ela ia aderindo, insinuando-se nos tecidos lesados, e tomando uma côr láctea, a infecção era certa. Neste caso, mantinha-se a pedra, até que, saturada, caía. Durante a operação, os lábios da ferida descoravam, e o paciente mantinha-se numa sonolência profunda. Terminados os trabalhos, levantavam-se as pedras cautelosamente, isolando-se com algodão por exemplo, e lançavam-se sucessivamente em leite e cinza.

..... «O tempo de prova era de *um ano e um dia*, e, findo êsse prazo, quási todos os tratados davam novas, não constando que nenhum — e foram numerosos os que se sujeitaram às pedras — sucumbisse de raiva.

..... «Ficando com as pedras um negociante do Pôrto, aplicou-as uma vez a uma senhora, portadora duma infecção gravíssima, e já desenganada por um médico, que, ao vê-la curada, quis comprá-las por um preço elevado que o proprietário recusou. Daí uma denúncia e a apreensão das pedras cujo destino se ignora.» (1) —

Eis a história dessas «pedras».

O mesmo Autor, na *Lusa* (2), volta ao assunto destas «pedras de cobra», publicando o trecho seguinte do Padre Manuel Godinho (3), acêrca dos *jogues* ou *faquires*:

«... Todos estes jogues são grandíssimos feiticeiros, e se

(1) *Loc. cit.*, págs. 21-23.

(2) III, pág. 70-71.

(3) *Relação da Viagem da India*, cap. VI (descrição da cidade e pôrto de Surrate).

prezam de saberem medicina, ainda que na verdade só são herbolarios. Elles fazem *as pedras a que chamamos de cobra*, que é o melhor contra-veneno para a mordedura de qualquer bicho peçonhento: milagres obram cada dia na India, onde as cobras são peçonhentissimas e matam em breves horas; mas *quem tem uma pedra daquelas escapa: pondo-a sobre a mordedura, pega logo a pedra e não cahe sem primeiro chupar toda a peçonha, da qual se limpa a pedra lançando-a em leite*. Outras pedras verdes trazem os jogues, que dizem ter o mesmo effeito que as outras, metidas na bôca; mas não sei que as acredite a experiência.» —

Curvo Semedo na *Polyanthea medicinal* (¹), também se refere às «pedras de cobra». Diz êle:

— «Nem se pòde negar que haja sympathias, & antipathias, & que haja muytas cousas que tem virtudes, & qualidades occultas, pois vemos que as pedras de cobra, que vem da India, postas sobre a mordedura de qualquer bicho venenoso, tem huma virtude occulta taõ rara, que attrahe a si todo o veneno da mordedura; & he digno de admiraçaõ ver que estando algumas vezes a parte mordida muyto inchada, se desfaz toda a inchaçaõ em poucas horas sem effusaõ de sangue, nem evacuaçaõ manifesta de humores.» —

E cita, à margem, autoridades.

Antes, a pág. 366, referindo-se também às «pedras de cobra», dizia:

... «naquellas Ictericias que procederam de mordeduras de bichos venenosos, em que o melhor de todos os remedios he porlhe em cima a pedra da cobra; he necessario, para a dita pedra attrahir o veneno, picar a parte mordida com hum alfinete, ou com a ponta de huma lanceta, para que haja san-

(¹) Pág. 532. — Cfr. o que o mesmo A. diz da *Safira*, a seguir: «a pedra Safira sendo perfeyta, & de cor azul muyto subida roçada ao redor do Antrás, ou Carbunculo, tem virtude occulta para fazer exhalar o seu veneno como se fosse fumo pelo meyo de huma chaminè.» O mesmo diz a pág. 663. Já fiz outra transcrição de Semedo, na qual se fala da *Safira*, «que faz exhalar o veneno dos buboens, e tumores pestilentes.» A pág. 663, menciona o pó da esmeralda que «deytado sobre o Anthraz, ou Carbunculo, attrahe para si o veneno taõ promptamente, como se fosse huma ventosa.»

gue, porque se o naõ houver, naõ pegarà a dita pedra; & he tambem necessario esfregar a pedra, para que cobre quentura, que sem estas duas condiçoens naõ aproveytarà. Ultimamente, he necessario saber, que tanto que a pedra se despegar, esteja prevenido hum pouco de leyte de mulher para a deytarem dentro, & ahi largarà o veneno que chupou; porque se naõ fizerem esta diiigencia, ou arrebentarà a pedra, ou ficarà sem virtude para outra ocasiaõ.» —

No índice, Curvo Semedo chama a estas pedras — *de Cobra de Dio.*

Carlos A. Salgado de Andrade refere, na *Ligeira Contribuição para o estudo da raiva em Portugal* (1), que em Matosinhos existia — êle diz (em 1901) *existe* — uma pedra negra com a virtude de diagnosticar a raiva. Colocada na ferida, causada pelo cão, — se aderia, estava o animal raivoso; se não aderia, não estava.

No concelho de Moncorvo, segundo noticia o Sr. Dr. Francisco Gonçalves (2), também há pedras idênticas às descritas pelo Sr. Dr. A. C. Pires de Lima.

Refere ainda o Sr. Dr. A. C. Pires de Lima que, segundo narra Luis Rousselet em *l'Inde des Rajahs,* «os índios pretendem extraír a peçonha transmitida pela mordedura das serpentes com uma pedra ou ôsso calcinado.» (3)

Muitas são as pedras que possuem destas virtudes «magnéticas» em presença de doenças ou afecções. Semedo, na obra citada, menciona, além da «pedra de cobra», as pedras do bucho das andorinhas *(Celidónia),* do estômago da vaca, da vesícula biliar do boi, das cabeças dos gorazes e das pescadas, dos bofes; e a pedra «de Aguia», a pedra «argueyreira», a pedra «de Cananor», a pedra «de Cevar», a pedra «Emathitis», a «de estancar sangue», a «Galactitis», a «judaica», a «de Mombaça», a «nefrítica», a «pórfido», a «quadrada chamada Candar», etc.

Das últimas trancrições que acima fiz de Curvo Semedo e P.e Manuel Godinho, aproxime-se a prática seguinte:

Na Feira, contra a mordedura da víbora aplicam uma

(1) Pág. 44.

(2) *Breves considerações sôbre medicina popular,* Pôrto 1917, pág. 37.

(3) *Loc. cit.,* pág. 21, n.º 23.

«pedra». A «pedra» fixa-se, por si, ao lugar mordido, *«só despegando quando chupou tanto veneno que se encheu dêle;* então cai, numa tijela de leite, onde *larga o veneno (que bem se vê num azulado do leite)»;* depois torna-se a aplicar a «pedra», que outra vez adere [1]. A respeito desta «pedra», dizem os Autores das *Tradições médicas populares da Região da Feira:* — «Crê o sr. dr. José Amorim que as chamadas «pedras» são cálculos do estômago dum animal de África ou América. É certo que aderem — continuam — ao sítio inflamado, um certo tèmpo, caindo em seguida. A aderência ¿será só enquanto há desigualdade de temperatura entre a «pedra» e a parte dorida, em que há febre? Quando a pedra cai ao leite, arrefece, e depois torna a aderir... Em Passos de Brandão (Feira) há, ou houve, uma *pedra,* que no inventário da casa foi partilhada, arbitrando-se-lhe (em tempos de moeda muito valorizada) o valor de 200$00. Quando vinham pedir para a levar a algum mordido, depositavam *de penhor* um bom cordão de ouro.» [2]

O Dr. Salgado de Andrade registou [3]:

«No livro do Dr. Mosnardes, medico de Sevilha, feito em 1569 e em que trata de varias coisas vindas das Indias Occidentaes etc. etc., falla este auctor da pedra Bezaar a que os hebreus chamavam Belzaar e os gregos alexipharmacum e da herva escorcioneira, como de grande valor para a cura das feridas venenosas.

«E ácerca d'esta pedra Belzaar (em hebreu *Bel* — senhor, — e *zaar* — veneno —: Senhor dos venenos) ou Bezaar, contarei a seguinte lenda que se encontra no mesmo volume.

«Os arabes julgam que a pedra Bezaar se forma nos olhos dos cervos, animaes semelhantes á cabra monteza. Estes cervos entram nas cavernas dos animaes peçonhentos, co-

---

(1) António C. de Carvalho Ferreira Soares e Armando J. de Carvalho Ferreira Soares, *Tradições médicas populares da Região da Feira,* Pôrto 1926, pág. 45.

(2) *Ibidem,* pág. 45.

(3) *Obra cit.,* págs. 35-36. — O Dr. Andrade vai fazer referência ao livro *De lapide Bezaar et Scorzonera herba,* de Nicolau Monardes, a que também se refere o Conde de Ficalho nos *Colóquios,* de Garcia da Orta (vol. II, págs. 237-238), adiante citados.

mem-os e, como fiquem envenenados, correm para o rio ou corrente mais proxima, mettem-se todos debaixo d'agua, excepto o focinho e ahi permanecem até que lhe passe o calor, mas sem beber nem sequer uma gotta. É durante este tempo de immersão que se lhe produz nos olhos a dita pedra cujo pó lançado na agua dos cantaros basta para preservar dos venenos e collocado sobre a ferida cura certamente de qualquer mordedura venenosa.

«Este mesmo auctor nos diz que soube dos portuguezes vindos da China ser verdadeira a formação d'esta pedra Bezaar nos cervos, mas que não era nos olhos, mas nas cavidades do animal.

«Este, depois de se metter no rio, sahia e comia hervas que instinctivamente sabia serem anti-venenosas. Estas hervas de mistura com a agua bebida formavam as taes pedras — *Senhoras dos Venenos* —.»

O P.e Manuel Conciencia, na *Academia Universal de varia erudição sagrada e profana*, refere-se à «pedra Bazar» nos termos seguintes ([1]):

— «A pedra Bazar, que hoje he muy conhecida, usada nas mais infirmidades, e se crè ter grande virtude contra o veneno, gera-se no bucho de certas cabras Indianas. O Padre Paulo Sherlogo sobre os Cantares Vestig. 21. propõe huma duvida, se teve Salomão noticia desta pedra, e resolve provavelmente que a teve, e dos mais animaes, que a geram. Porque a Armada deste Rey hia em certos tempos ás Indias Orientaes, e assim he crivel que entre as outras estimaveis drogas que daqui lhe trasia, não deyxaria de lhe traser esta pedra de tantas virtudes e estimação.»

Garcia da Orta dedica o colóquio quadragésimo quinto à «pedra bezar» ([2]), que se cria «nos buchos» de certos bodes — «*pazam* em lingua da Persia» —, «sobre huma muyto delgada palha, que está no meo, e ahi se vai tecendo, e fazemdo casco, como de cebola; a qual he feita como huma coluna redonda, e ás vezes não he de huma feiçam; e muytas vezes se acha esta palha na pedra ..... e outras vezes não lha acham, e por a maior parte he muyto lisa, e a cor he como de brin-

---

([1]) Lisboa 1732, fl. 214, — apud *Rev. Lusit.*, XVII, 179-180.

([2]) *Coloquios dos simples e drogas da India*, vol. II, Lisboa 1895, pág. 231 e segs.

gela; e ha as grandes e pequenas; e os senhores estimam em mais as muyto grandes, porque dizem que no maior corpo consiste a maior virtude...» [1]

A propósito do nome, diz Garcia da Orta: «Chamase esta pedra *pazar*, do *pazam* (bode asi chamado), e asi quando vos cá pedem alguma mézinha contra a peçonha, lhe chamam *pazam*, e asi chamam o *locornio* e a *triaga* alguns. Este nome de *pazar* lhe chamam todos os Coraçones e Persios e Arabios; e nós os da Europa coruptamente lhe chamamos *bezar*, e a gente indiana mais coruptamente lhe chama *pedra de bazar*; que quer dizer pedra da praça, ou da feira; porque *bazar* quer dizer luguar donde se vendem as cousas.» [2]

Entre as aplicações que esta *pedra* tem, recorto:

«Ruano

«Diz Mateolo Senense, que, se toca a carne esta pedra, trazendoa no braço, preserva ao que a traz de lhe fazer mal a peçonha; e diz tambem que deitada da banda de fóra, feita em pós, sobre as chaguas, que chupa o veneno, se he de mordedura de bicha ou *de cam raivoso*. [O itálico é meu].

«Orta

«O primeiro que diz, que posta da banda de fóra perserva tocando a carne, nam está cá em uso, nem se pratica: mas nas outras chagas venenosas que diz, he verdade que aproveita, deitada em chagas feita em pó, se sam venenosas, dizem muyta verdade; porque eu sei, que nas chaguas de todalas mordeduras venenosas aproveita, e nas apostemas da peste, quando estam abertas, aproveita muito; e dizem que perserva da peste e que a cura; e porque nesta terra as bexigas e sarampam sam mui venenosas e matam, muytos temos qua por uso darlhe esta *pedra bezar* cada dia, em cantidade de hum grão até dous, deitada em agua rosada, e com isto he o veneno enfraquecido.» [3]

O Conde de Ficalho, nos comentários a êste Colóquio, faz

---

(1) *Ibidem*, 231-232.
(2) *Ibidem*, pág. 233.
(3) *Ibidem*, 234-235.

a crítica da palavra *bezar* ou *bezoar* e largamente se refere a esta «pedra» ([1]).

Também Sebastião Rodolfo Dalgado aponta o étimo de *bazar (bezar, bezoar, pedra bazar, pedra de bazar)* e diz o que seja ([2]):

«Apropriou-se ..... o termo às concreções calcáreas que se formam em várias partes do corpo de certos quadrúpedes e a que se atribuíam propriedades antidotais. Mas a *pedra bazar*, a que se referem com tanto encarecimento os nossos indianistas e que é actualmente conhecida por *bezoar oriental*, é a que se encontra no estômago de *Capra ægagrus*, habitante de Lara, província da Pérsia.» ([3])

Assim ficam explicadas as referências dos autores a «cervos», parecidos com cabras, e a «cabras indianas», também chamadas «cabras bezoares».

Note-se ainda que, na química, tiveram o nome de *bezoar*, ou *bezaar*, várias substâncias que se julgou possuirem as mesmas propriedades. Tínhamos então, ao lado do bezoar *natural:* bezoar *marcial, mineral, mercurial, jovial, de Vénus*, lunar, — compostos em que entrava o antimónio ([4]).

Cfr. ainda as pedras a que se refere o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitania*, I, 154. Aí se recordam os «corais de Malta», citados no poema *Cynegetica*, de Gracio Falisco, como antigos amuletos contra a raiva:

.... circa Melitesia nectunt
Curalia.

Ao lado da medicina empírica, há a considerar, como já se tem visto e se continuará a ver, a medicina supersticiosa. «Une bonne ordonnance de médecin se composait de deux parties: d'une formule magique et d'une formule médicale» ([5]) — entre os egípcios. Quanto aos Babilónios, diz Lenor-

---

([1]) *Ibidem*, págs. 236-239.

([2]) *Glossário luso-asiático*, Lisboa 1919, vol. I, 107.

([3]) *Ibidem*, s. v. *bazar*.

([4]) Curvo Semedo, no *Memorial de varios simplices* (apenso à *Polyanthea)*, trata da «pedra bazar simplez» e da «pedra cordeal composta» (pág. 2-4).

([5]) G. Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'orient*, 2.ª ed., Paris 1876, pág. 85.

mant [1]: «Sans doute l'experience des siècles leurs avait fait connaître les vertus d'un certain nombre de plantes et de substances médicinales: leurs breuvages et leurs poudres magiques étaient souvent de véritables remèdes appliqués aux différentes maladies. Mais poudres et breuvages n'allaient jamais sans l'incantation: si le malade guérissait, l'incantation et non le remède avait l'honneur de la cure». E da antiguidade até hoje jamais deixou, entre o povo, de ser assim. A par com as medicações, — há as práticas contra maléficos agentes sobrenaturais ou em honra de milagrosos protectores, ao que se devem sempre as curas — que as desgraças, essas só aos médicos são devidas...

As pessoas mordidas por cão danado recorrem às «benzeduras» das *mulheres de virtude* (Elvas) [2].

Abundam os documentos antigos com referências a benzilhões de cães danados.

Na *Rev. Lusit.*, III, 333, vem transcrito um documento do tempo de D. Manuel I: «Dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virem, fazemos saber que ha nos dise afonso da costa, Escudeiro del Rey meu Snnor que deus aja, que noso Snnor por sua mysericordya E piedade posera Em ele vertude de bemzer com palauras que hele dezya aos moordidos de caees danados E asy quaeesquer anymalias E que por vertude de noso Snnor Recebyam saude E asy daua agoas ẽ muitos logares neçesareos»; etc., etc.

Na mesma revista, IV, 204, vem outro documento, do séc. XV, que assim começa: «Dom Affonso [V], etc. A quantos esta carta virem, fazemos saber que Nos querendo fazer graça e merçee a Gonçalo Roiz, morador em Seda, por que he homẽ que he ocupado mujtas vezes de beenzer os homẽs que ssom feridos da door dos caaes e gaados e outras animallias, de que lhe deus deu uertude», etc.

No periódico de Viana-do-Castelo, *a Aurora do Lima*, n.º 380, de 5 de Julho de 1858, vem um *Folhetim*, intitulado: *Curiosidades historicas — Ácerca dos preços em Portugal nos seculos XV e XVI*, no qual se lê:

— «Tambem por outro documento sabemos quanto ga-

---

[1] Fr. Lenormant, *La Magie*, apud *Hist. anc. des p. de l'orient*, de Maspero, pág. 158.

[2] *Rev. Lusit.*, IX, 117.

nhava o *bensedor dos caes damnados*, preço que nos exprime uma das feições da superstição d'aquellas eras:

«Ordenado de João Nunes que bense os cães damnados: — Hade haver João Nunes que benze os cães damnados hum mil rs. de sua tença d'este anno que se começa polo primeiro dia dabril de .... Alvaro do Porto a fez. Mandado da cidade para o Ths.º pagar este ordenado: Gonçalo Anes Thiz.º da cidade de Lisboa. Os Vereadores, e Procurador e procuradores dos Mesteres d'esta mesma vos [ma]ndamos que paguees a João nunes bensedor hum mil rs. que se mostra por arrecadação escrita que hade aver de seu mantimento deste anno, e como o pagardes cobrai este aluará e seu cont.º; e mandamos ao contador da dita cidade que volos leve em conta e despeza. Feito em ella a XIII dias de Março de 1497 annos. E eu Alvaro de Calvos o fiz escrever — era assinado por seis officiaes da camara.»

Ainda a respeito de *benzilhões* contra a raiva, vid. *Os Fastos*, de Ovídio, trad. de Castilho, Lisboa 1862, III, parte I, pág. 360; *Rev. Lusit.*, V, 6 e segs., 9 e segs.; XX, 79; *Revista de Ethnologia*, de Adolfo Coelho, pág. 184 e segs., etc.

Os padres têm, no entanto, mais *virtude*.

«Ainda actualmente nas aldeias da Beira Alta — diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos (1) —, o gado ou outros animaes mordidos por cão damnado, são benzidos por certos padres, que tem poder para isso; estes padres até benzem o pão que esses animaes hão-de comer». Na Beira-Baixa, também se julga que o remédio mais eficaz é a «reza» feita pelos padres, finda a qual é ministrado aos cães o pão benzido. No Alentejo, em S. Romão de Panóias, o padre benzia o pão, tirava-lhe o meolo e dava a côdea aos romeiros.

Num artigo, acêrca de tradições e linguagem de Vila-Real, registou A. Gomes Pereira (2): «As pessoas (e tambem os animaes, — ás vezes rebanhos inteiros de ovelhas e cabras) que forem mordidos de cão damnado, é costume levá-los á *santa cabeça*, isto é, a comer o pão benzido pelo parocho da igreja de Constantim, onde se venera a cabeça de S. Geraldo. Alguns demoram-se por lá nove dias para fazerem uma novena». «Aqui [Constantim-de-Panóias] — diz

(1) *Tradições populares de Portugal*, pág. 131.
(2) *Rev. Lusit.*, X, 214.

Pinho Leal [1] — nasceu S. Fructuoso, advogado contra as mordeduras de cães damnados. Na egreja matriz da freguezia, que é muito antiga, se conserva ainda a cabeça d'este santo, que os romanos degolaram.» A «cabeça santa» de Constantim é, pois, de S. Frutuoso, e não de S. Geraldo, o que para o caso pouco vale. A propósito vem fazer os seguintes recortes do *Pantheon Sacro*, de D. Joaquim de Azevedo [2], acêrca de «S. Fructuoso de Constantim».

— «Oito annos viveu em Constantim, venerado pelos povos circumvizinhos, como oraculo de santidade..... Compadecia-se dos que eram mordidos por cães damnados, e com sua benção os livrava: por isso ficou Advogado contra as mordeduras, sendo seu tumulo, e Reliquias manancial perenne de prodigios, buscando-o não só os homens, mas os gados, e animaes, para escaparem á raiva dos cães..... morreo a dez de Novembro de 1162; nós o pomos a dezesseis de Abril, porque em Abril o traz o Breviario Bracarense. Muitos dias não o puderam sepultar pelo concurso do povo..... O Arcebispo D. Estevam Soares, Conego Regular de Santa Cruz, movido pelos continuos milagres obrados na sepultura de S. Fructuoso, dahi a cincoenta e quatro annos, no de 1216, descobrio seu corpo, e o expoz á publica veneração do povo, collocada a caveira em hum Reliquario de prata no Sacrario do Altar, donde a mostrão aos Romeiros. O Rei D. Diniz fez suas doações, e offertas a esta santa cabeça. Em Constantim se lhe faz festa a dezesseis de Abril, com missa do commum dos Santos. Até o anno de 1599 teve o mosteiro de Caramos huma chave do Sacrario da santa cabeça, depois o Reitor as guarda ambas para com mais facilidade se mostrar aos devotos. De joelhos a beijarão os Arcebispos Frei Agostinho de Castro, e Fr. Bartholomeu dos Martyres, confirmando seu culto.» —

O Padre João Bautista de Castro, no seu *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, refere-se a S. Frutuoso (tômo II, parte III e IV, 2.ª ed., Lisboa 1763, pág. 152), e, a respeito de «Relíquias», traz *(Ibidem*, pág. 196):

«*Constantim.* Na Freguezia de Santa Maria Magdalena

---

[1] *Portugal ant. e moderno*, s. v. «Constantim de Panoyas».

[2] Tômo II, 16 de Abril.

deste Lugar, que fica no termo de Villa-Real, se conserva e venera além do corpo, e cabeça de S. Fructuoso Gonçalves, Abbade que foy da mesma Igreja, huma particula do Sagrado Lenho; outra do Santo Sepulchro de Christo; da sua inconsutil tunica; do Pão da Cea; leite da Virgem immaculada, e de seu precioso cingulo; ossos de S. Pedro Apostolo; carne de S. Bartholomeu; ossos de S. Lourenço, e de S. Braz, e das onze mil Virgens cujas preciosas reliquias trouxe de Roma o mesmo S. Fructuoso.» [1]

A propósito de «Cabeças santas, que prestão contra mordeduras de cães danados» escreveu Gaspar Estaço [2]: «Muito frequentemente acontece nestas partes damnarem-se caens, e muitas vezes com prejuizo: mas a Divina Providencia deu logo remedios, que com serem os melhores, e mais certos, não custão dinheiro; e assim foy necessario, especialmente para lavradores, que são muitos, e muito pobres. Estes são a Cabeça do Santo Abbade Fructuoso, que está em Constamtim, termo de Villa-Real, na Igreja chamada Cabeça Santa, por amor della; de que ha fama de grandes milagres. Outra está entre o Porto e Arrifana de Sousa, na Igreja chamada tambem Cabeça Santa, onde ha perpetuo concurso de gente. Outra está na Igreja Collegiada de Santa Maria de Guimaraens, a qual, por descuido dos antigos, não sabemos de que santo seja: chama-se como as outras, Cabeça Santa; e com razão, porque he de grande virtude, e efficacia contra aquelle mal; e assim por sua causa he esta Igreja frequentada de gente de toda esta Commarca, que a vem buscar, e venerar, e toca nella pão, herva, e palha para dar ao gado; e a grande devoção, e concurso mostra ser tudo de miraculosos effeitos.»

Em Valdejos, há também uma *Santa Cabeça*, encerrada numa caixa de lata que os mordidos beijam. «Custa [o beijo, sem dúvida] 240 réis! Os animaes só pagam 120 pela vista!» — elucida o Sr. Dr. Carlos A. Salgado de Andrade [3].

---

[1] Cita: Cardos. *Agiol. Lusit.*, tôm. 2, pág. 607. *Corograf. Port.*, tôm. I, pág. 519.

[2] *Varias antiguidades de Portugal*, cap. XLIX, apud *Rev. Lusit.*, XVII, 193.

[3] *Ligeira contribuição para o estudo da Raiva em Portugal*, Pôrto 1901, pág. 45.

Em Cabeça-Santa (Penafiel), diz-se uma oração para livrar de coisas más, entre elas *cães danados e por danar*. Vem nas *Tradições pop. de Portugal*, do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos ([1]).

A respeito da *caveira-santa* de Ancede (Douro), diz o Sr. Dr. Joaquim Figueira, médico naquela povoação:

— «No velho convento de Audifici (1107) coevo da fundação da nacionalidade, existia uma «caveira-santa» que, com a mudança dos cruzios, passou à igreja paroquial de Ancede. Para atestar a sua antiguidade será bastante recordar que a mudança dos referidos monges se fez no ano de 1160 — «*visto que os conegos hom sêde mudem o mosteiro que eu os ajudarei*» — despacho atribuido a Afonso Henriques, o Conquistador.

«Dizem uns, e entre êstes Pinho Leal, «que se trata da caveira de um prior chamado Mamede e que servia para curar a hidrofobia». O P.^e^ Brito vai mais longe nos detalhes — «na parte D. [direita] da capela-mór, da banda de fora e na própria parede foi sepultado S. Bernardo, a quem outros chamam D. Geraldo e ainda outros Mamede, que foi prior ou cónego santo do primitivo convento o qual, em vida, benzia o gado danado e o curava. Desse tumulo, acrescenta, saíu uma figueira que nele nasceu e cujas folhas tinham particular virtude em várias enfermidades». —

Continua o Sr. Dr. Joaquim Figueira:

«É bem de compreender que, conhecido o «feliz sucesso» que de tais folhas se tirava, em breves tempos já não havia folhas, e a própria vergontea ou árvore feita foi acutilada de tal jaez que, tendo cessado o manancial-milagroso, «os lavradores e pastores dos arredores pediram que desenterrassem a cabeça do santo, e assim fizeram os clerigos do convento».

«Esta caveira — prossegue — acompanhou os cruzios para o novo mosteiro (1160) e conservou-se, durante muitos anos na parte D. do Sacrário «onde os fieis a vinham beijar todo o ano, mas principalmente nos domingos do mês de maio. Com ela se benzia palha e herva que, comendo-a os animais os prezervava do mal». Envidei todos os esforços mas não

---

([1]) Pág. 169.

me foi possível averiguar em que ano se realizou a última bênção.»

«Esta *caveira* — descreve, por último, o Sr. Dr. Joaquim Figueira — está encerrada em uma urna de prata-lisa, com o peso de 800 grs. Na parte superior desta urna há uma abertura, em oval ($2^{cm.} \times 1$), por onde se beijava o cráneo — justamente na região que o povo designa «moleirinha». Esta velha relíquia (século XII) já anteriormente à mudança das instituições se guardava na residencia paroquial. Examinando a caveira vemos que é formada por uma calote de 725 grs. de peso, em que faltam os maxilares e os temporais. Dir-se-hia que toda essa região foi cortada por uma linha que, começando no cavalete dos ossos-nazais foi terminar no «buraco occipital». As articulações são rugosas e muito numerosas. Do velho mosteiro-sagrado, — no sítio do Ermêlo — «que primeiro foi dos cruzios, em 1560 passou aos dominicanos, e cujos priores usavam mitra e bago» — só existe a capela-mór, com uma porta em estilo românico, afrontando o dobar dos séculos, inclemencias e vendavais.» [1]

Na *Revista de Guimarães*, vol. XXXIII, pág. 289, há referência a uma «cabeça santa», «remedio certo contra as mordeduras dos cães danados, que sarara o próprio rei D. João I». Aí são citadas as *Memórias ressuscitadas*, do P.e Torquato Peixoto de Azevedo (cap. 62).

Há outras relíquias que preservam da raiva:

Em Aboim, concelho de Vila-Verde, há um *dente de S. Frutuoso*; em Bouro há outro *dente santo* [2]. Em Aboim era com o *dente* que se benzia o pão para distribuir pelos mordidos de cão danado [3]. — Em Gaia também há um *dente santo* contra as mordeduras de animais danados [4].

Na Boémia, um dente de cão preto livra da raiva [5].

---

[1] In *Portugal médico*, rev. portuense, vol. X (N.os 10-12, 1926), págs. 429-430.

[2] Vid. Carlos A. Salgado de Andrade, *obra cit.*, pág. 45.

[3] Vid. A. C. Pires de Lima, *Trad. pop. de Santo Tirso*, 2.a série, pág. 26.

[4] J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, I, Lisboa 1897, pág. 124. — Acêrca de «Amuletos constituídos por dentes»,vid. esta obra citada, pág. 120 e segs.

[5] H. Gaidoz, *La Rage et St. Hubert*, Paris 1887, pág. 12.

Em Novembro de 1920, apareceu no concelho de Vila-Nova-de-Gaia um curandeiro a benzer pessoas e alimárias (mordidas por animais raivosos), com um «dente santo» de S. Frutuoso. Destarte, o curandeiro asseverava livrar da raiva as pessoas e os animais que benzia.

Êsse curandeiro, que residia em Aboim-da-Nóbrega, freguesia do concelho de Vila-Verde, foi preso, e o seu «dente-santo» apreendido e enviado para o Museu da Faculdade de Medicina do Pôrto.

Por ser interessante, recorto do periódico portuense *O Primeiro de Janeiro*, de 10 de Novembro de 1920, a notícia do acontecimento, publicada sob o título: *O «dente santo» — Um curandeiro curioso — É preso na Granja* [Gaia] *quando fazia o «tratamento» da raiva.*

— «Ha bastante tempo que no vizinho concelho de Gaia — diz o referido periódico — se vem desenvolvendo a molestia da raiva nos animais, e por tal motivo a comissão executiva da Câmara daquele concelho ordenou imediatas providencias e uma delas a do exterminio dos cães vadios.

«Constava que algumas pessoas eram mordidas por animais suspeitos de raivosos, mas essas pessoas não apareciam a curar-se. Este facto levou as autoridades locais a proceder ás necessarias indagações, dando em resultado apurar que ali no concelho aparecia de vez em quando um curandeiro que tratava das pessoas mordidas.

«Ha semanas, o ex-administrador, sr. Victor Maria Martins Junior, sabendo do caso tentou prendel-o; mas como ele fosse prevenido a tempo, conseguiu fugir, segundo se diz, escondido dentro de um carro de bois.

«Ante-ontem á tarde, o administrador interino, sr. Ramiro Mourão, estando na sua casa da Granja, foi prevenido de que andava por ali o aludido curandeiro. Tratando de o procurar, foi encontral-o dentro de uma casa devorando um excelente *menu*, que constava de uma galinha cosida, arroz de forno, carne de porco, etc.

«O sr. Ramiro Mourão, sem declinar a sua identidade, começou de o interrogar, declarando ele chamar-se Manuel Antonio Martins, de 54 anos, natural da freguesia de Vila Verde e morar actualmente no logar da Portela da mesma freguesia.

«Sobre a sua profissão, declarou que, proveniente dos seus antepassados, possue um dente de S. Frutuoso, que tem

cerca de 800 anos, e que todos lhe chamam o «*dente santo*», pois tem o dom de curar todas as doenças da raiva.

«Frequentes vezes é chamado para varios pontos do paiz para fazer esta cura, mas só segue para lá quando requisitado por certas pessoas que considera seus correspondentes. Têm de lhe pagar as passagens e a comida, que constará sempre de galinha, arroz de forno e carne de porco — como preceitua o *regulamento* de S. Frutuoso.

«A sua viajem de Vila Verde para Braga é feita sempre de automovel.

«Em seguida mostrou-lhe o *dente milagroso*, que está encrustado em prata, preso a umas fitas e metido dentro de uma pequena caixa de folha que traz sempre pendurada ao pescoço.

«Explicou que o tratamento da raiva o faz lendo umas rezas que vêm impressas no livro de S. Frutuoso, passando ao mesmo tempo o dente por cima da mordedura repetidas vezes em fórma de cruz.

«As rezas são eguaes, tanto para pessoas como para animaes.

«Sobre a sua estada naquela freguesia, declarou que na semana finda tinha recebido uma carta do seu correspondente da freguesia de Pedroso, pedindo-lhe para vir *curar* determinadas pessoas. Chegou no sabado passado e dali seguiu para Espinho onde tambem exerceu a sua *profissão;* e ante-ontem tinha ido para a Granja onde ha cerca de 15 dias haviam sido mordidas por um gato uma creança e uma vaca.

«Sobre quanto ganhava com aquele serviço, respondeu que era quanto lhe queriam dar, mas está averiguado que ele exigia de 70$00 para cima.

«O sr. Ramiro Mourão, como verificasse que estava na presença de um intrujão, deu-lhe voz de prisão. Ontem de manhã deu entrada na cadeia da vila.

«Interrogado, confirmou o que já tinha dito, mas recomendou instantemente que não lhe perdessem o *dente santo*, devido á sua antiguidade e santidade. Mas que se ele desaparecesse, pouco se importava, *pois ele lhe irá ter a casa.*

«O Manuel Antonio Martins, segundo nos consta, vai ser novamente interrogado hoje, e talvez hoje mesmo enviado ao juizo de investigação criminal.» —

O Sr. Dr. J. A. Pires de Lima, professor da Faculdade de Medicina do Pôrto, no trabalho que sôbre o caso publicou

— *O dente-santo de Aboim da Nóbrega e a lenda de S. Frutuoso (Abbade)* (1) — assim descreve a relíquia (2):

— «O dente-santo está guardado numa caixa de prata, composta de dois cilindros irregulares, ôcos. A parte superior, ou tampa, é de forma cilíndrica, irregular, está bastante amassada e apresenta, junto do bôrdo livre, uma extensa brecha disposta verticalmente. Mede 55 milímetros de altura e 34 de diâmetro máximo. Ainda junto do bôrdo livre, tem fixa uma argola de prata, fronteira a outra que se encontra junto do bôrdo que está tapado. Por essas argolas passa um cordão de lã preta a que logo me vou referir. Do outro lado estariam dispostas simètricamente outras argolas: a correspondente ao bôrdo livre desapareceu, havendo no seu lugar um buraco que atravessa a caixa. A argola que está na mesma linha, junto do outro bôrdo está rôta, gasta pelo uso. Entre as duas argolas que ficam junto do bôrdo tapado vê-se dum lado e do outro, um sinal, cuja significação não pude determinar.

«A parte inferior é também um cilindro ôco, irregular; é a que recolhe o dente-santo, com a fita que o sustenta, e tem um bôrdo livre muito irregular e com diversas falhas. Junto dêsse bôrdo encontram-se dois buracos, dispostos um defronte do outro. A um deles está amarrada uma fita, da qual pende o dente de S. Frutuoso.

«Esta parte é mais estreita e mais longa que a primeira, na qual encaixa; mede 63 milímetros de altura e 33 de diâmetro máximo. Junto da base desta peça há uma faixa de um centímetro de largura, limitada por dois bordos salientes. Nessa faixa vêem-se fixas também duas argolas de prata, por uma das quais passa uma grossa cadeia do mesmo metal.

«A fita a que me referi é de algodão vermelho escuro, mede 62 centímetros de comprido e 22 milímetros de largura, e prende-se a uma argola que está unida a uma espécie de berloque cilindro-cónico de prata, onde está encastoado o dente-santo.

«Aquela peça metálica tem 3 centímetros de comprido e 13 milímetros de diâmetro máximo.

«O dente-santo é um grande molar humano, muito ama-

---

(1) Extracto do fasc. III, vol. I, dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Pôrto 1921.

(2) Pág. 3-4.

relecido pelo tempo; irregular, multicuspídeo, só uma parte da corôa está fóra do engaste. Mede 11 milímetros de largura e 7 de espessura.

«O cordão de lã tem 47 centímetros de comprido, passa pelas argolas a que me referi e está amarrado pelas suas duas extremidades a uma grossa corrente de prata de 77,5 centímetros de comprimento. O cordão de lã e a corrente serviam para lançar ao pescoço do benzedor, quando êle fazia aplicação do dente de S. Frutuoso. No fundo da caixa que o encerra, encontra-se um bocado de estopa para amortecer os atritos à preciosa relíquia. A estopa está irregularmente còrada de vermelho, certamente pelo contacto da fita, que por vezes seria recolhida húmida.

«A caixa de prata, com todos os seus anexos, pesa 115 gramas. Consultado o ilustrado ourives sr. Rosas, sôbre a antiguidade da caixa, manifestou a opinião que ela não teria menos de duzentos anos, sendo a corrente muito mais moderna.» —

Em Trás-os-Montes existe uma *Santa Relíquia*, que é a chave de uma capela. Os mordidos põem a chave ao pescoço [1].

No concelho de Montalegre, às pessoas e animais mordidos, também os levavam a S. Frutuoso (Montalegre), prometendo-lhe uma ou mais cabeças de gado; e aí comiam pão depois de tocado algumas vezes na imagem do santo [2].

«Entre os templos de Chaves — diz por sua vez o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos [3] — notabiliza-se a capela da Santa Cabeça..... Os danados iam ali outr'ora, levando consigo um pedaço de pão, que era bento por um padre, e tocado num relicario que está sobre o altar e contém reliquias de S. Anastacio: depois comiam o pão, e julgavam-se isentos da raiva.»

Já estive nesta capela. O relicário é uma caixa com aberturas por um lado.

Em Aboim-das-Choças (Arcos-de-Valdevez), o pároco tem a obrigação de festejar o orago da freguesia, Santo Estê-

---

(1) Carlos A. Salgado de Andrade, *obra cit.*, pág. 44.

(2) Vid. *Rev. Lusit.*, XIX, 81.

(3) *Por Trás-os-Montes*, in *O Archeologo Português*, XXII, pág. 13.

vão, advogado da raiva, no seu dia, que é a 26 de Dezembro ([1]). Nêsse dia, e no seguinte de manhã, o pároco benze ou manda benzer e tocar com as relíquias do Santo grande quantidade de pão e de frutas, trazidos pelos romeiros, às vezes de muito longe. Comendo nove manhãs em jejum estas frutas ou êste pão, que não apodrece ainda que por êle passe um ano, fica-se livre da raiva ([2]). — O Sr. Dr. Félix Alves Pereira refere-se também ao mesmo, na *Lusa* ([3]), pelas seguintes palavras: «O pão de *Santo Estêvão* em Aboim: no dia 16 [16 ou 26?] de Dezembro, o pároco desta freguesia benze pão, fermento, massa, doce e nozes. Este pão dura meses, «que até admira». O fermento é para todo o ano e até se pede e dá como coisa de estimação; livra da raiva. Na freguesia de Prozêlo [ainda dos Arcos-de-Valdevez], também há o pão bento.» Completarei a narrativa com informes que o Sr. P.e Cunha Brito gentilmente me enviou. Os pães (de milho ou trigo), o fermento, as frutas (maçãs, figos, nozes) etc. são postos pelo povo numa mesa, colocada em frente do altar de Santo Estêvão. O pároco, ou outro clérigo, revestido de sobrepeliz e estola, depois de recitar a oração do ritual, benze e asperge com água-benta o que está na mesa, após o que tira de um sacrário, que se encontra no mesmo altar, as relíquias do Santo encerradas numa caixinha própria e pendente de uma argola, por onde se lhe pega, e com essa caixinha toca o que estiver na mesa, dizendo a cada contacto: — *Mirabilis Deus in sanctis suis*. Depois, cada qual toma conta do que é seu, e o vai comer ou oferecer a outrem, quando o não leva para casa. Os animais, como as pessoas, também se livram da raiva comendo pão ou frutos benzidos, da forma já acima dita. Escusado seria dizer que a mesa se enche por várias vezes, sucessivamente, — praticando-se a bênção outras tantas vezes.

Além dos santos advogados — S. Frutuoso, S. Romão, Santa Quitéria ([4]), S. Roque e Santo Estêvão —, ainda há,

---

([1]) Vid. *Rev. Lusit.*, x, 260; artigo «Migalhas de ethnographia minhota», do Sr. P.e Cunha Brito.

([2]) *Ibidem.*

([3]) I, 17.

([4]) Cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 181. — O povo, nalgumas partes, diz *Santa Guitéria*. — A esta virtude da Santa se refere

que eu saiba, S. Bento [1], S. Lázaro [2], S. Adrião [3] e Santa Catarina [4]. — Na Sicília, o advogado é S. Vito [5]; em Veneza diz-se uma oração, para se não ser mordido, a Santa Maria Madalena [6]. Na França, o advogado é S. Huberto, além de outros, contando Roberti que vem do século IX da nossa era a nomeada de tal santo nesta especialidade terapêutica [7]. No *Vrai médecin des pauvres* [8] vê-se uma «Oraison à saint Hubert contre les bêtes enragées, les serpents, vipères, scorpions, basilics et autres animaux venimeux». — Largamente se refere a S. Huberto, no livro já citado [9], H.

Camilo na *Maria da Fonte:* «deviam edificar-se oito capelas consagradas às oito irmãs de Santa Quitéria, advogada contra as mordeduras de animais danados.» (Colecção «Lusitânia», págs. 161-162). — Em *a Formosa Lusitânia*, diz Lady Jackson (versão do inglês por Camilo): «Aconteceu ultimamente, na Ameixoeira, suburbana de Lisboa, um caso de hydrophobia. Um rapaz havia sido mordido por um cão de fóra oito ou quinze dias antes, quando, em vez de lhe cauterizarem a ferida — logo que houve suspeitas de estar danado o cão — prometteu elle uma ou duas velas a Sancta Quiteria de Meca, rogando-lhe que o livrasse dos effeitos da dentada, e assim se deu por contente como se houvesse feito quanto era necessario ou praticavel a fim de se livrar dos sustos. Volvidos dez dias, pouco mais ou menos, appareceram os signaes da hydrophobia. Nem assim recorreu ao hospital ou ao cirurgião. Offereceu mais velas á sancta — como se as já offerecidas não bastassem a captar-lhe o patrocinio. — A fim de movel-a com rogos, o misero infermo foi levado pelos seus amigos ao relicario d'aquella boneca de páo. [A escritora era protestante]. Peorou como era de esperar, rapidamente» etc. Pôrto 1877, págs. 63-64.

(1) *Folclóre da Figueira da Foz*, II, pág. 57.
(2) Ouvido a pessoas de Valença-do-Minho.
(3) Vid. *Rev. Lusit.*, IV, 182.
(4) Vid. *Rev. Lusit.*, XII, 191.
(5) Vid. *Trad. pop. de Portugal*, pág. 168, nota.
(6) *Ibidem.*
(7) Vid. *Maladies com. à l'homme et aux animaux*, p. 301.
(8) Vid. *Gr. Dict. Larousse*, s. v. *Rage.*
(9) *La Rage et St. Hubert.*

Gaidoz. Registarei só esta curiosa notícia do *Dictionnaire infernal*, de Collin de Plancy [1]:

«En 670, naquit heureusement pour la consolation du genre humain et le salut des enragés, saint Hubert, fils de Bertrand, duc d'Aquitaine. Il prit les ordres, alla à Rome, où il se fit remarquer par sa vie pieuse et sa sagesse. On dit que la sainte Vierge lui envoya par le ministère d'un ange une étole brodée de sa main. Sergius, qui était pontife en ce temps-là, voyant la bienveillance que lui accordait la sainte Vierge, le mit en sa place, et le sacra. Durant la cérémonie, saint Pierre arriva, et, lui remettant une clef d'or, il le prévint que dorénavant il pourrait se moquer de Satan et se préserver de la morsure des chiens enragés; et que moyennant la vertu de cette clef, il n'y aurait plus, grâce au ciel, ni possédés ni enragés; tel est le récit du pieux cénobite qui a écrit la vie de saint Hubert.

Depuis ce temps, l'étole et la clef sont devenues fort célèbres. Depuis l'an 825, on a détaché de l'étole une infinités de parcelles, qui, réunies, suffiraient pour faire plus de cinquante mille étoles d'une dimension raisonnable, et néanmoins elle n'a rien perdu de son ampleur; ces fibres qu'on en détache préservent de la rage; aussi on conseille aux personnes qui ont été mordues par des chiens malades de se faire conduire à l'abbaye de Saint-Hubert des Ardennes, où l'on guérit par l'application de la clef de saint Pierre et des parcelles d'étole qu'on applique au front.

La postérité de saint Hubert est douée du privilège de guérir les enragés, et on a vu des chevaliers de cet ordre, et surtout en 1649, un d'entr'eux nommé *Georges Hubert*, gentilhomme de la maison du roi, faire des preuves devant la cour et la ville, par la seule imposition des mains; il obtint même des lettres-patentes à l'effet d'exercer son art dans tout le royaume; ces lettres portent que Louis XIII, Louis XIV et des princes de la famille, ont été preservés de la rage par l'attouchement du chevalier *Georges Hubert*. On dit qu'il existe encore des gens dans les campagnes qui prétendent guérir de la rage et de la possession comme descendans de saint Hubert. Tout le monde sera aussi bien privilégié qu'eux si l'on suit lesre cettes suivantes: On mangera une pomme ou un

---

[1] Paris 1826, s. v. *Rage* (tômo IV).

morceau de pain dans lequel on enfermera ces mots: *Zioni, Kirioni, Ezzeza, Kuder, Feze, Hax, Pax, Max, Deus Adimax.* Ou bien on brûlera les poils d'un chien enragé, on en boira la cendre dans du vin, et on guérira. [1]»

No Alentejo, as pessoas mordidas eram levadas a S. Romão, e sabiam se elas estavam ou não raivosas conforme lhes dava a *onda* ou não ao passarem um cruzeiro ou marco da igreja. O Sr. Bernardino Barbosa apontou-me as seguintes igrejas com esta tradição: *S. Romão*, junto à tôrre da Gadanha (Montemor-o-Novo); *S. Romão de Vera Cruz* (Portel) e *S. Romão de Panóias* (no distrito de Beja). Esta última igreja é a de maior nomeada. Fazia-se a viagem por Viana-do-Alentejo, Ferreira e Montes-Vélhos; logo que, passado o marco, se conhecia que alguma pessoa estava «derramada», era levada a S. Romão, depois de haver dado três voltas à roda da igreja; as práticas consistiam em: 1) pôr a «cabeça santa» na cabeça; 2) tirar uma *manchinha* (= mão-cheia + inha) de terra ou areia de sob o altar para deitar nos caldos a tomar; 3) comer o «pão de S. Romão». O «pão de S. Romão» era feito sem *fintura*, de modo que nunca se azedava nem estragava. Fabricava-se de várias maneiras: 1) amassava-se e cozia-se um alqueire de farinha num pão só, que depois se partia aos bocadinhos; 2) outras vezes, faziam-se pequenas *merendeiras*, com o feitio de um pão, ou 3) em forma de «*promessas*» — pernas, braços, cabeças, etc. —. Tôda a gente possuia um pão ou um pedaço de pão para pessoas «derramadas».

Para os lados de Mora, também no Alentejo, os irmãos de Santa Quitéria (isto é: da irmandade da igreja de Santa Quitéria) andavam a pedir esmola e, em troca, davam a *merendeira de Santa Quitéria* contra os cães derramados.

No Vale-do-Coina, as pessoas mordidas iam também a Santa Quitéria; se passavam os marcos que lá havia, à entrada, estavam salvas.

De Tôrres-Vedras vão a Santa Quitéria de Meca (concelho de Alenquer), onde se vendem uns pães pequeninos, como cabeças de dedo, chamados «pãezinhos de Santa Quitéria». Os romeiros levam de casa pão, que o padre benze, e que depois dão a comer aos animais, menos ao *porco*, para não

---

(1) Lemnius.

danarem. Ao pescoço dos animais, assim como no próprio vestuário ou pulso, põem um nastro vermelho, aí de meio centímetro de largura.

N-*o Positivismo*, lê-se: «Para uma pessoa não ser mordida por cão damnado, ou para que antes que o seja [1] não se damne por sua vez, é bom trazer enrolada á roda do pulso uma fita benzida na egreja de Santa Quiteria de Meca (Lisboa e arredores).» [2] — Para as bandas de Âncora (Caminha), como preservativo, trazem ao pescoço, ou cosida na roupa, a «fita» de Santa Quitéria de Meca, que se vai buscar à capela do mesmo nome em Outeiro (concelho de Viana-do-Castelo).

Estas «fitas» preservam da raiva, em virtude da côr, pois, como a do curandeiro de Aboim-da-Nóbrega, são vermelhas. Acêrca da «fita» como amuleto, vid. J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, I, 118-119.

(Continua).

Viana-do-Castelo.

CLÁUDIO BASTO.

---

(1) Isto é: *ainda que o seja*.

(2) *O Positivismo*, III, 316.

Observações ao "Elucidario,, do P.e Santa Rosa de Viterbo

O autor do *Elucidario*, ao coordená-lo, não pensou sòmente em arquivar palavras antigas, senão tambem em apresentar notícias respeitantes á historia das instituições sociais, á da geografia, etc. Por conseqüencia a obra é preciosissimo instrumento de trabalho, sob varios aspectos, tanto mais que grande numero dos documentos lá aproveitados se perderam depois.

Sem embargo, existem nela, tal como veio a lume, muitas cousas dignas de reparo (que podem guiar por falso caminho pessoas incautas), por exemplo, letras trocadas, faltas de til, palavras que nunca existiram: o que tudo resultou de imperfeita leitura de manuscritos, ou de erros tipograficos. Outras advertencias se podem ainda fazer aqui e alem.

Quando consulto o *Elucidario*, costumo, ás vezes, tomar nota do que me parece merecer correcção ou adição: e nas páginas seguintes vou consignar o que tenho notado, porque talvez o leitor o estime.

Já o erudito J. Pedro Ribeiro inseriu nas *Dissert. chron.*, IV-II, algumas observações ao P.e Viterbo, as quais Innocencio da Silva aproveitou na 2.a ed. do *Elucidario*, com as que, sobre Numismatica, lhe dera Lopes Fernandes. Com o que publíco adiante, não fica de modo nenhum depurada a obra de todas as inexactidões que encerra. Oxalá, portanto, que mais alguem continue a revê-la, e aperfeiçoe o meu modesto e sucinto trabalho.

A

A (§ n.º 4).—A afirmativa de que nos nossos documentos latinos se encontra *talam*, por *talem*, e outras palavras com *a* por *e*, foi refutada por Delfim d'Almeida, *Glossario*, p. 4, § IV.

(§ n.º 10).—J. P. Ribeiro, *Observ. hist.*, p. 149, dá outros exemplos de assinaturas em que as vogais estão representadas por algarismos.

aade. — Uma fórma anterior foi *ãade*. De ánatem.

aaporcima, finalmente. — A duplicidade do *a* inicial póde ser etimologica; cf. *aacima* no proprio *Elucidario*, e hoje *ó p'ra cima* (= ao p'ra cima) no Douro. — A palavra *alguas* emende-se em *algũas*.

aaso. — Com melhor grafia traz Viterbo mais adiante *azo*, com *z*, e *aazador*.

abarca (calçado). — Cf. *avarca* nos Costumes de Alfaiates: *Leges*, I, 802. Vid. infra *avarca*.

abaregada. — Pela explicação que dá, deve ler-se *abarregada*.

abarga, lugar de pescaria. — Cf. G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 47, 49; IV, 149.

Abaritam. — Palavra formada de *Abiron* e *Datan*, na pronúncia popular e descuidada.

abarrisco. — Moraes decompõe em *a barrisco*, s. v. «barrisco», e propõe, como variante, *borrisco*. Jeronimo Cardoso, citado por Moraes, traduz *abarrisco* pelo latim *promiscue*, o que não combina com a definição de Viterbo: «com abundancia». Cf. hesp. *abarrisco* «sin consideración nin reparo», o que nos leva longe do *borrisco* de Moraes.

abesso. — A carta d'Egas Moniz, onde vem esta palavra é apocrifa. Apesar disso o *Novo Dicc. da ling. portug.* admite a palavra como novidade lexicologica.

abondo. — «Vem do latim *abunde*, ou *abundanter*», diz Viterbo, o qual acrescenta que a palavra aparece freqüentemente pelo sec. XIV. Em vez de abunde poderá antes propor-se abundo, como eu já disse na *Rev. Lusit.*, IV, 334, e o Sr. J. J. Nunes aceitou na sua *Gram. hist.*, p. 355. No Alentejo diz-se ainda hoje *avondo*: vid. *Rev. Lusit.*, no cit. lugar, e em II, 44. No Algarve diz-se *àvonde*: vid. J. J. Nunes in *Rev. Lusit.*, VII, 109; pela minha parte, ouvi no Algarve tambem *àvondo* (Mexilhoeira), em frases como «o dinheiro não dá *àvondo*»; o *à* faz presupor que o etimo seria aqui **ad abunde* e **adabundo*, com *ad* preposto, fórmas que não seriam mais estranhas que em dialectos de Italia *piunda* (com adjunção de plus), e *purunda* (com adjunção de per), citadas no REW de Meyer-Lübke, § 53. — Abundo, de *abundus*, 3.

abrutella, «o mesmo que *arotêa*», terra aberta de novo, desbravada; .. hoje dizemos «*rotear* uma charneca». — Como Viterbo considerava *arotêa* formada de *a* + *rotea* ou *rotear*, deve ler-se *arrotea*, que é de facto a pronúncia actual. O *Novo*

Dic. da ling. portug. explica *arroteia* como provindo do baixo-latim arruptela, do lat. ruptus. Deve notar-se que o *baixo-latim*, aqui parece que no sentido de *latim-barbaro* (que, porém, não equivale àquele), não é fonte etimologica tão abundante como o autor do *Novo Diccionario* e outras pessoas freqüentemente supõem; as palavras escritas em latim barbaro são em grande numero de casos meramente palavras romanicas alatinadas: como hade pois partir-se d'elas? A explicação que julgo exacta é esta: *arrotear* ou *rotear* deriva de *roto* (chão) ou *rôta* (terra), por intermedio do sufixo *-ear*, que aparece tambem em *aformosear*, *afear*: do verbo *arrotear* veio *arrotêa* como substantivo verbal ou deverbal; cf., quanto á formação, *guerrêa*, de *guerrear*. De substantivos verbais ou deverbais me ocupo nos *Opusculos*, I, 411 ss. O verbo *arrotear*, por conter prefixo e sufixo, pertence á classe dos vocabulos que os filologos chamam parassinteticos.

acado. — Leia-se *achado.*

acedares. — Vid. G. Barros, III, 50, nota 1, onde cita *cedares.* A significação de *cedar* deve ser analoga á do lat. *cetarium*, viveiro de peixes; mas o etimo só póde ser *cetare; cf. port. *pomar* <> lat. pomarium, e lat. *altare* a par de *altarium.*

aceecer, caber, tocar por sorte. — Provém de *acaecer* «acontecer», e deve pronunciar-se *aqueecer*, do lat. **cadescere*, fórma incoativa de *cádere*, em lat. vulg. *cadére.*

acequia ou **aceca,** charco, etc. — Leia-se *acéquia.* D'aqui veio o nome geografico ACÊCA, que se escreve erradamente *Asseca.*

acetere. — Leia-se *acétere.* Diz Viterbo: «vem do latim *acetrum*, vaso ou panela de cobre ou de outro metal, apud Du Cange». Mas *acetrum* não é latim, é mera latinisação medieval de uma palavra romanica: hesp. *cetre*, catalão *cetri*, portug. *acétere.* De origem arabica: vid. Eguilaz y Yanguas, *Glosario*, sub voce.

achacar. — Vid. tambem *Inquisitiones*, p. 779.

acuciar. — Cf. *aguçar.*

achadégo. — Leia-se *achádego.* — Cf. *Rev. Lusit.*, XXI, 187.

achatar. — Leia-se *acatar.* Do lat. *accaptare, que tem vasta prole romanica: Meyer-Lübke, REW, § 65.

achacer. — Leia-se *acaecer.*

acitara. — Definição demasiado extensa, como já notou J. P. R., *Diss. Chron.*, IV-II, 108-109. Cf.: Du-Cange, *acitara*; e A. Castro in *Rev. de Filolog. españ.*, VIII, 14.

acolantro, o outro. (Vem no *Dicc. portatil).* — Será êrro por *acolautro,* que Viterbo encontraria em documento latino. Está por *acoloutro* ou *aqueloutro,* com quanto Saco Arce, *Gramat. gallega,* p. 60, tenha *autro* a par de *outro.* Com *acoloutro* cf. *acolá.*

aconocimento. — Leia-se *aconhocimento.*

acoomhar. — Leia-se *acoomiar.* Em português antigo o *h* representa muitas vezes a semi-vogal *i.*

açofar. — Leia-se *açófar.* Cf. hesp. *azófar,* latão.

açorar-se, apressar-se, correr ou andar em busca de alguma cousa. — De *açor,* ave de rapina empregada na caça, na idade-media. Cf. hesp. *azorar,* no *Dicc. de la Acad. Españ.,* onde já se dá esta explicação.

Açores, na Beira. — A inscrição a que alude Viterbo ainda ha poucos anos a vi *in loco.* Esta foi publicada por Hübner nas *Inscript. Hispan. Christianae,* n.º 328.

acrejo, acrèdor. — Infelizmente Viterbo não transcreve o trecho em que esta palavra aparece. Ela é bem singular.

acuciar, dar pressa. — Cf. hesp. *acuciar.*

adema, adémia. — Em docc. do sec. XIII citados por J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.,* v, 376, 389, etc., ha tambem: *ademha.* No onomantico ADEMAS.

adail. — Vid. **azaga.**

adente. — Não de *deincepas.* Cf. pop. *adiente.*

ader, acrescentar. — Do lat. addere.

aderado, justo preço, «preço aderado», e em doc. lat. do sec. XI: *pretio aderato.* — Do lat. adaeratus. Cf. hesp. *aderar.* Deve ser palavra medieval, senão o -d- da 2.ª silaba teria caído.

adergar, acertar, etc. — Cf. pop. *adregar,* acontecer.

adiceiro, trabalhador de mina. — Cf. *Leges et Consuet.,* I, 286.

admenas, alamedas. — Viterbo desenvolve muito a explicação de uma palavra que encontrou num documento latino. Ele acrescenta que não deve entender-se *ameias;* mas é isso o que parece, pois o texto diz: *cum suas admenas in giro.* O *Novo Dicc.* cita tambem *admena,* porém não diz d'onde é.

adta, até. — Entenda-se *atá,* fórma arcaica.

adua, certa imposição de dinheiro, etc. — Vid. a correcção que fez Herculano, *Hist. de Portug.,* III (5.ª ed.), 90, nota 1.

aducho, -a, testemunha aduzida, etc. — Palavra de origem hespanhola.

adugar, conduzir ou fazer aparecer. — Viterbo traz o verbo

no *Dicc. portatil*. Entenda-se que, tendo lido *aduga* (no conjuntivo), do verbo *aduzer*, lat. *adducere*, conjunt. adducat, deduziu d'aí inexactamente *adugar*. Tambem ele de *jouve* deduziu sem razão *jouver* e de *arça* deduziu *arcer*. Já Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Ineditos*, I, 299, fez a este proposito sensata observação, desconfiando da existencia de *adugar*. Vid. tambem Moraes, s. v. *aduga* (3.ª pess. do sing. do conjuntivo); ele supõe o verbo *aduzir*, mas o verbo arcaico é *aduzer*. Apesar do que diz a razão filologica, e do que se lê em Moraes, e S. Boaventura, o *Novo Diccionario* (1913) mantém *adugar!* [No *Pequeno Dicc.* já não] Temos *aduzer*, *adusse*, *adusserom*, *adugas* na *Demanda*, p. 34, 35, 37, etc.; temos *adugam*, 1356, nos *Docc. do Souto*, n.° 60, e, sec. XV, nas *Leges*, I, 214; *adusser* ibidem, p. 228; o proprio *Elucidario*, t. II, p. 118, traz «quem quer que *aduga* prata», e t. I, p. 60, *aduzer*.

adur, velhacaria, etc. — Deve ser o mesmo adverbio que vem em 2.° lugar; cf. *aadur* no Supplemento.

afruitenegar. — Lede *afruiteuegar* = *afruitevegar*, de fructificare.

afumado (Chaves). — O que diz Viterbo na definição, — limite afumado, reduzido a cultura —, não será exacto. *Afumado* em Moncorvo significa «arredores d'uma povoação», isto é, d'onde se avista o *fumo* d'esta. Assim ouvi lá. Cf. tambem Moreno in *Rev. Lusit.*, XIII, 110: «afumados: arredores, arrabaldes, ex.: *Carviçaes tem bons afumados*». Nas *Memor. de Bragança* do P.^e F. M. Alves, t. I, p. 251, diz-se que *afumádego* era certo direito antigo, e acrescenta-se: «o nosso povo ainda hoje intende por *afumádegos de um povo* as hortas, quintas e outras propriedades que o cercam» (p. 252). *Afumádegos* nunca ouvi neste último sentido, só *afumados*. Temos aqui um curioso fenómeno sematologico. Assim como o lar ou lume, *focus*, caracteriza uma casa, d'onde vem a expressão «tantos fogos» para indicar «tantas casas», ou «tantas familias» (cf. tambem o arc. *fogueira)*, assim tambem o fumo. De Ulisses, cativo na ilha de Calipso, diz Homero que desejava ao menos ver o fumo da sua terra: na *Odisseia*, I, 58-59. O mesmo se lê em Ovidio:

.. optat
Fumum de patriis posse videre focis,

Pont., I, III, 33. Temos nestes trechos as duas ideias a que acima me referi, de *focus* e *fumus*.

aga. — Leia-se *aja*. Na ortografia antiga ocorre muitas vezes *g* por *j*.

agilhada. — Lede *aguilhada*. Não faltam exemplos antigos de se ortografar *gui* por *gi*.

Agostia. — Lede *Agostĩa*.

aguçoso. — Cf. *Leges*, I, 293, sec. XV.

agugala. — Foi pena não citar o texto.

aguso. — Lede *ajuso*.

ahinco. — É palavra hespanhola.

Alcobaça, vila. — As inscrições romanicas que Viterbo transcreve foram acolhidas no *Corpus*, II. O tumulo que figura gravado na taboa ou estampa V está hoje no Museu do Carmo, e tem sido reproduzido várias vezes, ultimamente nas *Religiões da Lusitania*, III, 381.

alcorcova. — Deve ler-se *alcórcova*, pois com essa palavra se relaciona a moderna *alcorca* (Estremadura).

Alcoucez ou **Alcovez.** — É ainda hoje *Alcovez* um nome de vento: vid. *Lições de Philologia*, 2.ª ed., p. 415, e nota 1, 429, e cf. 519. (Alcoucez estará por *Alcoueez)*.

aldêa. — Cf. *Leges*, I, 427, 606; II, 4. Vid. tambem Herculano, IV[5], 321, e o indice das *Leges*.

aleixar-se, pôr-se ao largo. (No *Dicc. portatil)*. — Cf. hesp. *alejar*, de *lejos*: do lat. lassus. Vid. REW., § 4956.

alfambar. — Nas *Leges*, I, 867 (texto leonês-português) ha *alfamar*, como em hespanhol moderno: assimilação de *b* á nasal precedente, pois que o etimo é hanbal, vid. Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, n.° 4027.

alfanche. (No *Dicc. portatil)*. — Cf. *Dipl. et Chart.*, n.° 370 e p. 231.

alfaqueque. — Cf. *Leges*, I, 989 e 936 (Costumes leoneses), e em hespanhol moderno, «redentor de cautivos».

alfonsis, moedas. — É bastante errado o que aqui diz Viterbo, pois o *alfonsi* ou *grosso* ou *real grosso* é moeda de prata de D. Afonso V. Vid. tambem Aragão, *Moedas*, I, 441 (morabitino affonsi; dinheiro affonsi).

alhus. — Se não é êrro por *alhur*, poderá entender-se por *alhur(e)s*.

alima. (No *Dicc. portatil)*. — Leia-se *álima*.

alios. — Em *li* temos mera ortografia por *lh*.

almalo. — Já João Pedro Ribeiro emendou em *almalho*, vid. *Diss. Chron.*, IV-II, 110: interpreta *almalho* por «novilho». Vid. tambem o indice das *Leges* (s. v. *almalio)*. A pala-

vra existe ainda hoje no Alto-Minho sob a fórma *armalho*, que significa «boi inteiro», como eu disse no meu opusculo *Uma excursão a Soajo*, 1882, p. 33. Em galego ha *almalho*, «toro jóven, eral, novillo de dez años» (Valladares, *Dicc. gallego)*. O etimo está em animalia, tornado masculino.

(* **almarcova,** cutelo. — Na 2.ª ed. acrescenta Inocencio esta palavra dizendo que é do sec. XVI. Ela porém já vem nas *Leges*, II, 97, sec. XIV ou XIII).

almeitiga. — Vid. outros textos nas *Inquisitiones*, I, 77 (sec. XIII), 143, 295, 491, 583.

almoqueire, almoqueves (sic). — Vid. tambem *Leges*, I, 356 *(almoqueri)*, 492 *(almoquéver, almoquevaria)*.

alpender. — Leia-se *alpénder* «alpendre».

alquiar. — Vid. tambem *Leges*, I, 733.

alvende. — Tem uma nota de J. P. Ribeiro. Vid. tambem *Dipl. et Chart.*, n.º 5 e 6; e cf. A. Sampaio, *As «villas» do Norte de Port.*, p. 40.

amadígo. — Leia-se *amádigo*. Vid. *Rev. Lusit.*, XXI, 187, nota 2.

amágo, ameaço, terror. — Nome verbal correspondente ao hesp. *amagar* «levantar en ademán de herir».

amatar, II. — No doc. citado *sub voce*, leia-se *deejros* como *dẽeiros* «dinheiros».

ambiciar. (No *Dicc. portatil)*. — Cf. a mesma palavra em hespanhol antigo.

ambróó. — Deve estar por *ambrõo*, vid. **ambrom, amprom,** e **anpróóm.**

amentar, II. — Vid. o que diz o *Dicc.* de Moraes.

amolhoar. — Cf. **amalhar** e **malhom** nos seus lugares.

amoorar. — Cf. *Inquisitiones*, I, 738, col. 2.ª

amos, ambos. — É ainda hoje popular: *amos de dois.*

amprom. — Vid. **ambróó.** Já Ribeiro notou que o etimo está em pronus; com quanto ele negue ou pareça negar que houve *ambróó*, e suponha que só houve *amprom*, o *b* de *ambróó* ou *ambrõo* póde explicar-se por *a prono*. A nasal provém de *in*, em in prono; cf. noutras linguas romanicas: *mprona, imprú, emparun* (em Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 6779). Teriamos pois: * *abrõo* + *in prono* = *ambrõo* ou *amprom*. Cf. *anfesto*.

anadel. — E *anadal:* G. Barros, III, 880.

anafragar. — Vid. o indice das *Leges*, e cf. Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 5854, onde cita outros trabalhos.

andada. — Usa-se ainda na Beira (o A. era beirão).

andajem. — Cf. J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, IV-II, 135.

Andere. — Provavelmente *Andree.*

anfesto. — Por *an-festo* (é *festo* de origem germanica <> al. first: vid. Meyer-L., *Et. Wb.*, § 3321.

angueiras. — Cf. *Leges et Cons.*, I, 418, 646 *(angeria)* e 792 (foral leonês de Alfaiates).

aninia. — Creio se leria *anhinha.*

anneisam. (No *Dicc. portatil).* — Leia-se *anneixam.*

anóveas. — Leia-se *anovêas.*

anta, antas. — São monumentos prehistoricos (sepulturas): vid. *Religiões da Lusitania,* I, 25 (-26), nota 1.

antifaal, antifonal, livro das antiphonas. — O etimo deve ser *antifãal* por **antiphanal,* de **antiphana* por *antiphona.*

antreliar. — Por *antrelĩar,* cf. *autrelinhadura.*

antreluiado. — Êrro por *antrelinado* = *antretĩada.* Tomou-se *in* por *ui.*

aona. — Por *a(d)ona:* vid. Cornu, *Dic. port. Spresche,* § 176.

apartar dos bens. — Cf. J. P. Ribeiro, *Observ. historicas,* p. 115-118.

apeiro. — A expressão *á süa geira,* que alterna com *soeira* (>sojeira) foi pelo S.or Epiphanio Dias corrigida em *á sogeira;* vid. ed. de *C. Falcão,* p. 101. Tambem nas *Leges,* I, 713 (trad. do sec. XV), se lê «coelheiro que for *a ssuageira*».

apelido. — Vid. o que diz Herculano, *Hist. de Port.*, IV, 83.

aplaso. — Certamente *aplazo.*

aportellado. — Mal definido, diz Herculano, *Hist. de Port.*, IV, 182, nota 2.

apostila. — Nas *Leges,* I, 669, *apostilia* = *apostilha.*

apreciadura. (No *Dicc. portatil).* — Outro exemplo nas *Leges,* I, 87, sec. XII.

apresso, aprendido ou sabido. — Isto é: *apreso* <apprehensus.

aprodeiro. (No *Dicc. portatil).* — Cf. hesp. *aprodar* «aprovechar». De *prod(e).*

aqó. — O mesmo que *acó.*

aquaecer. — O mesmo que *acaecer.*

aradoiro. — Vid. *Inquisit.*, I, 523: «aradoiros ferri».

aral. — Vid. tambem *Leges,* I, 733 *(arale),* e J. P. Ribeiro nas *Diss. Chron.*, I, 245. Deriv. de *arar.*

aramio, terra que lavra em um dia. — Cf. hesp. *aramia* «tierra labradia».

Aravor, cidade. — Não houve nenhuma cidade lusitana

chamada *Aravor*; o que houve foi *civitas Aravorum* ([1]), que numa inscrição romana de Marialva, transcrita por Viterbo com outras no artigo que estou analisando, se diz abreviadamente: CIVITAS ARAVOR = Aravor(um). Da abreviatura «*Aravor*» tomou Viterbo erradamente *Aravor*. Este fantastico *Aravor* passou para Pinho Leal, s. v. «Marialva». — As inscrições romanas foram acolhidas no *Corpus*, II.

arcer. — Viterbo leu *arçam* e *arça* em dcc. do sec. XIII e XIV, e d'aí deduziu erradamente *arcer*, quando o verbo é *arder*; o conjuntivo assenta no lat. ardeam. — É curioso que o autor do *Novo Diccionario* acolhesse o verbo inventado por Viterbo, imaginando *arcer* por *arser*, do latim *arsus!* O mesmo A. cita um passo de Gonçalves Dias com *arço*, que não é mais que o lat. ardeo. A consoante *d*, precedida de consoante ou ditongo, e seguida de semi-vogal, deu *ç* em português: já nas minhas *Lições de Philologia* (1911), anterior ao *Novo Diccion.* (1913), eu citára, a p. 35, *arço* < ardeo; cf. *ouço* < audio. [No *Pequeno Diccion.* não vem a palavra].

areatica, a que Viterbo dá como sinonimo *eiradíga*, *eiradega*, etc. Mas todas estas palavras são proparoxitonicas.

arenzadas, certo número de *arenzos*. — Tambem nas *Leges* se lê *aranzada* e *arençada*: I, 867 e 736 (sec. XIII).

arenzo. — Cf. nas *Leges*, I, 455: «den in portádigo 1 *arenco* et de ce caualo 1 *solidum* .. de asino vel bove 6 *denarios*». Temos *arenco* = *arenço*, que faz presupor como etimo *aregenteu-, de aregentum (cit. no REW. de Meyer-Lübke, § 640, por *argentum*. A proposito de *arenzo* transcrevo a seguinte nota que o Sr. G. Barros me deu num papelinho: «aliás *arenco* (foral de Gouveia: 1186). *Arenzo:* foral de Linhares, 1169, p. 395 [das *Leges et Consuet.*]; Posturas de Coimbra, 1145, p. 744. Ver o *Elucid.*, vb. *arenzo*, principalmente no Supplemente, advertindo que o documento de Oviedo ahi citado é do sec. XIII e não XII. Ás *arenzadas de vineis* refiro-me no tomo III [da *Hist. da adm.*], p. 553, no fim [isto é, na nota]». — Nos *Origenes del españ.*, p. 279, define Pidal *arenzadas:* «cantidad que se puede comprar por un *arienzo*, como *dinerada* y *maravidada* signficaban cantidade de comestible que se compraba por un dinero o un maravedi». Quanto aos dois ultimos vocabulos vid. tambem Viterbo, s. vv.

([1]) Isto é, *civitas* ou «comunidade dos *Aravi* ou Aravos», povo iberico de que ha outras noticias (cf. *Arevaci)*.

argaans. — Cf. hesp. *argana* «especie de angàrrillas».

arredar. — Num doc. de 1302 diz-se: «hum seu criado, que é *aalemtego* (=aalem Tejo)». D'aqui se vê que então ainda se percebia o sentido da preposição *aalem*, não encorporada no respectivo substantivo, como hoje. Cf. o que escrevi n*O Arch. Portug.*, XXI, 189, nota 2.

arreigado. — Vid. outro exemplo (sec. XIII) nas *Leges*, II, 42.

arrelde. — Nas *Leges*, I, 462, lê-se *arredel*, plur. *arredes* (sec. XII), isto é *arrédel*, *arrédes*. Do arabe: vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire*, p. 201 (<> *arratel)*.

arricaveiro. — No doc. de Tomar, de 1217, citado neste artigo, emende-se *arrotovas* em *arrocovas*. Foi êrro tipografico; o proprio P.^{e} Viterbo emprega mais abaixo *arrocovas*. No mesmo artigo se menciona *Here* (baixo-latim) «milicia, expedição, etc.»: é palavra germanica (alto-alemão médio *Here*, alemão moderno *Heer)*.

arriel. — Diz Viterbo que «havia *arrieis de orelhas*, que eram uns anneis de ouro grossos, e largos, que d'ellas pendiam, e de que os mesmos homens usavam». Provavelmente tem em mente o seguinte passo de Barros, *Decadas*, I, liv. 2.ª, cap. 2 (citado por Moraes no *Dicc.*, sem transcrição): «um escudo com .. tres cabeças de Negros, cada um com tres *arrieis d'ouro* nas orelhas e narizes».

arrinhos, areaes e enseadas, onde he facil e copiosa a pescaria dos saveis e lamprêas no rio Douro. Assim diz Viterbo, mas deve ler-se *areinhos*. Ainda hoje ha na margem esquerda do rio, perto do Porto, um sitio chamado o AREINHO ou *Ariinho;* e numa *Planta da Foz do Douro até Quebrantoens* por Luis Gomes de Carvalho († 1829), a qual comprei para o Museu Etnologico, figuram-se em meio do rio tres ilhotas de areia com a designação de «Areinhos». Nas *Leges*, I, 663, sec. XIII, lê-se, com fórma alatinada, *Arinio*, que deve ler-se *Ariño;* cf. ibidem *Arino*. Do rio Minho diz analogamente Baldaque da Silva, *Pescas em Portugal*, p. 7, que ha nele bancos de areia, chamados *areinhos*. O etimo está em *areninus (correspondente a *arenosus*, *arenatus)*, adjectivo que se substantivou.

arruniado. — Na expressão *Kastro Arruniado:* ou *arruniado* está por *arruinado* ou *arruinhado*, ou está por *arrunhado* (ni = nh). Em todo o caso o sentido é o mesmo: «arruinado». Deve entender-se que temos aqui as ruinas de um «castro» ou *oppidum* da Lusitania.

árvido. — No doc. aí citado está *conpoomdores:* deve ler-se *conpoemdores* (1318).

aseçoo. — Isto é: *a-seçoo.* A parte *-seçoo* póde explicar-se por *seditiolum, de *seditium por *sedĭmen*, etc. (cf. *exercicium)*, tendo passado por *seeçoo;* cf. *paaçoo* < palatiolum. Segundo o que digo, a palavra *aseçoo* deve ler-se *asseçóó.*

aseitamento. (No *Dicc. portatil).* — De *aseitar*, armar ciladas. — Isto é: *asseitar,* de *asseditare, por *assediare*, de *assĕdium*, palavras do latim medieval, representadas noutras lingoas romanicas.

assomar, ainda se usa na provincia de Traz-dos-Montes, por chegar-se a uma janella, etc. — Tambem a mesma palavra se usa no Alentejo.

assunar. — Leia-se *assũar.* Cf. D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, I, 117 ss.

astil, medida agraria. — Um exemplo de 1260, de Torres Vedras, em G. Barros, *Hist.*, III, 184, nota: *hastilia* («hastins» ou «hastis»).

astrego, obrigação, vem do latim *adstringo.* — Poderá ser de *adstrĭgulum > **astregoo;* cf., quanto ao sentido, *vinculum, cingulum*, quanto á fórma, **cigla*, que deu *cilha* (apesar do que diz Meyer-Lübke no *Et. Wb.*, § 1926: cf. os meus *Opusculos*, I, 511-512.

atanças, até. — Na 5.ª ed. do *Diccion.* de Moraes cita-se «atances, até: no *Livro de Noa St. Cruz de Coimbra*». Na lingoa moderna só conheço *antances* ou *atances* na lingoagem da raia beirã, porém no sentido de «então»; cf. o português antigo *entonce* (de in-tunce).

ateigar, estimar os frutos. — Já Ribeiro anotou isto. — Vid. *ataygatus* e *ateygatus* nas *Leges*, I, 599, 639 e 658.

atimar. — Lede *acimar* (fusão de *c* em *t* no manuscrito).

atrenado, tres vezes em dobro. — Por *aternar*, de *terno*, lat. ternus.

atuno e **autuno.** — Novidades, renovos, colheita de trigo, cevada, e centeio. «Em algumas partes da Beira-Alta ainda hoje se chamam *outonos* as novidades, e colheitas dos ditos tres frutos»; *atuno* é fórma descuidada de *autuno*, uma e outra do latim barbaro; cf. na lingoagem popular *Águsto* por *Augusto.* Nas *Leges*, I, 479 (sec. XII): «hoc est *autunus*, triticum, ordeum et centenum», e na respectiva tradução portuguesa (antiga): «o melhor *outono* é este, triigo e cevada e centeo, e da segunda de .. milho e payço (= paiço)», p. 480.

Nas *Inquisit.*, I, 71, col. 1.ª: «dant inde quartam de *octuno* et terciam de milio»; *laborant octonum, laborant milium*, ib., col. 2.ª. Nas mesmas *Inquisit.*, I, 298: «dam al Rey de quanto lavram: tertio de *outono*, et meyo de milo»; ibid., p. 638: «medietatem milii et terciam *outoni*». Ainda hoje é corrente em Baião a palavra *outono* no sentido de «cereaes» (como lá ouvi várias vezes): «semear os *outonos*». Cf. tambem A. de Azeredo in *Rev. Lusit.*, XI, 201.

aufesto. — Deve ler-se *anfesto*; vid. supra.

augouas. — Entende-se *áuguoas*.

aureo, moeda. — Vid. Aragão, *Moedas*.

ausidua, o mesmo que *ousia*. — A palavra *ousia* vem de absīda, mas *ausidua* prèssupõe *absidula, por *absidicula*, que se encontra no latim medieval.

avarcas. — Vid. *abarca*, supra.

aveela, caminho estreito. — O mesmo que hoje dizemos *viela*. Deminutivo do lat. vĭa, com prostese de *a*.

avenhir. — Lede *avẽir*.

avidas. — Êrro por *amdas* = andas. (Em *amdas* tornou-se *m* por *ui* = vi).

avidor. — Provavelmente soava *avĩdor*: vid. «avindor».

avizamento. — Deve ser com *s*.

avoenga, I. — Com o que diz Viterbo e J. P. Ribeiro na observação que faz àquele a respeito da relação da avoenga com os morgados vid. G. Barros, *Hist.*, III, 649, nota 2. — E vid. o indice das *Leges*.

avolenga, o mesmo que *avoenga*. — É avolenga fórma latina; cf.: «nec de *avolenga* .. per *avolengario*, nas *Inquisitiones*, I, 900 e 901, e passim.

axente, «assim chamam a prata; vem do latim *argentum*». — O -*e* mostra que a palavra não é portuguesa; cf. *argente* em *El Libro de Alexandre*, 1225 (*de oro e dargente* em rima com *yente* etc.), a par porém de *argent*, 811 («el exe de fin *argent* que cantasse meior»).

ayrão, ramo de flores de pedras finas, penacho. — Cf. hesp. *airón* (especie de garça e penacho), fr. *héron*. São palavras de origem germanica.

azaga. — Para o estudo d'esta palavra vid. Herculano, IV, 417 e nota 1, e o indice das *Leges*, s. v. *azaga*. Nos textos lê-se tambem *zaga*, *çaga*, e *açaga* (que é a pronúncia de *azaga*). — Vid. tambem no *Elucidario* «açaga».

azaria. — Vid. o indice das *Leges et Consuet.*

azes, corpo de um exercito bem ordenado. (No *Dicc. portatil).* — É meramente o plural de *az*, do lat. aciem.

azimela. — Fórma alterada de *azêmela (azemola, azemala)*, de origem arabica. Vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire*, p. 33.

azoreira. — Diz Viterbo que em Tras-os-Montes nao faltam povos, quintas e sitios de terras com o nome de AZOREIRA; deve entender-se *Açoreira*, que julgo palavra derivada de *açor*, como ANGUIEIRA, de aguia, etc.

azude. — Leia-se *açude*.

B

B. — Diz Viterbo que se encontra em documentos B por P; dos exemplos que ele produz, vê-se porém que não é B simples por P simples, mas aquela letra ligada a outra consoante (BT por PT, BL por PL, BS por PS). Tenho tambem encontrado muitos exemplos. — Quanto ao fenomeno inverso que ele nota, é analogamente PD, PT; e ao mesmo tempo B intervocalico por P. — Na palavra *Kabmnia* por *Calumnia* não ha, como diz, B por L; tomou-se *bm* por *lum* (êrro de leitura). — Em *jubsio* ha BS por SS, visto que *iussio* vem de *iubeo*.

Babilom, apelido do sec. XIII. — Ha outros exemplos no *Onomastico* de Cortesão. Parece ser a palavra latina Bábylo, -ónis, que originariamente significa «habitante de Babylonia». Se a palavra tem a estirpe que indico, é curiosa a seguinte coincidencia semantica. Nos *Adelphi* de Terencio, 915 (cit. por Georges, *Lat.-deutsches Wb.*, s. v.), a palavra *Babylo* passou a ter a significação de «homem de riqueza e luxo orientais, nababo» (1); ou no Brasil do Norte, como diz o *Novo Diccionario da l. port.*, o adjectivo *Babylonio*, que é afim do lat. *Babylo*, significa «muito grande, formidavel»: coincidencia que é facil de compreender, por causa da fama e gloria da cidade de *Babylonia*, nome que até figura em um conto popular nosso (2).

---

(1) O mesmo havia já dito De-Vit, *Onomasticon*, s. v. «Babylo».

(2) Por exemplo, em Adolfo Coelho, *Contos popul.*, Lisboa 1879, p. 34.

bacharel. — Acêrca da origem d'esta palavra vid. o moderno *Etym. Wb.* de Meyer-Lübke, § 863. A origem imediata da fórma portuguesa está na francesa antiga *bacheler;* analoga origem têm outras palavras nossas ligadas com a transmissão da civilização, como *chanceler* ou *chançarel* (arc.), *dião* ou *adaião* (arc.), *chantre, chapeu, vergel, jardim, granja, joia,* algumas d'elas vindas talvez com os monges.

bacinete, chapeo de ferro ou aço para defender a cabeça das armas ofensivas. — Tem tambem origem francesa: de *bassinet.* Quanto ao *c* por *ss* cf. *centinela* nas *Lições de Philologia,* p. 373-374.

baculo, vinha, bacelo. — Deve ler-se *bacello* (tomou-se *u* por *el.*

badounas, redenhos dos intestinos. — Lede *bandouuas* (= bandouvas), correcção já feita pelo S.or Epiphanio Dias, *Obras de Falcão,* p. 101. O proprio Viterbo se encarrega de tacitamente se emendar, pois acrescenta: «hoje se diz *bandoubas*». Vid. tambem Moraes, s. v. «bandouba».

bafordar, no jogo das armas. — Tirar lanças por alto. — Uma nota ms. do S.or Epiphanio Dias num exemplar do *Dicc.* de Moraes, que possuo, diz: «no sec. 12 e 13 é = justar com lança». Viterbo cita tambem: *bofordar,* e com o substantivo (em latim barbaro) *bufurdium,* que deve entender-se *bufurdo* ou *bofordo.* Outras lingoas romanicas apresentam analoga variedade de fórmas: fr. ant. *bouhourder,* prov. *bahordar,* hesp. antigo *bohordar* e *bohordo.* O etimo é germanico. Vid. sobre isto Meyer-Lübke, *Et. Wb.,* § 1098.

Balata, campo de Vallada, entre Santarem e Lisboa. — Cf. G. Barros, *Hist. da admin.,* IV, 65.

balugas, borzeguins. — Cf., quanto ao sentido geral de envoltorio ou receptaculo, *baluga* «vagem já grande de qualquer leguminosa» (Obidos, Cadaval).

baralar e **baralas.** — Pronuncia-se *l* como *lh.*

barata, permutação. — Cf. J. P. R. *Dissert. Chron.,* t. I, doc. n.º 66: *mala barata* a que corresponde hoje *malbaratar.*

barcadiga, barcada. — Lede *barcádiga.*

barim, buril de ourives. — Será antes *burim?* cf. o fr. *burin.*

barrarios. — Tambem no foral de Salvaterra, de 1199, se lê: «montes et flumina sint concilii et *venarii* et *barrarii*» *(Leges,* I, 617).

barraza e **baraza,** armadilha. — Cf. *baraza* nas *Leges et Cons.*, I, 367, e *baraca* (= baraça), p. 462.

barregueiro, o que tem *barregãa*. — Cf. «*barreg(u)eiro* casado» num doc. do sec. XVI nas *Diss. Chron.*, IV-II, 170.

barreiras, I, parece ser o mesmo que verteduras (do vinho). — Não será *borreiras?* (quantidade de *bôrra* (de vinho, d'azeite, etc.). A palavra *borreira* não está ainda arquivada, parece: conheço-a de várias terras (Beira, Algarve).

barro, lugar pequeno. — Cf. arc. BARRIOS, *Dipl. et Ch.*, p. 231. Do arc. *barrio* veio *bairro*, e o nome de lugar BAIRRADA «conjunto de bairros».

barrôco, «penedo ou penedos altos. D'aqui *barrocal*, lugar cheio de penedos altos e fragosos» ainda em uso em Pinhel e Riba-Cöa. — A mesma palavra se usa noutros sitios da Beira-Baixa, por exemplo em Celorico e Ídanha. Alem de ter a significação de *penedo*, tem significação hidrografica (excavação transitoria, a modo de rego, funda, feita por chuvas torrenciais, mas onde as agoas deixam de passar depois). A palavra *barrocal* é corrente na Beira-Baixa para significar *penedia*. Por ironia chama-se *barrôco* a uma pedra sôlta, e *barrocada* a uma pedrada. — Tambem ha *barróca* «regueiro com ou sem parede, que séca de verão, e que geralmente recebe a agoa dos campos marginais, emquanto não são aproveitadas para rêgas» (Mangualde); na *Rev. Lusit.*, II, 245, diz-se que *barroca* é sulco fundo feito por chuvas torrenciais. A palavra *barroca* aparece já em 1258 para servir de confrontação, num doc. das *Inquisitiones*, p. 842. Andrada (sec. XVI-XVII) diz: «como se lançou .. de hũa *barroca* muyto alta», *Casam. perfeyto*, ed. de 1726, p. 46; cf. a acepção de «monte ou rocha» em que Moraes a toma. BARROCO, BARROCA, BARROCAL, e BARROQUEIRA aparecem muito na nossa toponimia.

bayanca, barranco. — Se não fosse dizer o *Novo Dicc.* que *baianca* significa tambem «caminho estreito entre o baluarte e o fosso», eu perguntaria se não deviamos aqui ler *barranca*, palavra que existe no onomastico, e que deve estar para *barranco*, como *barroca* para *barrôco*.

behetria. — Vid. Gama Barros, *Hist.*, III, 431 e 432 ss.

beiçoairo ou **bençoairo,** livro ou rol dos bens adquiridos por testamento ou outro justo titulo (nos mosteiros). O etimo deve ser *benedictionarium; cf. em Maigne *benedictionalis liber*, livro de bençãos.

beilhoos, «castanhas assadas, e limpas já de toda a casca». —Ainda hoje na Beira-Alta se dizem *bilhós*. Ribeiro, *Diss. Chron.*, IV-II, 135, objecta: «*bilhoos* são bolos de bolina, e não castanhas». Não sei o que Ribeiro entende por *bolina* (quereria dizer *boleta?)*, mas o que Viterbo diz dos *bilhós* Beira-Alta é certo. Por outro lado Moraes, *Dicc.*, dá bilhó como bolo frito de farinha e abobora.

bemdado, bem nascido. — Já Ribeiro disse que não encontrou *bemdado*. Será *bemnado* (= bẽ nado).

bemquerença. — Acêrca do *deus Aernus* vid. *Religiões da Lusitania*, II, 338. — Num texto bragançano do sec. XIII, no *Eluc.*, tradução, de outro latino do seculo anterior, encontram-se termos e fórmas que passo a transcrever: *Bregança*, *veir* (ou *vẽir*, vir), *possúyan* (conjuntivo), *engéos* (< ingenuos), *viuda* (hespanholismo raiano), *nengum* «nenhum», *dia* («dê», outro hespanholismo ou leonesismo).

bemsilho e **vencelho,** ligadura. — Acrescenta o A.: «na Beira se diz ainda hoje *vencilho* e não *vencelho*». — Esta última fórma usa-se em Tras-os-Montes.

benefactorias. — Vid. o que se disse s. v. «behetria».

beveragees, vinho para gasto. — Provavelmente falta til: *beveragẽes*.

biffa, pano-de-lã. — Vid. Americo Castro in *Rev. de Fil. Esp.*, VIII, 22.

biguinos ou **beguinos,** fanatico hipocrita. — Cf. G. Barros, III, 51 (-52), nota 6. — Diz Viterbo que *begger* em alemão significa «mendigar»; devia dizer *beggen* em flamengo.

Bispo, alcunha. — Deve emendar-se no texto, p. 200, *Travécas* e *Tragoas* em *Frávecas* e *Frágoas*.

bodivo. — A palavra *ementar*, aí citada, nada tem com o lat. memento: mas vem de mens, -entis, por intermedio de ementum, que se lê em S. Isidoro de Sevilha. A palavra *vodivo* nada tem com *Wodan:* vem do lat. votivum.

boi, artificio de caça. — Não entra aqui o animal *boi*, mas *boiz* «engenho de caça». Viterbo tomou *boiz* ou *bois* por plural de *boi*. É *boiz* o mesmo que *aboiz*. O èrro parece que já vem dè longè, pois num doc. do sec. XV, citado por G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 45, nota, sè fala dè *caçar perdizes com boi*, èxcepto sè *boi* se pronunciava *boí*, quė é o mais provavèl, tomado como singular dè *bois*. Em galego ha *buiz* «armadigo para cazar pájaros». Em Chãs de Tavares (Mangualde) ouvi em 1892 dizer *abaisar (aboisar)*, com *s*, no sentido parece que

de «engodar»: deverá a palavra ligar-se com *abóis*. No concelho de Baião usam os rapazes uma armadilha para apanhar passaros, chamada *aboísa* ou *aboíza*, no feminino: nome que evidentemente se relaciona com o arcaico (como *abóis* é feminino, o povo juntou-lhe *-a*, para a adaptar aos nomes femininos assim terminados).

bona, bens. — Pronuncie-se *bõa*. Nas *Leges*, p. 257, lê-se: «desherdar da *booa* de seu padre», sec. XV (com desnasalamento).

boroa scarolada, era o pão de painço, que propriamente se dizia *boroa*. — Á expressão *boroa scarolada* do doc. do sec. XV citado por Viterbo corresponde nas *Inquisitiones*, I, 136, ed. 2.ª, num doc. lat. do sec. XIII, *borona mossegada*. — Deve acrescentar-se que na Beira-Alta se chama ainda hoje *broa* ao grão do painço (*Setaria Italica* dos botanicos), e se chama *painço* á palha; *broa* é tambem o nome do conjunto da planta: «um campo de *broa*».

bostello, pequeno bosque, tapada, territorio. — Vid. BUSTO.

bragaadiga, preço de um bragal. — Por **bragaládiga*.

bragal. — Dá Viterbo a *bragal* (I e II) várias significações: 1) certo pano; 2) pano por cuja estimação se compravam as as cousas de que se precisava; 3) medida. Quanto á 1.ª significação direi que em Baião e Mesãofrio se chama ainda hoje *bragal* ao conjunto de roupa branca (de vestir, de cama, toalhas). Quanto á 2.ª vid. tambem J. P. Ribeiro, *Observ. hist.*, p. 101 ss., a cujos textos se podem juntar muitos mais. Quanto á 3.ª, *bragal como medida*, vid. G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 485, nota 6.

bragel, o mesmo que *bragal*. — Deve ler-se *bragal*, como êrro de *e* por *a*.

bragueiro. — Cf. A. Castro in *Rev. de Fil. Esp.*, VIII, 25 e nota 3.

branea. — Não é palavra portuguesa, mas alatinada, por «brenha».

brenseda, multidão de brenhas. — Vid. o que diz Moraes.

breviorio. — O S.or Epiphanio Dias, em *breviario*. Vid. *Obras*, de C. Falcão, p. 101.

burgel, burguês. — Talvez por *burgês*: vid. *Rev. Lusit.*, IX, 12.

busto, I, curral de bois ou vacas. — João Pedro já objectou que por *busto* se deve entender o rebanho, e não curral. De facto ha muitos passos onde essa significação se patenteia,

por ex.: «Omnes qui quiesirint pousar cum suo ganado in terminos de Pinel, prendant de illis montadigo: da grege das oues IIII[or] carneiros; et do *busto das vacas* I[a] vaca» vid. *Leges*, I, 542. Noutro lugar, p. 614: «homines civitatis Egitaniae prendant montaticum de illis qui uenerint pausare in terminis suis: de ovium III[or] carnarios, et de grege porcorum IIII[or] porcos, de *busto vacarum* I vacam». Analoga disposição a p. 623, etc.: vid. tambem o indice das *Leges*, I, 946. Não se podia passar com um curral, e sim com um rebanho. Vê-se além disso a simetria: *grege das oues* conexa com *busto das vacas; grege ovium* e *grege porcorum* conexas com *busto vacarum*. Quem passava com estes rebanhos e os punha a pastar em certo local pagava o tributo chamado *montádigo*. — Em defesa de Viterbo devo notar que á sua mente veio a significação de rebanho, pois no artigo seguinte diz dos *bustos:* currais ou *rebanhos de gado vaccum*. — Com este *busto* ou *bosto* se relaciona *bostal* «curral de bois», que o mesmo Viterbo cita na sua ordem alfabetica, em hesp. *bostar*, e *bustar* (cf. *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, XLVIII, 132).

busto, II, tapada ou bouça para criação de gados. — Viterbo fez dois artigos diferentes, mas a palavra é certamente a mesma nos dois (como ele proprio aventa), embora cada uma com seu sentido. — Lê-se em Herculano, *Hist. de Port.*, III, 5.ª ed., p. 280: «Nos mais antigos diplomas relativos a concessões, transmissão e distribuição de terrenos, os que com maior freqüencia se mencionam são os destinados a pastagens, quer com o nome de BUSTOS, quer com o de prados e parcigos *(prata, pascua)*». Tambem em G. Barros, II, 384, *busto* «pascigo».

busto, bosto, III. — Acêrca do etimo vid.: Diez, *Et. Wb.*, p. 433, e M.-Lübke, REW, n.° 1228. Cf. tambem: Carnoy in *Mod. Lang. Notes*, XXXII, 390; e cf. igualmente *Zs. f. rom. Philol.*, XXXV, 635. — É em *busto* no sentido de curral ou pasto que assenta BOSTELO, nome de lugar, e não no primeiro, como Viterbo diz. A par de BOSTELO, com *o* ou com *u*, ha BOSTELINHOS. Na toponimia de Hespanha não faltam tambem *Bostelo*, *Bustelo*, *Busteliño*, em Lião e Galiza, e *Bustiello* e *Bustillo* noutras regiões; cf. *Bustelfollado* nas Asturias.

butirada, bolo de manteiga. — Nas *Inquisitiones*, I, 477, lê-se «unam columpnam *butiri*», genativo do lat. *bútyrum*, aqui escrito com *i*. A palavra *butirada* formou-se pois de bútyrum.

buzeno, medida. — Leia-se *búzeno*, ou melhor, *búzẽo*, tambem em dcc. *buzeo*, *buzio*, etc. A palavra *buzio* corresponde a masculinazação do lat. bucĭna «trombeta». Pois que um buzio-concha *(Triton)* serve ás vezes de trombeta para chamar os homens para o trabalho etc., a trombeta, isto é, *bucĭna-, passou a significar buzio, isto é, concha. Um buzio póde servir de recipiente, e por isso adquiriu tambem a significação de medida.

C

C: d'elle usaram os nossos maiores em logar de *s*, v. g. *carradamente*, *cocobrar*, *currador* .., e por isso pronunciavam *sarradamente*, *sossobrar*, *surrador*. — Nisto se engana o P.ᵉ Viterbo, pois ali está *c*, não por *s*, mas por *ç*: a pronúncia era *çarradamente* (de *cerrar)*, *çoçobrar* (cf. hesp. arc. *çoçobrar*, mod. *zozobrar)*, *çurrador*.

cabadura, cabedal. — Cf. *Leges*, p. 602.

cabaes, todo e qualquer. — É necessario rever o original.

cabaneros, homens braceiros. — Dos cabaneiros tratou G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 483.

cabe, perto. — Tambem em cast. ant. *cabe*, a par de *cabo* e *cab*. — Viterbo traz *cabo* no seu lugar, onde cita outro exemplo de *cabe*.

cabidoal (caminho), principal. — De *capitularis, com troca de sufixo *(-al*, por *-ar)*.

cabo, I, fazenda, etc. — Cf. *Leges*, I, 697: «de quolibet furto dominus furti recipiat suum *cabum*, et alias sete partes dividat cum judice per medium».

cabo, II, fim, termo. — Ainda hoje dizemos: «no *cabo* do mundo». Adverbialmente *ao cabo* «por fim», por exemplo nestes versos populares:

> Os meus irmãos me mataram
> Por tres maçãzinhas de ouro,
> E *ao cabo* não nas levaram:

nas *Trad. pop. de Portugal*, p. 125.

cabo, III, lugar que cada um ocupa. — Na Beira-Alta é corrente dizer a um rapaz numa escola: «vai para o teu *cabo*».

cabo, no *Dicc. portat.*, o mesmo que *cabe*. — Na *Demanda*

do Santo Graal, p. 15: «e el-Rey catou ho scudo, e mostrou-o a Lançalot, que *cabo* d'elle stava».

cabrua e **cabruna.** — O segundo vocabulo entenda-se *cabrũa;* o primeiro póde ser tambem *cabrũa*, fórma conservada sob influencia de *cabrum*.

cacifo, II; medida de solidos. — Nas *Inquisitiones* de D. Afonso III, lê-se: «dam xxvj *cacifeiros* de farina tritica», p. 327, e «dam .. por festa de Santo Michael senas ([1]) *cacifeiras* de farina in pam». Temos pois *cacifeiro* e *cacifeira*, como medida.

cadanho, cada hum anno. — Entenda-se *cadanno*.

caduu, cada hum. — Leia-se *cadũu*.

caendas ou **queendas,** comemoração dos defuntos no 1.º de cada mês (no *Dicc. portat.)*. — A palavra *quendas* existe ainda em Baião, mas noutro sentido: chamam assim aos doze dias anteriores ao Natal, contados do dia de Santa Luzia: cada dia representa um mês do ano nos prognosticos da lavoura. Tambem ha *requendas*, que são os doze dias seguintes ao Natal, isto é, até dias de Reis: cada dia representa igualmente um mês, mas acrescenta o povo que as *requendas* são mais favoraveis que as *quendas*. — A respeito de *queendas:* «e nas oytauas de Natal e de Pascoa e de Sancti Spíritu e nas *queendas* dos messes» (doc. de D. Denis, na Torre do Tombo, caixa 104, col. especial). — Temos assim, no que toca á fórma: calendas > *caendas* > *queendas* > *quendas*.

cajom, I, II, III, ocasião, quèda, desastre. — É sempre a mesma palavra. Cf. D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 129 ss. — O proprio Viterbo cita outros textos: *outro cajão* (masc.) s. v. «arrenhamento», e *algum cajão* s. v. «arrunhamento». Vid.: tambem J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, I, 273 (sec. XIII); *Livro d'Esopo*, 67 *(cajom); Leges*, p. 642, *per cajom* «por acaso», onde se opõem a *conselheiramente* «de caso pensado».

calaça. — Cf. *Inquisit.*, I, 79, 557.

caldeira. — Diz Viterbo que na frèguesia de Barcos ha notaveis campas em algumas das quais se esculpiram caldeiras penduradas em lanças (isto é, a insignia de *pendão e caldeira)*. Acrescentarei que a mesma insignia está num tumulo á entrada da Sé de Évora. — Do *pendão & caldeira* tinha já

([1]) = senhas «cada um sua».

falado Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. 21 (p. 59 da ed. de 1690).

Caliabria. — O monte que o A. descreve como existente junto ao Agueda é manifestamente um *castro*. Acêrca de *Caliabria* cf. Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, p. 227. Acêrca da inscrição transcrita vid. *Corpus* II.

calumnia, coima, etc. — Cf. Herculano, *Hist. de Portugal*, IV, 383.

camara de ferro, grilhão. (No *Dicc. portat.*). — Expressão provavelmente tomada de Bluteau, que a achou em Barros; ela porém já foi discutida por Moraes, s. v. «camara».

camba, moinho de mão pequeno. — Cf. *Leges*, I, 470.

cambhea, troca. — Por *cambha* = *cambia* (lê-se *cambia* nas *Inquisit.*, p. 582 e 592.

cambúú, escambo. — Parece-me errada esta palavra; talvez *cambhu* ou *cambho*.

campar, campiar, trocar. *(Dicc. portat.)*. — Mudança puramente grafica de *b* em *p*: por isso = *cambar*, *cambiar*.

campayna de sso telha, sino pequeno e manual. — Leia-se *campaña*, *campaynha* ou *campainha*.

canalegas, carneiros, cambôas, pesqueiras. — Em vez de *carneiros* leia-se *caneiros*. Quanto a *canalegas*, parece palavra hespanhola (= *canalejas)*, tanto mais que Viterbo cita de um doc. das Asturias o ablativo *canalegis*.

candea, lampada ou tocha, que arde com azeite ou cera. — A palavra *candea* em português antigo significava *vela* (de cera, etc.): cf. *O Arch. Port.*, XI, 335, onde cito um artigo de Sousa Viterbo sobre o assunto, publicado na *Portugalia*, I, 365-368; acêrca de «morrer com candea na mão» vid. D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro*, p. 46 47. Modernamente *candeia* é um recipiente metalico com azeite, petroleo, etc., que se compõe, segundo a nomenclatura popular, de *funil* (o recipiente propriamente dito), *espelho*, *gancho*, *atiçador*; mas já M. Bernardes, *Pam partido*, I, 198, diz «espirro de huma *candea*». No Alentejo a um baile popular chama-se *baile de candeia* ou *barulho*. — No artigo que estou anotando diz o P.^e^ Viterbo por equivoco *candella* em latim, em vez de *candela*.

candeu, candea. — Deverá ser *candeo*, que hoje se diz *candeio*.

cantico grao, *canticum graduum*. — Temos pois em *grao* um vestigio de genetivo do plural, de origem eclesiastica:

junte-se ao que mencionei nas *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 44. Tenho nota de muitos outros.

capão. — Neste artigo cita o P.ᵉ Viterbo: *capão recebedondo*. Suponho que *recebedondo* é èrro em vez de *recebondo* (sob a influencia de *recebedor*): cf. trigo *recebondo*, çapatos *recebondos*, galinha *recebonda*, em textos do sec. XV citados a outro proposito por G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 592, nota, e 632.

cappa de engres. — Leia-se *engrês* «inglês».

capeirom. capa grande. — Não era isso, mas capuz: vid. D. Carolina Michaëlis in *Zeitsch. f. rom. Philol.*, XVIII, 396, nota 1.

capela: confundiram alguns *capellas* com *morgados*. — Dos *morgados* tratou amplamente G. Barros, *Hist. da adm.*, t. III, p. 649 ss.

captela, cautela. — Embora apareça num texto portug. do sec. XV, deve considerar-se latinismo medieval: *captela* = *cautela* em Maigne, como se viesse de *capta*.

carantulas, caracteres magicos, etc. — O lugar que cita da *Chronica de D. João I* é a pt. II, cap. 41.

carcabear, abrir fossas, etc.: d'aqui se dizia *carcava* ou *carcova*. — Cf. *carcava* nas *Inquisit.*, I, 364, col. 2.

carceratica, carcerage, etc. — Leia-se *carcerática*.

Caria, terra na Beira. — Cita o A. várias inscrições romanas acolhidas depois no *Corpus*, II. De uma das inscrições falou Pereira Caldas em 1884 num folheto intitulado *Uma inscrição romana de Caria de Lamego*, separata do *Constituinte* (Braga). — No seu artigo transcreve o P.ᵉ Viterbo uma inscrição de Vide, tirada da *Chronica dos Eremitas de S. Agostinho*, que reza assim: *Amanda serva de Christo fallecêu em paz no anno do Senhor 586.* No *anno do Senhor* não póde ser, porque datar assim só muito depois se datou, mas talvez o teor da inscrição fosse: *Amanda, famula Christi, requievit in pace Domini era DLXXXVI* (sem indicação de dia e mês): teriamos pois aqui uma inscrição da epoca visigotica. Ainda que o autor da *Chronica*, isto é, Fr. Antonio da Purificação, é fonte de pouco credito, é provavel que a inscrição não seja falsa.

caritel, querela, etc. — Alguns dos textos que o P.ᵉ Viterbo produz, vêm nas *Leges*, I, 432 e 461. Cf. tambem Cortesão, *Subsidios para um Diccion.*, s. v. «caritel», onde cita o *Foral de S. Martinho de Mouros*, que dá uma definição: «mu-

dem o nome de *carytel*, e ponhamlhy nome *testaçom*, que he mays fremoso dizer».

carreira, caminhada feita como pensão, etc. — Cf. *Inquisit.*, I, 103 e 815; *Leges*, I, 501, 504, 505 e 696.

carta de ingenuidade, de liberdade. — Nos Costumes da Guarda, *Leges*, II, 5, diz-se: «todo mouro ou moura que se tornar christão e seu senhor *carta* a el fezer de *engenhydade*».

casar, casal. — Citando um documento medieval do mosteiro de S. João de Tarouca em que se fala da *quinta do Granjam* e da de *Berufi*, diz o P.e Viterbo que aquela fica defronte de Mondim (da Beira), e que esta é *Esbrufe* no bispado de Viseu; a primeira localização está exacta, mas a segunda não, porque á quinta de *Berufi*, corresponde hoje a quinta de Brufe ou *Berufe*, entre Mondim da Beira e S. João de Tarouca (Viterbo confundiu-se com *Esmolfe)*. Eu conheço muito bem *Brufe*. A palavra *Berufi* é genetivo de *Berufus* ou *Berulfus*, palavra germanica; ha vários textos, de outros sitios.

castellatico, certo direito. — Onde se lê *julgado de Anabrega* deve emendar-se em *Anóbrega*.

castrello, deminutivo de *castrum*. — Cf. o que escrevi nas *Religiões da Lusit.*, II, 79 ss.

cavallaria. — Toma o P.e Viterbo esta palavra em várias acepções. — Algumas observações: J. Pedro, *Diss. Chron.*, IV-II, 117; *Inquisitiones*, I, 807, 808 (qui morabantur in ipsa caballaria Regis), 866, 867 (vidit tenere caballum in isto casali .. pro ad faciendum Regis caballariam cum illo ..; caballum pro ad servicium Regis); Herculano, *Hist. de Portug.*, t. VI, 7.a ed., p. 363.

cavalleiro. — Acêrca da instituição da cavalaria em Portugal vid. G. Barros, *Hist. da adm.*, I, 399 ss.

cavalleiro de espora dourada. — Cf. Gama Barros, *Hist. de adm.*, I, 405, nota 5.

cavallo acontiado. — Vid. G. Barros, *Hist. da adm.*, I, 405, nota 5.

cavallo de Maio, tributo que se pagava no 1.º de Maio. — Cf. Gama Barros, *Hist. da adm.*, I, 501 e nota 4, d'onde remete para Herculano.

cavallo raudão, roudão, etc. — Vid. Moraes, s. v. «ruão», do fr. *rouan (cheval)*.

cavão e **cavon,** trabalhador de enxada. — Outro exemplo: *Leges*, I (sec. XII), 407. Vid. tambem Moraes, s. v. «cavão».

cayra e **quayra,** medida. — Cf. *Inquisit.*, I, 4, 335. — Do lat. quadra.

çafoens, calças largas, feitas de pelles. (No *Dicc. portat.).* — A definição está inexacta. Os çafões vestem-se sobre as calças (Alentejo e Beira-Baixa; no Algarve chamados *guarda-matos).*

çaga, rectaguarda. — O A. remete para *saga*, mas é êrro tipografico por *zaga.* — Vid. supra *azaga.*

çalaio, tributo. – A etimologia dada de *Saloio* não é exacta. Do assunto tratou David Lopes em sessão da Academia das Sciencias (2.ª classe) de 23 de Dezembro de 1915.

Çaloio ou **Saloio.** — Vid. o vocabulo precedente.

çaquiteiro, o que tinha a seu cargo o pão cozido para a mesa do rei. — Definição confirmada por Gama Barros, *Hist. da adm.*, I, 579, nota 7, onde a mais cita *çaquetaria.* Por mim, encontrei *çaquitaria* em um doc. particular antigo.

cebradas, quebradas. — Leia-se *cebradas*, como se estivesse *quebradas.*

1. **ceeiro:** «os céeiros que mantém os *cyoados*». — Talvez *cyoados* por *civados* «cevados».

2. **ceeiro.** — Cf. *Leges*, II, 92: «mesteyraaes da çapataria e dos alfayates e dos outros ceeiros».

ceitil. — Vid. uma nota de J. P. Ribeiro a este artigo, e os estudos recentes de Aragão, *Moedas de Portugal,* e Ferreira Braga n-*O Arch. Port.*, VIII, 24.

cepcerial. — Entendo que deve ler-se *ceycerial*, por *ceyceiral*, de *ceyceiro* (= *ceiceiro* «sinceiro»), como vem nos *Poemas Lusitanos* de A. Ferreira, Lisboa 1598, fls. 77 v.:

> Ao pé de hum grã *ceyceiro* rodeava
> O gado de Castalio, e de Serrano,

na egloga III, v. 7. *Ceyceiro* ou *ceiceiro* tem fórmas paralelas, quais: *seiceiro* (a originaria), *seiseiro* (num documento meridional do sec. XIV), *sinceiro, cinceiro, zenzeiro.* Vid. sobre isto D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 185-186, onde, com Adolfo Coelho e Cornu, busca justamente o étimo de todas estas fórmas no lat. salix, isto é, salice-; só faltou explicar a nasal (que resultaria acaso de cruzamento com outra palavra em que haja vogal nasalada), e a confusão de *s* com *c*. É certo que a Sr.ª D. Carolina Michaëlis diz que esta confusão tem a sua causa na obliteração que em português se dá

da distinção entre os dois sons, porém não me parece suficiente a explicação: talvez a confusão provenha de assimilação do *s* inicial ao *c* medial. Na fórma *zenzeiro* os *zz* são puramente ortograficos, sem valor fonetico, isto é, *zenzeiro* corresponde a *cenceiro*. Acrescentarei que em galego, na língua comum e na toponimia, ha tambem *cinceiro*, e que em Diogo Bernardes se lê:

Vi secos os *censeiros*, que já tantas
Vezes queixar t'ouviram,

nas *Flores do Lima*, a p. 68 da ed. de 1770. Na nossa toponimia temos: SINCEIRA, SINCEIRINHA, e sem nasal SEICEIRA e ASSEICEIRA. — No Algarve chamam *saiceiro* ou *sèiceiro* a um salgueiro novo, e falando da madeira dizem *saiço*, por exemplo, *cesto de saiço, feito de saiço*, o que tudo ouvi a gente de Monchique, Silves, Albufeira; tambem me dizem se usa *saiço* em Loulé. Creio que a base de *saiço* e *saiceiro* é *saliciu-, ou primeiro se formasse *saiço*, e d'aqui derivasse *saiceiro*, ou de *saiceiro* se deduzisse (por derivação regressiva) *saiço*. Quanto ao sufixo cf. *caniço, carvalhiço, palhico*, palavras em que, como em *saiço*, ha a ideia de pequenez. *Saiço* está para *saiceiro*, como *castanho, pinho, sobro*, respectivamente, para *castanheiro, pinheiro, sobreiro*. — Á mesma familia pertence *salgueiro* proveniente de *sal'garius, *saligarius, *salicarius (de salix), e no onomantico SALZEDA e SALZEDAS, de que falei na *Rev. Lusit.*, I, 49-51. O meu colega J. J. Nunes menciona no seu opusculo *A vegetação na toponimia* tambem: SEIÇAS, SEIÇAL, SEICEIRO, ASSINCEIRA, e SALGOSA.

cerucada, cercada. — Ha de certo aqui êrro. Acaso estaria num documento (sec. XIV) **cercuada*, do lat. circulata.

cerviçaria. — Cf. *cervizaria* nas *Inquisitiones*, I, 75.

cesteiro (medida). — Viterbo aproxima *cesteiro* de sextario. Cf. tambem G. Barros, *Hist. da admin.*, IV, 326. A grafia com *c-* resulta da influencia da palavra *cesta*, o que póde confirmar-se com um documento que o proprio Viterbo cita: «por *cesta* de mão .., *cesta* de colo .. *cesteiro de trigo*».

césto. — A inscrição que Viterbo extrata de A. de Rèsende *(Antiguid. de Evora)* é falsa, e como tal a publicou Hübner no *Corp. inscr. Latin.*, II, 16*.

cetra. — Não era broquel especial dos Lusitanos, como diz Viterbo; era usado tambem por outros povos antigos (Africa-

nos e Bretões). Os soldados batiam nele a cada instante com a espada, quando marchavam para o combate. Vid. sobre isto tudo o *Dict. das antig.* de Daremberg & Saglio, s. v. «clipeus», p. 1257. Do escudo redondo dos Lusitanos, que outra coisa não era senão a *caetra* dos autores, falei nas *Religiões*, II, 92, e III, 59-60.

cha. — O *h* é ortografico, a pronúncia era *ca.*

chaamente, em um doc. de 1287. — É possivel que falte um til, e a palavra fosse pois *chãamente.* No *Cancioneiro da Ajuda* lê-se ainda com til: *grãadez, dõaire, endõado,* etc. Mas tambem no *Elucidario* se cita *chamente* em um documento de de 1281, s. v. «pontaria».

chagon, ocasião. — Lede *cajom.* O proprio Viterbo diz que *chagon* é o mesmo que *cajom.*

chamado, II, apelido, convocação. — Vid. *Inquisit.*, I, 542.

chamaro, por *chamaram,* e «assim *foro* .. por *foram*». — Assim realmente é hoje esta a pronúncia no Minho, mas se se lê *chamaro, foro* em documentos antigos (Viterbo não os cita), estará aí provelmente *-ro* em vez de *-rõ.*

chantados. — Tambem ha *chantado* nas *Inquisit.*, I, 339.

chantadorias. — Vid. tambem *Inquisitiones*, I, 83, col. 1.ª, sec. XIII.

chantar. — A carta, que Viterbo alega, de Egas Moniz a uma dama, é apócrifa, como ha muito se sabe.

chantoal. — Nome derivado de *chantom (*chantar* < plantare).

chapins da rainha. — Cf. tambem a expressão hespanhola *chapin de la reina*, relativa a costumes analogos aos que Viterbo menciona. (A linda poesia de Garrett, *O chapin d'elrei*, inspirada talvez, quanto ao titulo, nesta frase, e inscrita no *Romanceiro*, I, nada tem porém com ela). O que Viterbo diz da etimologia de *chapim* não satisfaz as exigencias da fonetica. Da etimologia tratou Körting, L-RW, § 5281; mas o que ele diz não foi admitido por Meyer-Lübke no REW.

charidade, III. — O testamento de D. Flamula, extraido do Livro de Mumadona (não *Mumadoma*, como se lê no *Elucidario*, aqui, e noutros lugares), foi publicado nos *Dipl. et Chartae*, n.º 81, p. 51. Em vez de *Ad Salizete* leia-se *Ad Salizeta.* Como neste artigo se fala de cousas pertencentes ao antigo concelho de Mondim da Beira, e como da historia d'este concelho, minha patria, tenciono ocupar-me noutro trabalho, lá

direi o que acêrca das noticias dadas por Viterbo eu poderia agora dizer.

chatar. — Lede *catar*. Está *ch* = *c*.

chavadego, chavadigo. — No Supplemento Viterbo acentua o *e* e o *i*, mas a pronúncia era *chavádego* e *chavádigo*, por *conclavaticu-; cf. *amádigo*, *montádego*, etc. A terminação *-ádego* ou *-ádigo* tornou-se *-ago* em português moderno: assim expliquei já algures *vinhago*, VIDAGO (*vitaticu-), etc.

chaveiro, -a. — Noutro sentido diferente do que Viterbo indica, vid. *Leges et consuetudines*, II, 16.

chimaço. — É possivel que a palavra seja assim mesma, porem não póde tambem excluir-se *chumaço*, pois na ligação de *um*, podia escapar uma perna da letra.

Christodolinda. — Viterbo não cita o documento em que se lê este nome, o qual parece hibrido e ao mesmo tempo estropiado, pois a *Christo* ou *Christ-* se juntou um nome germanico: cf. em Förstemann, *Namenbuch*: *Christehildis. Sanctileudis*, etc.

chus. — Num doc., que cita, de 1295, de Salzedas, acentua o *i* de *lagaradiga*, quando o acento devia estar no *a*. Vid. este vocabulo.

ciclatom. — O doc. de 1147 aqui citado, fôra-o já s. v. *acitara*.

cidade, I. — O P.e Viterbo menciona o ms. da *Geographia* de João de Barros, e diz que do codice que consultou se colige que fôra acabado em 1547, e trancreve trechos d'ele. Este ms. foi publicado em 1919 pela Biblioteca Municipal do Porto, conforme a um cod. do sec. XVII. A p. 3 põe Barros a data de 1548. Num códice da Biblioteca Nacional, marcação A $\frac{4}{27}$, diz-se «1549». Os trechos transcritos por Viterbo correspondem na edição do Porto ás páginas, 88, 89, 92-93, 94. A inscrição da ponte romana de Chaves, a que em Barros e Viterbo se faz referencia, foi publicada por Hübner nos *Corpus*, II, 2478.

cidade, II. — Da *cidade de Aregia*, de que fala Viterbo, o nome da qual ele diz está hoje representado em *Eja* (Penafiel), tratou com amplitude o S.or Pedro de Azevedo n-*O Arch. Port.*, IV, 193-221. A relação que o autor do *Elucidario* quer achar entre *Arouca* e *Aregia* é fantastica. A fórma que cita *Atavoca* é inexacta: deve ser *Aravoca* = *Arauoca*, vel simile.

cidade, III. — A respeito do nome de *cidade* dado a certas

terras deve observar-se que alguns dos documentos são em latim, e que por isso *civitas* nem sempre significa propriamente «cidade». Num dos ultimos documentos citados por Viterbo entendo que deve emendar-se *Meiçom frio* em *Meijom frio*.

cinuna, cinunha. — Já João Pedro Ribeiro propôs justamente que em vez d'estas palavras devia ler-se *conuna* ou *comunha*, pois *comuna de Judeus* era expressão corrênte. O documento de Lorvão, citado pelo P.e Viterbo, foi publicado na integra nos *Dipl. et Chartae*, p. 60, n.º 95, e nele se lê *Abzuleman et oxor mea Gotu*, e não *Abzulemam* e *Góta*, como vem no *Elucidario*.

cira. — O P.e Viterbo dá a *cira* a significação de «matagal», apenas pela falsa semelhança que encontrou entre *xara* e *Xira*, escrito nos documentos latino-medievais *Cira*. Acêrca de *xara* vid. Dozy, *Glossaire*, p. 353.

cirvilheira. — O mesmo que *cervilheira* de outros textos. O *Novo Dicc.*, que arquivou *cervilheira*, dá-lhe como étimo *cervelleria*, quando ele está manifestamente em *cervicularia.

cloquaires. — Isto é, no singular, *clocaire*, do lat. cochleare.

cobro, fôro de carne. — Tambem nas *Inquisitiones*, I, 485: *ij cobros carnis*.

cognoçudo, cognoscer. (No *Dicc. portatil*). — Em *gn* ha meras lètras e não sons; o som era *nh*.

coleiça. — Se não ha êrro, poderia explicar-se por *collectia, de collecta.

colheres. — Vid. o que diz Gama Barros, *Hist. da adm.*, II, 157, n. 5.

collação, I. — Cf. *Leges*, II, 4 (collaçon).

colo. — Nas *Leges*, II, 95: «lã pera vender em colo», seculos XIV ou XIII; *em colo ou em cabeça*; p. 96.

colonho. — Cf. *Leges et Cons.*, II, 95: colonho de linho, de castanha, nozes, etc.

comendador, III (no Supplemento). — Já Inocencio, na sua ed. do *Elucidario*, disse que a data de 1216 aí mencionada está errada. Talvez seja 1316.

comeyos. — Nas *Leges et Consuet.*, I, 263: *en esse comeyos*; II, 26: *no comeyos*. Num doc. do sec. XIV, no *Bolet. da 2.a cl. da Acad.*, III, 301: *en este comeios*. Nos *Documentos do Souto*, de O. Guimarães: 1336, *e uos en este comeyos*. Locução adver-

bial recomposta: cum-mĭnus, por commĭnus. A evolução foi: cum-mĭnus > *comenos > *comẽos > comeos (vid. *commeos* no *Elucidario*) > *comeios*. Hoje dizemos *comenos*, isto é, «neste *comenos*», tendo-se restaurado o *n* como em *menos*, em vez do arc. *meos*.

comha = coma (conjunç. arc. e ainda pop.).

como quer. — Propriamente: *como quer que*.

compoondor. — Lede *compoendor*.

co-na, co-nas, com a, com as, por *com la, com las* (assimilação do *l* pela nasal). — A frase anterior foi *com na*, por ex., em *com na mia*, sec. XIII, nas *Dissert. Chron.*, I, 278, doc. 64. Cf. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 613. O mesmo acontece no masculino: *co-no* por *com no, com lo*.

conceição. — Vid. a nota aposta por Lopes Fernandes á ed. de Inocencio.

condado (tributo). — Vid. tambem: Inquirições de Af. III, p. 331, 332; *Leges et Cons.*, I, 504 (quasi se define).

condapnamento. — Neste, como em muitos outros casos (*escrapvo*) etc., o *p* não se pronunciava, era letra adventicia.

condesar (guardar) = *condessar*, do lat. condensare, tornar espesso, congregar (reunir).

conditaria, condictaria, conduitaria. — A 1.ª fórma é evolução natural da 3.ª; a 2.ª equivale á 1.ª com o *c* restaurado e não pronunciado.

condoito. — Cf. *Inquisit.*, I, 126, col. 1.ª, sec. XIII.

conecer, conocer. — Onde *n* = *nh*.

congeito e **conjeito** deviam formar um só artigo. Não do lat. *conniveo*, como Viterbo diz, mas de coniectus; cf. *coniectu oculorum* «pelo modo de olhar» em P. J. da Fonseca, *Lexicum Latinum*.

conocença. — Está *n* = *nh*.

co-nos. — Vid. *co-na*.

consolar. — O doc. que cita diz *consolei a montar*; será *conselei* = *conselhei*.

constãa, costa, encosta. — Presupõe *costana, deriv. de costa. O *cons-* é por analogia com palavras em que *cons-* alterna com *cos-*, por exemplo *Costança* & *Constança*.

conteença(s): lat. continentia. — No doc. aí citado (Supplemento) lê-se *lio* por *lĩo* «linho».

contentamento. — Estão aqui, subordinadas a uma só rubríca, duas palavras: 1) **contentamento,** indiferença: de

contentar*, derivado de contemptus (como já Viterbo sugere); 2) **contentamento, de *contentar.*

coona de manteiga. — Nas *Inquisitiones*, I, 330, sec. XIII, tambem: *caonas de manteiga.* O étimo está em colŭmna. — Cf. nestas Observações «butirada». O *a* de *caona* deve ter resultado de influencia da palavra calumnia.

copegar. — Já o Sor Epiphanio Dias, ed. das *Obras* de Falcão, p. 104, emendou *copegar* em «*çopegar* (isto é, coxear)».

corazil. — Vid. tambem *codraziis* nas *Inquisitiones*, I, 393; *corazillum*, 649, etc. Extracta Viterbo um documento em que se alude á marca do corazil ou *goarazel* que se fez, como tipo, na igreja ou capela de S. Mamede, e junta um desenho. Como ilustração acrescentarei que em algumas terras se vêem ainda hoje marcas semelhantes (antigas); por exemplo, em Moura vi uma.

cordo. — Vid. tambem *Leges*, I, 269.

cornaria. — Vid. tambem *Dissert. Chron.*, V (2.ª ed.), 382.

cornu. — Vid. o que se disse s. v. «alvende». — Tendo eu conversado com o Sor Gama Barros a proposito d'este artigo, ele escreveu-me a seguinte preciosa carta, que julgo do meu dever copiar aqui, e que os leitores de certo apreciarão, como emanada de tão grande historiador:

«Meu prezado amigo.

Os documentos em que lhe falei hoje, e não achei logo para lh'os mostrar, são estes. Doc. de 870, citado no Supplemento do Elucidario, vb. *cornu*, transcripto nos *Diplom. et Chartae*, sob n.º 5. Viterbo estava sonhando, não só no que diz no texto, mas ainda mais na Nota. A bigamia, que elle viu, desapparece inteiramente, lendo o doc. nos Diplom.

Dormitava tambem J. P. Ribeiro na observação que a p. 135 do IV, parte 2.ª, das Dissert Chron., faz á referida Nota do Elucidario. Os dois docs. que cita ahi, e havia publicado no I das Dissert., p. 211 e 229, n.º 28, comparados com a publicação nos Diplom. et Chartae, n.º 346 e 766, não têm nada que confirme a relaxação em que elle põe a christandade, quando vê n'elles estabelecerem-se condições nefandas nos contractos matrimoniaes.

Aliquando bonus dormitat Homerus.

Am.º mt.º certo — GAMA BARROS.

2-7-922».

Eu tive a honra e o prazer de conviver um tanto com o ilustre signatario da carta. Quasi todas as semanas o visitava á noite, e ás vezes de dia, ao domingo; e em regra encontrava-o no seu gabinete, á mesa de trabalho, escrevendo a *Historia da administração*. Quando eu chegava, tirava os oculos, e vinha receber-me num sofá que havia no gabinete, defronte da mesa. Na idade adiantada em que ele estava, e com tão largo projecto em mente, pois os volumes da *Historia* deviam ser ainda muitos, eu receava tomar-lhe tempo; ele porém, sempre muitíssimo bem disposto de espirito, não me deixava sair logo, e conversavamos bastante. Foi uma dessas conversas que motivou a carta que fica transcrita. Morreu de 92 anos: eu esperava que se lhe festejasse o centenario em vida, a sorte não o quis assim. Poucos dias antes de morrer, eu tinha lá estado de visita, como de costume. Pois até então conservava não só admiravel vivacidade, senão tambem prodigiosa memoria. Lembrava-se de tudo. A proposito de qualquer cousa que diziamos, levantava-se, não raro, a ir buscar um livro á sua vasta e selecta livraria, e achava-o de repente. Saudosas horas que junto d'ele passei, ou no palacete da R. de Fernandes Tomás (antiga do Caldeira), ou numa sua quinta em Azeitão, onde no tempo da esposa passava os meses calmosos, e aonde, depois do falecimento d'esta, não voltou! Aí fui algumas vezes por convite de ambos. A esposa, a Exma Senhora D. Sofia de Barros, era muito instruida, e de muito bom coração: ajudava-o de contínuo na cópia do manuscrito da *Historia*, quando devia ir para o prelo. Modêlo de esposa, que compreendia o ideal scientifico do marido! — Permita o leitor estes breves apontamentos familiares em meio da secura do artigo que lhe estou apresentando! — O Sor Gama Barros nunca foi pessoa de exibições. Ocultava-se no recanto do seu gabinete, e trabalhava como poucos trabalham. Que pena que não concluisse a obra! Assim mesmo é um monumento de erudição e de critica, desvendadora de muitas das mais cerradas sombras da nossa idade-media: que faria, se a concluisse!

coroa. — Vid. a nota que Lopes Fernandes apôs á ed. de Inocencio.

cougeito = congeito. — Está *u* por *n*.

couteiro. — Vid. tambem *Indice chronologico dos pergaminhos da camara de Coimbra*, Coimbra 1875, p. 54, n.º 97.

couto, III. — Da diferença que havia entre *honras* e *cou-*

tas trata G. Barros, *Hist. da adm.*, I, 349 ss.; cf. tambem: A. Sampaio, As «villas», p. 164-165, e Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 382. A historia da palavra *couto* temo-la num artigo de Paulo Merêa, n-*O Instituto*, vol. 69, n.º 8, separata: *Em tôrno da palavra «couto»*, Coimbra 1922.

crelegiastico. — Parece ser palavra formada na mente do escriba por equivoco, isto é, por cruzamento de *creligo* e *eclesiastico*, e não palavra corrente.

criação (de escravas). — Cf. Gama Barros, *Hist. da adm.*, II, 30, e nota 6.

Crimenço (S.). — Não *S. Clemente*, como diz o A., mas *S. Clemencio.*

cruc = cruç. — No documento citado por Viterbo alude-se a tomar posse simbolicamente. D'isto dei outros exemplos num artigo que publiquei no *J. de Santo Thyrso* de 24-III-1921. Vid. tambem A. C. Pires de Lima, *Simbolismo juridico*, Coimbra 1923 (separata do *Bolet. da Faculd. de Direito*, vol. VII, n.os 61-65).

cruzilada e **incruzilada.** — Como os textos em que estas palavras aparacem são latinos, é claro que *l* corresponde a *lh* em português. Por isso: *cruzilhada, encruzilhada.*

cuigo. — Leia-se *cuijo* ou *cujo.*

cunca. — Usa-se ainda no Alto-Minho o objecto (de pau) e o nome.

cunho. — Remete-se o leitor para o vocabulo *cahunho*, que não encontro.

cunuçudo e **conozado.** — O mesmo que *conhoçudo*, com *z* = ç, e *n* = nh.

cusas por *cousas*, sec. XIV. — Não é palavra, pois falta *o.*

cutelo. — O doc. de 943 transcrito por Viterbo foi depois incluido nos *Dipl. et Ch.*, p. 31, n.º 53.

D

D. — A inscrição que Viterbo transcreve está mal copiada. Vid. *Corpus*, vol. II.

dadivas. — Vid. o que diz Gama Barros, *Hist. da adm.*, III, 833.

daganhas. — Acêrca de *decanias* ou *deganias* vid. o que escreveu Caetano do Amaral, in *Mem. de Litterat. da Acad.*, VII, 808 e 930; cf. tambem as minhas *Lições de Filologia*,

2.ª ed., p. 302. A palavra passou da lingua comum para a toponimia: DEGANIA no sec. XI, ADEGANIA no sec. XIII, modernamente ADEGANHA. Em Berceo *deganna* = degaña (vid. *AA. españ. anter. al siglo XV)*. Na toponimia astoriana: DEGAÑA.

dapnado, dapnador. — O *p* não tem valor fonetico.

decorudo. — Lede *decorrudo*, participio antigo de *decorrer*.

decuria, colmea. — Nos *Dipl. et Ch.*, p. 9, *decoria*.

dende = d'ende: «d'aí», «d'isso».

depus, sec. XIII, depois. — Cf. *pus*, num doc. de Moncorvo, do mesmo seculo, s. v. «molleiro». É possivel que *u* esteja por *o*, mas o que é certo é que hoje tenho ouvido ao povo *apús* e *àpus*, em próclise.

desàmão, sec. XV, propriamente: não á mão. — Cf. *a deshoras*.

descangar. — No doc., que cita, de 1308, lê-se *payes*, talvez por *paues* («paúis»).

dessuu. — Lede *dessũu*, e vid. *desuum*, *desum* e *deconssuum*, e o que diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, I, 128-129.

desvairado. — Significa variado, vário.

deteedor. — Por *deteẽdor* provavelmente.

deviginar. — Suponho ser palavra fantastica. O proprio Viterbo remete o leitor para *eyvigar*. Provavelmente é *deiviguar*, que no ms. estaria escrito *demiguar*. Isto é: *de-eivigar*.

dieta de terra, a que se póde lavrar em um dia. — Cf. *dieta* na baixa latinidade, de dies: isto é, dia, salario diario.

diffir, definir, sec. XIII. — Lat. definire; a fórma intermedia deve ter sido *difĩir*.

dim'uma rem, isto é: *di-m'ũa rem* «dize-me uma cousa».

dinheirada. — Vid. tambem *Leges et Cons.*, p. 744. Cf. Pidal, *Orig. del españ.*, p. 279.

dinheiros secos e molhados. — Um dos codices das *Ordenações afonsinas* aqui citadas tem *porta* (jôgo) em vez de *porca*. Vid. a ed. de Coimbra, 1786, t. V, p. 151. A lição verdadeira deve ser *porca*, pois conheço ainda hoje um jôgo assim denominado. Tambem sei do jôgo da *pòrquinha*. E ha muitos jogos chamados de nomes de outros animais, como: abelhinho, cabra-cega, caracol, galinha, grilo, lagarto pintado, piolhinho, raposa, sardinha fresca, etc.

diptagos. — Leia-se com acento no *i*. Cf. no Elucidario *ditagos*.

doestadoiro. — Deve colocar-se til em *christaos* e *christaas*, citados num doc. subordinado àquele titulo.

domoça. — Deve ler-se *domaa*, pois no doc. ms. onde a palavra estava tomou-se *a* por *oc* ou *oç*.

douradoyro. — Parece deve ser *duradoyro*, tendo-se no respectivo ms. tomado *d* por *do*.

dovida, por *dúvida*. — O *o* corresponde ao *ŭ* de dŭbitare.

dulca. — O passo em que entra a palavra é *vir im dulca*, e Viterbo traduz *dulca* por *dúvida;* mas temos aqui, segundo creio, um latinismo *in dubia:* cf. *in dubium venire*. A palavra *dubium* é muito conhecida dos documentos medievais *(Diplomata et Chartae)*.

dum. — Viterbo traduz por *dom*. Efectivamente assim como de *nom* em próclise se fez na lingua popular *num*, não se estranharia *dum;* mas o doc. citado por Viterbo é latino, e por isso *dum* será abreviatura de *Dominus*.

duum não é propriamente *de um*, como póde parecer, mas *d'uum*.

E

ei. — A carta de Egas Moniz é apócrifa.

eibitrar, arbitrar. — Lat. arbitrare > * *albitrar* (dissiml.) > * *aibitrar* > * *eibitrar*.

Eidaya. — Lede *Eidãia*.

eigo. — Emende-se em *ergo*.

eigrega. — O segundo *g* vale aqui *j*.

eiradega. — Leia-se *eirádega* (esdruxulo), e não *eiradéga*, como se manda ler no *Elucidario*. Outros exemplos de *eirádega* ou *eirádego* os temos nas *Inquirições*, I, 12, 32, 36, 294, etc.: sec. XIII.

eiveger. — O texto é: (certo casal) *vó'lo chaatedes e eivegedes*. Vê-se que é um verbo em *-ar*, e não em *er:* isto é, *eivegar*, de aedificare: o mesmo verbo *eyviguar* e *eyvigar*, que traz adiante, no seu lugar proprio.

eixete, adverbio. — Do lat. *excepte, formado regularmente de exceptus: cf. já J. J. Nunes, *Gram. hist.*, p. 119. Tambem ha *exete* nas *Leges et Cons.*, p. 476 e 643.

eixido. — Aparece várias vezes tambem nos *Documentos do Souto* (arredores de Guimarães) do Ab.[e] Oliveira Guimarães, por exemplo, p. 58, de 1348. Igualmente n-*O Arch. Port.*, V, 258, do sec. XV.

elau. — Esta suposta palavra vem num foral de Castel-Branco dado pelos Templarios em 1213, como consta das *Leges et Cons.*, p. 566, onde se lê: *et duplet el au[er].*

eleiso, ele mesmo. — Ao repente parece representar directamente *ille-ipsum*, mas o mais provavel é que se escrevesse *i* por *s*, e aquela fórma representa pois *elesso.*

elizar, aleijar. (No *Dicc. portut.).* — O *z* estará por *j*.

elmo. — Quanto ao étimo, vid. REW, n.º 4130.

emader, acrescentar. — Por *ẽader*, do lat. in-addere. Cf. *emavessar*, pôr do avêsso, etc. = *ẽavessar.*

embolhas, trebolas, etc. — Cf. G. Barros, III, 632, nota 5.

emina, 1, 2 (medida). — Do gr.-lat. hemĭna.

emneixar, anexar. — Talvez por *ẽneixar.*

empicotar, expôr um criminoso na picota ou pelourinho. — Como ilustração direi que na Beira se diz, por metatese, *empitocar-se* no sentido de alçar-se, colocar-se em alto, por exemplo, numa escada de mão. Creio que a palavra vem d'aqui e não de *picôto.* É um caso em que a lembrança de antigas instituições ficou esteriotipada na linguagem comum.

emprir, encher. — O P.e Viterbo documenta esta palavra com o Poema da Cava, que é apócrifo. — J. J. Nunes, *Gramat. hist.*, p. 116, dá *emprir* como arcaico, baseando-se certamente noutra fonte.

emtruviscada, entroviscada, etc. — Vid. *Inquirições*, I, 92, sec. XIII: *intorviscada*, e passim; e G. Barros, III, 50.

emvailhas, vasilhas. — Aquela fórma representa **emvajilhas*, e assim se deve ler.

enader. — Póde ser variante ortografica de *emader* = ẽader, ou corresponder ao hesp. arc. *eñader*, com *n* <> *nn* > *ñ*.

enallenar. — Leia-se *ẽalhẽar.*

encarar. — Leia-se *ençarrar*, pois quer dizer «fazer concluso». — Já o S.or Epiphanio Dias fez a emenda: vid. *Falcão*, p. 104.

encenssoria. — Cf. *Inquirições* de 1258: t. I, p. 302, col. 2.a

encientes. — Viterbo define: «pouco antes», sem dar exemplos. É possivel porém que a palavra corresponda a expressões adverbiais como: *a escient* «certamente», *d'escient* «scientemente», em francês antigo; *ad essien* em provençal; *a scentre*, em italiano antigo.

encomunhas, incomuniados. — Cf. nos *Dipl. et Chartae*, n.º 138, p. 85: *incommuniatos nostros.*

Endovelico. — Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 111-146.

enduzer. — Não de *induere*, mas de inducere.

enfiar. — Vid. *Flores de dereyto*, ed. de Paulo Merêa, p. 21, l. 144.

enprimo. — Não do lat. *inprimis*, mas de in primo.

entejo, aversão, etc. — O P.e Viterbo acrescenta que o povo dizia no seu tempo *entojo*; mas *entojo* (ou *antojo)* tem outro significado: vid. infra. — Não o substantivo *entejo*, mas o verbo *estejar*, conheço-o ainda hoje no povo.

entença, demanda. — Não de *intendere, intentio*, mas de *entençar*, arquivado pelo P.e Viterbo logo a seguir, verbo que faz pressupor a existencia de *intentiare, por intentare; cf., quanto á fórma, *captiare, por captare. — Nas *Flores de dereyto*, já citadas, lê-se: «éé *entẽça* de béés», onde parece significar posse: em tal caso, estará por *enteença, de -tenentia.

entojos. (No *Dicc. portat.*, e vid. supra, s. v. *entejo)*. — Cf. C. de Figueiredo, *Novo Diccion.*, s. v. «antojo».

entradas. — Vid. o que sobre o assunto diz G. Barros, III, 836-846.

entramen, entretanto. — Num doc. de 1292, que porém o A. não especifica. — Fórma viva, ou abreviatura (ou êrro?) de *entremente?* A palavra *entremente* deve estar pleonasticamente por *entre mentre* (dum inter > **do-mentre)*. Tambem se diz *entrementes*, com o *-s* adverbial.

entregue, «adj., inteiro, sem quebrar, etc.», e cita-se de 1312: «dardes luytosa *entregue*, e colheita d'El-Rey». — Deve ler-se *êntregue*, com o acento no primeiro *e*, pois temos aqui o adverbio latino intĕgre, que foi mui usado na idade-media. No nosso texto tem valor adjectival, como diz Viterbo, e como consta do adv. *entreguemente*, que ele menciona á seguir.

entreguemente. — Vid. o vocabulo anterior.

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.

MEDICINA POPULAR
(Segundo a tradição de Guimarães)

CAPÍTULO II

"ADAGIÁRIO MÉDICO,,

Diz o Povo «*a experiência é a mãe da sciência*» e também «*usa e serás mestre*»; e o Povo, que tem em sua sabedoria dois tão profundos e certíssimos conselhos, dêles se serve quando *faz minga* ou *faz preciso*. Êstes ditados [1] são a base da sciência popular, por quanto é experimentando e usando que a gente se faz mestra. A medicina do Povo é retalhada em muitas secções, como é sabido, dêsde o Divino ao Profano, dêsde os Santos Curandeiros ou Milagrosos às santas mulheres de virtude e bruxas sabedoras [2]. Em tudo êle colhe conselho ou ensinamento: — na astronomia, na meteorologia, na liturgia, no maravilhoso, eu sei lá! E a sua sciência tem raízes às vezes tão longínquas e escondidas, que é impossível, nalguns casos, enxergá-las; aprende-a inconscientemente: — ouve, vê e recolhe; vai-a sabendo desde menino, o bom Povo, tal qual como aprende a sachar ou a fiar na roca; o seu intelecto enche-se assim aos poucos, natural-

---

[1] Entre os têrmos: — *ditado, rifão, adágio, sentença* e outros, escolhi o primeiro, por ser o mais usado na linguagem popular. A locução vulgaríssima «*La diz o ditado...*» assim o prova.

[2] Referentès ao concelho vimaranense, vidè «*De Guimarães: usanças e tradições populares*», do muito amigo e distinto etnógrafo Albèrto Braga. Do autor: — «*Medicina Popular, segundo a tradição de Guimarães*», cap. I — «*Santos Curandeiros*» —, publicado na *Revista Lusitana*, dirigida pelo Prof. L. de Vasconcellos, em o vol. XXIV. E, após a sua publicação nos Arquivos da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», a comunicação que à mesma Sociedade fiz no dia 27 de Janeiro dêste ano de 1928, intitulado «*Folclore de Guimarães: Bruxas e Medicina*».

mente, com o cavalgar de anos sôbre anos. E de avós a netos vai passando a sciência rudimentar que aprenderam, gerações a gerações, séculos a séculos. O canto da lareira é o ninho mais puro da tradição portuguesa! Ao estalar das achas de pinho debaixo do pote do caldo, ao clarão da fogueira acariciadora e familiar, sufocado no fumaréu da caruma que custa a arder, e que a filharada apanhou, em ar de ratonice, nos montados alheios, o Povo conta e canta, reza e scisma! Os avós, neve nos cabelos, olhos aguados já absortos no escuro da cova, muitas rugas que se cruzam na pele da cara, ensinam aos netos o que a vida lhes deu de saber, à míngua de riquezas de oiro; e os netos e os filhos ouvem-nos recolhidamente, arrecadam as sapièntes palavras dos velhos, usam depois seus ensinamentos, praticam seus conselhos. Assim vão passando as idades, e a escola bendita que é o canto da cozinha, nos serões de invernágem, jàmais se fecha, iluminando sempre o entendimento das gerações que, graças a Deus, nos vão ensinando, por sèu turno, a nós, os que as criticamos e maldizemos, sem geito e sem piedade, para não dizer sem inteligência! Quanto não há de aproveitável na sabedoria popular? Quanto?! Entre o muito que é descabido e incoerente, o sabèr do Povo tem bastante de útil è bom; e às vezes um ditado, um conselho secular, uma indicação valem mais que as centenas de livros que nas montras tentam os olhos insatisfeitos dos cultos ledores! Há esta curiosa nota na transmissão dos usos, costumes e tradições de idade a idade: o incalculável valor da mulher como conservadora de tais riquezas. A mulher, geralmente, é quem delas mais sabe e melhor conta; o seu reportório não tem fim, nunca mais se chega ao fundo do saco da sua sabedoria; tudo conhece a seu modo: — astrologia, rezas, cantigas, receituário de cozinha, mèzinhas, orações curativas, um nunca acabar! Parte curiosa e vasta é o seu adagiário. Ladislau Batalha diz, em muito certeiras palavras. «*O adágio, na simplicidade da expressão, no sintético do conceito e, muitas vezes, na fina sátira e delicada crítica que encerra, é a, porventura, mais conceituosa criação do ensino prático e positivo, adquirido e aplicado pela multidão*» [1].

---

[1] Ladislau Batalha — «*História Geral dos Adágios Portugueses*», 1924. — Vid. o que acêrca desta obra escreveu Leite de Vasconcellos, in *Lusitania*, fascículo 8.º, p. 153-160.

Conheço uma boa velhota transmontana que encheria um grosso volume com o que sabe de contos, dè ditados, de cantigas, se lhe tivessem ensinado a escrita. Não é fácil encontrar assim um homem com tanto e variado capital de saber! Que admira, se a mulher é mais curiosa, mais bisbilhoteira, mais amiga de ouvir e arrecadar! Ela armazena no cérebro o que aprende, talqualmente arruma o bragal nas caixas ou o pão ao canto do fôrno: — com amor e com cuidado, com um geito de sovinice, de modo a ter tudo na ocasião precisa, o lenço novo de ramagens para a santa missa dos Domingos, as chinelas de verniz para a romaria, o lençol de linho fino, com bordado a branco, para a hora da morte. À mulher se deve muito do que existe de tradição oral; e que a sua língua, o seu insofrido desejo de coscovilhar e palrar, tão celebrados e criticados por nós os homens — às vezes bem piores em tal assunto do que elas, as mulheres — sejam perdoados, compensando o perdão com o bem que fazem aos que amam do coração as tradições portuguesas. É o caso de dizermos, já que vogamos em maré de ditados: «*Perdoa-se-lhes o mal que nos fazem, pelo bem que nos sabem*».

Da vastidão do nosso adagiário é tarefa de somenos o apartar a secção respeitante à medicina; mas difícil é a sua catalogação, a classificação por simples processos [1]. A isso me aventurei eu, em má hora, pois sairá de tal lance cousa pouco certa. Mas perdoado ficarei, que a intenção foi das melhores. Não passo além sem antecedentemente citar os nomes daquêles que muito e proveitosamente têm escrito sôbre os nossos ditados, quer em especial, quer de conjunto em obras de generalidade: — Prof. Leite de Vasconcellos, Prof. Teófilo Braga, Pedro de Azevedo, Ladislau Batalha, Luís Chaves, Gomes Pereira, Monteiro do Amaral, A. Pires de Lima, Reis Dâmaso, Xavier da Cunha, F. Barreiros, Alberto Braga e José M. Adrião, que eu conheço. Segundo Luís Chaves, os autores antigos que dêles trataram fôram: D. Francisco Manuel de Melo, Manuel Bernardes, António Delicado, P.e Bento Pereira, P.e Rafael Bluteau e Frei Pedro de Poia-

[1] Ladislau Batalha — *op. cit.* — «Classificá-los é trabalho que por agora excede as fôrças humanas».

res. Já L. Chaves os apontou todos, erudita e cuidadosamente, na obra, por si revista e prefaciada, «*Adágios portugueses*», do P. António Delicado, o paciente prior setecentista de Nossa Senhora da Caridade, na cidade de Évora [1]. Êsse autor diz tudo o que poderia dizer-se, dum modo geral, sôbre provérbios, e o repetir eu aqui as suas palavras seria grande toleima. Sôbre classificação médica dos ditados conheço eu um esbôço — como esbôço é a que eu adiante deixo feita — nos «*Arquivos da História da Medicina Portuguesa*» [2]. O autor dêsse trabalho, já falecido, foi um médico ilustre, que guardou sempre o anonimato em suas obras, facto que todos respeitaram mesmo após a sua morte, e que eu, de modo algum, agora, deixarei de fazer; em segrêdo ficará seu nome, pelos menos assim publicamente. Nêsse esbôço dos «*Arquivos*» citados, coleccionou o autor alguns ditados médicos, mas sem metodização. Mas, de facto, é custosa e ficará sempre imperfeita, pois que ditados há cabendo ao mesmo tempo em ramos diversos da arte médica, o que traria repetições pouco elegantes e monótonas; e afóra isso, outros existem de duvidoso arranjo em classe, pelas diversas interpretações que se lhes pode dar. Assim o ditado:

«*O mal e o bem à face vem*»

tanto poderia ser colocado em Anatomia, como em Dermatologia: — na secção anatómica, se o interpretarmos relacionado com a fisionomia, feia ou linda, agradável ou horrenda, ou com a mecânica muscular, dando-nos dest'arte a revelação, naturalmente e inconscientemente, de pessoa boa ou má, de bom ou mau *interior;* na secção dermatológica, se atendermos à relação existente entre estados patológicos que se exteriorizam na pele, alguns mesmo nomeadamente na face; é a êsses estados que o povo geralmente dá o nome de «sangue ruim!» Por isto e por muito mais se verifica a dificuldade

---

[1] «*Adágios portugueses*», P.e António Delicado, edição revista e prefaciada por Luís Chaves. 1924. — Acêrca dos adagiários vid. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. I a IV, nas respectivas secções.

[2] «*Arquivos da História da Medicina Portuguesa*» — dirigidos por Maximiano Lemos e João de Meira. Ano 8.º, 1917.

da classificação dos adágios, não só dos que dizem respeito à medicina, como de todos os outros. Claramente que nem todos os ditados médicos revelam verdades, diz o citado anónimo dos «*Arquivos*» referidos atrás ([1]): — «*Há-os, porém, tão verdadeiros ainda hoje como no dia em que nasceram, tendo, por isso, atravessado as idades sem nada haverem perdido do seu valor primitivo*»; e mais adiante — «*A máxima parte dos adágios médicos são o reflexo de uma dada doutrina e bem assim que, quási sempre essa doutrina remonta ao século 16.º, destacando um certo número, que podem dizer-se a reprodução fidelíssima dos* — PRECEITOS DA ESCOLA DE SALERNO — *cuja assombrosa vulgarização corre parelhas com a mediocridade que, em geral, justificadamente os assinala*».

O mesmo autor cita, como destacando-se mais, os ditados referentes à «*evolução natural*» e «*complicações possíveis das doenças, ou, o que o mesmo vale, o seu prognóstico*». Pela parca colecção que ofereço aos pacientes leitores, ver-se há que os ditados médicos em maior número são os contidos na secção «Alimentação» e depois, por ordem decrescente, os das secções «Patologia — Prognósticos. A Morte. A Vida —», «Mães e Filhos — A mulher, Hereditariedade. O parto —», e «Higiene».

Na parte intitulada «Reminiscências históricas», no seu livro já citado, Ladislau Batalha refere a idade de alguns ditados, como:

«*A quem Deus quis bem, na cara lho vêem*». Século XVI.
«*Quando os doentes bradam, os físicos ganham*». Século XVI.
«*Os erros do médico a terra os cobre*». Século XVI.
«Mijar claro, dar uma figa ao medico». Século XVIII.
«Pouco rossalgar não faz mal». Século XVI.

Seria também curiosa e importante para a própria História da Medicina o estudo das origens de certos ditados com sabor médico, à feição do que já tentou Ladislau Batalha.

A relação ou intimidade entre *Aforismos* de Hipócrates e

([1]) «*Adágios Médicos*» — assim se intitula o trabalho do anónimo médico.

alguns ditados actuais, é manifesta. Dizia o afamado médico de Cós, no seu Aforismo IX, Secção III (1):

> «*In autumno morbi acutissimi, & perniciosissimi omninè: ver autem saluberrimum, & minimè exitiale.*»

ou, traduzindo livremente:

> «*É no outono que aparecem as doenças mais agudas e, em geral, mais mortais; na primavera, que é muito salubre, a mortalidade é menor.*»

Ouçamos o Povo agora, neste seu ditado:

> «*As febres outonais, ou são longas ou mortais*».

Quem não achará relação entre o *Aforismo* e o ditado popular? Não dirão ambos, com pequena diferença, o mesmo? Parece que o Aforismo se enraizou nas multidões, passou através das idades e deu o ditado actual. Seria assim?

Na obra de Hipócrates «Dos ares, das águas e dos lugares» (2) nota-se a mesma doutrina, com variantes leves, dos ditados referentes a climas, à saúde, à relação entre o tempo e o estado hígido ou mórbido do homem, enfim, a higiene. Na mesma obra se fala do temperamento indomável, quási selvagem, dos habitantes dos paises nus e ásperos, sem abrigo, ora torrados do sol, ora gelados pelos invernos; êsses habitantes tem, entre outros sinais, muito cabelo. O Povo também se refere a isso, irònicamente e duma maneira imprecisa, nos seus ditados:

> «Mulher barbuda, de longe a saúda» (3)
> «Mulher de bigode, pode mais que o homem»

---

(1) «*Hippocratis Aphorismi*». Ed. de Joanne Hecquet. Napoles, 1731.

(2) «*Hippocrate*». Dr. Ch. V. Daremberg. Paris, 1884.

(3) Sôbre hipertricose, acho bem cabida aqui a seguinte nota do Dr. Alberto Saavedra, no seu opúsculo denominado «*Alguns apontamentos sôbre a puberdade da Mulher Portu-*

Não se vê aqui também uma certa identidade entre tão antiga observação e os actuais, possìvelmente também muito velhos, ditados populares? Não pretendo dizer com isto que êles derivem de Hipócrates; seria temeridade; o que pretendo é lançar a hipótese de poderem ser muito antigos, visto nessa época existir semelhante opinião. Mais uma outra nota dos Aforismos, e passarei adiante. Na secção II, Aforismo XXI [1], lê-se:

«Beber vinho mata a fome»

Lá diz o Povo, por sua vez:

«Pão e vinho andam caminho»

Bem que ao vinho juntem o pão, não deixa também

---

guesa» (Comunicação apresentada ao 1.º Congresso Luso-Espanhol. Pôrto, 1921), publicada em a «*Medicina Moderna*», n.º 331: «..... O hirsutismo parece corrente na península hispânica ganhando visos de celebridade mundial ... — «Il faut croire que le soleil de l'Ibérie donne au système pileux une vigueur incomparable (un bon Espagnol se rase deux fois par jour) car c'est en Espagne et en Portugal qu'on rencontre le plus de femmes à barbe.» *A.-F. Le Double & François Houssay.* LES VELUS. *Contribuition à l'étude des variations par excès du sistème pileux de l'homme et de leur signification au point de vue de l'Anthropologie zoologique.* Paris, 1912, p. 46. O Prof. *Pires de Lima* considera menos justa a opinião de *Le Double.* Cfr. *J. A. Pires de Lima* — UMA SANTA BARBADA. (A propósito da lenda de Santa Vilgeforte). Separata do n.º 1, 7.º ano, dos «*Arquivos de História da Medicina Portuguesa*». Pôrto, 1916, p. 7. A maior soma dos casos de politriquia referidos por *Le Double & Houssay* apareceram na puberdade. Cfr. *Obr. cit.*, p. 25. — Acêrca do assunto vid. também Leite de Vasconcellos, *A barba em Portugal*, Lisboa, 1925, cap. I (a barba antropologicamente) e o índice, p. 188 (provérbios da barba).

[1] «Œuvres complètes d'Hippocrate» — É. Littré. Paris, 1884.

aquela bebida de alimentar, e tanto, que *sustenta*, *anda caminho*.

O espírito, a ironia, o humorismo populares ressaltam, às vezes, dos seus ditados, sendo bem notória a zombaria à medicina.

Arremêdo de Molière ou de Bocage, o povo epigramatiza os médicos, como na seguinte quadra bem conhecida:

«Há duas coisas no mundo
«que eu não posso entender:
«os padres *ir* p'ró inferno
«e os *surgiões morrer!*»

Há outros juízos populares transformados em Trovas, que vêm auxiliar a insinuação dos ditados. Assim, há um dêstes que é:

«Olhos azúis em portuguesa é êrro da natureza»

ao lado do qual, anda a cantiga, com sua nota antropológica verdadeira:

«Olhos azúis, olhos pretos,
«olhos brancos, olhos verdes
«estas quatro castas de olhos
«em poucas caras os vêdes!»

No capítulo ou melhor, secção, que denominei «Mães e Filhos», encontram-se ditados dum doce sabor a poesia, clareados por tépido luarzinho de candura e amor, abertos na flor rôxa dos mil sacrifícios das Mães. Quanta graça esplende dêstes três adágios, quanta pureza, quanto coração!: —

«O parir é dor, e o criar é amor»
«A dor ensina a parir»
«Cada parto, cada ventura».

Lembram-me agora as palavras com que alguma gente designa, em Guimarães, uma mulher grávida: «*maguada de amor!*» Que beleza e que delicada imagem!

Não se vê naquêles três adágios, como nos olhos das Mães que os ditam, o abrir-se duma alvorada de carinhos, de

bênçãos e de afectos que só elas sabem dar? Com certeza, quem os pronunciou a vez primeira foi uma mulher, comendo o filhinho com os olhos, na adoração santificada da carne de sua carne! Mas, lá vêm a malícia e a maldade, lá despontam elas, de quando em quando, em certos ditados, como nêste:

> *«Dos quinze para os dezasseis, raparigas, vós bem sabeis...»*

Neste simples ditado eis a data, memorada pelo próprio Povo, do aparecimento do período catamenial na mulher portuguesa! [1] Quanto à duração da vida e da saúde, dizem os velhos e gastos de doenças:

> «Tais fomos como vós, tais sereis como nós».

Há um nicho de *«alminhas»* nos arredores de Guimarães, que ostenta esta quadra a preto sôbre cal branca, alusivo aos sofrimentos do purgatório, e que eu cito de memória:

> «Ó tu mortal que me vês,
> «repara como eu estou;
> «eu já fui o que tu és,
> «tu serás o que eu sou.»

---

[1] Segundo o Dr. Alberto Saavedra, *op. cit.*, «o clima, condições individuais (raça, hereditariedade, etc.) e sociais (ocupações, hábitos, permanência na cidade ou na aldeia, alimentação, etc.), influem no aparecimento da menstruação.» Como o ditado se refere, naturalmente, às raparigas aldeãs, temos de reparar nessas condições várias de influência e ainda nesta muito importante: os pesados trabalhos a que são sugeitas, desde pequeninas, as mulheres do campo, não falando já no clima, «um dos elementos mesológicos de mais influência», segundo Kufferath, cit. por A. Saavedra. Dando o Povo a época entre os 15 e os 16, está um pouco concorde com o retardamento da aparição catamenial, atendendo também aos forçantes trabalhos há pouco mencionados. O juízo do Povo não andou por longe da conclusão do autor, que é: «a aparição menstrual ocorre, com mais freqüência, dos 14 para os 15 anos. A percentagem decresce notàvelmente abaixo dos *12 e além dos 16 — visíveis extremos da normalidade*».

Vê-se na quadra e no ditado o mesmo sentido. O Povo, ora crê na Medicina, ora a escarnece, como é sabido. Não desespera porque:

«Deus assim como dá a doença, dá o médico»

Mas foge dêste, pois:

«Os erros do médico a terra os cobre»

Não se julgue que os ditados médicos são, entre a massa popular, um simples jôgo de palavras ou frases de mata-tempo; não, êles são sempre autênticos conselhos sôbre diversos ramos da Medicina, desde a Terapêutica à Higiene. E é por êles que se guia o Povo, quer para cobrarem saúde, quer para prevenirem doenças. Lá dizem as bôcas solenemente:

«*Cautela e caldos de galinha, não fazem mal a doentes*»

Os ditados médicos são muito úteis para o Povo, se bem que grande parte dêles sejam asneirentos e desconexos, de um empirismo torcido que faz rir às gargalhadas. Mas... atendendo a que «*o tempo é dinheiro*», seguem os adágios [1] que pude colher e classifiquei do modo mais simples e com o mínimo de secções.

I

ANATOMIA

(Morfologia, Teratologia, etc.)

1 — Deus que te marcou é porque algum êrro te achou.
2 — Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.
3 — Se queres ver o teu corpo, mata o teu porco.
4 — A gordura é capa dos defeitos.
5 — Mulher barbuda, uma faz, outra cuida.

---

[1] Vid. a secção «*Adágios e dizeres populares*» do *op. cit.* de Alberto Braga.

6 — Mulher de bigode, pode mais que o homem.
7 — Não há paz entre a gente, nem entre as tripas do ventre.
8 — Homem veloso, ou valente ou luxurioso.
9 — Barba de três côres, barba de traidores.
10 — Grande pé e grande orelha, sinal é de grande besta.
11 — Olhos verdes, em poucos os vêdes.
12 — Queixadas sem barbas, não merecem ser honradas.
13 — Mulher magra sem ser de fome, foge dela que te come.
14 — Homem ruivo, um se faz, outro se cuida.
15 — A quem Deus quis bem, no rosto lhe vem.
16 — Mulher barbuda, de longe a saúda.
17 — Olhos azúis em portuguesa, é êrro de natureza.
18 — A mãe de dois recemnascidos, querendo ela cura os pés fendidos.
19 — Homem pequeno, fole de veneno.
20 — Tal pássaro, tal ôvo.
21 — Guimarães, perna torta, pai dos cães.

II

TERAPÊUTICA

1 — Não há melhor mostarda que a fome.
2 — Para as mulheres doentes do peito, leite de jumenta é remédio feito.
3 — Em Agôsto apanha macela, que livra da botica o uso dela.
4 — Um porco é uma botica.
5 — Os boticários são os cozinheiros da morte.
6 — Foge do frio e do porcino, da botica e do medicamento.
7 — Se a pílula bem soubera, não se dourara por fóra.
8 — O vinagre e o limão são meio cirurgião.
9 — Mãos de mestre, ungüento santo.
10 — Pouco veneno não mata.
11 — Pouco rosalgar não faz mal.
12 — Carne de pêna tira a ruga.
13 — O que arde cura.
14 — Chagas untadas doem, mas não tanto.
15 — Ao perigo com tento, e ao remédio com tempo.

16 — Boa leitura, a tristeza cura.
17 — Mais cura a dieta, que a lanceta.

III

MÃES E FILHOS

(A Mulher. — Hereditariedade. — O Parto)

1 — A mulher e a pescada, quer-se da mais alentada.
2 — A mulher e a sardinha, quer-se da mais «pequeninha».
3 — Filho mau, mais vale doente que são.
4 — A mulher grávida aos 3 mêses encobre, aos 4 quer e não pode.
5 — Quinze dias na cama, quinze no lar, depois mulher vai trabalhar (respeitante à mulher parturiente).
6 — As galinhas põem pelo bico, e as mulheres (que amamentam) o leite vai-lhes pela bôca.
7 — Mulher parida, nem porca, nem limpa.
8 — A mulher casada, deita-se singela e acorda dobrada.
9 — O parir é dor e o criar é amor.
10 — A dor ensina a parir.
11 — Cada parto, cada ventura.
12 — Qual é Maria, tal filho cria.
13 — Quem cedo adenta, cedo aparenta.
14 — Se teu filho adentar, todos os santos tens que adorar.
15 — Quem tem filhos, tem cadilhos, quem os não tem, cadilhos tem.
16 — Dos quinze para os dezasseis, raparigas, vós bem sabeis...
17 — Homem velho, mulher nova, filhos até à cova.
18 — Parto inchado, parto abençoado.
19 — Os pecados de nossos avós, fazem-nos êles, pagámo-los nós.
20 — Mãe aguçosa, filha preguiçosa.
21 — O berço o dá, a tumba o leva.
22 — Deus não quis tornar a ser menino, pela sêde que passou.
23 — Filho és, pai serás, assim como o fizeres, assim o acharás.

24 — Filha crescida, dá-lhe marido — aos vinte criada, logo casada.
25 — Tais fomos como vós, tais sereis como nós.
26 — Tal árvore, tal fruto.
27 — Mulher doente, mulher para sempre.
28 — Quem sai aos seus não degenera.
29 — Mulher panosa, criança formosa.
30 — Parto molhado, parto adiantado.
31 — À teia urdida e à mulher parida sempre se lhe dá uma saída.
32 — Quem cedo adenta, cedo aparenta.
33 — Quando teu filho adentar, todos os santos tens de adorar.
34 — Aos seis assenta, aos sete adenta, ao ano andante, aos dois falante (a criança).

IV

PATOLOGIA

(Prognósticos. — A Morte. — A Vida)

1 — Quando o mal é de morte o remédio é morrer.
2 — Couves em Agôsto, tumba à porta.
3 — Agôsto nos farta, Agôsto nos mata.
4 — Quem em Maio não merenda, aos mortos se encomenda.
5 — O sangue morre, a alma não.
6 — Quando o mal é de nação, nem a sabão.
7 — Bexigas e sarampêlo, três vezes vem ao pêlo.
8 — Pés quentes, cabeça fresca e ventre desimpedido, c... para a medicina.
9 — Incha o menino para nascer, e o velho para morrer.
10 — Não há males onde Deus não acuda.
11 — Ferradela de liscranço, não tem cura nem descanso.
12 — Dia a dia, morreu minha tia.
13 — Até aos quarenta bem eu passo; depois dos quarenta, ai minha perna! ai meu braço!
14 — As febres outonais ou são longas ou mortais.
15 — Não há moço doente nem velho são.

16 — Não há morte sem achaque.
17 — O mal entra às braçadas e sai às polegadas.
18 — Os reumatismos vão desaparecendo, que o tempo vai aquecendo.
19 — Quem quer ôlho são, ate-se as mãos.
20 — Livra-te da fruta mal sazonada, que é a peste disfarçada.
21 — Livra-te do serêno, como do veneno.
22 — Cura do mal em jejum, o catarro será pouco ou nenhum.
23 — Levar as mãos às fogueiras, é a mãe das frieiras.
24 — Quem usa de loucuras, cai cedo nas sepulturas.
25 — Câmaras de Maio, saúde de todo o ano.
26 — Outubro quente traz o demo no ventre.
27 — Os catarros e as dores dos artelhos, mortificam os velhos.
28 — A quem em Maio come sardinha, em Agôsto lhe pica a espinha.
29 — Mal prolongado, morte no cabo.
30 — Andar, andar, corpo a enterrar.
31 — Um ar, purgado, morte no cabo.
32 — A «tris» matou quem quis.
33 — Sangue pela bôca, nem das gengivas.
34 — Quando mal, nunca maleitas.
35 — Cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a doentes.
36 — Quem bem se cura, bem dura.
37 — Não é de agora, o mal que não melhora.
38 — Por cima de comer, nem um sôbrescrito ler.

V

DERMATOLOGIA

1 — Mulher de sarda é p... ou ladra.
2 — Sinal na cara, mulher descarada.
3 — Sinal no peito, mulher de respeito.
4 — Sinal no pescoço, mulher de desgôsto.
5 — Sinal na perna, mulher de taberna.
6 — Sinal no braço, mulher de desembaraço.
7 — Sinal no c.., mulher de «ternu».
8 — Cara espinhosa, cara formosa.

9 — Da pele a moléstia impertinente agrava-se com o tempo quente.
10 — O mal e o bem, à face vem.
11 — Não vai mal à face, onde a espinha carnal nasce.
12 — Pela linha vem a tinha.
13 — Mulher sardenta, mulher rabugenta.

VI

HIGIENE

1 — Guimarães é feia, fria e fedorenta.
2 — A água fervida tem mão na vida.
3 — Quem come cedo, cria carne e cebo.
4 — Quem come tarde, nem cria cebo nem carne.
5 — Pouco comer, pouco rezar e não pecar, levam a gente a bom lugar.
6 — Livra-te, dos ares, que eu te livrarei dos males.
7 — Às romarias e às bôdas vão as loucas tôdas.
8 — A vida mal passada, faz a velhice pesada.
9 — Cautela com as indigestões, «nervoses» e constipações.
10 — Come para viver e vive para comer.
11 — Das grandes ceias estão as sepulturas cheias.
12 — Emquanto zoa a carvalheira, não saias da tua fogueira.
13 — Lenha no ar e o pichel a andar.
14 — O ar que para uns é saudável, a outros constipa.
15 — Trabalho com gôsto, trabalho menor.
16 — Em Janeiro sete capêlos e um sombreiro.
17 — Em Janeiro, um pouco ao sol, outro ao fumeiro.
18 — Se queres engordar, come com fome e bebe devagar.
19 — Se queres que teu filho cresça, lava-lhe os pés e rapa-lhe a cabeça.
20 — Fevereiro engana ao soalheiro.
21 — Sol de Março, pega como pegamaço e fere como maço.
22 — Se queres teu corpo são, não trames contra a razão.
23 — De Braga, nem bom vento, nem bom casamento.
24 — Onde entra beber, sai saber.
25 — Ande eu quente, ria-se a gente.
26 — Sôbre comer, dormir; sôbre cear, passos dar.
27 — Quem é amigo de vinho, inimigo é de si mesmo.

28 — Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer.
29 — Pés quentes, cabeça fresca.

VII

ALIMENTAÇÃO

1 — A barriga manda a perna.
2 — Quem quiser o homem morto dê-lhe couves em Agôsto.
3 — Se te vires em perdição, apega-te à «criação».
4 — Se te vires perdido, apega-te ao trigo.
5 — Favas me fartam, favas me matam.
6 — Fruta de caroço tem ôsso.
7 — O vinho doce bebe-se como se nada fôsse.
8 — Carne de ontem, pão de hoje, vinho do outro verão fazem o homem são.
9 — A laranja, de manhã é oiro, ao meio-dia prata, e à noite mata.
10 — Com peras, vinho bebas; com melão vinho de tostão; com melancia, água fria.
11 — Por cima de peras, vinho bebas, e tanto bebas que nadem as peras.
12 — Por cima de melão, de vinho um tostão e o litro a 5 reis.
13 — Comer sem beber, é cegar e não ver.
14 — Uvas, figo e melão é sustento de nutrição.
15 — Nabiça quer unto, grêlo azeite e nabo presunto.
16 — Quem quiser comer arroz sem sal, vá para o hospital.
17 — O bom passadio faz o homem sadio.
18 — Uma sardinha derreia um burro.
19 — Comida fina em corpos grossos, faz mal aos ossos.
20 — Come-se a perdiz com o dedo no nariz.
21 — Ossos de suão, barba untada, barriga vã.
22 — Vós que arrotais é porque fartinho estais.
23 — Da garganta para baixo, tanto sabe a sardinha como a galinha.
24 — Quem deita vinho no caldo, de velho se faz menino.
25 — À mesa não se envelhece.
26 — O que não mata, engorda.
27 — Azeite, vinho e amigo o mais antigo.

28 — Os meus mais fiéis parentes são os meus dentes, e os mais leais são os queixais.
29 — Pão com olhos, queijo sem olhos, e vinho que salte aos olhos.
30 — Presta mais uma sardinha com gôsto, que uma galinha com desgôsto.
31 — Salada bem salgada, pouco vinagre e bem azeitada.
32 — Se queres passar a noite leve, seja a ceia parca e breve.
33 — O comer e o coçar, vai do principiar.
34 — O pato pela mão do escasso.
35 — Perdôo-te o mal que me fazes, pelo bem que me sabes.
36 — Pão quente, muito na mão e pouco no ventre.
37 — Pão, que sobre; carne, que baste; e vinho, que falte.
38 — A pimenta aquenta.
39 — De caldo requentado e de vento de buraco, guardado como o Diabo.
40 — Mais matou ceia que sarou Avincena.
41 — Pão e vinho andam caminho.
42 — Môrra Marta, môrra farta.
43 — Pouca fartura não mata.
44 — Quem furta a ceia ao velho, quer-lhe bem.
45 — Carne, carne cria; peixe, água fria.
46 — Papas até à porta, couves até à horta, feijões para todo o dia.
47 — Quem é amigo de vinho, inimigo é de si mesmo.

Vai peado de afoiteza meu trabalho, que não deixou, no entanto, de ser canseiroso. Para ouvir os provérbios que acima deixo em rol, não saí de Guimarães; muitos mais haverá, é certo, mas citei os que me são conhecidos, ùnicamente, e por isso mesmo os mais vulgares. Resumindo o meu estudo ao concelho de Guimarães, estudo que produz a obra, o mais completa possível, que intitulei «*Medicina popular — segundo as tradições de Guimarães*», do concelho não arredarei, salvo por motivo de espraiamento necessário à leveza de tal trabalho ou ao cotejo com outras regiões.

De todos os ditados médicos já conhecidos, e dos que, por cuidadosa porfia, viessem a conhecer-se, formar-se-ia uma obra admirável, baptizada com o nome, por exemplo, de «*Aforismos médicos populares*», ao geito dos de Hipócrates, Van-Swieten, e outros médicos de fama. Mas, claramente, ano-

tados e discutidos, de forma a sêrem aproveitados os que fôssem de segura opinião ou boa doutrina. De resto, a obra serviria ùnicamente para entezourar um pouco do nosso rico folclore.

Curioso é o antagonismo de certos ditados médicos, usando-os o Povo consoante a vontade e a ocasião; servem para agradar a *Deus e ao Diabo*, como o outro que diz. Como amostra, vejam-se estes dois:

«Quem é amigo de vinho, inimigo é de si mesmo»

e

«Por cima de peras, vinho bebas e tanto bebas que nadem as peras».

Êste último assemelha-se ao seguinte:

«Por cima de melão, de vinho um tostão e o litro a 5 reis.

O primeiro proíbe o vinho, os dois últimos aconselham-no daquela forma! Quer dizer, o abstencionista segue o primeiro; o alcoólico, o etílico, serve-se dos outros! E assim, tudo corre bem. Santa opinião popular e bendito critério! Muitos outros exemplos teria eu ainda para apresentar, mas vem a ponto acabar-se o devaneio, porque, lá diz o outro:

«O pouco falar é ouro, o muito é lôdo».

LUÍS DE PINA
Assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto.

A propósito da naturalidade dos trovadores galego-portugueses

---

Por motivos que ainda não estão bem esclarecidos, mas entre os quais devem certamente ter predominado o meio e sobretudo as qualidades étnicas que caracterizam os seus habitantes, foi na região que demora aquém e além do rio Minho, com exclusão do resto da península ibérica, que primeiro surgiu o lirismo. Foram portanto portugueses e galegos os que o cultivaram; se algum raro tinha outra procedência, o seu convívio íntimo com qualquer dos dois povos, sobretudo o último, explica a sua predilecção por êsse género de poesia. Mas, assim como a língua era comum a ambos, também quási que não havia fronteiras entre êles. Umas vezes por motivos particulares, entre os quais avultavam as freqüentes desavenças de famílias, outras por questões políticas, galegos e portugueses trocavam mùtuamente a sua residência; nas guerras sustentadas contra os infiéis, sobretudo contra os que estacionavam na Andaluzia, uns e outros aparecem combatendo. Existia pois entre ambos um laço íntimo que quási lhes dava a aparência de uma só família e assim é que nos *Nobiliarios* ou *Livro de Linhagens*, atribuído ao conde de Barcelos, se enumeram fidalgos portugueses oriundos da Galiza, como outros galegos nascidos em Portugal, tornando-se d'êste modo por vezes difícil discriminar a verdadeira proveniência de não poucos d'êles. Se é certo que d'alguns, naturalmente os mais distintos em nobreza e os que ocuparam lugares preeminentes, os documentos da época no-la transmitiram, já o mesmo se não pode dizer de outros, embora pretencentes a famílias notáveis, em especial por feitos guerreiros. Quando isto se dava com estes, como não ignoraremos a pátria de tantos outros que não estavam em igualdade de circunstâncias, sobretudo os jograis, provenientes das camadas sociais mais baixas, verdadeiros boémios para os quais quási que não existia nem pátria nem família? Para alguns d'êles — trovadores e jograis — resta-nos um recurso, o nome da terra que os acompanha. Mas êsse mesmo nem sempre é indício infalível, não só porque pode ter sido herdado e referir-se portanto a antepassados, mas ainda pela grande similhança

que existe entre a toponímia de cá e a de lá; êsse só poderá servir-nos de auxiliar, quando indicações mais precisas os documentos nos subministrarem; faltando estas, ficaremos em dúvida se os indivíduos cujos nomes veem acompanhados de topónimos, que se encontram nas duas margens do rio Minho, viram a luz do dia na de cá ou na de lá. Escolherei, entre outros, os dois exemplos seguintes:

Há um trovador notável, quer pelo número, relativamente avultado, das suas composições, quer pela feição especial de muitas d'elas, a quem Lopez Ferreiro e D. Carolina Michaëlis fazem oriundo da Galiza — D. João Garcia de Guilhade. D'èle diz o historiador da Igreja Compostelana que com outros trovadores fêz parte da hoste comandada por D. Rodrigo Gomez de Trastamara e á ilustre comentadora do C. A. «merece aplauso esta asserção, pois que ela se baseia no facto de ser èle oriundo de território de que D. Rodrigo era senhor ou prestameiro, isto é, da Galiza, onde — afirma ela — só subsistem várias localidades *Guilhade*: três na comarca de Lugo e uma em Pontevedra». A circunstância de o seu nome vir, nos apógrafos, precedido do título de *dom* e de êle próprio se chamar cavaleiro e afirmar haver tomado parte em bofordos e freqüentado a côrte leva-a a pensar que, fidalgo embora, tê-lo-ia sido de pequena categoria, quando muito cavaleiro de uma lança.

Mas á perspicácia de tão distinta investigadora escapou, de certo pela sua importância mínima, a existência de dois lugares, do mesmo nome, um no concelho de Marco de Canavezes, outro no de Paredes, ambos portanto do distrito do Pôrto. Ora acontece que entre os vários documentos, constantes do *Censual da Sé do Porto*, há pouco publicado, se encontra um em que, na qualidade de testemunha da doação, feita, em 31 de Julho de 1277, por certa D. E. Gonçalves e seu filho, ao bispo e cabido daquela cidade do padroado da igreja de Santa Cruz de Leça figura um *Iohannes de Aguiladi* com a classificação de *miles* ou seja a de cavaleiro. Êste facto torna provável a sua residência no Pôrto ou seus arredores, pois não é crível que fôsse admitido a testemunhar um acto de certa importância um indivíduo, que se podia ter na conta de estrangeiro e vivia longe da terra onde êle se realizava. Acresce ainda que o ano mencionado, que corresponde ao 1239 de Cristo, não só destoa, mas até concorda com o tempo em que entre nós já se cultivava a poesia. Na cantiga n.º 236

o mesmo dá a entender que por algum tempo viveu perto de Barcelos e Faria, por ventura nalguma quinta que aí possuia, donde — diz êle — via as casas onde vira alguém que nunca lhe fizera bem, ou seja onde habitava uma dama a quem requestava.

A côrte a que se refere talvez fôsse a de D. Afonso III, mas só dez anos depois da assinatura do documento aludido. Pelo que acabo de expor não se pode afirmar que fôsse galego o trovador a que me estou referindo; carecemos para isso de prova mais concludente do que a simples menção da localidade.

Outro trovador que ao seu nome junta o da terra onde talvez tivesse nascido é Pero de Veer, que no *Cancioneiro da Vaticana* (e conseqüentemente no de *Colocci-Bramenti)* figura como autor de oito *cantigas*, algumas parece que incompletas, sendo três de *amor*, em estilo palaciano, e cinco de *amigo*, quási tôdas de feição popular.

Nos n.os 170 e 171 do *Boletin de la Real Académia Gallega* ocupa-se o snr. Amor Meilan da sua naturalidade. Depois de regeitar a opinião de T. Braga que, interpretando erradamente o apelido do poeta, o fizera oriundo da região, situada no Sul da França e ainda conhecida pelo nome de Bearn, o snr. Meilan, estribado nesse apelido e ainda na referência que o poeta faz a certa povoação chamada *Julham* (e não *Juilham*, como leu T. Braga), pretende que êle foi natural da paróquia de S. Vicente de Ver, pertencente ao actual município de Bóveda, em terras de Monforte, na provincia de Lugo.

Em verdade a origem que lhe dá T. Braga faz parte das suas muitas fantasias e não tem outro ponto d'apoio que não seja uma imaginária similhança de forma *(Bear* e *Veer)*, mas também não me parece que a que o snr. Meilan apresenta seja absolutamente certa; se-lo-ia, se no-la confirmasse com algum documento ou outra prova irrefragável; a que vai buscar ao seu apelido como a que infere da língua de que êle usa, nem uma nem outra teem o valor que lhes dá, como passo a demonstrar.

O nome *Veer*, resultante, por assimilação do primitivo *a* ao *e* seguinte, como em *bésta*, *mestre*, *seta*, etc., do antigo *Vaer*, que por seu lado assenta sôbre *Valerii*, ou seja o genitivo do nome próprio *Valério*, e reduzido ao actual *Ver*, pela absorpção da vogal átona pela tónica, como em *ler*, *ter*, *ver*, etc., se se encontra na Galiza, também não é desconhe-

cido em Portugal. O mesmo direi de *Gião*, que a pronúncia galega fêz evolucionar em *Xiam*. Ainda mais: a invocação da Mãe de Deus, sob o nome de *Santa Maria*, denominou até os começos do século XIX o território e antes em especial a vila hoje chamada da Feira; do seu concelho faz parte ainda uma freguesia, conhecida também por Santa Maria de Lamas. Da sede do mesmo dista 10 quilómetros a freguesia de Gião, cujo orago foi antes S. Julião, donde tomou o nome, e agora é S. André. Mais perto ainda, 3 quilómetros apenas, lhe fica S. João de Ver, cuja existência é já bastante antiga, como se deduz das referências que a ela fazem os documentos, que lhe chamam *Villa de Valeiri* um do ano 773 (?) ou *Villa Valeiri* outros de 977 e 1077 e da identificação que d'esta velha povoação com a actual faz Pedro de Azevedo, a pág. 139 do vol. III do *Archeologo Português*, tendo a primitiva denominação passado por estas transformações: *Vaer*, que ocorre nas *Inquirições de D. Denis*, *Veeyri* e *Veer*, que veem no tômo V das *Dissertações* de João Pedro Ribeiro; na ordem cronológica essas transformações teriam, a meu ver, sido *Valeyri*, aí pelos séculos X, XI ou XII, *Vaeyri*, *Vaer*, *Veeyri* e *Veer* depois d'esta última data. É verdade que nem no «territorio do antigo Castro de Ovile», a que actualmente correspondem os concelhos da Feira e de Ovar e foi estudado e identificado pelo citado erudito na revista mencionada, nem no *Onomástico Medieval Português* do snr. Cortesão se encontra referência a qualquer *villa juliani*, pois as três povoações que êste último regista com o mesmo nome *Juyam*, diferençado pelos qualificativos de *inferior*, *medianus* e *Supernus*, creio, não fazerem parte do referido território, mas corresponderem talvez aos actuais lugares, chamados *Gião de Cima*, *Gião do Fundo* e *Gião do Meio*, situados na freguesia de *Gião* do concelho de Vila do Conde, essa omissão, porém não prova que no século XIII não existisse já a actual povoação de *S. João de Ver*, pois muitas das que hoje fazem parte dos dois referidos concelhos também são omitidas naqueles antigos documentos.

Do exposto parece-me poder deduzir-se que o trovador em questão tanto poderia ter nascido na Galiza, como em Portugal, pois cá e lá se encontram as mesmas denominações de lugares e igualmente a de Santa Maria aqui subsiste e em extensão maior ainda do que além.

Se êste argumento pouco ou nada vale, o que o snr. Meilan pretende tirar da linguagem do trovador êsse é que, é

totalmente destituído de valor, a-pesar-de o qualificar de «algo decisivo, algo que es inconfundible y a la vez inapelable». A facilidade que o mesmo snr. encontra em «advinar, a la simple lectura del *Cancionero*, cuales son los trovadores nacidos en una y otra margen del rio que sirve de limite entre Portugal e Galicia» ninguém que o tenha estudado a achará, pois é a mesma a língua usada ali tanto pelos da outra banda como pelos d'esta. E, com o trovador em questão dá-se até a circunstância de em nenhuma das composições que lhe são atribuídas se encontrarem aquelas expressões que, por não ocorrerem nos documentos em prosa do tempo, nos quais se reflecte certamente o falar quotidiano, são tidas por peculiares da Galiza, como os pretéritos em *-o*, a forma pronominal *cho*, etc., e de que se servem outros, indiscutìvelmente portugueses, entre os quais se conta el-rei D. Denis, a quem não excede nem na fecundidade, nem na perfeição nenhum dos galegos, que portanto não foram mestres seus, nem d'outros, em que pese ao snr. Meilan, pois se os d'além Minho conheciam bem a arte de poetar com perfeição, também não a ignoravam os d'aquém; até mesmo o artifício empregado por Pero de Veer, na sua cantiga n.º 650, que consiste em começar e terminar cada estrofe pelo mesmo verso e a que os Provençais chamaram *canso redonda*, usaram-no outros, como Lopo Jogral, Pero da Ponte e Pedro Amigo de Sevilha; belezas, quer poéticas, quer de sentimento, deparam-se-nos nuns e noutros.

Mas, embora se não possa, á falta de documento probativo, determinar com certeza se o autor das três *formosas cantigas d'amor* e das quatro, não menos belas, *d'amigo* viu a luz do dia em Galiza, se em Portugal, eu inclino-me antes a crê-lo oriundo de cá, não por patriotismo, que em questões d'estas deve ser totalmente posto de parte, mas pela sua linguagem, como disse, genuinamente portuguesa, limpa dos galeguismos que noutros trovadores se encontram e ainda em maior quantidade, como era de esperar, na *Cronica Troyana*, que lhes é posterior.

Há ainda um facto, que conquanto não seja dicisivo, me leva a pensar assim, é a coincidência de um nome, quási inteiramente idêntico, se encontrar numa lápide sepulcral, que, se não existe já no mesmo local, pois não consegui descobrí-la, tendo sido informado de que, parece, fôra de lá tirada não há muito tempo, em virtude das obras que ali estão a fazer-se, existiu, quando António Joaquim Moreira

coligiu, no século passado, os *Epitaphios, Inscripções e Lettreiros* de Lisboa, colecção que se guarda manuscrita na Academia das Sciências e anteriormente, quando Pinho Leal organizou o seu Dicionário de *Portugal antigo e moderno*, os quais ambos nos informam que na charola da Sé estava uma campa — uma pedra metida na parede, pormenoriza Moreira — com estes dizeres: Aqui jaz pero esteves de ueer escrivão do conde D. Martim Gil e morreu seis dias andados de março, era de mil e duzentos e quarenta e sete. Acrescenta Pinho Leal «que a era de 1247 e ortografia não é com certeza do século XIII e deve ter sido gravada uns 300 anos depois». Lamento não haver encontrado a lápide, não tenho porém razões para duvidar da veracidade da informação de Pinho Leal, crendo que êle nos transmitiu a grafia tal qual lá se encontra, pois a sua cópia condiz com a de Moreira.

A ser exacta a suposição de Pinho Leal, pode muito bem ser que a data de 1247 corresponda á real, tendo os copistas da primitiva inscrição, juntamente com a grafia, harmonizado com a já usada no seu tempo, a de Cristo, a era de César, que d'ela devia constar, mas se o não fizeram, áquele ano corresponderia o de 1209.

A respeito de D. Martim Gil, o fidalgo de quem êste Pero de Veer fôra escrivão, eis o que D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos nos informa no seu, nunca assaz louvado, trabalho, o *Cancioneiro da Ajuda* ([1]). «Entre os vários nobres que usaram d'êsse nome há três que ganharam fama. O mais novo, neto de Gil Martins, ... era de ambição e orgulho infrenes. Serviu de alferes-mor a D. Denis e de aio ao herdeiro do trono, morrendo depois do 1312. É costume designá-lo com o título de *Conde*, porque o foi de Barcelos desde 1304. Êste nascera cerca de 1260, sendo filho de outro D. Martim Gil. O mais velho figura na côrte de Sancho II, desde 1223 ao lado de seu pai, D. Gil Vasques, o Velho, de Soverosa, ocupando em breve o primeiro lugar na proximidade e confiança do jovem monarca. Fiel ao rei destronado, tomou parte na guerra contra o conde de Bolonha, mas, derrotado o seu partido, emigrou para a Espanha, onde parece ter-se conservado até 1255, ano em que teria regressado á pátria.

É possível que, afora estes, outro D. Martim Gil tenha havido, mas não pertencente ao número dos que, no dizer-se

([1]) Cf. pág. 302 e 352-3.

da erudita senhora, ganhara fama. Dentre os mencionados o único que, concorda com a data do epitáfio da Sé de Lisboa, a admitir-mos a correcção de que atrás falei, é o valido de Sancho II; por êsse tempo estava, como se sabe, no auge do esplendor, na côrte de Afonso III, a poesia chamada trovadoresca. Mas, aceitando mesmo que a verdadeira data seja a de 1209 já então era conhecida entre nós a poesia da Provença e nos freqüentadores da côrte ela contava admiradores, como Pero Velho e seu irmão, Pai Soarez, que figuram entre os seus cultores, sem falar no próprio D. Sancho, a quem, parece, ela não era estranha.

Será êste escrivão do conde D. Martim Gil, que no ano de 1249 foi sepultado numa dependência da Sé de Lisboa, o mesmo que, sem o nome *Esteves*, figura no *Cancioneiro?* Não me parece impossível. O ofício que êle desempenhava junto do fidalgo e até o seu nome dão-nos a entender que pertenceu á camada popular, e assim o considera a mesma ilustre romanista a que me tenho referido, quando o inclui entre os jograis do povo, como Martim de Padrozelos, Airas Pais e outros, que compuseram também cantigas em estilo popular, não inferiores em beleza. Mas a sua posição humilde não o inibia a êle, como não inibiu a outros em condições iguais, de se dar ao cultivo e ainda ao estudo da poesia, por forma tal que até conhecia a sua técnica, segundo nos revela a *canção redonda* de que atrás falei e figura entre as suas trovas. Se êle era escrivão, é porque sabia ler e escrever, do que nem todos os fidalgos do tempo se podiam gabar; mais uma razão para estudar não só os modelos poéticos que lhe oferecia a literatura francesa de então, quer a do Norte, quer principalmente a do Sul, mas ainda os que encontrava no seu próprio país e na Galiza, alguns de merecimento não inferior ao d'aqueles, pois é de crer que a predilecção que sentia pela *arte de trovar* o levasse a aperfeiçoar-se no conhecimento das línguas de *oil* e de *oc*.

Embora reconhecendo que o que me foi possível coligir é insuficiente para afirmar que um e outro sejam a mesma personagem, inclino-me a crer que há em Pero de Veer mais probabilidades em favor da naturalidade portuguesa do que da galega, contràriamente ao que pensa o snr. Meilan; em todo o caso é êste um ponto que fica em suspensão, até que mais provas, se aparecerem, venham elucidá-lo completamente.

J. J. NUNES.

Um Arcebispo que jogava o pião

Método de jogos que a propósito se escreveu

ALBERTO PIMENTEL em 1895 deixou num dos seus livros de história anedótica uma nota curiosa sôbre jogos populares. Historiando *As Amantes de D. João V* alude incidentalmente a um filho bastardo do rei D. José, que foi arcebispo de Braga, traz a propósito várias frivolidades e vícios do nosso século galante e, documentando-se com um manuscrito da Biblioteca da Ajuda, declara com risonha ironia que o tal irmão bastardo de D. João V *morria por jogar o pião no paço episcopal*...

Êsse divertido espectáculo dum arcebispo a jogar o pião em tão estranho campo de jogos deu, efectivamente, lugar a uma sátira manuscrita, produto, porventura, dalgum engraçado bracarense, mas onde, todavia, alguma coisa mais que o facto anedótico há a recolher, pois nela se encontra a invulgar descrição de três dos jogos praticados com tamanha desenvoltura no paço do Arcebispo e curiosas observações de particularidades peculiares a tais exercícios da mocidade de todos os tempos e que á Etnografia interessam.

São êles o *pião*, o *talo* (è não *taco*, como julgou T. Braga) e a *conca*.

A importância do manuscrito foi já entrevista por TEÓFILO BRAGA recenseando como material etnográfico a indicação fornecida por ALBERTO PIMENTEL (*Cancioneiro popular português*, II, pág. 358, nota); de lá passou para a nota bibliográfica que o D.or LEITE DE VASCONCELLOS reüniu relativa ao jôgo do pião e que suponho ser tudo o que em Portugal há recolhido sôbre o assunto (*De Campolide a Melrose*, pág. 44-45).

TEÓFILO BRAGA não viu de-certo o manuscrito pois lhe transcreve errado o título supondo naturalmente que corrigia bem A. Pimentel. Como èste não deu a marcação dèle, perdido nalguma miscelânea e possível de encontrar agora só por acaso, imagino que nunca êle foi completamente lido e publicado.

Tendo-me vindo ás mãos uma cópia coeva encorporada

numa miscelânea ainda não catalogada da Biblioteca da Universidade, ao arquivo da *Revista Lusitana*, acolhedora para tudo o que ao povo português importa, a trago na persuasão justificada de estar inédita. Pelo pequeníssimo excerto que A. Pimentel publicou, julgo que não existirão diferenças sensíveis entre a lição da Biblioteca da Ajuda, possìvelmente original, e a cópia da Biblioteca de Coimbra, incompleta por lhè faltarem os desenhos que deviam ilustrar o meticuloso texto.

A miscelânea onde êle se encontra recebeu de nós o N.º 1088 da secção de Manuscritos presentemente a nosso cargo; é um vol. 205×150^{mm}, de 215 fls., onde variadíssimos assuntos se coleccionaram, como de costume, e produto conventual de várias mãos. Pertenceu á livraria dos Agostinhos descalços de Coimbra, cujo sinete conserva.

A par de assuntos como *sentenças* e *papéis eclesiásticos, sonetos*, o *traslado duma informação sôbre a Casa da Moeda das Minas, um memorial e uma escandalosa carta sôbre as obras de Mafra*, etc., encontra-se pois, ocupando as fls. 163-171 o acima anunciado e adiante transcrito

Methodo Breve, e Claro de Jogar.
Tallo, Pião, e Conca.

ORDENADO.

P.[la] Academia dos Rapazes Bracarenses.

Offerecido

Pella mão do M. R P. M. Reytor
Da Companhia de Jesus.

Francifco Monteyro.

Ao Serenifsimo Senhor

D. Joze

Arcebispo Primaz
De
Braga

Anno
1742.

Ao Sereniſsimo S.[r] D. Jozẽ Arcebispo,
e S.[r] de Braga.

O Mayor cuid.[o] dos Escritores, e o pr.[o] acerto das Suas obras he Solicitar lhe o resp.[to] de algũ patrocinio Soberano, e entaõ he este mais efficaz qd.[o] se conforma com o genio do Seu Mecenas a matr.[a] q̃ Se lhe dèdica.

Em obzequio de Cezar compunha Virgilio o seu poema lizongeandoo com as guerras de Troya, e de Italia. A este Emperador em cujo animo fazia consonancias as trombetas de Marte, com a Cithara de Apollo.

Os Meninos Bracharenses com madura advèrt.[a], e consideraõ, *(sic)* dedicaõ a V. A. os primores daquellas artes de q̃ Saõ capazes os Seus ann.[s] fazendo ao genio, e inclinaçaõ de V. A. este obzequio em reconhecim.[to] do zelo com q̃ V. A. Solicita aliviar a seus Pays da Laboriosa tarêfa dos seus off.[os] p.[a] q̃ Livres deste trab.[o] possaõ a imitaçaõ de V. A. occuparse estudiozam.[te] com os f.[os] no devertim.[to] dos Seus jogoz = Studiosè plerique facta Principum imitantur = disse Cicero.

Cicer. 1.º off.

Aplicaſe V. A. aos devertim.[tos] puerîs em q̃ os mais insignes professores lhe daõ vantagem, praticando a virtude da Cutrapelia ([1]): e se o exceſso nas virtudes fora deffeito, Som.[te] nesta o podèra ter a pessoa de V. A. pois Livre de todas as mais com q̃ no sèu estado podèra occuparse, e devèrtirse, se aplica todo, e em todo o tempo ao exercicio desta satisfazendoſe a Sua grandeza /tal vez por humild.[e]/ com a futilid.[e] de hũ rachaſo, com o zunido de hũ peão, e com o acerto de huã concada. Neste devertim.[to] nada he Culpa, tudo he innocencia.

Os Zoilos q̃ de todos murmuraõ diraõ, q̃ a V. A. ja p.[los] seus ann.[s], e p.[las] suas occupações. Naõ saõ decentes estes puerilidades, e q̃ por esta rezaõ Cubillon Embayxador dos Lacedemonios chegando ã Cid.[e] de Corintho, e achando os Senadores jogando, voltou sem dar a sua Embaixada, julgandoos por indignos de tratarem Neg.[os] de huã Republica.

Cornelio Agrippa de (?)anit Scĩar Cap. 14.

Porem V. A. tem tantos Heroes a q.[m] imittar q̃ Lindam.[te] podèra fazer por estudo o q̃ pratica por genio. Hercules o Mayor aventureyro do Mundo, dis Celio e Volaterano, q̃ muitas vezes folgava com os Meninos; Cosme de Medicis com os

Celius cap. (?)lt. 5. lib.

([1]) Ou Eutrapelia?

seus nettos, Alcibiades, dis Textor achou alguãs vezes ã Socrates jogando com o menino Lamproele, Agezilao andava a cavallo em huã Cana fazendo com o seu f.º altas cavalarias; ao q̄ alludindo Cantou Horacio = Ludere par impar, equitare in arundine Longa.

Textor in Officin. cap. Ludi. n. 37

Lattanc. in cathal. Glor. Mundi p. 11. Cap. 32

Sevola era m.to frequente no jogo das pedrinhas, e aſsim cantou Mantuano = Magnus interpres Legum Ludisse Lapilis. Sevola narratur curas que fugasse fritilo. = De Socrates cantou o mesmo Poeta: = Socrati eos etiam Ludos pueriliaquè acta Legimus, atque Senem Studiis juvenilibus uſu. =

Mantuanus in Silviz

Idem

Na Menor id.e de V. A. fui seu M.e de Artes, e Sciencias, nas quaes mostrou V. A. o talento q̄ todos conheçemos, negandoſe neſse tempo ãos devertim.tos de q̄ agora faz restituhição a natureza; *dar ao tempo o q̄ he seu* he sentença irrefragavel dis Cicero a todo o tempo se lhe paga o q̄ se deve.

Naquelle em q̄ eu Me achava em Roma /donde vim a ordem de V. A. desprezando as Mitaras, e os Capellos com q̄ quazi me estava saudando o Coll.º Appostolico/ vi a m.tos Principes devertirem se com jogoz, e paſsa tempos, e se aſsim se pratica em Roma q̄ he a Academia das mais altas politicas do Mundo; tambem em Braga pode V. A. celebrar o seu Carnaval e devertir se aprovando com o seu exemplo esta obra q̄ p.la M.a Mão se offereçe, e dedica a V. A., aceitando os obzequioz com q̄ toda esta Cid.e, e principalm.te o Meu Coll.º Se tem empenhado em dar gozto, e devertir a V. A. p.a q̄ D.s lhe dilate, e prospera a vida por m.tos ann.s

Braga Coll.º da Comp.a de Jezus 30 de Junho de 1742.

O Reytor da Companhia
Francisco Monteyro.

Censura

Do M. R. P. Jozé dos Reys Lente de Prima
do Coll.º da Comp.a de Jesus.

Serenissimo S.r

Mandame V. A. dar o Meu pareçer Sobre a matr.a q̄ Se trata Nesta Vtilissima obra; e supposto q̄ p.a isso me seja Neceſr.º tornar ãos ann.s em q̄ Nasci; comtudo, Não he m.to q̄ Eu por dar gosto a V. A.; empregue o cuid.º Nestas rapa-

zices qd.º toda a m.ª Comunid.º tem obrado por seu resp.^to o q̃ Nunca della se esperava.

P.ª os pequenos, e p.ª os Mayores Me pareçe vtil este tratado p.ª aquelles, q̃ Neste exercicio empregaõ inutilid.º de Seus ann; e p.ª estes com mais altos pensam.^tos podem tirar proveitozas moralid.^es Bem q̃ Conheço q̃ o Mundo tem viciado de Sorte os seus devertim.^tos, q̃ de poucos pode ser Livre a Consciencia, e ainda Menos nos bons costumes, e exemplos, e ainda entre os indifferentes paſsatempos de q̃ vza a puericia, ja a malicia anticipada pertende roubarlhe a innocencia; porem esta q̃ em V. A. he innata poderà tirar do exercicio dos jogoz de q̃ se trata nesta obra, m.^tos, e mui efficazes documentos.

No jogo do Tallo acho eu os mayores adver.^tos p.ª hũ Prelado: O pau Curvo com q̃ se joga reprez.^ta trocida a vara da justiça qd.º injustam.^te castiga, como sendo Neste jogo delinquente q.^m naõ acerta na Cova com o Tallo. O Tallo he o punido, e a q.^m se dirigem os golpes, e os rachaſoz; assim vemos castigar individamente Neste Mundo a huñs em vingança, em contemplação de outros, e sacrificadas No indigno Altar do odio m.^tas inocencias.

O Tallo he hũ pau de dois bicos, e he o mais geroglifico de hũ Conçelho perverso, e cavellozo, com dois sentidos, e duas intenções = Qui sapiens est audit consilia dis Salamão; mas q̃ Conselho deve ouvir explica o Eccleziastico = Non omnem hominem inducas in domum tuam; Multæ enim sunt insidiæ dolosi. = A poucos Se pode pedir Conselho, e descobrir o peito, e ainda ã estes se lhe naõ deve dar de todo o Coração: = Non omni homini cor tuum Manifestes, Ne fortè inferat tibi gratiam falsam, et convitiatur tibi = .

Proverb. 12

Eccles. 9.

Idem 8.

Eu bem Sey q̃ ha Conselheyroz, huns q̃ tem qualid.^e de Lobo, de q.^m dis Rabisio Textor na sua officina, q̃ tem certa virtude q̃ enfeitiça = Habet in cauda amatorum virus exiguo in villo qui tamem non idem posset, Nisi viventi fuerit erectus = porẽ alem deste veneno, tem esta fera hũa Natureza, Cujoz Semelh.^es naõ saõ bons p.ª conselhr.^os = Luporum rapax est Natura, et ignobilis caullas intraverunt, non solum quod satis est ad ventrem, sed totum gregem paſsim jugulant.

Text. I offic cap. animal divers. n. 5 col. 253.

Sr Conselhr.^os Lobos Som.^te roubos aconselhaõ, e tiranias; p.ª evitar a preversid.^e destes conselhos, deve o Principe /dis Seneca/ depois de aconselhado, aconselhar se comsigo sobre o Mesmo Conselho: Sapiens est examinare consilia, et non

Seneca epistol. 24.

citó facili crudelitate ad falsa prolabi. Da mesma opiniaõ foy Socrates = Non aliorum Consilia duntaxat otioſa audienda sunt, sed ipsi quoque daret (?) diligentissime cogitare debemus. Emfim Sr Conselhr.^{o} /agora falo contra Mim/ dis S. Gregorio q̃ hade ser dezenteraſado = Nullus fidelior tibi ad consilium potest esse, quam qui non tua, sed te diligit.

Socrat. orat. de pace

Gregor. lib. registri

O Peaõ No qual se symboliza o impio, e vingativo, he fabricado de Coraçaõ do pau Mais duro: armaſe com ferro agudo, e está dissimulando emq.^{to} o Cingem; Cingido Com o Cordel pareçe hũ penit.^{e}, Com o ferrão p.^{a} Sima Mostra q̃ se acautela de molestar com elle; porem tanto q̃ o poder de algũ braço lhe dá corda, e impulso, sahe como hum rayo, volta o ferro p.^{a} a terra, fere, racha, e lastima, ficando tão Satisf.^{o} q̃ com gyros andaõ Campeando, athe q̃ nesta felicid.^{e} dormindo, e resonando serenissimam.^{te} acaba a vida, q̃ animada do impulso lhe durava.

Deste jogo q̃ he de Meninos podem aprender os homens, principalm.^{te} Sendo Principes, a não dar o seu poder p.^{a} vinganças nem offensas. El Rey de França aſy Mesmo Negou o seu braço p.^{a} a vingança dos agravos q̃ lhe fizerão em q.^{to} Duque. As Chronicas estaõ cheyas destes exemplos, e no de V. A. Não he bem q̃ falte esta circunstancia.

O jogo da Conca he o mais rustico, e material, delle puram.^{te} se tira a vtilid.^{e} do exercicio Corporal; porem he huã fadiga m.^{to} Servil, jogo de pedras q̃ infama o juizo, e Molesta as Maõs; porq̃ aſsim costuma aconteçer a q.^{m} com m.^{tas} pedras q.^{r} bulir; porém nada tem contra a fé. Este he o Meu pareçer. Braga. Coll.^{o} da Comp.^{a} de Jezus. De Julho 15 de 1742.

Aos pes de V. A.

Jozẽ dos Reys.

Ao Pio, e Am.^{o} Leytor.

Escrevemos os dictames, q̃ verás Neste pequeno volume, e bem te seguro hade agradar o aSumpto p.^{lo} tempo em q̃ Sahe a Lus: pois sendo Nelle taõ autorizados estes jogoz q̃ se exercitaõ Nas Cazas dos Principes, tambẽ tu as podes uzar Na tua; porq̃ Princepe he cada q.^{l} na Sua Caza. Se Comtudo te naõ agradar o estilo tem Santa paciencia, q̃ tambem Nos vivemos dezagradados de m.^{tas} Coizas Nesta terra, e soffremolas, e tu tambem tolera a P.^{e} (?) da Crus, e M.^{el} Pr.^{a} do Redutto, q̃

ainda seguem peor estillo do q̃ Nos. D.[s] te premiarà efsa paciencia.

Vale.

Methodo Breve, e Claro de jogar o Tallo, Peaõ, e Conca.

Livro Vnico.

A Natureza humana sendo creada p.[a] gozar as felicid.[es] do Ceo, e da terra, ficou de Sorte Condenada p.[la] culpa de Adaõ ãos trab.[os] deste Mundo, q̃ athe os devertim.[tos] q̃ solicita São fadigaz; Logo nos pr.[os] ann.[s] da puericia procura Meyoz, e solicita aprender iogos p.[a] devertir se os Mays proporcionados ã quella id.[e], e q̃ ainda permaneçem dos Antigoz. Entre outros saõ oz jogoz do Tallo, do Peaõ, e Conca, devertim.[tos] q̃ se Naõ Lograõ sem q̃ se amarguem, e comprem m.[tas] vezes com o Suor do rosto, e Sangue das veas, porq̃ tambem entre os Meninos saõ M.[to] ferquentes as discordias, e vinganças. O exercicio destes jogoz he m.[to] vtil ãos Infantes naquelles pr.[os] ann.[s]; porq̃ sendo trab.[o] proporcionado a sua pequena id.[e] com o Movim.[to] se dispoem os Membros do Corpo p.[a] a Sua nutriçaõ, e augm.[to]; e Se vaporaõ as humid.[es] crasas, e malignas, q̃ do ventre de Suas Mays os infectaõ; e m.[tas] vezes mataõ, e alem desta se seguem outras vtilid.[es] Naõ menos proveitozas p.[a] o animo, e costumes q̃ he o principal fim q̃ nos Moveo a sahir a Lus com esta obra, e sua materia nunca ja Mais the agora bastantem.[te] tratada.

Ecl. Rod. Lib 1. Sect. Antiq. q. 14

M.[tos] foraõ os jogoz q̃ inventou a antiga Gentilid.[e], e alguns taõ pios q̃ se vzavaõ por culto, e veneraçaõ ã Mentîda Divind.[e] de seus fabulozos Deozes. A Jupiter dedicaraõ os jogoz Olimpicos affirma Herodoto. A Apolo os Pithios diz Pineda p.[la] victoria q̃ alcançou da Serpente Pitha, como Conta o Poeta Ovidio

Plo Virg. lib. 2 de invent. rer cap. 13.

Instituit Sacro Celebri Certamine Ludoz,
Pithiæ perdomitæ Serpentis Nomine dictoz.

Tambem foraõ celebrados por Horacio os jogoz da Pela, Conca, e Piaõ.

De todos tiraraõ os antigoz vtilid.[e], e devertim.[tos] determinando tempos proprioz p.[a] cada hũ delles; e deste Costume

se dirivou as obſervancias com q̃ oz meninos se aplicaõ em Certos tempos do anno, ã cada hũ destes exercicios. A Pela jogando a p.^{la} Paschoa, o Piaõ p.^{la} Quaresma, a Conca, e Tallo p.^{lo} Inverno, e desta sorte os Mais; som.^{te} no Palacio de V. A. se não obſerva esta ordem, porq̃ todoz juntoz, e a todo o tempo se achaõ ahi estes devertim.^{tos}

Cap.^{o} Primeyro

Da Forma, Instrum.^{tos}, e Leys do jogo do Tallo.

He o jogo do Tallo dos Mais antigos, e seu Inventor lhe deu o nome de Astrologo, e dis Valetarrano q̃ ainda hoje he vzada dos Germanoz, e Transpadanos, e delle faz mençaõ Marcial.

Quærit compositæ manus improba mittere talloz,
Si per me misit nil, nisi vota facit.

Neceſsita este jogo de poucos instrum.^{tos}; mas de grd.^{e} praça e terreyro; jogaſe junto a alguã parede ao pè da qual se forma na terra hũ Meyo circulo a q̃ oz Meninos chamaõ Cova, a qual poſsa receber em sy todo o comprim.^{to} do Tallo. Este hade Ser feyto de hũ pau da grossura de hũ polegar, e de Comprim.^{to} de dois terços de hũ palmo, agudo de ambas as pontas, p.^{a} q̃ ferido em qualq.^{r} dellas se levante ão ar, e ahy se lhe possa dar o rechaſo, q̃ entaõ he mais primorozo qd.^{o} acerta bem No Meyo do Tallo; o pau com q̃ se castiga hade ser da mesma grossura, e de Comprim.^{to} de 3 palmos: athe âo meyo hade ser dir.^{to}, e dahy por diante principalm.^{te} a 4.ª p.^{te} hade ser curvada como mostra a estampa.

[Falta o desenho respectivo]

O fim a q̃ se dirige este jogo, e o pr.^{o} q̃ nelle se pertende he ganhar o pau; as Leys saõ rectissimas, feita a Cova, se porá defronte na dist.^{a}, q̃ se ajustar, e concordarem entre Sy, huã pedra, ou risco na terra p.^{a} signal q̃ principia daly o jogo; [e vejaõ o ajuste q̃ fazem; porq̃ depois por credito da palavra, sem q̃ preceda juram.^{to} haõde comprir a concordata] posto Neste Lugar o jogador q̃ leva o Tallo atira com elle a metello todo, ou p.^{te} delle na Cova; se o conseguio ganhou o páu, e o Contendor lho entrega e pega no tallo; Mas se Não acertou, entra o q̃ tem o pau a dar tres pancadas, e em cada

huã o seu rechaſo, e p.ª o dar com felicid.ᵉ hade acertar na ponta do Tallo com impulso taõ medido, q̃ elle se Levante âo ar com altura proporcionada, q̃ o poſsa rechaſar, e dadas as tres pancadas, ou 2, ou huã, o jogador q̃ anda com o Tallo cuide em metelo na Cova no mesmo Lugar, aonde o rechaso o arrojou, e se dahy não vir a Cova, pede salvas p.ª vistas isto he p.ª se por em Lugar aonde veja, as quais vistas irrimissivelm.ᵗᵉ se lhe haode dar; porq̃ nem ainda entre Crianças se nega a vista a q.ᵐ a pede.

Desta Sorte ganhando, e perdendo o pau andaõ os dois rapazes contendores devertindo, e enfadando. De Cupido dis Apolonio citado por Ravisio Textor, q̃ dava famozos rachasoz, e delle herdou esta prenda seu sobr.º o men.º Ascanio.

Cap.º Segundo

Do Jogo do Piaõ, sua forma, e primorez.

Entre os jogoz puerîs o do Piaõ he o mais grave, e de Menoz dezasocego; podese jogar dentro de Caza, e Nas salas se goza milhor este devertim.ᵗᵒ; porq se o piaõ he bem Lançado, toda a Sala corre, e escaramuça, fazendo varioz gyros, e rodeyoz: aſsim se perçebe milhor qd.º se acerta o alvo, ou como dizem os rapazes se deu na Molha. Chamaõ os Latinos âo piaõ Trocus, he fabricado do buxo, tem forma pyramidal, he de feitio de hũ Coraçaõ, da ponta aguda nasce, e tem hũ ferraõ bem Cravado, e seguro na forma Seg.ᵗᵉ

[Falta o desenho respectivo]

Tres saõ as especies q̃ hà de piões, huns m.ᵗᵒ grd.ᵉˢ a q̃ chamaõ Zorros, dos quais se naõ jogaõ nas salas; porq̃ abalariaõ a caza toda, e pareceriaõ hũ trovaõ qd.º rondassem por ella: destes vzaõ os rapazes Mayores; porq̃ ja sabem o q̃ fazem, e tem a chave da Mão capaz de comprehender, e Sugeitar hũ Zorro destez. Os da Segd.ª especie, q̃ propriam.ᵗᵉ se chamaõ pioẽs saõ de grandeza ordinaria, e em qualq.ʳ p.ᵗᵉ se podem jogar. Os da 3.ª especie saõ mais pequenos, e se chamaõ pitórras de q̃ uzaõ os Mais Meninos.

O Modo de fazer correr o piaõ he cingindo o com hũ cordel, q̃ terá pouco Menos grossura do q̃ tem o Cacullo do mesmo piaõ, e de comprim.ᵗᵒ o q̃ baste p.ª Cingir as tres p.ᵗᵉˢ

delle, e prendendo huã ponta ao dedo do Meyo q̃ he o mayor da Maõ, se aplica a outra Maõ a emparilhar com o Cacullo, torna aſima, e Se vay enrolando desde a raiz do ferraõ no Corpo do piaõ; athe q̃ ficou vnido com a maõ, e enrolado todo o cordel. Nestes termos o jogador sugeitando o piaõ mais com os dedos do q̃ com a palma com o ferraõ voltado p.ª sima se despede p.ª a terra em proporcionada dist.ª, com tal ar, e geito, q̃ pareça lhe deu vida; porq̃ sahe da Maõ do jogador com hũ alento q̃ deixada a terra, ou pavim.^{to} da Sala ferido corre, escaramuca S.^{r} do Campo Como Victoriozo, e triumfante, the q̃ acabado o impulso se despede com huã m.^{to} Ceremonioza, e mezurada Cortezia.

Com o piaõ emq.^{to} corre fazem os rapazes vistozas galantarias, alguns saõ taõ destros, q̃ o tomaõ na palma da Maõ, e costas passeando de huã p.ª outra p.^{te} com hũ Medido impulso q̃ o levanta p.ª o ar emq.^{to} a maõ dà volta. Outros o tomaõ na vnha, e Correndo Com elle as pontas dos dedos todos, o paſsaõ tambem a do Nariz. Outros se desfazem a jogar as Niculas atirando cada hũ âo piaõ do outro.

O pr.º primor, e valentia deste dezafio consiste em hũ piaõ ferir â outro de Sorte q̃ o rache em duas p.^{tes}: = O Segd.º he quebrarlhe o cacûllo com a ponta do ferraõ. O 3.º he deixalo com huã ferida penetrante; estes dezafios as Mais das vezes sempre acabaõ em choros, ou pancadas; principalm.^{te} qd.º se pratica algũ dos pr.^{os} dois primores.

Tambem alguns dos Authores affirmaõ haver outra especie de pioes dentro dos quais Lançadoz sahem f.^{os} â correr; porem q.^{to} p.ª nos he coiza nunca vista, e julgamos esta opiniaõ apocrifa, como a da Ave Fenix.

Cap.º Terceyro

De Jogar a Conca.

Este jogo a q.^{m} os Antigoz chamavaõ Disco foi invençaõ de Licurgo, como reffere Plutarcho. Delle vzaraõ os Lacedemonios nas Festas Olimpiades, q̃ Hercules consagrou à Jupiter. Marcial advertio âos Meninos se acautelaſsem lhe Naõ desse a Conca na Cabeça

Splendida cvm volitent Spartani pondera disci
Esto procul pueri, sit simel ille nocens.

Textor 1 off. cap. Lud. n. 1

Estacio tambem celebrou este jogo com a sua poezia: Illic Octalio non fundent aera disco Nayorum viz ulla virum.

Á proporçaõ das suas forças foraõ os Meninos imitando os Lacedemonios, e jogando este jogo, o qual neste noſso tempo, se acha com Mayor perfeiçaõ, e authorid.[e] Os instrum.[tos] com q̃ se joga saõ tres pedras, com duas das quais q̃ saõ inatas, e se chamaõ Concas, atiraõ os contendores p.[lo] ar alternadam.[te], e outra q̃ he de forma quazi pyramidal com sua baze formada Na terra, serve de termo, e baliza aonde se arremessa a Concâ como se Mostra admiravelm.[te] na Seguinte estampa.

[Falta o desenho respectivo]

O primor deste jogo he combater a baliza com as concas, e atirando os jogadores do Mesmo Sitio cada hũ suceſsivam.[te] com a Sua; q.[do] o impulso Naõ he taõ Medido q̃ acerte, fica vencedor o q̃ teve a fortuna de a arrojar mais perto della, e ganha hũ ponto, e qd.[o] Suceda q̃ os Contendores Lançem as suas Concas com quazi igual fortuna q̃ ambas fiquem em tal paralello, q̃ com a vista se naõ pode rezolver a q̃ està mais proxima, se averigoarà esta duvida tomando Medidas ã dist.[a] de ſorte, q̃ se he pouca se Mede com huã palha, e se he m.[ta] pode tomar se a Medida Com os pés, mas sempre com a cautella q̃ naõ haja encargo de Conciencia nestas Medidas; porq̃ destes actos reppetidos se geraõ habitos no animo dos Meninos q̃ praticaõ depois de crecidos com detrim.[to] da alma, e honra, o q̃ estamos vendo em alguns homens limpos p.[la] mà craeçaõ, e ensino, q̃ tiveraõ; naõ tem pejo de furtar, e fazer outras semelh.[es] indecencias.

Grandes Castigoz esperaõ os Pays destes, porq̃ esquecidos de os crear sem temor de D.[s] só na hora da Morte se Lembraõ de os reconheçer por f.[os], ou p.[a] oz Legitimar, ou p.[a] os enriqueçer.

A estas regras geraes de jogar o jogo da Conca acrescem outras particularid.[es], q̃ os jogadores entre Sy estabeleçem, sendo o numero dos pontos em cada jogo a seu arbitrio. Outros se contentaõ com a gloria de acertar a baliza, e por ella andaõ todo o dia jogando sem advertirem a dilatada fadiga q̃ padeçem, dispondoſe desta Sorte p.[a] os Laboriozos empregoz, q̃ talves p.[a] oz ann.[s] Mais crecidoz lhe tem talhado a sua fortuna, e alentado esp.[o] com a gloria de vençer ãos seus Contendores, se habilitaõ p.[a] depois de homens emprehende-

rem trab.[os] mais heroicoz, e q̃ produzem gloria immortal p.[a] a posterid.[e] Este hũ dos fins q̃ Nos Moveraõ a sahir a lus com esta obra, e esperamos ver a aceitaçaõ della p.[a] Nos rezolvermos a tratar dos jogoz da bolla, da pella, e do toque, igualm.[te] uteiz e necefsarios p.[a] o bom governo da Republica, e Não Menos bem aceitos, e vzados do q̃ os q̃ tratamos.

Finis

Com todas as Licenças poeticas, e necefsarias na officina Toleriana

Anno de

1742

—

Dêste encerramento se conclue que não chegou a ser impresso o *Método*, que terá circulado em letra de mão, furtivamente, a provocar a risota conventual.

Da maliciosa ironia do prólogo e das auto-biográficas alusões ao seu tempo de Roma conclue-se também sem dificuldade que o P.[e] Francisco Monteiro, Reitor em Braga da Companhia de Jesus, *se na verdade existiu*, em nada para êle interveio.

Suposta igualmente deve ser a censura do P.[e] José dos Reis, e ambas as peças insinuações á Companhia.

São, todavia, de muita curiosidade as notas históricas e descritivas que em toda a sátira se encontram, tornando o manuscrito curiosa e invulgar espécie da bibliografia dos jogos populares, a que acresce ainda a justeza e correcção das descrições dos três jogos.

O jôgo da *Conca* não era mais que o actual jôgo da *Malha*; e ao do *Talo* tenho ouvido chamar da *Bilharda* na Beira litoral.

Deve também notar-se que o anónimo autor do manuscrito se propunha escrever igualmente o método de jogar a *bola*, a *pela* e o *toque*. Não encontramos essa segunda parte, ignorando até se chegou a ser realizada; como quer que seja, aí fica a prevenção aos esmerilhadores das velhas miscelâneas das nossas bibliotecas, a quem a Etnografia agradeceria o achado que dessa nova curiosidade fizessem.

Coimbra, 1927.

A. G. DA ROCHA MADAHIL.

ENSAIO DIALECTOLÓGICO

Publicou com êste título o Sr. Arci S. Tenório de Albuquerque um estudo em os n.os 46 e 47 d-*O Mundo Literário*, revista que se publica no Rio-de-Janeiro.

Por isso que se trata de um professor brasileiro — o autor diz sê-lo de português na Associação Cristã de Moços, da Capital Federal —, era de esperar que nos desse êle o resultado de observações acêrca do falar dos seus patrícios e nos comunicasse as anotações que fêz no meio em que vive. Porém, a-pesar-das facilidades que tem para registar e estudar a lingem dos brasileiros, pelas muitas páginas do estudo a ela mal se refere, merecendo-lhe tão sòmente a atenção as particularidades do falar dos portugueses.

Não me parece que estivesse perfeitamente habilitado o digno professor da *Young Men Christian Association* para levar a cabo, técnica e scientìficamente, o estudo a que se abalançou. Tècnicamente, porque revela tal ou qual desconhecimento da língua portuguesa, sua história e evolução, evidenciando apenas leitura de alguns compêndios modernos; e ainda porque demonstra não estar o seu ouvido bastante educado para êsse género de trabalhos, pois não soube devidamente distinguir certo número de diferenças na pronúncia portuguesa. O poder apreciar e registar as modalidades diversas do sotaque de uma língua demanda apurado e mui exercitado ouvido, e não é qualquer que se pode arriscar a semelhante trabalho. Scientìficamente porque a tôda a pessoa parecerá natural que, para estudar um fenómeno, necessário é transferir-se ao meio em que se êle exerce normalmente. Não é do Brasil, que o Sr. Tenório de Albuquerque pode apreciar o que se ouve em Portugal; limitaram-se por fôrça as suas observações a indivíduos portugueses aqui residentes, sendo elas, portanto, suspeitas, por isso que quase sempre impossível é, para um brasileiro, determinar o grau de deterioração que sofreram êsses sujeitos em sua pronúncia, e aquilatar a influência que nêles exercitou o novo meio a que se passaram.

Não escapou o professor da Associação Cristã de laborar nos mesmos equívocos em que caíram vários brasileiros que do mesmo assunto se abeiraram. A ilusão e a ideia pre-

concebida têm nisso grande parte. Desde a infância está o autor habituado a ouvir dizer que pronunciam os portugueses determinadas palavras desta ou daquela maneira; é levado, pois, a aceitar como intangíveis tais opiniões, não podendo o seu ouvido revelar-lhe naturalmente como são na realidade proferidos êsses fonemas ([1]). Por outro lado, a persuasão em que está o autor, da excelência do seu sotaque, não lhe permite avaliá-lo como deveras é. Quase a custo admite que uma minoria de patrícios seus se esquiva de certo número de particularidades brasileiras, quais a supressão do *r* e apócope do *l* finais; e ao esfôrço que fazem para isso conseguir chama o autor, não atino porquê, «preciosismo e pedantaria excessiva». Concorda mais o Sr. Albuquerque que o *s* final é geralmente elidido, que os plurais não raro são omitidos, como nestas frases de que faz exemplos: duas casa bonita, três

---

([1]) «En général, l'homme moyen n'est pas assez observateur pour identifier un individu par ses caractères propres; il se contente le plus souvent de le juger d'après son milieu; mais ce milieu il se le figure beaucoup plus simple qu'il n'est réellement. Il nous est presque impossible de nous représenter quelqu'un sans l'entourer de son «ambiance», c. a. d., sans l'associer à deux ou trois circonstances générales et selon nous nécessaires pour déterminer sa nature; ainsi nous pensons à son sexe, à son âge, à sa profession, à sa condition sociale, à sa nationalité, aux personnes qui l'entourent habituellement, et que nous déterminons, à leur tour, de la même manière simpliste. Les jugements de race et de nationalité sont un exemple frappant de ces classements grossiers; nous avons des idées toutes faites sur les Anglais, les Allemands, les Italiens, etc.: première simplification; de plus, ces idées traditionnelles nous les appliquons automatiquement aux individus de ces nationalités qui entrent en contact avec nous. Dans les limites d'un groupe liguistique déterminé, la manière dont nous concevons les milieux est tout à fait analogue. Notre paresse d'observation ne peut se passer de ces cadres tout faits, qui permettent de juger rapidement les individus; ces appréciations peuvent être démenties par la réalité, mais on aime mieux mal juger que de ne pas juger du tout.» (Ch. Bally, *Traité de stylistique française*, Heidelberg-Paris 1909, pág. 223, vol. I).

homem forte, — mas atira a responsabilidade de tais modismos «para as classes incultas» e «para os que são destituídos de cultura». A estes poucos pontos se limitam os estudos do professor da *Y. M. C. A.* quanto à dialectologia da sua terra. Entretanto, ao tratar da pronúncia portuguesa, procurará sempre estender às classes cultas as particularidades populares, que são quase as únicas que lhe prendem a atenção.

Antes de acompanhar passo a passo o Sr. Tenório de Albuquerque em seus dizeres, releva salientar a péssima revisão do seu trabalho, a falta de clareza nas citações, que muitas se não sabe onde acabam, sendo difícil discernir se a opinião expendida é do autor ou alheia. Em trabalhos dessa natureza é de primacial importância a correcção tipográfica.

Para provar e fazer certa a existência de um dialecto brasileiro, — o que ninguém nega, ao mesmo título que se reconhecem dialectos caboverdianos, angolenses, goenses, minhotos, algarvios, açorianos, etc., — cita o professor da Associação Cristã de Moços uma enfiada de opiniões, já bastante conhecidas, de autores brasileiros: Carneiro Ribeiro, Pacheco Júnior, Lameira de Andrade, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro, Sílvio Romero. Havendo assim preenchido meia dúzia de páginas, pouco provou o professor carioca, pois um assunto scientífico quere-se discutido com provas e fundado em factos, e as exposições dêsses autores, mòrmente os dois últimos não passam de umas apreciações, mais ou menos azêdas, sôbre o direito que tem, ou não tem, o Brasil, de possuir língua própria com relação a Portugal. O ponto mais importante, a que se não referem êsses autores, é a língua literária portuguesa, que, embora fictícia, como são todos os idiomas literários, é aquela a que tendem quantos escrevem tanto em Portugal como no Brasil. E disso não nos dão prova os que defendem a «língua brasileira», escrevendo em correcto português. A dialectação ou novo idioma em que tanto falam, os modismos que pretendem justificar, êles os não escrevem nem os podem admitir por instinto, pois sentem que são apenas apanágio natural de gente baixa e não servem para exprimir os sentimentos elevados e os apuros de uma literatura asseada e bem penteada. Tôdas as regiões de determinado país poderiam então arguir do direito de terem língua própria, por isso que são mais ou menos afastados os seus dialectos da língua literária. A questão tôda reside no facto de serem Brasil e Portugal dois países distintos, havendo sido aquele depen-

dência dêste. Não é o argumento de ordem scientífica, mas sentimental apenas. Fôssem essas nações um só país, ou por outra, se em certa extensão territorial se falasse português no Norte, por exemplo, como em Portugal, e no Sul como no Brasil, deixaria de existir a discussão, aceitando todos as mesmas normas para a língua literária, exactamente como se conformam todos os franceses com o mesmo padrão literário, a-pesar-de serem diversíssimos os falares do Norte e do Sul da França, muito mais até que entre os de Portugal e Brasil. Um cidadão de Bordéus, que normalmente diz: *je me léve la véste*, bem sabe que não poderá escrever tal coisa sob pena de passar por ignorante, pois não está isto de acôrdo com os cânones da língua literária escrita, que só admite: *j'enlève ma veste*. Da mesma forma, o brasileiro, embora culto, que na fala descuidada e animada dirá: «Tu é bêsta! eu já ti disse que você não entende nada das lei» ([1]), se bem que lhe custe por vezes submeter-se à língua literária portuguesa, não escreverá assim, porque sente muito bem não serem essas as normas da língua escrita.

Entre os motivos avocados para explicar as diferenças de pronunciação entre Portugal e Brasil vem o do clima, reforçado com opiniões de Alberto Dauzat e G. I. Ascoli. De acôrdo, mas tudo isso, mais uma vez, não influi na língua literária nem é razão bastante ou suficiente para fazê-la variar. Sê-lo-ia talvez se estivesse o idioma abandonado a si próprio, se não houvesse instrução obrigatória, escolas, livros, jornais, revistas, teatros, etc..., se fôsse a língua literária apanágio de meia dúzia de eruditos e a mais gente não tivesse necessidade dela, como foi o caso com o latim depois que se esboroou o império romano. Aliás, a vontade, o esfôrço, o estudo, podem perfeitamente contrabalançar as influências climatéricas; e estou certo que era eu capaz de ensinar, no Brasil, qualquer criança, preta que fôsse, a falar com exacta pronúncia portuguesa.

Tôda a justificação que procura fazer o Sr. Albuquerque, encostando-se a numerosos autores, quanto às particularidades brasileiras, não vejo bem a que vêm, pois que o fim e

---

([1]) Ouvido a um funcionário superior da Alfândega, formado em direito, o qual se preza, quando está com a pena na mão, de escrever português.

alvo a que visa o professor carioca, enfileirando ao lado de tantos patrícios seus, é provar que a língua, aqui, mal se diferençou do que era quando para cá foi trazida, ao passo que foi em Portugal que se ela deturpou e diversificou de como era falada pela mesma época. Eis outro argumento de ordem sentimental, que não repoisa em bases scientíficas, nem até na lógica. Que tôda a hodierna pronúncia portuguesa se descortina nos escritos de 500 e 600, o prová-lo levaria a obra extensíssima; limitar-me hei a alguns exemplos frisantes, ao refutar, mais adiante, afirmações do professor brasileiro. Isto, quanto ao lado scientífico. Agora, a lógica nos mostra que, conservando-se a língua no meio em que se originou, sem nenhum acontecimento político ou racial de maior que lhe perturbasse a normalidade da sua evolução, não há razão para que deixasse o idioma em Portugal de seguir as suas normas seculares, como em qualquer outro país, Espanha ou Itália, por exemplo. Ao contrário, passando o idioma a desenvolver-se em longínquas regiões, falado por outras raças diversas da lusitana, aí, sim, é que lògicamente êle se alterou. Basta, para o comprovar, prestar ouvidos ao que se fala nas colónias portuguesas, *das quais o Brasil foi uma*, à forma por que se profere o francês nas possessões africanas ou americanas. Tudo isto já eu escrevi muitas vezes e mais uma vez repiso na argumentação e fá-lo hei à saciedade, a-pesar-de tão evidente se afigurar o facto.

Parece aliás concordar com essa lógica o Sr. Tenório de Albuquerque, mas no que se refere ao latim, dizendo êle que, transportada essa língua a diversas rêgiões, «... os naturais delas, porque os seus organismos não lhe permitissem uma pronúncia exacta dos vocábulos da língua de Roma, adulteravam-nos, proferindo-os como mais fácil se lhes antolhava, isto é, com o menor esfôrço possível, resultante de exigências físicas. Por sua vez, as línguas românicas, levadas a várias regiões, vão esgalhando-se em dialectos, seguindo o mesmo princípio também.» Daí a confessar que a língua portuguesa, ao passar para o Brasil, se adulterou na sua pronúncia, é só um passo, que não quis dar o autor, preferindo entrar em tentativas de provar que foi em Portugal que se ela deturpou, sendo, portanto, inúteis as conclusões a que primeiro chegara.

O cavalo de batalha do professor da A. C. de M. consiste na elisão de vogais que fazem os portugueses, no que êle vê,

sem originalidade, pois que é esta a opinião da mór parte dos brasileiros, uma adulteração da língua antiga. E pretende o Sr. Tenório de Albuquerque prová-lo citando versos d-*Os Lusíadas*. Em dois graves erros labora o mestre carioca. O primeiro é confundir elisão com ensurdecimento e o segundo é querèr comparar a linguagem poética com a fala despretenciosa e usual. Sendo, em regra, surdas em Portugal as vogais em que não recai o acento tónico, são portanto muito de leve proferidas e daí o não as ouvir o autor, que está habituado a enunciá-las demoradamente, descansàndo nelas tanto a voz, que chega a sua duração a ser igual ou superior à da vogal tónica. Êste é o ponto principal e característico, que distingue o sotaque brasileiro entre as pronúncias das mais línguas latinas. Por outro lado, é insensato julgar que se declamam versos da mesma forma como se discute um negócio, se solicita um favor ou se ralha com a cozinheira. Os versos são ditos pausadamente, por isso mesmo que são versos, e deixariam de o ser, se fôssem proferidos como falamos todos os dias. Ao trazer à tona a versificação de Camões, não lhe lembrou, ao Sr. Albuquerque, que pudera de igual modo argumentar com qualquer poeta português, desde o século XIII até 1926. Se erramos na declamação dos versos d-*Os Lusíadas*, errada está tôda a moderna poesia portuguesa, vazada nos mesmos moldes (1).

Eu sei que muitos brasileiros baseiam as suas teorias, quanto à pronúncia portuguesa, na obra de Gonçalves Viana «Exposição da pronúncia normal». Mas o próprio título está

---

(1) «..... il arrive au même individu de prononcer sa langue maternelle de plusieurs manières, et si l'on ne s'en aperçoit pas, c'est que le plus souvent on le fait instinctivement. Par exemple, il y a, si l'on peut dire, une prononciation familière et une prononciation «écrite»; il y a une prononciation de théatre (certaines personnes sont même assez naïves pour croire que c'est la prononciation «normale»).» (Ch. Bally, *Traité de stylistique française*, I, 232).

Filólogo e não foneticista, não compreendeu o erudito brasileiro Felipe Franco de Sá as distinções que sôbre o assunto fèz Gonçalves Viana na «Exposição da pronúncia normal». Assim, escreveu o ilustre maranhense: «Como pode um povo ter uma pronúncia para a prosa, outra para o

a dizer qual a pronúncia que o extinto filólogo português quis expor: foi a normal, a de todos os dias, a que empregamos em nossa labuta quotidiana, que não a do discurso académico ou da poesia. E isso mesmo fêz sentir Gonçalves Viana, indicando como devem ser proferidos certos versos para lhes conservar o ritmo poético. O mesmo se dá na pronúncia brasileira, como adiante provarei, e facto igual tem de se verificar em tôdas as línguas. A pronúncia normal francesa manda se diga *ch'val*, mas alguns dicionários até indicam que em poesia é *cheval*. A aceitar a teoria do autor do «Ensaio», está errada tôda a poesia francesa, assim antiga como moderna. Êste verso de *Athalie:*

C'était pendant l'horreur d'une profonde nuit

ficará de pé quebrado na pronúncia normal, em que se diz: *un' profond' nuit*. Não falará, porém normalmente, quem disser em conversa: après *u-ne profon-de* méditation.

No caso do português há, como eu já disse, apenas ensurdecimento da vogal e não mera supressão. Abra o Sr. Albuquerque qualquer dicionário prosódico, o *Contemporâneo*, se quiser, e lá verá que *pelotão* se pronuncia pe-lu-tão e não *plutão*, como nos diz aquele senhor. Reconheçamos porém que

---

verso? O actor que recitar os versos com pronúncia diferente da que lhe é comum, e aos ouvintes, só poderá contentar poucos entendidos e apreciadores da melodia poética, mas desagradará geralmente. Essa pronúncia parecerá estranha ou afectada, *preguiçosa* e *arrastada*, como acham a brasileira. É pois natural que o actor prefira não desagradar ao público, e forrar-se ao cuidado e esfôrço que exigiria a mudança da pronúncia que lhe é habitual. Quanto à declamação da prosa, é evidente que nenhum actor ou orador se sujeitará a êsse constrangimento, alterando a pronúncia usual, que o Sr. Gonçalves Viana diz ser mais fluente e enérgica.» *(A Língua Portuguesa*, pág. 306).

Nunca me constou que o actor Chaby Pinheiro, cuja dição no verso é maravilhosa, fôsse ouvido do público com estranheza e desagrado; nunca consideraram a sua recitação como *preguiçosa* e *arrastada*, nem nunca foi êle tido como brasileiro por separar nìtidamente tôdas as sílabas métri-

não é bastante apurado o ouvido do professor carioca para perceber o pequeníssimo *e* surdo português e relevemos-lhe êsse defeito físico; mas não lhe podem ser perdoadas algumas inexactidões que a seguir escreve. A respeito do vocábulo *perigo*, a que a breve espaço voltarei, diz que o *erramos* pronunciando *p'rigo*, emquanto os brasileiros o proferem com *exactidão*. Duplo equívoco. Primeiro, nunca atentou, sem dúvida, o professor brasileiro na forma como êle e os seus conterrâneos proferem essa palavra, que se diz em terras de Santa Cruz *pi-ri-go;* jàmais ouvi brasileiro pronunciar de outro modo. Em segundo lugar, é ponto de todo convencional a exactidão. Se as regras da pronúncia normal portuguesa mandam que seja surdo o *e* de *perigo*, inexacto será acentuá-lo e dizer *pê-ri-go*, da mesma forma que *ch'val* é exacto e inexacto *che-val*. A ser aceita essa pretensão, falariam os brasileiros muito mais *exactamente* tôdas as línguas que os próprios naturais, pois em francês, inglês, alemão, italiano, etc., se ensurdecem ou elidem numerosas vogais.

Diz o autor do «Ensaio» que «em Portugal, quando a consoante de uma sílaba desprovida da sua vogal possa formar nova sílaba com a sílaba seguinte, os portugueses suprimem aquela vogal.» Não ocorreu ao Sr. Tenório de Albuquerque, ou então desconhece os princípios da filologia

---

cas. Não me canso de repetir que o que diferença essencialmente o falar brasileiro do português é a cadência. Não nos parece a nós *preguiçoso* e *arrastado* o castelhano, a-pesar-de serem mais abertas do que as nossas as suas vogais átonas; o povo, em Portugal, diz até que o espanhol fala *cerrado*. Ainda me lembra a exclamação de um brasileiro, que nunca ouvira, por assim dizer, falar castelhano, ao assistir em Santos a uma representação da Companhia Velasco: «Homem! parecem portugueses!»

Do canto se esqueceram também Gonçalves Viana, Franco de Sá e outros. A música obriga a separar as sílabas, o que ninguém considera anormal, pois assim procedem todos ao cantar. Os coros são, aliás, pela amplificação que tomam os sons, óptimo meio de observar certas particularidades de pronúncia. Muitas vezes no Rio-de-Janeiro parava eu à grade das escolas públicas, a ouvir cantar às crianças os hinos do programa, e tomava os meus apontamentos.

portuguesa, que é essa tendência, mais ou menos acentuada, tão velha quanto a própria língua e que de muitas palavras assim sincopadas se utiliza êle diàriamente. Em qualquer compêndio haveria o professor carioca encontrado que *palavra* vem de *parabola*, com síncope do *o*, — *letra*, que dantes era *lêtera*, promana de *litera*, com perda do *e*, — *sobrar*, de *superare*, — *pobre*, de *paupere*, — *obra*, de *opera*, — *livrar*, de *liberare*, — etc. E é certamente herança latina essa tendência, pois se manifesta igual fenómeno em outras línguas do mesmo ramo.

Mais uma vez denuncia o autor o seu pouco exercitado ouvido ao escrever que pronunciamos *caravela* como *cravela*. Há acentuada diferença entre a proferição das duas primeiras sílabas: *cara*-vela e a da primeira de *cra*-var, por exemplo. Em engano igual escorrega o professor dando *grantir* [1] e *glinha* como pronúncias de *garantir* e *galinha*; porém, bem diversas são ao nosso ouvido as duas primeiras sílabas de *garan*-tir e *gali*-nha, das primeiras de *gran*-de e *gli*-cerina, v. g. Mas ao aparelho auditivo do Sr. Albuquerque, que não percebe o *a* surdo, parece-lhe o mesmo.

No afã de provar a mudança da pronúncia em Portugal da época clássica para cá, e sua conservação no Brasil, apela o Sr. T. de Albuquerque, como já vimos, para a obra de Camões. Não são seguríssimo guia os versos, pois levam, como levaram o professor de português, a alguns equívocos: julgando que são liberdades poéticas certas formas usadas pelo cantor do Gama, acredita êle que foi por necessidade métrica que Camões escrevia ora experimentar, ora ex*pri*mentar. É assaz curiosa a argumentação do autor neste ponto:

> «Ora, se entre os contemporâneos de Camões já fôsse «habitual a elisão do *e*, permitindo que duas sílabas fôs-

---

[1] Se não houvesse em *garantir*, *conferir*, *merecer*, *parecer*, etc. a nítida sensação do *a* e do *e*, o povo português conjugaria *parce*, *merce*, *confre*, *grante*, etc., o que êle nunca diz, empregando sempre, muito regularmente *garante*, *confere*, *merece*, *parece*, etc. — *Considerar*, que entre gente de somenos cultura, se ouve conjugado *considra* em vez de *considera*, não faz ao caso, pois aí perdura a influência da forma arcaica do verbo, que èra *consiirar*, e no indicativo *consiira*.

«sem pronunciadas numa só emissão de voz, por sem «dúvida o grande épico teria tomado isso em considera- «ção e não teria feito as síncopes que executou. Tanto «assim é, que determinadas palavras ora têm um número «de sílabas ora outro, por necessidade métrica, segundo «o poeta lhe suprime, ou não um *e* mudo. É o que se «verifica, verbi gratia, com a palavra *experimentar*, em «que já o poeta mantém o segundo *e*, contando-a como «cinco sílabas, já o sincopa, contando-a como quatro síla- «bas. Provam a nossa asserção os seguintes exemplos..... «(que são 10). Em todos os versos Camões suprimiu um *e*, «formando o grupo *pr*. Mais uma vez, repetimos, se a «pronúncia normal, geral, da sua época fôsse a actual «portuguesa, o grande épico não teria feito as elisões «que indicamos.»

Pois a mim parece-me que foi justamente o contrário que se deu; por ser o *e* pouco audível na pronúncia do seu tempo é que de vez em quando o não tinha em conta o poeta, *ja que não contrariava o uso do século em que vivia*. Pela esdrúxula teoria do professor carioca, deu-se Camões abertamente ao capricho de ir de encontro à pronúncia da sua época contando *experimentar* com quatro sílabas quando, a acreditar no autor do «Ensaio» devia ter a palavra acentuadamente cinco; e se ela tivesse normalmente quatro e fôsse pronunciada *exprimentar*, então, sem dúvida por espírito de contradição, contaria o poèta cinco. Estranha fantasia!! Não notou o Sr. Albuquerque que, se Camões escrevia *exprimentar*, também grafava *experimentar* e contava entretanto sòmente quatro sílabas, como nestes exemplos:

Tantos Climas & Ceos experimentados I,29
Dos mares experimenta a furia insana II,104

Interessantíssima é a conclusão do professor da Associação Cristã sôbre êste assunto: «Como que a provar que a citada síncope só se verificou por necessidade métrica, o grande lírico usou do vocábulo *experiência* sem que lhe fizesse nenhuma amputação. Entre outros apresentamos os seguintes exemplos...», que são três e em que efectivamente a silabação deve ser *ex-pe-ri-ência*. Confesso que sou de todo incapaz de compreender como é que uma cousa prova a outra. O julgar, contudo, que Camões só assim usou a pala-

vra, prova que o Sr. Tenório não é muito lido no poeta em cuja obra funda as suas opiniões; senão, teria encontrado bastas vezes *ex-pri-ência*, como nestes versos (Juromenha, *Obras*, vol. II):

Se não tivéreis já longa exp'riência	pág. 28
É que amor fazer só quis exp'riência	» 31
Porque da minha fé faça exp'riência	» 107
Exp'riências na fôlha derradeira	» 104
Não são as exp'riências mais provadas	» 119

Perdoo ao professor carioca mais algumas dezenas, que tenho apontadas, de exemplos semelhantes.

Em regra, só podem sofrer acréscimo ou supressão de sílabas as palavras ou nomes pouco comuns. Que Camões empregasse umas vezes *idólatra*, outras *idolátra*, ou ainda *idololatra*, natural é, por ser palavra estranha ao vocabulário usual; que acentuasse *Cleópatra* ou *Cleopátra*, por não ser nome usado comummente, compreende-se. Mas não há liberdade poética que possa desfigurar uma palavra corriqueira. Nem por sombras se lembraria o vate português de modificar o substantivo *cavalo* como fêz com *idólatra;* e em verso nenhum encontrará o dialectologista brasileiro *cavalalo*, *cávalo*, *cavaló*, ou coisa que o valha. Da mesma forma, *António* aparecerá sempre assim em qualquer poeta. Desafio o Sr. Tenório de Albuquerque a encontrar, em Camões, êsse nome estropiado em *Ântonio*, *Antonio*, *Antonió*.... por liberdade poética ou necessidade métrica. Logo, as síncopes que se verificam nos versos de Camões não são mais que o reflexo de pronunciações usuais no seu tempo. Se o Sr. Albuquerque tivesse por hábito folhear os prosadores antigos, não teria, é provável, adiantado tão levianamente as suas afirmações, pois haveria de-certo encontrado diversas elisões de vogais que nada têm com «necessidades métricas», como: esprementado = experimentado (Castanheda, *História*... *da Índia*, VIII, 358, ed. rolandiana) — estrelidade = esterilidade (*Itinerario do Mestre Afonso*, pág. 47 — Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, IV, 87) — parcer = parecer (Gaspar Correia, *Lendas*, IV, 379) — ofrecer = oferecer (Samuel Usque, *Consolação*, I, págs. 3 e 15 v.) etc., que motivaram em Camões: *exprimentar* (Juromenha, *Obras*, II, págs. 28, 45, 111, 128, 215) — *ofrecer* (págs. 42, 59, 63, 81, 114, 185, 333) etc.

Foi pouco reflectido o professor brasileiro demorando-se bastante na palavra *perigo* e seus derivados, para provar que os portugueses errávamos todos os versos de Camões em que ela entra, por pronunciarmos *p'rigo*. Cita assim creio que 24 versos. Porque se limitou a Camões? Teria sido muito mais interessante pôr em claro o facto inédito de que todos os versos dos poetas portugueses modernos em que entra *perigo* ou qualquer dos seus derivados, não estão certos... por terem uma sílaba a menos!... e igualmente aqueles em que aparecem *oferecer*, *áspero*, *esperança*, *parecer*, *merecer*, e outros vocábulos de feição semelhante que por decreto brasileiro nos é vedado proferir *pa-re-cer*, *me-re-cer*, etc., sendo nós obrigados a pronunciar tão sòmente *par'cer*, *mer'cer*, *p'rigo*, *ásp'ro*, *esp'rança*. Entretanto Garrett versejou *(Camões*, Lisboa 1844):

Talvez... E êsse talvez é de esperança	pág. 7
A que mudou boa esperança o nome	» 84
E acaso de esperança verdejava	» 93
No benigno favor esperançado	» 95
..... agonias	
Malditas da esperança... E eu só a via	» 99
Que é de tanta esperança lisonjeira	» 188
Àsperamente el-rei o interrompia	» 136
Seu parecer contra a jornada infausta	» 190
Mas ambas oferece de alma e gôsto	» 27
A oferecer as inocentes vidas	» 144
Pronto se oferece quem germanas	
Em dar-lhe a vida e propagá-lo empregue	» 184

e Antero de Quental *(Sonetos*, Pôrto, 1890):

Mas meu... posso eu acaso merecer-te?	pág. 5
E com essa esperança se abraça	» 6
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança	» 13
Que seja sonho apenas a esperança	» 21
Pareceu-me sentí-lo aqui tão perto	» 28

e também Tomás Ribeiro *(D. Jaime*, Pôrto, 1901):

Que rosas de esperança não brotavam	pág. 36
E era um hino de esperança	» 131

E quer perigos de guerra pág. 172
Os de maior perigo ou mais segrêdo » 178
Pareceu-me inda ver-lhe os dedos tintos » 208

Nada disto, portanto, está certo, na abalisada opinião do professor da Associação Cristã de Moços. só estando direitos os versos em que aparecem sincopadas as vogais átonas das palavras atrás referidas, como os seguintes (Garrett, *Camões*, 1844):

Um mancebo inexperto, única esp'rança pág. 75
Tudo sofri no alento duma esp'rança » 98
Meu tributo de graças of'recer-lhe » 35

Lògicamente, a ser aceita a teoria do Sr. Albuquerque, estão errados êsses versos para os brasileiros, pois não é essa a pronúncia normal em terras de Santa Cruz, como também não estão certos os versos de Camões onde aparecem elisões de vogais, como nos sete exemplos apresentados pelo autor do «Ensaio» a respeito de *exprimentar*, ou os que deixei indicados para *expriência* e *ofrecer*. Pela mesma teoria, recresce notar que os próprios brasileiros fazem versos insustentáveis na sua pronúncia, quais Casimiro de Abreu (*As Primaveras*, 4.ª ed., 1921):

Esp'ranças altas..... ei-las já tão rasas! pág. 124
Hinos de amores neste sec'lo bruto » 138
Minha alma of'reço às provações futuras » 168

Castro Alves (*Espumas Flutuantes*, Rio, ed. Garnier):

Pomba de esp'rança sôbre um mar de escolhos pág. 25
Simb'lo de pedra que o cinzel dos raios » 74
Que importa se o tum'lo ninguém lhe conhece? » 88
O bando dos apost'los sacudia » 101
Pet'las perdidas em fatal paúl,
Pet'las que outrora desfolhámos juntos » 119
Mostrava a lua em semi-circ'lo de ouro » 140
Hórrida esp'rança acalentava o mundo » 182

Continua a demonstrar que é pouco lido, ou pelo menos de pouca observação o professor carioca, parecendo ignorar

que o facto de ensurdecer as vogais que não padecem o acento tónico, isto é, fazer uma quase elisão delas, foi sempre uma das particularidades da língua portuguesa. A palavra *perigo*, em que se êle tanto demorou, vamos encontrá-la escrita *prigoo* no «Fabulário Portuguez do século XV da Biblioteca de Viena de Áustria»:

Quando os veemos en algũus prigoos..... que a liurou do prigoo da morte
(O velho que recolhe a serpente)

.. con temor e prigoo de morte
(O rato da cidade e o da aldeia)

Gil Vicente, que nos seus Autos retratava fielmente os costumes do tempo em que vivia, não tomava por vezes em conta o *e* de *perigo* e seus derivados (ed. Mendes dos Remédios):

Pera mui p'rigosos p'rigos	pág. 72	Auto da Alma
Pois do falar vem os p'rigos	» 290	Romagem dos Agravados
Que êste pasto está em p'rigo	» 381	Romance à Aclamação de D. João III

No mesmo Gil Vicente encontramos numerosas provas da enunciação surda das vogais não tónicas, tal qual se pronunciam hoje; por isso que eram pouco perceptíveis na fala despretenciosa da sua época, bastas vezes as elidia nos seus versos. Aí vão alguns exemplos:

Em pod'rosa, doce e humana	pág. 213	Exortação da Guerra
Belas e pod'rosas velas	» 372	À morte de el-rei D. Manuel
Alta Senhora, sab'rás	» 8	Auto de Mofina Mendes
Não há i gaita temp'rada	» 10	idem
Como pod'rá isso ser	» 104	Auto da Barca do Inferno
Mantenha Deus esta c'roa	» 106	idem
Que acabo mais do que qu'ria	» 308	O Velho da Horta

A própria forma *vir's* (vires) a que alude o professor

brasileiro referindo a lição de Gonçalves Viana para a leitura do verso de Camões

E se vires que pode merecer-te

vamos encontrar-lhe semelhante em Gil Vicente, que conta *queres* por uma sílaba, escrevendo *qués*, modo trivial de exprimirmos a segunda pessoa do indicativo do verbo *querer* na pronúncia familiar e despretenciosa portuguesa:

Tu dizes que a qués feirar	pág. 59	Auto da Feira
Ronca, qués tu pôr comego	» 133	Auto da Barca do Purgatório

Entre outras observações do professor carioca está esta de que os portugueses acrescentam um *e* paragócico às palavras terminadas em *r* e *l*, que dizemos *amare*, *fazere*, *Brasile*. Volta aqui o efeito da ilusão acústica: como os brasileiros pronunciam de modo tenuíssimo *l* e *r* finais [1], quando os portugueses pronunciam essas mesmas letras em fim de palavra, dando-lhes o seu som alfabético, parece àqueles que depois delas existe acentuado *e*. Na realidade êsses *ee* depois dos infinitos, que já vêm do latim. como não deve ignorar o professor da Y. M. C. A., são tão pouco perceptíveis como no castelhano e por isso não se escrevem nas línguas literárias da Península. Ao contrário, conservaram-se muito audíveis no italiano e por isso se indica na escrita dessa língua, avêssa aliás às terminações em consoante. Se os franceses

---

[1] Explica-se muito bem que não haja *e* paragógico depois de *r* no Brasil, 1.º porque não é pronunciado usualmente o *r* final; 2.º porque, fazendo-se esfôrço para pronunciá-lo, não é *r* brando que se ouve, mas sim *r* forte (ou dois erres). Além disso, se fôsse apical êsse *r*, ainda podia dar-se o caso do *e* paragógico, mas sendo êle gutural, fica eliminada a possibilidade do fenómeno paragógico. Êsse *r* brasileiro, como lhe chamava Gonçalves Viana *(Ortografia Nacional*, pág. 50), que por mim antes assemelho ao *j* castelhano, podemos observá-lo perfeitamente quando as meninas do telefone empregam a frase administrativa ao atender: «Número, faz favorrrrr?»

podem fugir a essa particularidade pronunciando o *r* guturalmente, entretanto os que em França têm *r* apical não podem escapar de dar a perceber levíssimo *e* depois de *r* final. Não reparou o professor brasileiro que se distingue tão pouco êsse *e* que não pode nunca chegar a formar sílaba; e isto deveria dar-se, a ser exacta a opinião do Sr. Albuquerque. Nao lhe ocorreu que de tal arte ficariam errados muitos versos, pelo que nos podemos dar por felizes, pois se disso se lembrara, houvera que transcrever-nos 80 % dos versos d-*Os Lusíadas*, já que deve ser essa a proporção dos em que aparecem palavras terminadas em *r* ou *l*.

E por ter descambado nesse equívoco apresenta-nos o Sr. Tenório de Albuquerque mais uma afirmação errada a respeito dêstes dois versos d-*A Ceia dos Cardiais:*

> Eloquência de amor que perturba a mulher
> E vence quando ajoelha e beija quando fere.

«Verifica-se que o poeta rima *fere* com *mulher*, o que prova que êle pronuncia *mulhere.*» É irrisória a conclusão, pois é justamente o contrário que se dá: rimando *fere* com *mulher* prova o poeta que pronuncia *fer'*, que é esta a pronúncia normal portuguesa, pois os *ee* finais são sempre mudos. Como professor de português parece que devia saber dêste facto lingüístico o Sr. Albuquerque; podiam-lhe haver revelado os seus compêndios, que outrora se dizia *produze*, *faze*, etc., em que o *e*, por ser mudo, desapareceu da escrita hodierna, onde se grafa *produz*, *faz*, etc. Aliás o povo ainda diz *eu fize-o*. O *e* só se restabeleceu em *val* [1] e *quer* porque a pronúncia literária o conservou na terceira pessoa: vale-o, quere-o.

Não foi desta feita mais feliz o autor do «Ensaio», do

---

[1] Não falando na prosa antiga, que parece desconhecer o professor carioca, poderá pelo menos em *Os Lusíadas*, que tão bem esquadrinhou, haver êle topado esta forma:

> Pouco val coração, astucia & siso II,59

a qual não é mais extraordinária que o nosso modo trivial de dizer: ordeno-lhe que se cal' já — isto não val' nada — que tanta espécie faz a alguns brasileiros.

que quando nos falou em *p'rigo*, pois fàcilmente se lhe evidencia que é antiquíssimo o ensurdecimento do *e* final na pronúncia lusitana. Com a mesma palavra *fere* não tenho menos prova que o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (publicato..... da Enrico Molteni, Halle a/S 1880) em que a pág. 168, n.º 394-1521 poderá ler o professor brasileiro estes versos:

Hun porteyra encas del Rey
Que me conhoce onde q̃r
Q̃ me ueia logome fer
Ou me diz nõ us colherey
Senpre por uos esto farey
Cadaque mou uerdes mester

A rima com *quer* e *mester* prova que o poeta pronunciava *fer'*. Nos *Cancioneiros* e todos os textos antigos encontrará o autor do trabalho dialectológico muitas mais provas e formas da legitimidade da hodierna pronúncia portuguesa, pois lá achará, além do que já citei para elisões em interior de palavras, estas em finais: *el* = êle — *ant* = antes — *present* = presente — *est* = êste — *set* = sete — *vist* = viste — *aquel* = aquele — etc.

Ainda com relação ao *e* paragógico, põe o Sr. Arci de Albuquerque uma nota em que cita o Sr. Paranhos da Silva por um seu livro, que não conheço, intitulado «O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil». Já neste título se sente a preocupação, como que doentia em muitos brasileiros, de quererem provar a legitimidade do seu falar com uma súbita e inexplicável transformação do de Portugal: o «hodierno Portugal» fala uma algaravia grosseira emquanto o Brasil pronuncia como o «velho Portugal», eis o estribilho. Diz o Sr. Paranhos, a propósito do vocábulo *cal*, que ouviu dizer em Lisboa: «O p'drairo 'xtá a p'dire cale; max cal'se, não lh' r'sponda» [1]. Para não estar a refutar letra por letra esta duvidosa observação lingüística, cinjo-me

---

[1] É duvidoso que seja esta frase, um tanto estranha, colhida da bôca de alguém; mais parece fabricada com intuito de opor *cal* a *cale-se*. Tem em todo o caso o mérito de ser gramatical e assim se exprimiria em Portugal tanto uma pessoa culta como um homem do povo. Pregunto ao Sr. Para-

ao caso do *e* paragógico, ùnicamente. Se, em rigor, se pode em certas pessoas ouvir leve *e* depois de *l* ou *r* finais, por darem mais fôrça ao som alfabético destas letras, isto só se dá quando a palavra vem sôlta ou está em fim de trecho em que descanse a voz, quando se não encosta a outra, como fica o nome *cal* no exemplo transcrito. Errada está a reprodução de *pedir* por *p'dire*, porquê se lhe segue *cal* sem nenhum descanso da voz, o que não dá lugar a que se perceba um *e* paragógico. Quanto a *cal'se* é fenómeno normal desde muito em português, conforme ficou dito mais atrás. Sem dúvida, será difícil achar êsse mesmo exemplo em trechos arcaicos, pois falavam os antigos na segunda pessoa do plural e diziam: calai-vos; mas na segunda pessoa do singular, em que é surdo o *a* e mais ou menos se some na pronúncia, ainda o povo português diz: cal'te, tir'te, — como no tempo de Gil Vicente:

Joane, tir'te tu lá	Auto Pastoril Português, I,37
Cal'te por amor de Deus	Auto da Alma, I,81

---

nhos se se daria o mesmo no Brasil? Vamos a vê-lo. Logo no primeiro verbo notamos que um brasileiro de mediana cultura dirá normalmente *tá* (Levou-se há anos no teatro de S. José no Rio-de-Janeiro uma revista com o título: Momo tá í = Momo está aí). *A pedir*, quase não se ouve por cá esta forma; dir-se-ia: pedindo — mas com duas alterações: 1.° a pronúncia usual de *pedir* é *pidir* — 2.° o *d* do particípio é geralmente elidido; teremos, portanto: *pidino*. O *l* de *cal* arrisca-se bastante a desaparecer na bôca de muita gente, ou a transformar-se em leve *r*, por um rotacismo muito comum. Logo, a primeira parte da frase ouvir-se há mais ou menos dêste modo: *O pê-drê-ro tá pidino cá(r)*. — Até aqui correu a coisa relativamente fácil; maiores dificuldades se nos vão deparar na segunda parte. *Mas* diz-se em geral *mais*, não por arcaismo mas pelo costume de introduzir um *i* entre a vogal e o *s* ou *z* final (nóis = nós — núis = nus — rapáiz = rapaz) — *Cale-se* é coisa que se não usa por cá, pois o comum das gentes desconhece o imperativo; diz-se *não faz isso, senta*, por *não faça* ou *não faças isso, senta-te* ou *sente-se*. Pode-se pois aventar *cala*, mas o mais certo será dizer-se: cala a bôca. — Vamos a: não lhe responda. Dois obstáculos; o pronome indi-

Vire-se agora o feitiço contra o feiticeiro. O professor Albuquerque, que encheu uma página com êste assunto do *e* paragógico, não reparou que êle também aparece na linguagem do Brasil, que se não acomoda com uma terminação breve em consoante, qual *d*, *b*, *t*, *k*, etc. O comum dos brasileiros é incapaz de proferir o inglês «good by» de outro modo que *gúdi-bai*. Ao nome próprio Glück deu Castro Alves duas sílabas neste verso:

Como Glück nas selvas aprendia

(Espumas Flutuantes, 166).

A palavra *sob* não pode ser normalmente proferida por um brasileiro, a ponto que o professor Cândido Jucá, no *Correio-da-Manhã* do Rio-de-Janeiro de 1 de Junho de 1923, pedia para ela uma vogal de encôsto, pleiteando a grafia *sôbe:* E assim ficará errado no Brasil o verso d-*Os Lusiadas*:

Sob pena de não ser agradecido IV,83

---

recto não se emprega, por assim dizer, em semelhante caso; *respondi-lhe*, será *respondi a você*, ou *respondi a êle* tratando-se de terceira pessoa; — o imperativo, já disse, não é empregado, fazendo as vezes dêle a terceira pessoa do indicativo, tanto para a segunda como para a terceira pessoa. Se fôr portanto possível a frase do exemplo, di-la há mais ou menos assim um popular compatrício do Sr. Paranhos:

O pê-drê-ro tá pidino ca(r); mais cala a bôca, não responde a êle.

¿Que acha o Sr. Paranhos? A frase portuguesa está pelo menos de acôrdo com os cânones da língua literária; a brasileira, não me parece. A primeira é gramaticalmente traduzível em italiano, espanhol ou francês: «Le maçon demande de la chaux; mais taisez-vous, ne lui répondez pas,» A segunda não. É o que se dá com a maior parte das frases que tenho aqui anotadas. Eis vai uma, de um brasileiro de algumas posses, dirigida ao seu «chauffeur»: «Eu já ti disse qui vocêi tá gastano muitos pineumático; nóis não pode com tanta dispesa.» —¿Não estranha o Sr. Paranhos?

É fácil provar ao Sr. Albuquerque que a asserção, aliás opinião de muitos outros brasileiros também:

«... conclui-se que a prosódia portuguesa actual é, «em muito, diversa da prosódia de Camões; conclui-se «mais que muitos versos d-*Os Lusíadas*, que para os por- «tugueses estão errados quando os pronunciam, para nós «estão tão certos quanto para o grande cantor de Vasco «da Gama, ou, por outras palavras, verifica-se que a pro- «sódia brasileira se aproxima muito mais da prosódia «d-*Os Lusíadas* que a portuguesa hodierna...»

é de todo destituída de fundamentos. Pode-se pôr a questão recíproca e afirmar igualmente «que muitos versos d-*Os Lusíadas* que para os brasileiros estão errados quando os pronunciam, para nós portugueses estão tão certos quanto o estavam para Camões.» Talvez nunca notasse o professor brasileiro que lhe é difícil ou impossível proferir certos grupos de consoantes como *pn*, *bt*, *bs*, *dg*, etc., e que èle diz *pi-* ou *pê-neu-mático* e não: pneumático, — *ôbi-* ou *ô-bê-ter* e não: obter [1]. Se o não observou ainda, veja Sousa da Silveira, *Trechos Selectos*, pág. 259 (Rio, 1919), Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, etc. Temos assim, na fala brasileira, vogais a desunir duas consoantes, com conseqüente acréscimo de uma sílaba à palavra. Encontra-se isto não só na poesia popular:

Quando eu vi a hirisia
de tanta quilaridade (= claridade)
dos candiêro de azete

(Meu Sertão, pág 147, Rio 1920).

mas ainda nos maiores poetas, como Castro Alves, que escreveu:

Recordava um eclipse da lua

(Espumas Flutuantes, pág. 304)

---

[1] Varia muito de indivíduo para indivíduo, até no mesmo sujeito, a pronúncia de certos *ee*, ora proferidos *ê*, ora *i*. Respondendo a observações minhas acêrca dêste caso, concordava o Dr. Antenor Nascentes, na «Revista de Filologia Portuguesa» n.ºs 8-9, que nêle próprio notava esta hesitação.

o que obriga a ler *e-clí-pe-se* para ficar certo o verso. Não era de-certo esta a métrica de Camões:

> Que fica com vos ler logo eclipsada   Obras, II,77
> Que ela eclipsava a luz do claro dia   » II,143

Há alguns anos atrás, salientando eu nas colunas do *Jornal Português*, do Rio-de-Janeiro, esta particularidade da pronúncia brasileira, acarretei uma quinzena de versos d-*Os Lusíadas*, errados no falar usual do Brasil. Aqui os reproduzo, emparceirados com outros tantos:

Subida pela exarcia, de admirada	I,62
Na terra do obsequente ajuntamento	I,72
Eu decerey aa terra, & o indignado	
Peito...	I,76
Quem se cre de seu perfido aduersario	I,85
Que se não arme, & se indigne o Ceo sereno	I,106
Lhe poem diante aquele objecto raro	II,37
Cũas mostras de espanto, & admiração	II,101
Que com tanta miseria e aduersidade	II,104
Vencerey (não so estes aduersarios:)	III,19
Ganhando muitas terras adjacentes	III,26
Quando as agoas co sangue do aduersario	III,116
Que a todos forão grande admiração	IV,76
Não vista de outra gente, que ignorante	V,14
Vay recontando o pouo que se admira	V,91
Neptuno, quando as gentes ignorantes	VI,13
Solte as furias dos ventos repugnantes	VI,35
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa	VII,8
Do qual sam tão inteiros obseruantes	VII,10
Calecu tem a illustre dignidade	VII,22
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho	VII,30
Camorî, mais que todos digno, & grande	VII,36
Das carnes tem grandissima abstinencia	VII,40
Obseruão os preceitos tam famosos	VII,40
Sam pelos Malabares admitidos	VII,41
Tanto que os igneos carros de fermoso	VII,67
Pera adquerir os pouos tam fingidos	VIII,8
Foi nas forcas Caudinas de ignorante	VIII,15
Que aas suas terras vem da ignota Espanha	VIII,45
Com peitas adquerindo os regedores	VIII,52

A fermosura indigna de aspereza IX,76
Despertai ja do sono do ocio ignauo IX,92
A todo o Malabar terâ admirado X,15

Qualquer brasileiro desprevenido pronunciará: ademirado, iguinavos, indíguina, adequirindo, iguinoto, íguineos, ademitido, obeservam, abistinencia, díguino, diguinidade, obeservantes, adeversa, repuguinantes, iguinorantes, adimira, ademiração [1], adeversário, adejacentes, adeversidade, obijecto, indíguine, — saindo portanto errados os respectivos versos.

Eu sei que o professor Tenório nos vai dizer que têm os brasileiros bastante consciência do que são versos para evitar essa pronúncia, embora normal, e que a maioria dos seus patrícios metrificam certo, embora certos não leiam os leitores os versos. Mas eu lhe respondo que o mesmo podem fazer os portugueses no que diz aos *defeitos* de pronunciação apontados pelo Sr. Albuquerque, pois não têm por costume os poëtas portugueses hodiernos compor versos errados. Parodiando a lição de Gonçalves Viana quanto ao verso

E se vires que pode merecer-te

não seria demais que escrevesse algum filólogo brasileiro: «Em certos versos de Camões é usual errar-se pelo acréscimo que se lhes faz de uma ou mais sílabas falseando-se-lhes o ritmo. Assim, na quarta estância do Canto IV, no verso

Absolutas cruezas, & evidentes

é costume pronunciar *abissolutas*. O entrepoimento de uma vogal entre duas consoantes ligadas, tão vulgar e perfeitamente admissível e admitido na conversação usual, tolerável mesmo na leitura ou declamação da prosa, é um êrro grosseiro no verso. Ler-se há portanto, *ab'solutas*, *ob'ter*, *ad'mi-*

---

[1] No Clube de Regatas do Flamengo, no Rio-de-Janeiro, cantava eu com outros rapazes uma quadra que dizia assim:

Atirei o pau no gato,
Mas o gato não morreu;
Sinhàzinha *a-dê*-mirou-se
Do berro que o gato deu.

rado, etc. e não: abissolutas, obeter, ademirado, etc., pronunciações correntes na fala trivial.»

Note-se que me limitei a citar d-*Os Lusiadas* uns trinta versos que dizem ao caso vertente, para não estar a encher desnecessàriamente papel, pois do mesmo modo podia ter traslado para aqui cincoenta, ou cem, ou mais da mesma fonte.

Igualmente não insisto nos numerosos versos camonianos em que entram *saüdade*, *saüdoso*, palavras por todos proferidas no Brasil *sau-dade*, *sau-doso*, ou antes *sô-dade*, *sô-doso*, ficando êles assim errados no Brasil e certos em Portugal, onde quase tôda a gente diz *sa-u-dade*, *sa-u-doso*, como no tempo de Camões. Assim também os em que se encontra *traição*, que ninguém profere *tra-i-ção*, como o poeta, senão *trai-ção*.

Não me demorarei tampouco na supressão do *r* final — «é assim que normalmente a maioria dos brasileiros pronuncia, e só por preciosismo e pedantaria excessiva é que êle se ouve» (palavras do professor carioca) — que dará muitas vezes em resultado o encurtamento de uma sílaba no verso por absorção da vogal seguinte ao *r* [1]

[1] Já assim se verseja na poesia popular:

Êle há-de ouvi o panásio do trabuco

(Cornélio Pires, *Scenas e Paisagens da minha terra*, pág. 47.

Pela supressão do *r* do infinito, *ouvir o* é contado como duas sílabas sòmente.

Botá um cavalo peceta
Num cavalo tão ligêro

(Ib., pág. 48).

Não se pronunciando o *r* do infinito, *botar um* fica reduzido a duas sílabas.

E se arguém quisé apanhá
Rebusque tuda a corage
E venha: pule p'ra cá.

(Ib., pág. 52).

Suprimindo-se o *r* do primeiro infinito, *quiser apanhar* vale por quatro sílabas.

ou desagradibilíssimo hiato, em numerosos passos d·*Os Lusíadas*, como êste:

Remouendo o temor ao pensamento IV,1

proferido: Removendo o *temô* ao pensamento (9 sílabas), — ou êste outro:

Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais... VI,15

pronunciado: Manda *chamá* os Deuses do *má* antes (9 sílabas, ou mesmo 8).

De tudo quanto precede se infere que mais fácil é enxergar o argueiro nos olhos alheios do que a tranca nos nossos.

Conquanto não faça directamente ao caso, pois não influi na quantidade de sílabas do verso, não deixarei de referir aqui uma particularidade da pronúncia brasileira que dá às rimas fisionomia nova, desconhecida certamente de Camões: a introdução de *i* depois de uma vogal tónica a que se segue *s* ou *z*, dizendo-se geralmente no Brasil *nóis* = nós — *rapáiz* = rapaz — *arrôiz* = arroz. E assim nos poetas encontramos muitas vezes rimas dêste jaez (Casimiro de Abreu, *Obras Completas*):

A alma nos desfaz
. . . .
Nas longas saturnais pág. 161

Nos leitos dos bordeis
. . . .
Das lânguidas Frinés » 161

Santas endeixas, doloridos ais
. . . .
Lânguido rôsto se volvia atrás » 163

Castro Alves *(Espumas Flutuantes)*:

Do Senhor aos olhos nus
. . . .
Dos infinitos azúis » 44

Choram órbitas sem luz
. . . .
Vendo Sparta nos paúis pág. 45

Bonaparte — o dos reis
. . . .
No sabre de Juarez? » 45

Mergulha os dedos cruéis
. . . .
E o morto morre outra vez » 51

Aonde os astros surgem mais e mais
. . . .
Deus acompanhe o peregrino audaz » 73

Saltam bradando os heróis
. . . .
Roubar-nos o sono a nós » 82

Até quando é nasal o *a*, aparece o *i*; e é esta a razão provável por que todos mais ou menos dizem no Brasil: uma alemã, duas *alemães*, e não por confusão com *alemães*, plural de *alemão*. Em Castro Alves encontra-se:

Numa dessas manhães em que Ravena pág. 263
Numa dessas manhães, em quanto a moçà » 264

Desta pronúncia e rima não escapa o Sr. Medeiros e Albuquerque, que, pelos elevados postos que tem desempenhado na direcção do ensino, deve ser tido como representante da pronúncia normal do seu país ([1]) (do livro *Fim*):

No sossobro cruel de tudo mais
. . . .
Pôr um pouco de bâlsamo e de paz pág. 6

([1]) Isto para contrapor a estas palavras do Sr. Albuquerque: «Júlio Dantas, que já foi ministro da Instrução Pública e é director de uma escola teatral oficial de Lisboa, onde se ensina a prosódia normal portuguesa, assim pronuncia (amare, fazere)».

Salomé lhe lançou as chufas mais cruéis
. . . .
Para poder beijar-lhe os pequeninos pés pág. 37

E esta particularidade não ocorrerá certamente ao professor carioca no dia em que se lembrar de censurar aos portugueses o facto de alguns dos seus modernos poetas rimarem *mãe* com *bem*.

Por muito mais que possam sugerir as considerações do Sr. T. de Albuquerque, convém que me limite a refutar-lhe estas suas asserções que atrás ficaram, pois de contrário seria levado a escrever um tratado de fonética brasileira, o que, me parece, a um brasileiro deve competir, que não a mim. Com relação à pronúncia francesa existem obras extensas, em que são miùdamente estudadas as mais leves modulações fonéticas da língua (Martinon, *Comment on prononce le Français* — Cauvet, *La Prononciation Française* — Grammont, *Traité pratique de Prononciation Française*, etc.). Temos em Portugal os trabalhos de Gonçalves Viana que, longe de serem tão pormenorizados quanto os franceses, já representam, porém, notável esfôrço. No Brasil, há apenas algumas observações esparsas: não existe nenhum estudo sistemático sôbre o assunto, a não ser um esbôço do Dr. Antenor Nascentes *O Linguajar Carioca em 1922*, trabalho, aliás, mais de filologia que de fonética. Muito cumpria portanto que os brasileiros dedicassem atenção ao caso, o que seria de mais proveito para o estudo da língua lusa em geral, do que estar como a desfazer no modo de falar dos portugueses, sem bases suficientes para fundar as suas críticas.

À maneira de conclusão, podemos dividir a pronunciação do português em dois tipos: 1.º) O europeu caracterizado pela cadência geral das línguas latinas da Europa e a brevidade das vogais átonas; embora tenham cada qual as suas particularidades, minhoto ou algarvio, duriense ou alentejano, apresentam todos os dialectos do continente os mesmos traços gerais. — 2.º) O colonial, caracterizado pela fraqueza dos *erres* e *eles*, mormente em finais, e pela forma carregada como são proferidas as vogais que não suportam o acento tónico ou não são provenientes de crase, o que dá em resultado uma cadência sensìvelmente diversa da europeia. Conquanto caboverdiano, brasileiro, goês, angolense, etc. apresentem as suas particularidades, todos têm comuns as características su-

pra. O facto de ser hoje o Brasil pollticamente independente — contava-se ainda no princípio do passado século entre as colónias portuguesas — não modifica a sua posição lingüística, do mesmo modo que não perderão as suas características de pronúncia as províncias de Cabo-Verde ou Angola, se amanhã se tornarem autónomas ou independentes. Fazem excepção os falares da Madeira e dos Açores. Embora fôssem colonizadas essas ilhas pelos portugueses nos séculos XV e XVI, prendem-se os seus dialectos ao tipo europeu, o que se deve atribuir a que foi feita a colonização com gente branca ùnicamente, que lá não encontrou nenhuma população autóctone que viesse actuar na pronúncia dos colonos.

Desta subdivisão decorre lògicamente a observação que não pôde deixar de fazer o erudito brasileiro Felipe Franco de Sá no seu livro *A Língua Portuguesa* (pág. 183):

> «A pronúncia portuguesa tem, sôbre a nossa, a vantagem de ser mais uniforme e geral; a nossa é mais incerta, mais variável, por uso local ou individual, difícil ou impossível de se reduzir a regras.»

Santos, Agôsto de 1926.

JORGE GUIMARÃES DAUPIÁS.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação do vol. XXV, págs. 75-127)

CII

Hoje em dia, || qualquer é "D. Maria„

Ouvi êste adágio em Leiria, a uma criada de servir que, em conversa com outra, criticava a aplicação do tratamento de *dona* a certas senhoras que, no entender dela, tinham tanto direito a êsse tratamento como as criadas de servir.

Vêm de tempos muito afastados as alusões satíricas ao abuso do tratamento de *dom*. No *Arquivo Pitoresco*, XI, 283, escreveu Inácio de Vilhena Barbosa: «El-rei D. Afonso V, que entornava pròdigamente o cofre das graças, vulgarizou o dom, fornecendo ensejo a alguns indivíduos para se apropriarem dêsse título de nobreza, independentemente de permissão régia. Êste uso e abuso deu motivo a Garcia de Rezende escrever os seguintes versos, que fazem parte das suas *Miscelâneas*, as quais andam juntas à *Crónica del-rei D. João II*, do mesmo autor:

«Os Reys por acrecentar
As pessoas em valia,
Por lhes serviços pagar,
Vimos a huns o Dom dar,
E a outros fidalguia.

Já se os Reys não hão mister
Pois toma o Dom quem o quer
E armas nobres tãobem
Toma, quem armas não tem;
E dá o Dom á molher.»

Num folheto de cordel intitulado *Entremez da Assembleia do Isque* (Lisboa, 1794, p. 8) satiriza-se nestes termos o tratamento de *dom*, dado às mulheres:

«Irra com tanto dom sem tom nem som,
Tanto tocar a fogo, dom, dom, dom!
Dona Tarella, Dona Perilampa,
Dona Estoutra de tal, que por dom campa.
Forte praga de dons! estou pasmado:
Tudo de dons está contaminado.
São os dons de Castela dons da moda,
Contrabando que veste a plebe toda.

Querem dom as mulheres dos Lettrados,
Que não passão de ser Licenciados,
Dos mesmos Escrivaens, dos Mercadores,
Tabelliaens de notas, Corretores;
A filha de qualquer que tem dinheiro
Ainda que seu pai seja pasteleiro:
Todas as mal fadadas, que tem ramo,
Tem seu dom, que serve de reclamo:
Quasi toda a mulher seu dom affecta;
E em fim tem dom Dona Amelia a preta.»

CIII

Homem grande, besta de pau

Em vez de *bésta*, diz-se muito vulgarmente *bêsta*, o que é manifestamente um êrro, como já notou J. Dubraz in *O Elvense* de 20-XII-91, opinando que primitivamente se disse *bésta*, mas que, como o povo tende a substituir o que não conhece pelo que é por êle já conhecido, desde que a besta passou de uso, viciou o vocábulo, mantendo todavia o chiste do conceito — isto é, a referência zombeteira aos homens corpulentos, mas falhos de agilidade ou robustez muscular, comparando-os aos arcos mais frouxos da *besta*.

Na colecção de Rolland, não vem acentuado o *e* da palavra *besta* mas o adágio aparece entre os registados sob a rubrica *bêsta*.

Simplesmente no intuito de inserir neste meu estudo tôdas as versões que recolhi, transcrevo de Perestrelo da Câmara, *Colecção de provérbios*, etc., p. 22, o seguinte: «*Homem grande besta de pau*. Toma-se geralmente este rifão como significando homem corpulento e fraco. Outr'ora dizia-se — *A homem grande basta de pau* — significando justamente o contrario, que é: homem valente ou corpulento não carece de pau para debelar outro qualquer. Julgo esta interpretação mais sensata que a primeira.»

O adágio figura num códice do séc. XVI, de ondé Sousa Viterbo o transcreveu assim para a revista *Portugália*, I, p. 534, n.º 537: «*Homem grande besta de páo*».

Latino: *Homo magnus, arcui ligneus* [1].

---

[1] Bento Pereira.

CIV

Honra é sem honra, || alcaide de aldeia e padrinho de boda

Vem na colecção da Rolland, s. v. «alcaide», «boda» e «padrinho».

Em Delicado, s. v. «honra», lê-se: *honra sem honra, é Alcaide de aldeia e padrinho de boda.*

Parece que nestes adágios a segunda palavra «honra» não está no sentido de *distinção, graça* ou *mercê*, como a primeira, mas sim com a significação de *lucro, proveito*, e referida às antigas *Honras*, espécie de bens privilegiados aos quais o *Elucidário* de Viterbo, s. v. «honra», alude nos seguintes termos: «Desde o tempo dos reis godos se chamaram *(Honras)* em Hespanha e depois em Portugal, certas porções de terreno, em que ricos-homens e outros principais senhores tinham seus palácios ou quintas com jurisdição sôbre os vizinhos, seus vassalos ou colonos, que como feudatários os reconheciam como a senhores, que tinham obrigação de os amparar, e defender de qualquer violência ou extorsão.» (Apud Arnaldo Gama, *Segrêdo do Abade*, p. 380).

As *Honras* foram abolidas por D. Denis, em 1307. Delas dá Schoeffer, na sua *História de Portugal*, uma desenvolvida notícia, que Pinheiro Chagas transcreveu na sua *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, vol. I, cap. XVIII.

Os Castelhanos depreciavam também o cargo de «alcaide de aldeia» no adágio: *Alcalde de aldea, el que lo desee, ése lo sea.*

CV

Não digas mal de el-rei, nem entre dentes, || porque em tôda a parte tem parentes

Significa que os reis sabem tudo pelos seus espiões, sentido que é também o do prov. francês: *Les princes ont beaucoup d'yeux et beaucoup d'oreilles.*

O dizer mal do rei era crime punido pelas *Ord. Afons.*, liv. 5.°, tít. 3.°, cuja disposição entregava ao próprio rei ofendido o julgamento do seu detractor. Idêntica disposição per-

sistiu nas *Ord. Filip.*, liv. 5.º, tít. VII, que prescreveu: «Quem disser mal de seu Rey, não será julgado por outro Juiz, se não por elle mesmo, ou por as pessoas a quẽ o elle em especial commetter. E serlhe-ha dada a pena conforme a qualidade das palavras, pessoa, tempo, modo, e tenção com q̃ forem ditas. A qual pena se poderá estender até morte inclusive, tendo as palavras taes qualidades, porque a mereça.»

As injúrias contra o rei e sua família foram mais tarde punidas pela forma estabelecida no cap. III, secção 1.ª dos códigos penais de 10-Dezembro-1852 e 16-Setembro-1886.

Do *Eclesiastes*, X, 20: «Mas nem ainda no teu pensamento amaldiçoes ao Rei, nem nas recâmaras da tua cama amaldiçoes ao rico; porque as aves do Céu levarão a voz, e o que tem asas dará notícia da palavra.»

CVI

¿Noite má, para quem te aparelhas?

Esta expressão, que viveu muito tempo como provérbio entre os Portugueses, teve origem no reinado de D. Afonso V.

Foi pressentindo mau êxito, e no silêncio do abatimento, que as tropas da expedição enviada para a conquista de Tânger se puseram em marcha aos 19 de Janeiro de 1464. Um cometa de grande cauda, que por essa ocasião se viu no céu, assustou ainda mais os espíritos supersticiosos, e levou o valente fidalgo Gomes Freire a dizer: *¿Noite má, para quem te aparelhas?*

É o que diz Rui de Pina, na *Crónica de D. Afonso V*, cap. 153, p. 505, acrescentando que o cometa «lançava de si muitos raios de fogo em figura de dragão.» [1]

Alude também ao facto o dr. Alexandre Ferreira, nas suas *Memórias históricas das ordens militares*, p. 189, cap. II, § IV, onde se lê: «Em 19 de janeiro de 1464 sahiu de Alcacer Seguer o Imfante Dom Fernando: mal encaminhado vae este principe na gente que leva descontente, infeliz vaticinio e de má sorte: chegando já de noite à Cabeça de Almenara, viram

---

[1] Apud Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, II, 352, nota 1.

um Cometa de horrenda e medonha figura que appareceu de improviso; e visto por Gomes Freire de Andrade, Cavalleiro de garbo e de entendimento, disse: Noite má, para quem te apparelhas.» [1]

Azurara, na *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes*, dá a seguinte forma à frase de Gomes Freire:

— Oh noite má,
Para quem te aparelhas?
«Para os pobres soldados
E pastores de ovelhas.»

— E os homens do mar
Onde é que os deixas?
«Esses ficam mettidos
até ás orelhas...» [2]

Em Hernan Nuñez, «Refranes»: *Noche mala para quien te aparejas? para perro de vacas e pastor de ouejas.*

*

Os cometas — a que o nosso povo chama *estrêlas de rabo* — são, de todos os astros, os que mais impressionam a humanidade, e foram em todos os tempos motivo de terror dos povos, que viam na sua aparição o prenúncio infalível de uma calamidade — como guerra, epidemia, tremor de terra, fome, morte do Papa e, sobretudo, morte de um soberano, ou de outra pessoa real [3].

À sua fatal influência se referem diversos autores antigos. Assim, Vergílio escreveu na *Eneida*, lib. 10, v. 272-3:

Non secùs ac liquidâ si quando nocte cometae
Sanguinei lugubre rubent.

E nas *Geórgicas*, lib. 1.º, v. 488:

... nec diri totiès arsere cometae.

---

[1] Apud Teófilo Braga, *Sôbre a literatura portuguesa*, em introdução ao dic. de Fr. Domingos Vieira, Pôrto, 1871-74.

[2] V. Teófilo Braga, *A história de Portugal na voz do povo*, in *Era Nova*, I, 152.

[3] Em 1681, M.me de Sévigné escrevia ao conde de Bussy: «Nous avons une belle comète. Tous les grands personnages sont alarmés.»

Em Lucano, lib. 1, lê-se:

Ignota obscurae viderunt sidera noctes,
Ardentemque polum flammis, coeloque volantes,
Obliquas per inane faces crinemque tremendi
Sideris, & terris mutantem regna cometem.

E Claudiano escreveu:

Regnorum eversor rubuit letale cometes [1].

No tempo de Plínio, estudava-se o local do céu onde brilhavam os cometas, a direcção dos seus raios, e a forma que representavam. Se os raios se assemelhavam a uma flauta, o presságio relacionava-se com a música; se formavam triângulo, ou quadrado, era à sciência que diziam respeito; envenenavam-se os ares quando os raios se viam na cabeça do serpentário boreal ou austral.

Os astrólogos da idade-média explicavam a influência dos cometas segundo os signos do Zodíaco: No *Carneiro*, anunciavam secas, guerras importantes, mortalidade; na *Virgem*, esterilidade, prisão; no *Escorpião*, praga de reptis e gafanhotos; nos *Peixes*, guerra, peste, morte de altas personagens. Davam também grande importância ao número de constelações por que passavam os cometas, cuja acção perniciosa era igualmente explicada pela côr do astro. Se êste apresentasse uma côr branca, anunciava pleuresias, letargias, etc.; se tivesse côr avermelhada, trazia a febre amarela; se a côr fôsse negra, anunciava meteoros horríveis, que talavam os campos e trucidavam os homens, espalhando o terror e a morte sôbre a terra, que se tornava um cemitério [2].

*

Gregory, e outros astrólogos, atribuiram influências climatológicas aos cometas, e admitiram que a Terra, de grandeza muito superior à dos cometas, podia atrair para si as

---

[1] Transcrevo os trechos latinos do *Traité historique et critique de l'opinion*, par M. Gilbert-Charles le Gendre, Paris, 1741, VII, 394.

[2] A. Osório de Vasconcelos, *Cartas a uma senhora (os cometas)* in *Arq. Pitoresco*, VIII, 70.

partes extremas da cauda dos mesmos, e que a mistura de novos elementos com a atmosfera terrestre, alterando a constituição desta, a devia tornar nociva e até imprópria para a vida dos animais.

Médicos respeitáveis, como Sydenham e outros, admitiram também a influência dos cometas sôbre os fenómenos da vida. M. T. Forester exagerou esta opinião a ponto de dizer: *Não há desastres sem cometas, nem cometas sem desastres;* e, formando um catálogo de quantos cometas têm aparecido desde o princípio da era cristã, correlacionou-os com os fenómenos metereológicos, tremores de terra, erupções vulcânicas, fomes, epidemias, epizootias e outros males que se lhes seguiram [1].

*

Quanto a doenças, vejamos a curiosa explicação de Brás Luís de Abreu, médico e frade franciscano do século XVIII, o qual, aludindo ao cometa Veru, ou Lancea (que descreve ser *à maneira de um espêto comprido e delgado)* diz no seu *Portugal Médico*, p. 437, § 106: «He espantoso, e horrendo á vista; e por ter influxos de Marte, e Mercurio, corrompe as hervas, e os frutos de que se sustentão os animaes, e da qui vem seguirem-se doenças funestas e lethaes.»

A peste de Florença (1348) e a de Londres (1663) foram acontecimentos preditos por cometas.

Diz-se — e corre impresso — que a origem da saudação *dominus tecum*, que se dirige a quem espirra, se atribui ao cometa de 590, que foi considerado causa da peste que então grassou, e na qual o espirro era, com freqüência, precursor da morte. Quando alguém espirrava, os circunstantes diziam: *dominus tecum*, o que equivalia a manifestar-lhe que se faziam votos para que o Todo-Poderoso o preservasse de semelhante flagelo.

Esta versão, porém, é infundada, porque já em Plínio, liv. 2.°, cap. 2.°, § 11, se alude a dizer-se *Deus vos salve*, quando se espirrava [2].

---

[1] V. José Ferreira de Macedo Pinto, *Medicina administrativa e legislativa*. Coimbra, 1862, I, 157.

[2] V. César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de Manuel Bernardes Branco, Lisboa. 1877, VI, 339, nota 1.

A pág. 262 do *Alm. de Lemb.*, de 1896, lê-se em nota da redacção: «O uso de saudar as pessoas que espirram parece datar da mais remota antiguidade. Em Roma era êle muito usado, empregando-se para tal fim a fórmula — *salvé*, ou — *Júpiter vos conserve.* A própria pessoa que espirrava dizia também: *Júpiter me conserve.*»

*

Às vezes, os astros errantes eram os implacáveis pressagiadores de um dilúvio. Foi sob êste preconceito que os astrólogos receberam o cometa de Fevereiro de 1524, o que levou Fr. António de Beja, monge de S. Jerónimo, a escrever um livro, que intitulou: *Contra os juizos dos Astrologos. Breve tractado contra a opinião de alguns ousados Astrologos que por regras de astrologia non bem entendidas ousam em publico juizo dizer que ha quatro ou cinco dias de Feuereiro de 1524 por ajuntamento de alguns planetas em ho signo de piscis será gram diluvio na terra.*

Whiston, teólogo e matemático inglês (1667-1747) afirmou que um cometa fôra a causa do dilúvio universal ([1]).

*

A influência dos cometas na história da humanidade foi durante séculos considerada incontestável, e, como geralmente sucede com as superstições, não faltaram acontecimentos a dar alento à credulidade popular.

Diz-se que a morte do imperador Constantino foi anunciada por um cometa, no ano 336, e que a aparição de outro correspondeu à morte de Atila (453).

Citam-se também: em 577, a morte de Meroveu; em 584, a de Chilperico; em 602, a do imperador Maurício; em 632, a de Maomé; em 1199, a de Ricardo I, de Inglaterra; em 1250, a de Frederico II, da Alemanha. Apareceu um cometa pouco antes da morte de Filipe Augusto, rei de França (1223).

Nas suas *Geórgicas* relata Vergílio a morte de Júlio César, e menciona o fúnebre aparecimento de um cometa fouveiro com manchas côr de sangue; êsse cometa foi considerado como sendo a alma daquele ditador.

([1]) V. *Cartas* citadas na nota 2 da p. 216, no *Arq. Pitoresco*, VIII, 85.

Conta Sigeberto, que Luís I *(Le Dèbonnaire)*, rei dos Francos, dissera, pouco antes de morrer e a propósito de um cometa então aparecido: *Devemos temer apenas aquele que rege os astros. Aproveitemos, no entanto, as advertências que a sua divina vontade nos faz para nos dispor a bem morrer* [1].

Ao cometa de 1264 foi atribuída qualquer influência na morte do Papa Urbano IV.

Coincidiu com a aparição de um cometa, em 1835, o atentado de Fieschi contra Luís Filipe, de França, ao qual o monarca escapou por milagre, mas que custou a vida ao general Vérigny, ao coronel Raffé, ao marechal Mortier, duque de Trévise, bem como a mais umas quarenta pessoas.

Eduardo VII, de Inglaterra, morreu em Maio de 1910 — mês em que o famoso cometa de Halley nos fêz a sua última visita.

A aparição de cometas precedeu certos factos históricos, como: as guerras de Maomé; o scisma de Henrique VIII, a conquista do México, a invasão da Itália por Frederico I, da Alemanha, em 1162; o tremor de terra de Lisboa, em 1531, e as inundações da Holanda no mesmo ano,

Em 1066, os habitantes de Inglaterra, paralisados de terror pela visita de um cometa, viram o seu país invadido por Guilherme-o-Conquistador, da Normandia. Segundo os cronistas do tempo, o astro fôra enviado para servir de guia aos terríveis invasores [2].

A impressão produzida em Inglaterra pela invasão, ficou assinalada numa tapeçaria que se tornou célebre e se conserva em Bayeux (França), atribuída à raínha Matilde, a qual comemorou assim a vitória de seu marido [3].

Alude a êsse precioso trabalho o *Alm. Vermot* (Paris) de 1911, na fôlha relativa a 12 de Outubro, onde informa que nele se representam o rei de Inglaterra, Harold, rodeado de uma multidão de súbditos, dirigindo olhares de terror e levantando os braços suplicantes para a estrêla fatal, que prognosticava o terrível e próximo desastre de Hastings, onde Harold devia ser vencido e morto.

---

[1] Ob. e vol. cit. na nota 1 da p. 216, p. 395.

[2] V. loc. cit. na nota 2 da p. 216.

[3] V. M. N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'histoire et de gèographie*, Paris, 1866, s. v. «Bayeux».

Em 1456, uma das mais célebres e brilhantes aparições cometárias lançava o alvoroço em tôda a Europa, então sob a influência da desastrosa conquista de Constantinópla pelos Turcos, e o Papa Calisto III ordenava preces públicas em todo o orbe católico para conjurar a maléfica influência do astro errante, que era o terrível cometa de Halley ([1]).

A guerra europeia, começada em Agôsto de 1914, coincidiu com a presença do cometa de Delvan no céu boreal, entre a Ursa Maior e a constelação dos Gèmeos, cuja descoberta — feita pelo observatório de Plevna (Bulgária) — foi assinalada pelo astrónomo francês Camilo Flammarion, na *Revista de Astronomia*, com o seguinte comentário: «¿Para os supersticiosos, êste cometa será um sinal de paz, ou de guerra? Para os astrónomos é simplesmente o magnífico cometa de Delvan...» ([2])

Pelo que respeita especialmente a Portugal, uma das mais célebres aparições cometárias foi a de 1577, quando D. Sebastião organizava a expedição à África, onde morreu com a flor da fidalguia portuguesa. O cometa foi então considerado como fatídica revelação ou aviso do céu, para que a expedição não partisse, mas o monarca não era homem para ouvir conselhos que o mandassem desistir de uma deliberação tomada.

Durante muito tempo se acreditou que o domínio hespanhol fôra prognosticado pelo «cometa de D. Sebastião», como lhe chamou o padre António Vieira, numa carta dirigida a D. Rodrigo de Meneses aos 23 de Fevereiro de 1665, e na qual se lê: «Dizem que este Cometa é parecido em tudo ao d'El Rei D. Sebastião e que assim como aquelle significou a sujeição de Portugal a Philippe Segundo, assim este a Philippe Quarto.» ([3])

([1]) V. *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos, s. v. «cometa».

([2]) Transcrevo d-*O Povo de Pôrto de Mós*, de 31-x-914.

([3]) *Cartas selectas do padre António Vieira*, ordenadas e correctas por J. J. Roquette, Paris, 1838. Aquele célebre jesuíta — que, Roquette, no prólogo do livro, apoda de «nimiamente crédulo pelo que respeita a profecias vulgares, e pouco filósofo pelo que pertence à influência dos astros» — acreditava firmemente na acção maléfica dos cometas. Na carta ali publicada sob o n.º XXVI, diz o notável prègador: «Se os Co-

Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon*, cita Espinel êste presságio, que no tempo de D. Sebastião corria da próxima ruína de Portugal: «Estando en esta casa y en Valladolid, se descubrió aquel gran Cometa, tantos años antes pronosticado por los grandes Astrologos, amenazando à la cabeza de Portugal.» (1)

Brás Luís de Abreu, no seu já citado *Portugal Médico*, p. 439, § 120, explica pitorescamente a razão da influência dos cometas em guerras, sedições e motins: «São tambem muytas vezes os Cometas prenuncio, de contendas, de guerras, de sediçoens, e de motins; porque os alimentos viciados de que nos nutrimos, e o ár intemperado de que usamos attrahido pella inspiração, são causa de que no coração se gerem hum nimio provento de espiritos vitais calidissimos, aonde reside a faculdade irascivel, a qual como por propria condição se mova, e nos incite para disturbios e dissençoens, ajudada e compelida do nimio calor dos espiritos, e dos influxos do Cometa, facilmente a razão se offusca, e a irascivel se arrebata; donde vem que as Monarchias se alterem, e os estados se perturbem, os Principes se estimulem, e os povos se amotinem: como diz Francisco Roxo. 10. Por isso antes da destruição de Hierusalem appareceo sobre ella hum Cometa à maneira de huma espada, como conta Josepho II.» (2)

*

Algumas vezes a aparição de cometas tem anunciado aos supersticiosos o fim do mundo por um choque. Sem falar de tempos antigos, a história regista o pânico de 1773, em França, ligado a um suposto cometa, que nunca apareceu, e os de 1816, 1832 e 1857.

Dêste último diz A. Osório de Vasconcelos, no seu estudo *Os cometas*, publicado no *Arquivo Pitoresco*, VIII (1865), a

---

metas, como tem provado a experiencia de todos, annuncião ruinas de reinos, nenhum reino ha hoje na Europa, que tenha disposições para uma grande ruina, senão Portugal.»

(1) Apud Teófilo Braga, *Hist. de Camões*, parte I, p. 361.

(2) Apud Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «faculdade».

p. 86: «Em 1857 espalhou-se o boato extravagante de que um cometa devia encontrar-se com a Terra, destruindo-a completamente no dia 13 de Julho. A data era fatídica; as descrições antecipadas faziam arripiar as carnes aos mais scépticos; o sossêgo foi perturbado; alguns abandonaram o trato dos negócios, e houve até alguém que já ouvia nas solidões do céu o hórrido fragor do ígneo gigante que caminhava, inexorável como o destino, implacável como o cutelo do algoz.»

O cometa de Halley, aparecido em Maio de 1910, sobressaltou muita gente, por se ter espalhado, não só em Portugal, como também em França e noutros países cultos, que êle chocaria com a Terra, e a destruiria.

No semanário *O Distrito de Leiria* (n.º 1460, de 19-Março-1910) veio reproduzida a notícia transmitida num telegrama de Budapest para a *Gazeta de Francfort*, segundo o qual um abastado proprietário húngaro, Adam Tomás, se suicidara com um tiro na cabeça, deixando uma carta em que dizia: «Visto anunciar-se que a passagem do cometa de Halley trará a morte a todo o género humano, prefiro matar-me já a ser morto pelo terrível cometa que se espera.»

No nosso país o susto atingiu tais proporções que a Academia de Sciências de Portugal julgou conveniente, para sossegar os ânimos, fazer ao país uma comunicação, que terminava assim: «A Academia de Sciências de Portugal não pode deixar de protestar contra os abusos da credulidade popular, tendentes a cultivar o alarme geral, e que só poderiam perdoar-se quando fundamentados na ignorância, o que, nem por isso, deixaria de ser altamente lamentável e profundamente triste.» (1)

O cometa de Halley não chocou com a Terra, mas, meses depois da sua exibição, e ainda no mesmo ano, surgiu, a alimentar a crença supersticiosa de alguns, a implantação do regimen republicano em Portugal, acontecimento que — bom ou mau, conforme os paladares — sempre foi uma revolução sensacional e retumbante.

---

(1) Transcrevi integralmente a comunicação no n.º 1467 d-*O Distrito de Leiria* (de 7-v-910) quando dirigia aquele semanário.

*

Em contrário da crença geral contra os cometas, observa Justino, historiador latino do século II [1], que a futura grandeza de Mitridates, rei do Ponto, fôra prognosticada por dois cometas aparecidos, um quando êle veio ao mundo, e outro no ano em que começou a reinar.

Algumas anedotas relativas a cometas e superstições a êles referentes:

— A crença nos maus presságios dos cometas estava já espalhada no Novo Mundo no século XVI, pois refere a história do Peru que o rei Atabaliba exclamara, ao ver um cometa, e referindo-se à sua pessoa — *que morreria, sem dúvida, algum soberano* [2].

— Como se sabe, Catarina de Médicis – mulher falsa e astuciosa — teve grandes culpas no massacre conhecido na história pela denominação de *Saint-Barthélemy* (1572). Mal vista, pois, pelo povo, alguém lhe fêz êste mordaz epigrama, ao mostrar-se ela apavorada com a presença de um cometa:

Spargeret audaces cum tristis in aethere crines,
Venturique daret signa cometa mali.
Ecce suae regina timens male conscia vitae,
Credidit invisum poscere fata caput.
Quid, regina, times? namque haec mala siqua minatur,
Longa timenda tua est, non tibi vita brevis [3].

— A. Osório de Vasconcelos nas suas cartas citadas na nota 2 da p. 216 *(Arq. Pitoresco*, vol. VIII, p. 95) transcreve as seguintes palavras humorísticas, de Babinet, no seu livro *Études et lectures sur les sciences d'observation:* «Nas conversações particulares repete-se a cada passo esta lição: « — Meu caro senhor, diz-se que temos mais um cometa. — É verdade, minha senhora, um cometa lindíssimo, como se não encontra outro nos fastos da astronomia. — O que prediz? — Nada, minha senhora. — E é muito lindo? — Esplêndido, e pode vê-lo à vontade se quiser vir ao jardim. — Ah! se êle não faz bem

---

[1] Apud ob. e vol. cit. na nota 1 da p. 216, p. 396.
[2] Id. *ibidem.*
[3] Id. *ibidem*, p. 395.

nem mal, não vale a pena incomodar-me.» A senhora vai deitar-se. Perguntar-me hão agora: De que serve a astronomia? Serve para que nos possamos deitar sem temor, até quando há um cometa soberbo. Não sucedia o mesmo há seiscentos ou trezentos anos.»

*

Fecho êste artigo com uma lenda das regiões do norte, acêrca da formação dos cometas, e que A. Osório de Vasconcelos conta assim no local já citado: «Depois de ter criado os mundos que divagam no espaço em volta do sol, assim como os guerreiros sombrios caminham atrás do seu rei; depois de tirar do nada, com a mão onipotente, tôdas as maravilhas da natureza; depois de formar o homem, criou Deus a mulher, essa virgem celeste que peregrina sôbre a terra, anjo pálido e pensativo, cujos cabelos flutuam ao vento, como as cordas de harpa misteriosa que ressoa harmonias divinas. Admirado de tanta beleza, e cansado já de tanto trabalhar, Deus resfolegou no empíreo, e o seu bafejar, condensado, transformou-se nos cometas, que pairam nas mais altas regiões.»

CVII

Noites de Lamego

Noites muito grandes, ou que a insónia ou a falta de distracção torna mais custosas de passar, e faz parecer maiores.

Da origem desta locução conheço duas versões. Uma delas, recolhida da tradição oral, diz:

Um homem, precisando de dinheiro, foi a Lamego procurar um compadre rico, que o recebeu muito bem e lhe deu de cear. Em certa altura da refeição, expôs ao compadre o motivo da visita: precisava de certo capital e lembrara-se do seu compadre e amigo, que estava em condições de o servir.

— Trataremos disso *amanhã* — diz-lhe o ricaço — ceie, durma descansado, e *amanhã* falaremos.

Terminada a ceia, o homem, extenuado da viagem, foi-se deitar e adormeceu logo profundamente. Então o compadre fechou por dentro tôdas as janelas do quarto, de modo que não se visse a menor claridade do dia.

O hóspede dormiu, dormiu, acordou, tornou a adormecer e a acordar muitas vezes, e, a respeito de luz do dia, nem um pequeno sinal.

Farto de estar na cama, gritou:

— Oh! compadre! ainda não é manhã?

— Durma, durma, que *amanhã* ainda vem longe.

O homem diligenciou adormecer novamente, mas não o conseguiu porque já estava na cama havia duas noites e um dia.

Chamou novamente:

— Oh! compadre! Isto é de mais! Eu já não posso! Então ainda não é dia?

— Qual dia! Então você não sabe que as noites de Lamego são assim? Durma, durma.

Pôs-se o homem a pensar: Nada, isto não pode ser; levanto-me, e, mesmo às escuras, hei de encontrar a porta da rua. Vou-me daqui para fora e já nem quero o dinheiro. Lá me hei de arranjar.

Assim fêz. Conforme pôde, saiu para a rua e foi para casa — e assim se livrou o compadre de lhe emprestar o dinheiro que êle pedia.

A outra versão, narrada por Leite de Vasconcelos nos seus *Ensaios Etnográficos*, II, 176, é a seguinte:

Um viajante hospedou-se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armário com queijos, e, pela manhã, esqueceu-se de ir abrir a porta.

O viajante acordou e, cuidando que o armário era uma janela, abriu-o, mas como não visse luz e êle lhe cheirasse aos queijos que lá estavam, disse:

— É muito cedo, não se vê nada, e só ainda agora as mulheres vão vender o leite para a rua.

E tornou-se a deitar, dormindo um dia, ou mais. Quando lhe abriram a porta, ficou muito admirado por as noites de Lamego serem tão compridas.

A esta versão acrescenta Leite de Vasconcelos que a lenda não é sòmente portuguesa, se encontra noutros países, e tem história interessante.

Na Andaluzia diz-se *noche toledana*, da que se passa sem dormir [1].

---

[1] Num estudo de L. R. y E. in *El Folk-lore Andaluz*, p. 433.

CVIII

O que aqui vai, não vai na feira da ladra!

Diz-se, como exclamação de espanto, de um local onde estão muitos objectos em monte, sem ordem; e, particularmente, de uma casa muito desarrumada, onde a mobília está em desordem, as roupas espalhadas pelo chão, etc.

A *feira da ladra* — à qual Jorge Ferreira de Vasconcelos chama *feira de Santa Ladra* (1) — é um mercado que se faz no Campo de Santa Clara, em Lisboa, e onde se expõe à venda uma grande variedade de objectos, na maior parte já usados, tais como mobílias, ferragens, roupas, calçado, medalhas, moedas, livros, etc. Êsse mercado realiza-se às têrças-feiras e, com menos importância, aos sábados, de cada semana.

A feira da ladra é quási coeva da fundação de Portugal. D. Afonso III consentiu que ela se realizasse nas *suas casas*, isto é, no Paço de S. Bartolomeu, ao que parece; mas, tendo a Câmara reclamado, determinou D. Denis, na carta de lei de 7 de Março de 1311, que a feira se fizesse onde o município entendesse, «em cada uma semana por um dia, como era costume em tempos de seu pai e de seu avô.»

Assim, parece que a feira já existia pelo menos desde o tempo de D. Sancho II, avô de D. Denis, sendo então igualmente semanal.

Em 1551 (segundo a *Estatística manuscrita de Lisboa*, existente na Biblioteca Nacional da mesma cidade) vamos encontrar a feira da ladra localizada no Rossio, onde ainda se conservava em 1610. Mais tarde passou para as proximidades do Passeio Público, começando na Rua do Príncipe (hoje Rua Primeiro de Dezembro) junto ao palácio dos Duques de Cadaval, e abrangendo toda a Praça da Alegria, e aí esteve até que, por edital de 18 de Março de 1823, foi trans-

(1) Na comédia *Eufrosina*, onde se lê: «A verdade Deos a amou, sempre homem siza pouco, ou muito, peças velhas para a *feira de Santa Ladra*, baratos de jogo nunca faltam percalços.»

ferida para o Campo de Sant'Ana (actualmente Campo dos Mártires da Pátria).

Por edital de 10 de Julho do mesmo ano, voltou a feira para o Passeio da Alegria, mas a principiar na Calçada da Glória, e aí se conservou até 1835, época em que, por edital de 27 de Abril, novamente passou para o Campo de Sant'Ana. Presentemente, a feira da ladra faz-se no Campo de Santa Clara, conforme o determinado pela Câmara Municipal em Junho de 1882.

Para mais profundas investigações consulte-se a *Colecção de Providências Municipais da Câmara de Lisboa desde 1838*, tomo I, pág. 46.

Em Paris há uma feira semelhante — *la foire à la ferraille* — onde se encontram à venda, como na nossa feira da ladra, os objectos mais extravagantes, embora ainda utilisáveis.

*

Não está definitivamente assente a significação de «ladra», com relação àquela feira, e a tal respeito se teem manifestado diversas opiniões, entre as quais as seguintes:

Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno*, IV, p. 171, escreve: «Já disse, a pág. 10 dêste volume, que *lada*, no antigo português, significa margem de um rio, ou de uma estrada. Estou convencido que vem a ser o mesmo que *lado*. A feira da ladra é antiquíssima e parece que já existia antes de 1147 e se fazia às *Portas do Mar*, ou Ribeira Velha, sôbre a margem direita do Tejo, de cujo sítio lhe proveio incontestàvelmente o nome, que depois se corrompeu em *ladra*.»

Esta asserção de Pinho Leal foi refutada em alguns jornais, com bons argumentos.

Viterbo, no *Elucidário*, diz-nos que *lada* significava na ínfima latinidade, estrada ou caminho largo; e — comentando um documento pertencente ao mordomado-mor da Terra de Gaia, e em que se lê: «It ha d'aver o costume de quantos navios entrarem pela foz do Doiro, e por entre amballas ladas...» — observa: «... aqui não se pode dizer que ladas são estradas de terra, mas sim caminhos de água, por onde os navios, ou quaisquer outras embarcações (que então indiferentemente se chamavam *Navios*) podiam navegar.»

Daqui se conclue que *lada* não é a margem do rio, mas sim o próprio rio.

Morais, no dicionário, reportando-se aliás a Viterbo, diz que *ladas* são correntes de rios, que desembocam aos lados da foz principal. Sendo assim — observou já alguém — podendo *ladra* representar, para o caso, uma corrupção de *lada*, temos de admitir que feira da ladra quereria dizer feira do rio. Pinho Leal demonstra, com documentos irrefutáveis, que a feira das Portas do Mar existira, e que era, na espécie, a legítima ascendente da da ladra.

O autor (anónimo) de um artigo intitulado *A feira da ladra*, publicado n-*O Século* de 7-Setembro-1902, tem a convicção de que *ladra*, neste, caso representa uma alcunha popular, encobrindo qualquer irónica referência a alguma das personalidades da feira.

Querem outros que a feira da ladra deva o seu nome: ou a serem, na primitiva, provenientes de roubo os objectos nela vendidos, ou a ser tão barato o preço dêsses objectos que estes mais pareciam adquiridos pelo roubo do que pelo negócio lícito.

O falecido escritor Francisco Palha lembrou esta origem: *Ladra*, nesta circunstância, teria uma acepção vil, reles, como em *piolho ladro*, isto por se venderem naquela feira coisas insignificantes e gastas ([1]).

Também o Visconde de Santa Mónica, no seu artigo *A feira da ladra* ([2]), opina que *ladra* não é aqui o feminino de *ladrão*, mas sim uma forma correspondente a *lázaro* e *ladro*, isto é, lazarento, leproso, etc.; põe ainda em relação com estes nomes o do *pediculus* denominado *ladro*.

Leite de Vasconcelos, comentando esta opinião ([3]), diz que ela é engenhosa e, em seu apoio, acrescenta: «Há uma moléstia dos porcos denominada *ladraria*, que consiste fundamentalmente na presença de *ladras* ou vermes denominados também *cysticercos ladros*... A base destas palavras é ainda *Lazarus*; a *ladraria* também se denomina *lazaria*, *mal de S. Lázaro*, lepra, etc. A ser isto assim, as palavras *ladro* e *ladra*, em tal sentido, ter-nos hiam vindo do fr. ou do prov. *ladre*, como termo geral de *leproso*... Nos países ao norte do Loire, *Saint-Lazare* é chamado *Saint-Ladre*.»

([1]) V. o já citado número d-*O Século*.
([2]) Publicado na *Rev. Arqueológica*, vol. II (1888).
([3]) Na *Rev. Lusit.*, I, 391.

CIX

Rico como um judeu

Muito rico, opulento.

Embora desprezados, perseguidos, disseminados, sem exército nem fortalezas, os judeus, estavam na idade-média, de posse da maior parte das riquezas da Europa, e vingavam-se das vexações adorando ocultamente o novilho de oiro, tornando-se tão poderosos quanto eram odiados.

Sóbrios e económicos, obrigados a evitar toda a atenção por causa da sua condição e em interêsse da sua segurança, só podiam acumular riquezas em uma época em que só êles se ocupavam do negócio e da fabricação; era pois aos judeus que se dirigiam os que precisavam de dinheiro, e pode dizer-se que se tornaram os únicos banqueiros do mundo (1).

Em Portugal os judeus gozaram da fama de opulentos, e chegaram a exercer os mais altos cargos da administração pública nos tempos de D. Denis, D. Pedro I e D. Fernando.

Segundo J. Augusto de Oliveira Mascarenhas, no seu livrinho *A Inquisição em Portugal* (Lisboa, 1899), pág. 14, durante muito tempo o ser hebreu, em Portugal, era uma posição invejavel. A suprema inspecção das rendas públicas estava nas suas mãos; eram oficiais públicos e arrematavam e cobravam vexatòriamente os impostos; emprestavam dinheiro aos grandes com um juro leonino; seguiam livremente a sua religião, e usavam publicamente o seu rito; conseguiram um direito privado; exerciam as sciências e as artes; tinham quási monopolizado o comércio; davam, sem estorvo, largas à usura; eram, finalmente, um estado no estado.

Era tal a opulência dos judeus portugueses que, na sua supersticiosa ânsia de riquezas, o povo invadia os cemitérios e violava as suas sepulturas, como se vê dêste trecho das *Ordenações Afonsinas*, liv. II, tít. 120: «El Rey Dom Joham, etc....: Outro sy querendo tirar, e embargar as maldades d'alguns Chrisptuãos, mandou que nenhum Chrisptuão nom

(1) César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de Manuel Bernardes Branco, Lisboa, 1877, VI, 205.

britasse nem violasse os cimeterios dos Judeos, nem cavassem ou desoterrassem os corpos já enterrados, per dizer que querem hi buscar ouro, ou prata, ou dinheiros.» [1] Êste preceito, porém, era apenas a reprodução do estatuído numa Constituïção do Papa Inocêncio III (1198-1216), na qual a-par de medidas protectoras dos judeus, se recomendava: «Que ninguém devaste os seus cemitérios ou desenterre os seus cadáveres para encontrar dinheiro, sob pena de excomunhão.» [2]

Franc.: *Être riche comme un juif.*

Ing.: *As rich as a jew.*

CX

Quem canta, || seus males [ou seu mal] espanta

Ou: **Quem canta, || seus males espanta; || e quem chora os aumenta**

Na *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos: *Quem canta, fadas más espanta.*

Em Gil Vicente: a) *Quien canta, no tien tormento* [3]; b) *Quem chora ou canta, fadas más espanta* [4].

A filosofia dêstes adágios observa-se em várias canções do nosso povo, de entre as quais respigo as seguintes:

a) *Quem canta, seus males espanta,*
quem chora é quem tem motivo;
eu canto por me esquecer
do mal que usaste comigo.

b) Dizem que o cantar espalha
as penas do coração;
tenho cantado bastante,
e as penas não se me vão.

---

[1] Apud dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «desoterrar».

[2] Ob. e vol. cit. na nota 1 da pág. anterior, p. 208.

[3] Apud Sousa Viterbo, in *Portugália,* I, p. 518, n.º 42.

[4] Idem, *ibidem,* I, p. 517, n.º 5.

c) As tristezas que se cantam
são as mais tristes de ouvir,
porque se cantam chorando,
mas sem o pranto cair.

d) *Quem canta, seu* **mal espanta,**
quem chora, seu mal aumenta:
eu canto por disfarçar
uma dor que me atormenta.

e) Quem tem filhinhos pequenos
por fôrça lhe há-de cantar;
quantas vezes as mães cantam
com vontade de chorar!

f) Quem me a mim ouvir cantar
cuidará que estou contente;
eu canto por disfarçar
minha paixão tão ardente.

g) Quem me ouvir assim cantar
cuidará que estou contente;
quanto mais o triste canta,
quanto maior pena sente.

h) Tenho chorado ao dia
lágrimas mais de noventa;
quem canta, seu mal espanta,
quem chora, seu mal aumenta.

i) *Quem canta, seu mal espanta,*
eis-me aqui a cantar;
minha bôca está cantando,
e o coração a chorar.

A musa popular hespanhola também diz:

Como canta el prisionero
para olvidar sus cadenas,
asi canto cuando quiero
dar lenitivo à mis penas.

*

O sentimento dos que cantam para esquecerem as suas desditas, inspirou também palavras enternecidas de poetas e prosadores.

Camões, longe da pátria, caluniado na sua honra, com o coração dilacerado pela morte de Natércia, e reduzido a desesperadoras condições de miséria, escrevia:

«Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoso
por entre o espesso arvoredo;
e de noite o temeroso
cantando refreia o medo.

Canta o preso docemente
os duros grilhões tocando;
canta o segador contente;
e o trabalhador, cantando,
o trabalho menos sente» (1).

Camilo Castelo Branco, no seu livro *Ao anoitecer da vida*, deixou assim traduzida a impressão causada no seu espírito pelo canto de D. Ana Plácido o qual êle escutava através das abóbadas da cadeia da Relação do Pôrto, onde ambos se encontravam encarcerados por delito de amor:

«Ai! quantas vezes, ó triste,
êsse teu saudoso pranto
desafogaste no canto!
Ai! quantas vezes sentiste
mais precisão de chorar!...
Ai! canta, canta, que há prantos
no teu plangente cantar!
Ao cantar te acode a infância
com seu sorrisos e flores;
feres notas que te falam
como falavam amores;
outras são suspiros d'alma,
mas todas tem seu gozar...
Ai! canta, canta, ave triste,
quando quiseres chorar.»

São de Chateaubriand os seguintes períodos, no *Génio do*

(1) Apud Campos J.or, *Luís de Camões* (Lisboa, 1901), II, 270.

Cristianismo [1]: «Quantas vezes o cantar é sinal de tristeza e de alegria também! A ave que perdeu seus filhos, ainda canta: é ainda a ária de felizes tempos, que repete, porque outra não sabe; mas, como destro cantor, muda a clave, e aí está a festival cantiga transformada em doloroso queixume. Os que se empenham em deserdar o homem, destronando-o do império da natureza, invidam-se em provar que para nós coisa nenhuma foi feita. Ora, o cantar dos pássaros, por exemplo, tanto foi destinado ao nosso ouvido, que a-pesar da perseguição aos habitadores das florestas, do aniqüilamento dos seus ninhos, dos ferimentos que neles fizeram as armas e os boízes, a despeito de tôdas as mortificações, não conseguirão força-los ao silêncio. Ainda contra nossa vontade, é forçoso que êles nos aprazam e cumpram os desígnios da Providência. Ainda engaiolados em nossas casas, redobram as suas melodias: parece que até na desgraça se esconde certa harmonia, pois é de infelizes o condão de cantar. O rouxinol, cegado pelos passarinheiros, requintadamente bárbaros, ainda canta, e até mais harmonioso. Êste Homero dos pássaros, a cantar ganha o seu pão, e suas árias maviosíssimas realçam ainda mais, perdida a vista. «Démodoeus, diz o poeta de Chios, descrevendo-se com a feições do cantor dos Pheácios, era o valido da Musa; ela, porém, dera-lhe à mistura o bem e o mal: se lhe deu os doces hinos, roubou-lhe a luz dos olhos.»

Não menos enternecidamente do que o autor do *Génio do Cristianismo* se expressa Júlio de Castilho, nas *Memórias:* «O cantar é a consolação de tôdas as desventuras. Cantam as monjas as glórias de Deus e as asperidades ascéticas do encêrro. Canta o marinheiro na tolda soalheira do seu navio as saudades do lar caseiro, as saudades da pobre mãe que o espera a contar as longas horas de ausência. Canta a triste da mãe a acalentar o filho pequenino, e casa os lamentos e prantos das suas chácaras com os vagidos do seu inocente. Canta o coração quando trasborda de amor infeliz. Canta o prisioneiro, à grade do cárcere, as saudades que tem da tranqüilidade da alma. Canta a meninice. Canta, emfim, a consciência na alma do justo, às horas solenes da despedida.» [2]

Acreditavam os antigos que o cisne, sentindo aproximar

---

[1] Trad. de Camilo Castelo Branco, Pôrto, 1860, p. 125-26.
[2] Apud *Alm. de Lemb.* de 1888, p. 436.

a morte, soltava um canto melodioso — e daí o dizer-se *canto do cisne* para aludir à última produção de um escritor, de um poeta ou de um compositor musical célebre, ao último discurso de um orador notável ou às últimas palavras de um homem de bem ao deixar o mundo.

Franç.: *Qui chante, n'est pas toujours heureux.*

Hesp.: *Quien canta, sus males espanta.*

Ital.: a) *Chi canta, i suoi mali spaventa;* b) *Chi ride e canta, suo male spaventa.*

CXI

Roupa-de-franceses

Coisa que os outros entendem dever ou poder apreender ou utilizar em seu proveito, ou poder destruir, sem pedir licença ao dono ou a outra pessoa; coisa comum, ou que não tem dono; pessoa a quem se trata com pouca consideração; «Cuidam que o dinheiro do Brasil, é *roupa-de-franceses?*» (Camilo, *Corja*). — «O santo... já se não adornava com o cordão. Teria caído? Tinha caído, sim, mas em mãos que o levaram como *roupa-de-franceses.*» (Augusto Sarmento, *Contos ao soalheiro*).

A locução emprega-se freqüentemente nestas frases: Então isto é *roupa-de-franceses?* — Isto não é *roupa-de-franceses.*

Não falta quem suponha que a locução *roupa-de-franceses* se houvesse divulgado nos tempos da invasão francesa em Portugal, mas, evidentemente, o seu uso é muito mais antigo.

Entre os muitos casos do emprêgo da locução anteriormente à invasão napoleónica, apontarei os seguintes:

a) N-*Os Ratos da Inquisição*, de António Serrão de Castro, p. 113:

> «dizei por que tantas vezes
> fazeis *roupa de franceses*
> de um triste português.» (¹).

b) Na *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo, metáfora de «camisa»; «... não queria que me apa-

---

(¹) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 96.

nhassem em camisa, e se fizesse de mim *roupa de franceses.*»

Bento Pereira, na colecção de adágios que constitue a segunda parte da sua *Prosódia*, regista: *he roupa de franceses*, e *roupa de franceses.*

No seu trabalho *A carta de marca de João Ango* (Lisboa, 1882, p. 8) Fernando Palha faz remontar a origem da locução ao século XVI, tempo em que as povoações portuguesas do litoral eram freqüentemente incomodadas pelas correrias dos corsários franceses. Como memória das represálias a que os nossos recorriam para se vingarem dêles, ficou, na opinião daquele escritor, a frase *roupa-de-franceses*, que no decorrer do tempo se tornou proverbial, para designar qualquer objecto de que é lícito lançar mão.

Parece, porém, que alguns dos factos que motivaram a locução *roupa-de-franceses*, são já de épocas muito anteriores à indicada por Fernando Palha.

A tal respeito escreveu Alexandre Herculano, n-*O Panorama:* «Há um fado antigo que pesa sôbre êste mesquinho Portugal, e que, segundo cremos, a experiência de muitos séculos converteu num dêsses rifões, que representam e resumem a sabedoria popular. Tudo quanto é rapinável, tem entre nós uma denominação característica: chama-se-lhe *roupa-de-franceses;* porque sucessos da nossa história nos hão, bem à nossa custa, provado que no meio daquela nação, aliás generosa e honesta, há muitos homens prontos sempre a lançar mão de tudo o que podem tirar sem resistência, e converte-lo em substância própria. Os saltos dos Normandos e Lotaríngios nas costas do Minho e da Beira durante o século XII; as despredações de Du-Guesclin e de seus homens de armas, a sôldo dos reis de Castela, no fim do século XIV; as piratarias dos armadores da Bretanha e Normandia, que no século XVI infestavam os nossos mares da Europa e da África; o saco do Rio de Janeiro nos primeiros anos do XVIII; a invasão do princípio do XIX, em que ficaram as igrejas de Portugal sem um lampadário, sem uma custódia, sem um vaso sagrado, todos estes factos santificaram o rifão e levaram até à última evidência, que sôbre nós pesava o fatal destino simbolizado na frase popular.»

Os dicionários de Eduardo de Faria e de Fr. Domingos Vieira, aludem a actos de pirataria. O primeiro define *roupa-de-franceses* «os despojos de piratas, bens mal havidos.» O se-

gundo insere *isto não é roupa de franceses*, e define: «isto não são bens de piratas, de que cada um pode abusar.»

CXII

Sapateiro mangoneiro [1], || come tripas de carneiro

O consumo de tripas, como alimento, não tem sido exclusivo dos habitantes do Pôrto, como muitas pessoas poderão supor por êles serem de há muito, e ainda hoje, conhecidos pelo apodo de «tripeiros» [2].

Em tempos antigos comeram-se tripas em Lisboa, e parece que fartamente, porque a *Estatística de Lisboa* (1552) [3], enumerando os indivíduos que na capital exerciam diversos misteres, alude a vinte e cinco mulheres vendedoras de tripas cozidas, às Fangas da Farinha, Porta Nova e Porta do Açougue, e elucida que essas mulheres ganhavam muito, não viviam de outra coisa e «estam muito cheias de manilhas douro de cadeas e de aneis.»

---

[1] Ocioso, preguiçoso.

[2] Da razão do apodo, diz a *Rev. do Minho*, 5.º ano, 5.ª série, n.º 19: «Quando D. João I tentou a conquista de Ceuta, em 1415, a cidade do Pôrto foi a primeira que lhe enviou uma poderosa armada, fornecida com todos os petrechos de guerra, e guarnecida de bons soldados, tudo pago à custa de seus habitantes, os quais, para que a mesma armada fôsse abundantemente provida de víveres os mais sadios e mimosos, cortavam pelo seu próprio gôsto, alimentando-se dos miúdos e entranhas do gado vacum, e reservando a melhor carne para a gente de que a armada se compunha. E aí está porque são tripeiros os habitantes do Pôrto; poucas alcunhas terão mais gloriosa origem.»

Leite de Vasconcelos, na *Rev. dos estudos livres*, 2.º ano, n.º 8, p. 415, diz que no Pôrto «e em certos dias da semana, têrças, quintas e sábados, se põem taboletas com êste dístico, à porta das tascas: *hoje há tripas.*»

[3] Manuscrito existente na secção de reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a marcação bibliotecal $\frac{11}{10}$.

Ao consumo de tripas no Minho alude Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina*, p. 36: «mais calaceiro de moças de rio, que minhoto de tripas.» (¹)

O adágio refere-se a «tripas de carneiro», provàvelmente por serem mais baratas e estarem mais ao alcance de quem ganha pouco ou nada, como um sapateiro preguiçoso.

CXIII

Se cair o céu, matará as cotovias

Ou: *a)* Caiu o céu, matou as cotovias; *b)* Se cair o céu, ficaremos debaixo

Na *Feira de anexins: Se caíra o céu, matára as cotovias.*

Aplicam-se às pessoas cheias de temor ridículo, que querem prever tôdas as eventualidades e perigos.

A ideia da *queda do céu*, aparece também nas exclamações: *Lá caiu um pedaço de céu velho!* — que se diz quando se ouve grande ruído de objectos que caem; e: *E não cai um pedaço de céu velho!* — com que se comenta um dito ou caso ridículo.

A *queda do céu* figura igualmente no conto popular *caiu-me na minha catolinha*, em que a galinha, o galo, o porco, o gato, o pato, a raposa, a cabra e a ovelha fogem espavoridos, por ter caído um pedaço de caliça em cima da galinha, e esta dizer a todos: «*caiu-me na minha catulinha! É o céu que está a cair aos pedaços!*» (²)

Acêrca do que os Celtas diziam da *queda do céu*, vid. D'Arbois de Jubainville, *Les Celtes*, Paris, 1904, p. 169, obra citada algures por Leite de Vasconcelos.

Na *Filosofia vulgar de Ivan de Mal Lara* (Madrid, 1618): *Si el cielo se cae, quebrarse han las ollas.*

Franc.: *Si le ciel tombait, toutes les alouettes seraient prises.*

Os Romanos diziam: *¿Quid, si nunc caelum ruat?*

(¹) Apud dic. de Morais, s. v. «calaceiro».

(²) V. Teófilo Braga, *Cantos tradicionais portugueses*, I, 192.

CXIV

Sinal no céu, novidade na terra

O povo chama *sinais do céu* não só a certos meteoros luminosos, como, também, aos eclipses e aos cometas. Na sua crença, os *sinais* do céu prognosticam, ou acompanham, guerras, pestes, morte de alta personagem, ou outro acontecimento funesto, ou, pelo menos, não calamitoso mas sempre extraordinário.

Desde remotíssimos tempos, os aerólitos teem espalhado o espanto e o terror nos supersticiosos, que viam naqueles meteoros as iras de Deus, prestes a fulminarem os homens com o seu olhar vingador, Em algumas das nossas aldeias ainda tal superstição se não extinguiu.

*

Os antigos consideravam como triste presságio o aparecimento de vários sóis, ou de várias luas *(parélios* e *paraselenes)*.

Mezeray [1] conta que depois do assassínio de Artus, duque da Bretanha, por João-sem-Terra, apareceram simultâneamente, cinco luas — uma ao nortè, outra ao meio-dia, a terceira ao ocidente, a quarta ao oriente, e a quinta no zénite.

Em 1514, por ocasião da morte da raínha Ana, mulher de Luís XII, de França, surgiu em Suzo um fenómeno dos mais extraordinários, que foi visto em tôda a Sabóia, no Piemonte, na Lombardia e, até, em Loreto: viram-se no céu vários círculos e semi-círculos, num dos quais apareceram três sóis — um mais brilhante e maior, ao meio, e dois mais pequenos, aos dois lados; e, numa espécie de arco, três luas, das quais a do meio era a maior [2].

Segundo Plutarco *(Teseu*, 22) em Atenas, a assembleia do

---

[1] *Reg. de Phil. Aug.* Apud M. Gilbert-Charles de Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741), VII, 390.

[2] *Traité historique* etc., cit. na nota anterior, VII, 390-391.

povo dispersava-se desde que alguém afirmasse ter aparecido um sinal funesto [1].

Foi pelo receio dos *sinais do céu* que, no ano de 1920, o aparecimento de dois aeroplanos que viajavam de Lisboa a Chaves causou o alarme que o jornal Lisbonense *O Século* noticiou no seu número de 1 de Maio daquele ano, dizendo: «A passagem dos dois aeroplanos sôbre Ansião causou ao povo daquela localidade um grande susto. Em Celorico de Basto motivou enorme admiração, e em Vila Caiz (Amarante) deu logar a grande alegria nalguns habitantes, e verdadeiro pavor noutros, que consideraram o acontecimento como prenúncio do fim do mundo.»

*

Como sinais bem importantes do céu, os eclipses e os cometas incutiram sempre grande pavor no espírito dos povos, e já Santo Eloi (séc. VII) aconselhava num sermão: «Não lanceis grandes brados quando a Lua se escurece, porque não é senão em virtude das leis de Deus que ela se eclipsa em certos tempos determinados.» [2]

O concílio de Leptines (743) condenou o temor do eclipse da Lua, em que se gritava — *vince luna* [3].

Foi devido à superstição, que um eclipse da Lua se tornou fatal a Nícias e ao seu exército. Aquele general Ateniense, não podendo tomar Siracusa, decide-se a regressar a Atenas, depois de perdas cruéis. Prepara a frota para o regresso; o mar ainda está livre. Mas sobrevém um elipse da Lua. Nícias consulta o seu adivinho, que lhe responde ser o presságio contrário, e dever-se esperar três vezes nove horas. Nícias obedece e passa todo o tempo inactivo, oferecendo muitos sacrifícios para apaziguar a cólera dos deuses. Durante êste tempo, os inimigos fecham-lhe o pôrto, destroem-lhe a frota, e Nícias não tem outro recurso senão o de retirar por terra, mas nem êle nem nenhum dos seus soldados consegue escapar-se aos Siracusanos. Os Atenienses, admirando a coragem pessoal de Nícias e a sua constância admirável, não o censu-

---

[1] Fustel de Coulanges, *A cidade antiga*, trad. portuguesa de Sousa e Costa, Lisboa, 1911, I, 394.

[2] Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 59.

[3] Id. *ibidem*, II, 57.

raram por ter seguido os conselhos da religião. Só acharam uma coisa a reprovar-lhe: — ter levado um adivinho ignorante, que se enganara acêrca do presságio do eclipse, pois êsse adivinho devia saber que, para um exército que quere fazer a retirada, é um presságio favorável o esconder a Lua a sua luz ([1]).

Duarte Nunes de Leão, na *Primeira parte da Crónica dos Reis de Portugal*, fala de um eclipse sucedido no tempo de D. Sancho I, e «por cujo espanto os homens e mulheres de todo estado, cuidando que era o fim do mundo, deixando suas casas e fazenda, se acolheram às igrejas, querendo nelas acabar.» (Ed. de 1600, Lisboa, p. 61) ([2]).

Vários jornais noticiaram o pavor que, no nosso país, o eclipse de 1900 incutiu no espírito de muitas pessoas, tendo chegado a haver suicídios, por mêdo.

Por ocasião do eclipse de 17 de Abril de 1912, o *Século*, de Lisboa, inseriu no número de 18 daquele mês a seguinte informação do seu enviado especial a Ovar: «As classes mais populosas da vila são as dos marítimos e pescadores. E a verdade é que essa gente fanática e quási nada instruída, receia o eclipse como um castigo do céu, de que possa provir um cataclismo. Não há muito que uma mulherzinha disse que a Lua iria cair sôbre a Terra, esmagando-a. Tambem pela porta aberta de um humilde tugúrio, para as bandas de S. Miguel, duas velhotas foram vistas a rezar, prostradas ante um oratório, para que mal lhes não sucedesse.»

O mesmo jornal, no seu número de 18 daquele mês, publicou os seguintes telegramas, de 17: De Ribeira de Pena: «Hoje, a-pesar de serem bastante conhecidas as condições em que se manifestam os eclipses, ainda houve gente daqui que se aterrou e chorou de pavor.» — De Peniche: «O mulherio inculto aterrorizou-se com o eclipse, atribuindo o acontecimento a um castigo do céu.» — De Ponte da Barca: «O eclipse foi quási total... O tempo arrefeceu, e o fenómeno causou pânico em alguns trabalhadores, que fugiram do campo, a gritar: «Morremos todos! Ai de nós e de nossos filhos!»

([1]) Plutarco, *Nícias*, 23. Thucydides, VI, VII. Deodoro, XII, XIII. Apud *ob. cit.* na nota 1 da pág. anterior, I, 396, 397.

([2]) Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, p. 2.

D-*O Século* de 11-Fevereiro-1907 transcrevo também a seguinte informação: «*O eclipse do Sol nà Índia.* Benaulim (Índia Portuguesa), 18 de Janeiro. — No dia 14 do corrente, dia do eclipse total do Sol, houve uma imponente festividade indú nas praias de Colvá, com toque de rabanadas e gaitas. Eram pitorescas aquelas romarias, que iam banhar-se e deitar côcos às águas do mar, sem distinção de velhos e crianças, homens e mulheres, calculando-se em mais de seis mil pessoas. Assistiram o sèu «suami» e vários «botos».

Por ocasião do eclipse do Sol que se observou na China no ano de 1868, muitas pessoas fugiram embarcadas, e outras lançaram-se a nado, e desapareceram na profundeza das águas. Parece que, na crença dos Chineses, o mar pertencia a um mundo áparte e inatingível aos perniciosos efeitos do conflito celeste, provocado por Vixnú, e aplacado por Buda, que repôs o Sol no seu lugar e assim livrou o nosso planeta de um terrível cataclismo.

No interior da província do Maranhão (Brasil) havia há anos o seguinte preconceito popular, de que tenho apontamento creio que extraído do *Alm. de Lemb.:* Quando se sabia que estava para haver um eclipse da Lua, todos se *acautelavam*, e em suas conversas lembravam uns aos outros *que a Lua ia fazer criz.* Se acontecia o povo não ter prévio conhecimento do eclipse, aquele que primeiramente o observava, lá ia, mesmo alta noite, acordar os vizinhos, para que *tomassem as suas precauções*, e assim se iam todos despertando uns aos outros, porque os que estivessem dormindo durante o eclipse, arriscavam-se a ficar dormindo eternamente, ou a sofrer qualquer outra fatalidade. Tôdas as pessoas saíam para a rua ou para o quintal, gritando às árvores frutíferas: *acorda laranjeira, olha a lua criz; acorda mangueira, segura os frutos e as fôlhas, olha a lua criz* — isto ao mesmo tempo que davam nos troncos das árvores com cordas e cipós, disparando tiros e batendo nos pilões, para que as árvores ficassem *bem acordadas.*

No n.º 37, ano II, do quinzenário *Gil Brás* (Lisboa, 1900) escrevi um artigo intitulado *os eclipses*, em que dizia: «Conta Flammarion, no *Voltaire*, que o eclipse do Sol observado em 19 de Agôsto de 1887 fôra naquele país (Rússia) anunciado com antecipação por meio de bandos, afim de evitar desgraças que o mêdo já produzira em circunstâncias análogas. Acrescenta o sábio astrónomo que a prevenção parecia inve-

rosímil no século actual, e provava a pouca cultura scientífica da maior nação da Europa.»

*

Não são poucos os acontecimentos funestos que, tendo coincidido com eclipses e aparecimento de cometas, teem concorrido para fortalecer a superstição popular.

Segundo S. Marcos, xv, 33, e S. Lucas, xxiii, 44 e 45, quando Jesus Cristo morreu, houve um eclipse do Sol, que durou desde a hora da sexta até à da noa.

Deu-se um eclipse do Sol, em 1415, por ocasião do falecimento da raínha D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João i, de Portugal, caso que o povo considerou também como sinal de luto do céu; e tanto bastou para que alguns membros do conselho tentassem convencer o monarca a desistir da expedição a Ceuta, prestes a partir, alegando diversas razões, entre as quais a de que o eclipse devia ter-se por funesto presságio quanto ao êxito da arriscada emprêsa que a expedição se propunha realizar. Tal preconceito não ecoou, porém, no ânimo de D. João i, e a expedição partiu e obteve o mais completo triunfo.

Coincidiram com eclipses do Sol o falecimento daquele monarca e, segundo Rui de Pina (apud Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, ii, 191) o de D. Duarte, seu filho e sucessor no trono.

O cardeal D. Henrique faleceu por ocasião de um eclipse da Lua, facto que Fr. Nicolau de Oliveira relata assim, a pág. 55 v.º do seu *Livro das Grandezas de Lisboa* (Lisboa, 1620): «Morreo em Almeirim o vltimo dia de Ianeiro, que foy o mesmo dia em que naceo, a tempo que a Lua padecia hum grande Eclypse.»

Inter eclipses exorior, foram as palavras gravadas numa medalha de Francisco ii, de França, que segundo a observação de um sábio matemático, nasceu num ano em que houve quatro eclipses — como se a Natureza houvesse querido determinar, desde o seu nascimento, que a sua vida seria curta e que apenas subiria ao trono para lá morrer, pois viveu 17 anos e reinou 17 meses.

Encontro esta informação a pág. 488 de um livro intitulado *Les entretiens d'Ariste et d'Eugene*. O exemplar que compulsei não tem frontispício, mas conserva a aprovação, assinada por Fontenelle, em Paris, aos 29 de Julho de 1706, e o previlégio do rei e registo, datados de 19 de Setembro de

1727. Numa nota à margem lê-se no livro a seguinte fonte da informação: «Anno Christi 1544. Eclipses 4. natus Franciscus II. Galliae Rex, de quo dictum *inter Eclipses exorior. Jacob. Grandamicus, Chronolog. Christ. part. 3.*»

*

A superstição que admite a influência maléfica dos eclipses, e de outros sinais do céu, foi algumas vezes aproveitada para a obtenção de triunfos militares.

Druso, tribuno do povo romano (122 anos antes de Cristo) prevaleceu-se do terror pânico espalhado entre os sediciosos por um obscurecimento fortuito da Lua.

Alexandre, vendo os seus soldados apavorados por um eclipse da Lua, alguns dias antes da batalha de Arbelle, ocultou-lhes a causa do fenómeno, e fêz-lhes constar pelos adivinhos que, *sendo o Sol o astro dos Gregos, e a Lua o dos Persas, o eclipse anunciava a derrota de Dário.* A tal respeito observa Quinto Cúrsio *(lib.* 4) que nada pode tanto como a superstição, para dominar o povo, e que, uma vez maravilhados os espíritos por uma imagem vã de religião, os adivinhos se farão obedecer melhor que os chefes [1].

Segundo Justino, *lib.* 22, Agatocles, na sua passagem pela África, não podendo desfazer a impressão causada por um eclipse da Lua no espírito dos seus soldados, tirou partido desta interpretação, que lhes deu: *que, se o eclipse tivesse ocorrido antes do embarque, o presságio teria sido contra êles, mas que, tendo sobrevindo depois da partida, o presságio ameaçava, incontestàvelmente, o inimigo* [2].

---

[1] *Ob. cit.* na nota 2 da pág. 238, VII, 392-393. Aí se transcreve de Tácito, *Anais*, liv. I: «Noctem minacem & in scelus erupturam fors lenivit. Nam luna clariore poenè coelo visa languescere. Id miles rationis ignarus omen praesentium accepit, ac suis laboribus defectionem siderio adsimilans, prosperèque cessura quae pergerent, si fulgor & claritudo deae redderetur. Igitur aèris sono, tubarum cornuumque concentu strepere: proiit splendidior obscuriorve, laetari aut moerere. Et postquam ortae nubes offecere visui, creditumque conditam tenebris (ut sunt mobiles ad superstitionem perculsae semel mentes) sibi aeternum laborem portendi sua facinora aversari deos lamentantur. Utendum inclinatione eâ Caesar, &.»

[2] *Ob. cit.* na nota 2 da pág. 238, VII, 393.

Quando no reinado de D. Afonso II, de Portugal, se cercou Alcácer do Sal, para a arrancar do poder dos Moiros, um momento houve em que os sitiantes, desanimados, pensaram em abandonar o cêrco. Encorajou-os o bispo de Lisboa, D. Mateus, que, orando, implorou o auxílio divino, «ao cabo da qual oraçã... (diz Rui de Pina) se diz que pera consolaçam dos xpaãos logo apareceo pubricamente no ceeo hum marauilhoso sinal per bem auenturado pronostico, s. hum homem resplãdecente como ho sol & aluo como a neue, ... com que hos xpaãos que craramente ho uiram foram muy alegres & esforçados, crendo que deos era em sua ajuda.» (1)

Ao fenómeno se refere Camões, nos *Lusíad.*, cant. VIII, 23:

> Olha o sinal do céo, que lhe apparece,
> Com que nos poucos seus o esforço crece.

*

Os *sinais do céo* nem sempre teem confirmado o terror dos povos, pois dêles foi acompanhado o nascimento de Jesus Cristo. Quando a Virgem reclinou seu Filho no presépio, surgiu no céo uma refulgente luz, da qual tiveram grande temor os pastores que perto guardavam os seus rebanhos. Apareceu-lhes, porém, um Anjo, que os tranqüilizou anunciando-lhes uma grande alegria para todo o povo, e que era o nascimento do Salvador. (Vid. S. Lucas, cap. II).

Foi uma estrêla que guiou os três magos do Oriente até Bethlém, para adorarem o Menino e oferecerem-lhe oiro, incenso e mirra (S. Mateus, II, 2, 7, 9, 10 e 11).

Claudiano tirou um presságio feliz a respeito do imperador Honório, de èste havèr nascido por ocasião do aparecimento de uma estrêla em pleno dia (2).

*

No cap. XII do *Apocalipse* fala-se de *sinais no céu* que precederam a grande batalha travada nas regiões celestiais

---

(1) *Cronica del Rey dom afonsso deste nome ho segundo*, cap. VII, fl. 17-18. Apud Dr. José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*, in *O Instituto*, de Coimbra, vol. 53.°, p. 230.

(2) *Ob. cit.* na nota 2 da pág. 238, VII, 392, onde se cita «De 4. *Consul Honor.*».

entre S. Miguel e um grande Dragão (Satanaz), acompanhados dos seus Anjos, tendo sido o Dragão precipitado na Terra com os seus.

Dos presságios tirados dos eclipses, escreveu Pascal: «Dizem os astrólogos que os eclipses pressagiam desgraças, porque as desgraças são ordinárias, e dêste modo acontece que falam muitas vezes verdade. Se dissessem que pressagiavam felicidades, mentiriam quási sempre» ([1]).

*

Muitos povos motivam os eclipses na batalha do astro com um monstro, e isso explica: que os eclipses de 1877 e 1882 fôram recebidos na Turquia com tiros de artilharia e fusilaria contra o Sol, que um dragão maldito queria devorar; que em algumas partes se rufem caixas para espantar o leão que está comendo a Lua; e que os Chineses de Macau façam grande barulho na ocasião dos eclipses.

Nas suas *Trad. pop. de Portugal*, § 8.°, refere Leite de Vasconcelos esta lenda: «A Lua era mais linda do que o Sol. O Sol queria casar com ela, mas a Lua não lhe dava cavaco. Êle então, despeitado, atirou-lhe à face com cinza, e ela a êle com as agulhas da costura. A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua.»

No século de Luís XIV vendiam-se em Paris amuletos preservativos da influência nociva dos eclipses — isto no século em que a França produziu maior número de sábios e de homens de letras, como foram Pascal, Descartes, Cassini, Corneille, Racine, Molière, Boileau, La Fontaine, La Bruyére, Quinault e tantas outras notabilidades da literatura, das sciências e das artes!

*

O *Alm. Bertrand* de 1917, p. 210, insere uma interessante descrição poética do mais antigo eclipse, precedendo-a das seguintes palavras: «A observação do mais antigo eclipse, conhecido, encontra-se relatada em duas estrofes de oito versos, numa colecção de poemas chineses da mais alta antiguidade, o *She-King*. Os sábios do Celeste Império foram grandes observadores dos fenómenos siderais, e arquivaram preciosas informações, colhidas desde períodos anteriores ao cristão, das

---

([1]) Apud *Alm. de Lemb.* de 1863, p. 204.

quais aproveita ainda, imensamente, a sciência moderna. Os eclipses, principalmente os do Sol, foram sempre, para êles, objecto de pavor, como ainda hoje o são para a grande massa supersticiosa; e dos terrores antigos dão conta as estrofes que vamos tornar conhecidas. Eis a tradução textual dêsse interessante documento, feita sôbre o texto francês, publicado, recentemente, no *Boletim da Sociedade Astronómica de França*, o qual, por sua parte, foi vertido da tradução inglesa publicada na revista scientífica *Knowledge.*»

Segue-se a descrição, que é do seguinte teor:

I

Na conjunção *(do Sol e da Lua)* no décimo mês,
No 1.º dia da Lua, que era Sin-Mau,
Foi elipsado o Sol, —
Fenómeno de mau agoiro. —
Então a Lua tornou-se pequena,
E também se fêz pequeno o Sol.
Por isso o mundo ensombrado,
Fica exposto aos peores destinos.

II

O Sol e a Lua anunciam sucessos funestos,
Não se mantendo na regularidade de seus cursos.
Não há govêrno possível
Quando os bons não são empregados.
Que a Lua seja eclipsada
É acontecimento muito vulgar;
Mas que o seja também o Sol,
É motivo para tudo receiar.

Segundo informa o *Alm. Bertrand*, trata-se do eclipse do Sol de 29 de Agôsto do ano 775 antes da era cristã. É a mais antiga data histórica confirmada pelos cálculos astronómicos.

*

Da superstição a respeito dos cometas, vid. o adágio *Noite má, para quem te aparelhas?*

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

Linguagem de San Martín de Trevejo (Cáceres: Hespanha)

O S.[or] Santos Agero, natural de San Martín de Trevejo (Cáceres: Hespanha), e muito dedicado ás cousas históricas e literárias de Portugal, deu-me em Lisboa, em 1923, notícia de que na sua terra se falava uma linguagem muito proxima gramatical e lexicalmente do português, e convidou-me e instigou-me a ir eu proprio estudá-la *in loco*. Parti de facto com ele para San Martín em Dezembro de 1924, e colhi bastantes elementos para um estudo da mesma linguagem.

Já nos meus *Opusculos*, I, 673-675, tratei brevemente d'ela, e *ibidem*, p. 619, declarei que, tendo eu tido conhecimento de que o ilustre Professor da Universidade de Madrid, Menéndez Pidal, com quem, desde 1890, estou em afectuosas relações de amizade, havia ido a San Martin de Trevejo, antes de mim, para tambem estudar a linguagem, viera a acôrdo com ele em que eu publicaria o meu trabalho quando me aprouvesse. Agora apresento aqui um estudo um pouco maior do que o que apareceu nos *Opusculos;* ainda assim, não aproveito todos os materiais que coligi, o que farei noutra ocasião.

*

A linguagem de San Martín estende-se, com algumas variações, ás Eljas ou Elhas, e a Valverde del Fresno, povoações vizinhas. Aqui tomo só em consideração a de San Martín. Pois que os habitantes d'esta povoação se chamam a si proprios *Samartinhegos* ou *Samartiñegos*, podemos denominar *samartinhego* a sua linguagem, denominação que aplico tambem ás das outras povoações.

É obvio que os habitantes das tres povoações falam hespanhol concomitantemente com o *samartinhego*. Este usam-no entre si; quando tratam com pessoas de qualidade, ou com forasteiros, servem-se do hespanhol, e o mesmo fazem quando rezam, e geralmente quando cantam.

A) FONOLOGIA

1. O samartinhego possue as seguintes vogais orais: *á*, *a*; *é* ou *ê*; *i*; *ó* ou *ô*; *u*, *ŭ* (*u* atenuado, no fim das palavras, representado sempre por *-o*, e ás vezes no interior ou no inicio); e as seguintes vogais nasais; *ã*, *ẽ*, *ĕm* (*e* surdo, nasalado), *im*, *óm* ou *ôm*, *ũ*. As vogais nasais podem ser representadas com til, ou, conforme as circunstancias, com *m* ou *n*; *mã*, *cém*, *compairi* (compadre), *bondai* (bondade);

2. os seguintes ditongos orais: *ai*, *ei*, *oi* ou *ôi*, *ui*; *au*, *eu*, *iu*; os seguintes ditongos nasais: *ãi*, *õi*, *ũi*;

3. as seguintes consoantes: *p*, *b*, β (= *b* fricativo); *f*, *m*; *c* (*q*), *g*, γ (= *g* fricativo); ŋ (velar), entre vogal nasal e oral, e talvez em fim de palavra; *t*, *d*, ð; *n*, *nh* (= *ñ* hespanhol); *s* concavo surdo (= *s* castelhano); ſ = *s* concavo sonoro (tambem *s* dialectal português); θ (= *z* hespanhol); *y* (como em hespanhol); *l* alveolar, *lh* (=ll em hespanhol), *r*, *rr*; *j*, e *x* portugueses; *ch* (africata surda); *dj*, que lhe corresponde como sonora, e que só porém se ouve inicialmente e depois de nasal, isto é, depois de pausa, e tambem de certo depois de *-r*, por exemplo: *djindja*. É o mesmo som que Krüger, a p. 19 ss. da obra que menciono adiante, na Conclusão, representa por *d* encimado de uma plica. — Em samartinhego não ha *v*, nem *ç* (*ce*, *ci*), nem *z* português.

4. O *ĕ* e *ŏ* latinos tonicos conservam-se: *egua*, *corpo*. — Na região estudada por Krüger ditongam-se em regra: § 55.

5. -ARIV > *-eiro*: *palheiro*.
-ARIA > *-eira*: *sardinheira* (planta);
-ASEV ou ASIV > *-eijo*: *queijo*, *beijo* & *bejo*;
Em Krüger ora ha *e* e ora *ei*: § 106.
saltu > *soito*.
Por alt'ru ha *otro* (castelhanismo).

6. Vogais atonas: -ENT > *-im*: *débim*;
-e > -i: matre > *mairi*;
-es > -is: *fortis* (fortes).
Cf. § 28 (*S* impuro) e § 1 (*-o*).
Em K.: *mairi* a par de *maire*, § 425.

7. AV: audit>*ôibe;* paucu>*poico;* auru->*ôiro.* Tambem *rôipa* e *rôibal* (roubar). -AVT: *cantô* (cantou). Tambem *matô* (matou) etc. Em K. *ô*, ás vezes ôu, § 112. — Em flexão: *hubo* (houve), *cupo* (coube), em samartinhego. Ditongo *eu*, de *-eo*, *-eu-*, representado por *ei:* § 39, e p. 254, nota 3.ª.

8. -L- latino intervocalico sincopa-se: mulu->*mu*, mula>*mua*, ou por nasalamento da primeira silaba, devido á acção do *m-*: *mũ*, *mũa*. Outros exemplos: *muel* ou *muer*< molere, *soel* ou *soer* (suer)<solere, *θeu*<caelu. Caracter inteiramente português. Na região de Krüger o -L- fica: *gelal*<gelare, *hilu*<filu-.

9. -R secundario>-r>-l: seniore->*senhor*>*senhol*, meliore->*melhor*>*melhol*, cenare>*cear*>*cial*, facere> *fer*>*fel*, sedêre>*ser*>*sel*, molere>*muer*>*muel*, solere >*soel*>*suer*. Este fenomeno dá notavel feição aos verbos. Tambem por vezes o *-r* se apocopa: *calô*<*calor*, *sinhô*<*senhor*. Enfaticamente ouvi: *pôrr... nenhũ*, ao lado de *pôr* e *pur* (preposição). Analogos fenomenos observou Krüger, § n.º 279: *kòθel*, *moril*, *mori*. — Tambem em samartinhego: herba>*helba*, barba>*balba*.

10. -N- sincopa-se, nasalando-se a vogal precedente como em português (mas ás vezes a nasalidade perde-se, como aqui), por exemplo:

- -ANA>*ã* (aberto): *lã*, *arrã*, «*rã*»;
- -ANV>*ã*: *serã*, *mã*, *nã*;
- -INV: *S. Martinho*, orago de San Martín de Trevejo; *caminho*, *binho*.
- -ONE>*õ* (aberto): *carbõ*, *carbõs (carbós)*, *tiθõ* (tiθõs, tiθós). Na zona estudada por Krüger o -N- permanece: § n.º 263.

11. -T- cai depois de passar pela fase *-d-:*

- -ATE>*-ai*: *ciái* («cidade»);
- parete (pariĕte)>*parê;* site>*sê;* rete>*rei* («rede» de pescar);
- cata unu>*cà ũ;*
- sabbătu>*sábau;*
- -ATV>*-au:* pratu>*prau.*
- *poiriu*<>cast. *pudrido.*

Cf. Krüger, § n.º 253. — A sincope do *d* nascido de *-t-* é muito freqüente em hespanhoi familiar.

12. -D- sincopa-se (cf. § 11):
pede > *pé*, como em português;
comedia > *comeia*, o que prova que a sincope durou até tarde;
comida > *cumia*.
Na região de Krüger, § n.º 261, o *-d-* cai com freqüência.

13. D-: *ebeſa* (devesa), *inheiro* (dinheiro). Pode admitir-se que antes se colocou o artigo, e que o *d* ficou pois intervocalico; ou que houve confusão com *de*.

14. V > b: *bai* («vai»). — Corrente em toda a Hespanha, e no Centro e Norte de Portugal.

15. -S- > ſ: *caſar*.
Na região de Krüger ha ſ a par de *s*: § n.º 268.
Em samartinhego: *caji* «quasi».

16. *Ce, Ci, Ty* estão representados hoje por *d*:
*cocĕre (coquĕre) > (port. *cozer*, hesp. *cocer)*, samartinh. *codel*;
vicinu > *bidinho*;
quìndecim > *quíndi* = *kíndi*;
ratione > (port. arc. *razom*, hesp. *razón)*, samartinh. *radõ* (= radóm).
O que vale o mesmo que dizer que a *z* português não final, equivalente a *z* hespanhol *(ce, ci)*, corresponde *d* em samartinhego. Outros exemplos: *adéiti* (azeite, hesp. aceite), *dorra* (zorra).
Em palavras como: *θéa* (ceia), *piθarrita*, *antonθis* (de *antonces), *cabeθa*, *tiθõ*, *θeu* (ceu), *θera* vemos que a *ç* português *(ce, ci)*, equivalente a *z* hespanhol *(ce, ci)*, corresponde *θ* em samartinhego, isto é, o mesmo som hespanhol.
-Z cai: *cru* (cruz), *lu* (luz).
Na região de Krüger temos: *kindi* a par de *kinθe*, *bedino* a par de *beθino*, § 358; *cru*, *lu* a par de *cruθ*, *luθ*. § 391.

17. A africata *dj* (supra, § 3) ouve-se no principio das palavras, e depois de pausa e de nasal: *djenti*, *djindja*, *djarro*; mas *ajuntar*, *a jenti*. O mesmo em Alamedillha: vid. *Opusculos*, t. I, p. 616, § n.º 17.

Geminação de consoante:

18. LL>*l*: *galo*, *galinha*, *anelo*. Caracter português. — Na região estudada por Krüger esta geminação torna-se *lh* ou *y*: §§ 290 e 291.

19. NN>*n*: *ano*, *pano*, *cabana*. Caractèr tambem inteiramente português. — Em K. os dois NN palatalizam-se como em castelhano.

*

Grupos consonanticos:

20. -TR->*ir*: patre->*pairi*, matre>*mairi*, petra->*peira*. — Em K. o mesmo, a par de *dr*, § 425.

21. PL->CL->*ch*, como em português: *chorar*, *chabi*. — Krüger diz, § 318, que neste caso os dialectos da região estudada por ele se ligam essencialmente ao castelhano.

22. -CL->*lh*, como em português: *agulha*, *espêlho*; ĭCL>*-elh-*: *òbêlha*. — Na zona de Krüger: *aguya*, *obeya*, mas tambem: *ohu*, *espeλo*, etc.: § 338.

23. *a*CT, *e*CT, *o*CT deram, como em português, respectivamente *-eit-*, *-eit*, *-oit-*: *feito*, *leituga*, *ôito*. De *u*CT deve, como em português arcaico e em galego, ter-se desenvolvido *ui*, que actualmente está representado por *u*: *truta*, *luta*. — Vid. Krüger, § 310 sgs. — Castelhanismos: *dicha*, *cofecha*, etc.

24. -MN->*nn>*n*: *dano*, como em português. Cf. supra o § n.º 19.

25. -PS- -CS->*x*: *caxà*, *coxa*. — Em K. *kaha*, etc., e *mexilla* (de maxilla). — Cf. adiante, § 29.

26. LC: *foici*, como em português. Em K. ha *ou* a par de *o*, § 112.

27. LT: altu->*arto*, a par de *falta*, e de *soito* (§ 5). — Em K. *arta*, a par de *alta*, § 372.

28. S impuro: stella>*êstrela* (a par porém de *strela*), stare>*estal*. — Em K. tambem *es-*, § 90.

Semi-vogais:

29. SSy: vid. § 25. Outros exemplos: *càxôm, baxo* (* basseu-).

30. Ly: *alho, folha.* — Na região de Krüger *oha,* etc., § 100.

31. Ny: *senhol.* — Em K. o mesmo: § 307.

32. Ty. Vid. supra, § n.º 16.

33. Fonetica sintatica: *nor dixemos* (nós d.), *bôr dias!* (bons d.); *aſorêlhas* (as o.), *aſ Elhas* (as E.), «*laſ Eljas*», *aſ damas; ò' xarôs* (pl. de *xarom,* planta). As consoantes *b d g* entre vogais tornam-se fricativas, isto é, β, ð, γ: *abó, o deu* (dedo), *o gato.* Em pausa *nôm,* em próclise *nũ (num).* Ligação: «comi pã *yóbos*» (= *e* = *i* óbos), *stabàdorra* (vid. Textos, *b), com'a* (ibidem).

34. Influência de nasal: *bĩnho, lĩnha.* E vid. § 8, e § 41 *(mil).*

B) MORFOLOGIA

35. Genero: *lairôm lairôna; labraór labraóra; pendau* (penteado, partic.) *pendá; feli,* masc. e fem.; *portugué, -esa; djubíu* «Judeu» *djubía.* Em *lenguaji* (masc.), *dolol* (masc.) «dor», *fel* (fem.), *ò arbo* («a árvore»), tomam o genero castelhano, isto é, temos aí castelhanismos. Mas ha varias palavras, por exemplo, *o leite, os narides, o sal, o mel, o lúmi, um coici,* que são masculinas, com quanto em hespanhol lhes corresponda o genero feminino.

36. Número: *bêm — bêns — bẽs; tiθom — tiθôſ; chalapatal* (lamaçal) — *chalapatais, dagal* (= zagal, isto é: rapaz) — *dagáis;* mas: *mal — málĩs, rear* («real») — *riais* e *rieis; papel — papeis, candil — candís; flór — flórĩs; grám — gráns, bentam* (= *bêntã) — bentâns; uns hómĩs.* Como em português.

37. Comparativo e superlativo: *mais grandi, mais pêquêno; milhôl, piôl; mũi bô, mui mau, mui má.* — De superlativo serve *mulherôna* (raro).

38. NUMERAIS CARDINAIS: *ũ ũa, dois duas, tres, quatro, θinco, seis, sete, oito, nobĩ, dé, óndi, dódi, trédi, catordi, quíndi, dèdasseis, dèdassete, dèdaoito, dèdanobĩ, bintĩ, trinta, quarênta, θincoênta, sêssênta, sêtenta,* **òchenta** (influência castelhana), *nòbenta, θém, θénto, dudêntos, tredêntos.* ORDINAIS: *primeiro, segundo, terθeiro, sésto, sétimo, ôtabo* ([1]), *nobeno.*

39. PRONOMES: *ei, tu, él, éla, bus & bós* «vos» (conforme não ha ou ha ênfase), *nuſôtros & nòſôtros, buſôtros & bôſôtros* (com *ôtro*, castelhanismo), *élis, élas; mei, minha, sei, sua, nóssa, bôssa; estĩ, ésta, essi, aquel' & aquér, ôtro, si* «se». Com preposição: *enesta* caſa, *enaquele* campo. Cf. § 40.

40. ARTIGOS: *ô* ou *ò* ou *u*, pl. *os* (sôa *ôs* ou *us*); *a* pl. *as*. Cf. § 38: *um, ũa.* Com a preposição *em*: *êno sei campo; ênos arbos* (nas árvores), *êna sua vinha.* Tambem *no nos, na nas.* Com a preposição *com*: bó («vou») *conum* pau *ena mã; énũ, enũa,* com o *n* hesp. (en un, en una), ou antes por analogia com *êno*, etc., como em português acontece em *num, neste,* etc.; bó *cônô* pau *na* mã; *cõ ô pau na mã; cõ a mulher.*

41. Conjugação:

a) CONJUGAÇÃO REGULAR: *cantal* «cantar»: *canto cantas canta cantamos cantais candã; cantaba cantábamos;* PRETER. PERF.: *cantí cantatis cantô cantâmos cantástis cantórim* (em Valverde: *cantárão*, como em português); *trabalharé trabalharás trabalharã; cantaria cantariã.* PRETERITO INDEFINIDO: *tenho* ou *hei trabalhau,* MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO: *tinha* ou *habia feito.* PARTICIPIO: *-áu,* f. *á.*

b) Varios verbos:

andal: *andubi andubetis andubo andubemos andubestis andubérã.* — Cf. em hesp.: *anduve anduviste anduvisteis anduvieron.*

balêl («valer»): *balgo bales báli balemos bâlim; balga-me Diós!* — Cf. em hesp.: *valgo, valga.*

([1]) Fórma hibrida.

caber [1]: *ei queipo*. Cf. em hesp.: *quepo*.

dal: *dá dás dá damos dais dã*; PRET.: *di destis* (ou *detis?) dô démos destis dérã* (e *dórim)*; FUT.: *daré darás* etc.; CONJ.: *dé* 3.ª pess., *dém*; PRET.: *di disti dió dimos distis dieron*.

dil («ir»): *bó bás bái bámos dis bám*; PRET.: *foi fôtis foi fomos fôtis fôrã*. — Cf. em port. e galego na 3.ª pessoa: *vai* (em hesp.: *va)*.

dizer e **eider**: *digo dídis di eidémos eideis eidem* ou *didĩ*; PRET.: *dixi dixetis, el dixo, dixémos dixistis dixerã*; CONJ.: *diga digã*; IMPERF.: *dixesse*. — Cf. em hesp. ant.: *dixo*.

estal («estar»): *estô estás está êstâmos* e *estomos* [2], *estais estã*; PRET.: *esti* e *estubi estubistes* & *estubétis estubo estubemos estubestis estuberã*. — Cf. em hesp.: *estuve estuvo estuvieron*.

fel («fazer»): *fago fais fai fémos feis fáĩ* (= *ái* nasal: puro plural de *fái)*; PRET.: *fidi fidétis fido fidémos fidéstis fidérã*: CONJ.: *faga fagã*. — Cf. em hesp. arc.: *fer fay femos*.

habel: *hedi hasdi hadi hamos hesdi hãdi*; PRET.: *hubo*. — Cf. em hesp.: *he hubo*.

mil («medir», por **meír): mĩo* («mêço») *mĩs mĩ* («mede») *mĩmos mĩs mim*; CONJ.: *mĩa*. — O nasalamento é devido á influência do *m-*.

morrer: *se morrei el* («morreu») [3]; cf. em hesp.: *se murió*.

oibil: *ôibo ôibis ôibi oibimos oibis oibim*; PRET.: *oibí oibitis oibí oibirã*. — Cf. em Trás-os-Montes: *ôubo* (1.ª pessoa), analogicamente.

perdel: *perdo perdemos pérdim*. Conjugação regular. Em português, 1.ª pessoa: *perco*, mas popularmente algures: *perdo*.

pil («pedir»): *pio* («peço») *pis pi pimos pis pim*; CONJ.: *pia piã*.

---

[1] Certamente se diz tambem com *-l* (vid. § 9), mas cito esta e outras fórmas com *-r*, tais quais as ouvi.

[2] *Estomos* por analogia com *somos*. Tambem se diz *entromos* (1.ª pess. pl. do pres. do indic.).

[3] Outros exemplos de *-ei* na 3.ª pess. do perf. do indic.: *metei* (meteu), *perdei* (perdeu), *mordei* (mordeu), «se *quei* em casa» (quedou-se; ficou). Já se disse no § 11 que *-d-* secundario se sincopa.

ponher («pôr»): *ponho, tu pôns* & *pós, pôm pônhêmos pônhéis* & *punheis pônim.* PRET.: *pujo.* Composto: *componher.* — Cf. em galego: *poñer,* tirado da 1.ª pessoa, como o samartinhego.

querel: *quero qués quel quèrêmos quereis quérim;* PRET.: *quíji quijesti quijo quijemos quijésteis quijerum;* CONJ.: *queira.* — Cf. em galego: *qués* (tambem português arcaico), *quixo.*

sabel: *sé sábis sábi sàbemos sabeis sábim;* PRET. 3.ª pess.: *supo.* — Cf. em hesp.: *sé supo.*

sel («ser»): *sô* (ou *só) eris é sômos sôis* & *sós sóm; era eras era éramos éris érã;* PRET.: *foi fôtis foi fômos fôtis* (como no sing.) *fôrã* e *fôrim.* — Cf. em galego, em hesp. arc., e em português do Alto-Minho: *so* (1.ª pess.).

têl («ter»): *tenho tés têm temos tendis ténim; tinha tinhã;* PRET.: *tubi tubétis tubo tubemos tubestis.* — Cf. em galego: *teño* (= port.: *tenho), tes ténen.*

trêl («trazer»): *trayo tráis trái treimos treis trãi* (cf supra *fãi);* PRET.: *trúji trujetis trujo trujémos trujetis trujérã.* — Cf. em hesp. arc.: *trayo traes trujimos troxieron.*

unhil («jungir»): *unho unhim;* PRET.: *unhí unhirã.* — Conjugação regular.

C) PARTICULAS

42. ADVERBIOS:

a) *nom* = *nõ* em pausa, *num* = *nũ* em próclise: *nũ tardará, nũ quero:* cf. § 33; *nũ bó, nõ!; nu'me farás isso; assi, si; iá* (yá); *solamente; tamém; muto, mui* (ou *mu?); más.*

b) *acá, alá, aqui, ali; em dentro; dondi* «onde»; tambem se diz, e mais freqüentemente, *ondi.*

c) *sêmpris, nunca; mentris* «em quanto»; *hoji, aiêr* (castelhanismo); *endispois, dispois, dipois: agora, amanhã, aier noite* («ontem á noite»), *antonθis* (§ n.º 16).

d) *asta logo!* (hesp.: *hasta luego!); pâ logo; alá dentro; em dentro; dêndi quando?; pol enquanto.*

43. PREPOSIÇÕES: *êndêntro de ũa caſa* (cf. § 42, *b); vid. dispois* no § 42, *c; pa* («para»), *pó* («para o», «por o»); *bó por tua mairi; pôr ô caminho; por* (pur) *aqui; Àlêm-do-rio* (nome de um sitio), e *Àlêm* (nome de outro sitio): *só* nestes

casos *àlêm; á* ou *â; com, êntri; dê, d'* + vogal; *dispois, asta; dêndi; detrás.*

44. Conjunções: *e* (= i); *eu e tu; porquê; quando si; ô* (aut); *ãuque* ou *ánque* (ou com *-i?* e o mesmo adiante. Cf. o § 6); *si; sêmprisque*, por exemplo, em: *sempris que queira; pero; quê* (integr. e causal).

45. Interjeições: *ai Diôs; eh Juã! ah! ojalá* (hesp., com o seu *j).*

D) FORMAÇÃO DE PALAVRAS

46. Usam poucos deminutivos: *-ito*, por exemplo, em *coitaíto, moθita.*

47. Suf. *-êgo* em *samartinhêgo.*

48. *murcégano*, do hesp. *murciélago* «morcego».

49. *almendruco* <> hesp. *almendro.*

E) AMOSTRA DE SINTAXE E ESTILO

50. *le dixo ao lobo* (pleonasmo); *que nós bã a bil a matal* (vid. Textos, *b).*

51. Tratamento: *Bossa Mercê*, e *bós.* Exemplos de *bós*, que ouvi dar a pessoas de idade: *quereis comêl? Entrai por minha casa. Bós, tiu Juã, sabeis falal bêm!*

52. Com verbos: § 41, *b (morrer*, reflexamente); § 41, *a* (uso de *tel* e *habel).*

F) TEXTOS

53, Nada ha que dê ideia de uma linguagem como textos. Por isso transcrevo alguns, reservando para o outro estudo, que acima anunciei, os restantes que coligi.

a) Cantigas:

San Martin está rodiau
De castanhos e oliveiras:
Tamém em dentro tem
Boas moθitas solteiras.

Quando tinha binti anos,
Tinha a cara côlôrá;
Agora tenho sessenta,
Yá tenho a barba branca!

(San Martín).

b) Conto:

A dorra e o lobo forã a ũa bóa («bôdâ»). Mentris èstabã a caſar-si, e tinhã as méſas postas pa quando binherã ôs que estabã a caſar-si, entrórim por ũa bentã («janela») a dorra e o lobo, e a dorra le dixo ao lobo: «Bós, compairi, comei d'essas bulhas-bulhas, q'ei como d'estas piθarritas». E barruntôrim *(barruntal:* «sentir», «observar») quê binha a jenti da bóa, e a dorra si reburcó a cabeθa d'ũa meia *fuenti* («travessa») d'arrô com leiti, e si séi («saiu») pola bentã, e s'eitó («deitou») num olibar (soa com *u-;* «olival»); o lobo o pilhórim comendo e le pegorim, e si séi pola bentã, e foi a paral ondi stabàdorra («estava a zorra»), e le dixo: «Bamos, comairi, que nós («nos») bã a bil a matal». E a dorra le dixo que nũ poía («podia»), que staba (= q'estaba) mui *malita.* «Ei bus lebaré ás costas», dix'o lobo. E a pujo nas costas. E quando dibã andando por o caminho, diba a dorra eidendo: «O mau leba o sã». L'o repetia tres ou quatro bedes. E antonθis le dixo o lobo: «Q'eideis, comairi?». «Ai, sõ desvários da cabeθa que me dã!». E o lobo, com'a comprendei, atirõ a dorra das costas pa o *solo* (¹).

(San Martín).

CONCLUSÃO

A linguagem de San Martín de Trevejo (ou *Trebelho)* apresenta á consideração:

1) fenomenos puramente portugueses, por exemplo: sincope de L intervocalico, e N nas mesmas condições reduzido a ressonancia nasal, ou sincopado;

(¹) Estou a corrigir estas provas longe de Lisboa, onde tenho os meus apontamentos; por isso não posso verificar se

2) fenomenos proprios dos falares da vizinha zona hespanhola, os quais, no que toca á fonetica e á flexão verbal, foram estudados pelo D.or F. Krüger, da Universidade de Hamburgo, num excelente e notavel trabalho intitulado *Studien zur Lautgeschichte westspanischer Mundarten*, Hamburgo 1914, — trabalho que acima citei várias vezes (abreviadamente: *Krüger*, e *K.)*;

3) hespanholismos, isto é, castelhanismos.

Abstraío, já se entende, de fenomenos por origem comuns ao português e ao hespanhol.

Como se explica o samartinhego?

Não era natural que uma fala portuguesa, que fosse levada para um territorio estrangeiro, embora contiguo ao d'ela, aí se implantasse em oposição a uma lingua regional e diversa, e aí fixasse os seus principais caracteres, com desaparecimento ou prejuizo dos d'esta.

O que parece mais admissivel, é supor que o português existiu em S. Martín, desde que aí ha povoação, ou porque o sitio foi povoado por Portugueses, tão vizinhos d'ele, ou porque a área primitiva da lingua portuguesa o abrangia: o que vem a dar na mesma. Só a pouco e pouco a lingua geral da região em que fica San Martín se foi sobrepondo á portuguesa, aí encravada, adicionando-lhe alguns caracteres, por exemplo, *-órim*, e perdendo a portuguesa outros: isto se compreende por causa do predominio politico hespanhol. Faltam-me elementos historicos para melhor fundamentar a minha opinião, mas alego a favor d'ela o chamar-se *S. Martinho* ainda, e não *San Martín*, o orago da paróquia: vestigio manifesto de antiga preponderancia da lingua portuguesa. — É verdade que quem diz *português*, diz mais ou menos *galego* (neste caso: galego antigo); mas a Galiza fica muito afastada, para que exercesse aqui influencia: excepto se se quer supor que o territorio samartinhego foi nos primordios completamente colonizado por Galegos. Na

---

na verdade em *que*, *le*, *me*, se ouve *-i*. Devemos porém lembrar-nos que a ênfase faz que os sons se modifiquem: *pôr* (§ 43), *quê* (§ 44). Cf. §§ 9 e 39. — O estar fóra de Lisboa faz que eu deixe de pôr aqui mais algumas indicações e complementos foneticos.

verdade haveria estranha coincidencia: estar tão perto o português, e ser preciso, para explicar o samartinhego, recorrer ao galego, tão distante. Além d'isso não se encontra, ou, pelo menos, não encontrei eu, nenhum resquicio galego na linguagem de San Martín, por exemplo, *che*, que já se lê nas *Cántigas de Santa Maria* (seculo XIII) (1); e o que se passa em San Martín passa-se, embora em grau menor, e mais modernamente, em Almedilha ou Alamedilha (vid. *Opusculos*, I, 613-649), e em Olivença (vid. *Rev. Lusit.*, II, 347) (2).

J. Leite de Vasconcellos.

---

(1) Visto que só procuro a verdade, e não escrevo com opiniões preconcebidas, devo acrescentar que nas Eljas, como, já depois de escrito o que acima se lê, mè informou o S.or Santos Agero, ha uma palavra, *laixa*, por «laja» ou «lage», que tem aspecto galego, e tambem se encontra na toponomastica d'aquela localidade: *Laixa Andrea;* mas uma palavra avulsa bastará para fazer crer que o primordial povoamento da região se deve a Galegos, quando nada temos a favor d'isso na fonetica geral, nem na morfologia? Verbos fortes em *-o*, se são proprios do galego, como do samartinhego, são-no ignalmente do hespanhol normal e dialectal, e existem nos falares portugueses raianos de Trás-os-Montes e Minho, com representação na lingua portuguesa comum em *veio*, arc. *veo*. De mais a mais o *x* galego, correspondente a *j* originario, não será muito antigo. A palavra samartinhega equivalente a *laja* é *lancha*. — Acêrca do falar das Eljas colhi mais alguns apontamentos, falando em San Martín com gente de lá, e publica-los-hei ulteriormente.

(2) Este estudo foi esboçado para servir de introdução a um Vocabulario do samartinhego, que o S.or Santos Agero conta publicar; como porém a publicação ainda tardará, resolvi aproveita-lo na *Revista Lusitana*, reservando para a introdução outro trabalho em que me sirva de todos os materiais que coligi.

ETNOGRAFIA [1]

I

DEFINIÇÃO DE ETNOGRAFIA

SUMÁRIO:

Povo e Etnografia, de modo geral. — Destrinça de alguns dos assuntos da Etnografia: supervivencia e convergencia; fenomenos subalternos que acompanham a civilização propriamente dita; côr local adquirida pelo que vem de fóra; arte popular, literatura oral, sabença do vulgo; tradições, criações espontaneas, adaptações; linguagem; a gente em si; terra da patria. — Nomenclatura. — Etnografia portuguesa. — O que é povo português. — Passado e presente. — A Etnografia ramo da Etnologia.

Quem não confessará que das mutuas relações milenarias, existentes entre os individuos que formam os agrupamentos chamados *povos*, resulta adquirir cada um d'estes certa comunidade de costumes, de pensar, de sentir, de querer, e até de aspecto fisico (modo de andar, de gesticular, etc.), além da que nasce da igualdança da fala, e da que póde advir da comunidade de origem? Tal unidade outorga-lhe natural autonomia, o que contribue para que a mór parte das vezes não se confunda, á primeira vista, ainda abstraindo das diferenças idiomaticas, um Castelhano, por exemplo, ou um Francês, com um Português. Qualquer pessoa, ao entrar numa nação estranha, apesar de vizinha ou afim, ou da mesma linguagem, logo reconhece que passou a um ambiente que diverge do seu proprio: outra aparencia arquitectonica, outro trajar do vulgo, outra maneira de entabolar contactos sociais: *está*, sem dúvida alguma, *fóra de casa!* Bem pensava o autor do *Espelho de casados*, ao escrever a

---

[1] Este artigo fórma os capitulos I e II da Introdução da *Etnografia Portuguesa*, que o autor está escrevendo.

fls. 38: «em um reino se guarda um costume, e em outro outro mui diferente».

Pertence a uma sciencia chamada Etnografia examinar o que é que dá indole e coesão a um povo, e o distingue de outro; o que nele é congenito e primitivo, ou que, com o tempo, e por apropriação do que lhe chegou de outro povo, se tornou tipico; os produtos directos (imediatos) e indirectos (mediatos) da sua psique, espontaneos, ou assim julgados. Produtos directos são, por exemplo, os especialmente intelectuais (poesia, mitologia, musica, etc.); indirectos são os restantes, porque todas as manifestações da actividade vital do homem, excepto as fisiologicas, dependem da psique: por exemplo, o cultivo de um hortejo, a preparação de umas papas, a feitura de um capote.

No começo de uma sociedade as circunstancias fisicas ou naturais fazem que a vida, que d'aí se segue, apareça não só miseravel e simples, senão muito uniforme: não ha maior luxo, nem menor luxo; uns que sejam mais cultos ou mais crentes, e outros menos. Com o andar dos seculos altera-se tudo: melhora a habitação, o vestuario, a comida; desenvolve-se o comércio, regulado por um valor definido, a moeda; oficinas grandiosas preparam optimos modos de transporte; literatura, arte, sciencia conferem ao espirito supremacia inaudita, pondo-o senhor e rei da Natureza; surgem instituições religiosas e politicas; a agricultura extrái do solo quanto ele pode gerar em beneficio do homem. Temos aqui vasta materia de que desenvolvidamente se ocupa a Historia da civilização, tomada esta ultima palavra em sentido corrente.

As mudanças não são porém de tal modo gerais, que não vejamos ainda ao pé de um palacio uma casota de pedras sôltas, igual ás que o homem paleolitico devia por vezes construir; e emquanto no templo o sacerdote cristão entoa hinos a Jesus, as pobres raparigas da aldeia não consultem o cuco acêrca dos anos que hão-de viver solteiras. No palacio temos progresso, na casota reprodução automatica do passado; nos hinos religião, no cuco abusão, que do mesmo modo ascende ao passado, mas directamente.

Com fenomenos e coisas que se consideram expressão solene da vida civilizada coexistem pois fenomenos modestos, que repressntam concepções ha muito sobrepujadas no conjunto das pessoas, pôsto que em parte ainda fixas no gôsto e alma popular (supervivencia), e coisas que, por dependerem

de circunstancias (economicas ou outras) analogas ás que vigoravam nos primeiros tempos, se assemelham (convergencia) ás coisas de então [1]. Tambem no campo mental, e na vida social propriamente dita, se observam fenomenos de convergencia, como no das coisas objectivas lembranças arqueologicas. — Em todos os referidos casos nos achamos por assim dizer em contraste com a civilização dominante.

Os proprios fenomenos e coisas que constituem a civilização acompanham-se a cada passo de costumes, ora singelos, ora poeticos, a menção dos quais não cabe, por exemplo, numa historia das instituições politicas, num tratado de agronomia, num regulamento escolar, num corpo de legislação, sem contudo deixarem de dar á vida colectiva um tom, graciosidade ou feição que importa conhecer para melhor a apreciar. Estão em tal caso, entre muitissimos outros costumes que teremos ocasião de observar no decorrer da presente obra, o arrancar um ramo de arvore na ocasião de se tomar posse de um dominio rural, o fazer bafejar pelos bois a cesta das sementes que vão lançar-se á terra que eles rasgam com o arado, as *latadas* da academia de Coimbra, o lugubre cerimonial de um enforcamento. Com os costumes coincidem aspectos de edificios, v. g., o interior de um tribunal, em que está pintada num quadro a figura da Justiça, e fórmas de coisas, v. g., de instrumentos penais.

Áquilo que se recebe de fóra imprime igualmente o tempo em regra um cunho, um verniz, que quasi o fazem ter por nacional, e entrar d'esse modo no plano de quem deseja conhecer os costumes da nação a que o objecto ou fenomeno

---

[1] A palavra *supervivencia*, designativa de restos do passado, que estão em contradição com a civilização geral da epoca em que ainda aparecem, foi introduzida na Etnografia por Tylor. Não corresponde exactamente a *superstição*. Vid. o mesmo autor, *La civilisat. primit.* (trad. do ingls.), t. II, cap. 3.º.

A palavra *convergencia* provém da historia natural. Por exemplo: um mosquito, um rouxinol, um morcêgo têm em comum poderem voar. Este caracter aproxima-os uns dos outros *(convergencia)*, mas os animais diferem completamente entre si, porque o primeiro é um insecto, o segundo uma ave, o terceiro um mamifero. Tão notavel aparece o vôo no morcêgo, que o povo numa adivinha chama *ave* a este animal.

importado ficaram pertencendo. Lembremo-nos, por exemplo, do chapeu e da liteira, vindos de França, como os nomes o provam, Quantas fórmas e designações concomitantes não apresenta aquele? A quantas canções de variada inspiração e estilo não dá origem? E a liteira não fez parte integrante do aparato das nossas casas nobres, envaidecida com o brasão que a distinguia, e a chocalhada dos machos que a transportavam estimulados pelo constante praguejar do liteireiro? A ideia de *mascote*, propagada ainda ha pouco, e tambem de França, está, pelo afan com que algumas classes sociais lhe deram guarida, a encorporar-se na tormentosa babel das nossas superstições. Muitas outras cousas e ideias, que hoje se consideram pertença da civilização, pois se introduziram com ela, virão tambem um dia a tornar-se etnograficas. Com as palavras que se admitem de uma lingua estranha acontece freqüentemente adquirirem, de igual modo, fórma nacional.

Se os produtos intelectuais, no grau mais elevado, se reputam apanagio da civilização, e patrimonio de um povo, considerado na totalidade, nem por isso faltam á plebe, ás classes chamadas inferiores ou infimas, aos rudes camponios, aptidões que se manifestam em obras artisticas (arte rustica) e literarias (literatura oral), ora independentes da arte e literaturas cultas, ora resultantes de imitação e transformação d'estas. Aí se revela genio nacional, sobretudo na literatura poetico-lirica, que na essencia é evidentemente o mesmo que encontramos nos poetas. De sciencia é mais pobre o vulgo, e excepto a que lhe provém da secular experiencía das coisas e da sociedade, e da observação directa da Natureza, devemós, pela mór parte, considerá-la supervivencia, por exemplo, na Medicina, ou adaptação, por exemplo, nos adagios.

Na vida de um povo civilizado ha, portanto, duas ordens de fenomenos e de coisas que convem distinguir: *a)* os que constituem, por assim dizer, patrimonio da nação, que ou foram gerados espontanea ou quasi espontaneamente, antigos, tradicionais, caracteristicos, e conformes com o genio d'ele, ou que foram trazidos de fóra; *b)* e os que pertencem propriamente á civilização, importados mais ou menos recentemente de outros povos.

Todos os fenomenos modestos de que acima se falou, enraizados mais ou menos na tradição; e os que já o vulgo, já o não-vulgo, quando no modo de pensar e sentir se lhe compare, vão semelhantemente produzindo no transcurso das

idades, por prazer, por instinto, e contemplação, admiração e idealização do mundo que os cerca; todas as coisas simples, de feição obsoleta e outras que eles criam a pouco e pouco por motivos identicos aos que os levam a inovações na vida do espirito, e juntamente, por necessidade, condescendencia com a civilização e desejo de bem-estar (a seu modo): eis aí, destrinçadamente, outros tantos temas que, a par com indicações gerais a respeito do uso da linguagem, entram no campo da Etnografia, sciencia moderna no alvo e metodo, e muito velha no que respeita a coleccionação de materiais. Falou-se agora da linguagem, porque com razão notou Gaspar Estaço nas *Varias Antiguidades*, cap. 90, § 4, que por ela «entra a conversação, e por esta os costumes, as artes, e politica».

É claro, que á menção do que fica especificado se deve agregar a das qualidades fisicas e psiquicas, mais gerais, da gente em cuja alma os fenomenos se passam, ou a que as referidas cousas e actos pertencem, e outro-sim a da terra que á mesma gente serve de patria e moradia.

Relativamente a um povo primitivo, ou a um povo selvagem, de caracter primitivo, não existe diferença entre Etnografia e os varios ramos da Historia. Tudo se unifica. A diferença existe apenas relativamente a um povo civilizado.

A mór parte das vezes os AA. reservam a palavra *Etnografia* para com ela significarem o estudo de um povo primitivo, selvagem, ou de média civilização; ao que num povo civilizado pertence, conforme o que fica dito, á Etnografia chamam *tradições populares* e *Folklore* (sabença do povo, o que o povo sabe), e á respectiva sciencia *Volkskunde* (conhecimento do povo, apreciação do povo) e *Demopsicologia*. A palavra *Folklore* tambem se emprega em sentido teorico, e não só objectivo. *Volkskunde* tem sentido mais vasto que *Folklore*, porque abrange no seu ambito fórmas sociais, cousas materiais, etc., e é palavra sòmente adoptada em terras de lingua alemã. *Demopsicologia* usa-se pouco, e sobretudo na Italia a usou Pitré. Varios museus, denominados *etnograficos*, contêm de modo exclusivo objectos provindos de povos como os que ficam mencionados, e nenhuns da propria nação. Todavia os Italianos possuem em Roma um Museu di *Etnografia* italiana, e em Palermo um Museu *etnografico* siciliano, e pela *Etnografia italiana* trabalharam, ou trabalham, afincadamente, o já mencionado Pitré, Lória, Novati, Mochi, e outros muitos

(alguns d'eles hoje falecidos); existe igualmente uma Sociedade *di Etnografia Italiana*. Em 1917 publicaran Aranzadi y Hoyos uma *Etnografia, sus bases, sus métodos e aplicaciones a España;* e em San Sebastiãn ha um *Museu Vasco (Etnografico)* cujo Director (D. José Aguirre) dá a lume periodicamente um boletim com esse titulo. Apar de museus *etnograficos* ha-os de *Folklore*, por exemplo, um em Antuérpia, de caracter local, ou nacional, onde se coleccionam modelos de casas, mobiliario, trajos, etc., e ha-os de *Volkskunde*, por exemplo, um em Viena de Austria, e outro em Berlim, modestamente chamado «Sammlung (colecção) für Volkskunde», — classificado por provincias.

Julgo que *Folklore*, considerado objectiva ou teoricamente, deve sobretudo abranger materias de superstições, literatura (xácaras, canções, adivinhas, rimas infantis, ensalmos, contos, lendas), musica, folgança, jogos, festas, isto é, o que anda na voz e na prática do povo, e mais comummente se designa pela citada expressão de «tradições populares». Ao estudo do conjunto dos objectos materiais convem continuar a chamar *Ergologia*, ou *Tecnografia*, nomes já adoptados. Como entre as sciencias não podem de ordinario estabelecer-se distinções terminantes, acontece haver assuntos, por exemplos, jogos, que tanto pertencem ao *Folklore*, como á *Ergologia* (melhor seria dizer *Ergografia)*.

*

De acôrdo com as ideias apresentadas até aqui, entende-se na presente obra por ETNOGRAFIA PORTUGUESA o estudo do povo português, no que toca ao mais saliente da sua personalidade fisica e psiquica, ás suas divisões, classes, tipos, e alteração numérica ao longo das idades; aos seus costumes de feição antiga e no conjunto caracteristicos [1], — dando-se á palavra *costumes* sentido bastante lato, pois, além das ideias que habitualmente se lhe ligam, compreendem-se neles especies economicas, estrutura social, etc. — ; ás suas tradições, quer orais (isto é, que andam na voz do vulgo, de gèração em gèra-

---

[1] *No conjunto caracteriscos*, porque, avulsamente considerados, raros serão os costumes a que não se descubram paralelismos em povos estranhos. Esse descobrimento até foi uma das mais fecundas aquisições da sciencia moderna.

ção), quer objectivas (isto é, coisas tradicionais, por exemplo, uma fonte, uma aldeia, um cajado); ao seu *hábitat*, encarado sob o aspecto natural e historico, tanto quanto baste para a nitida compreensão ou interpretação da vida tradicional ([1]). Tambem, a modo de *parergon*, se ha-de tratar da origem do povo. — Melhor do que definições, falará o plano e execução da obra.

E o que é povo português?

Do sec. XI (criação do estado português: vid. Liv. I, cap. 2, *a)* para cá, a ninguem faz duvida o que ele seja, porque os individuos que o formam estão ligados entre si pela historia, pelo territorio (com as oscilações indicadas no cit. Liv., caps. 2 e 3), por paridade de interesses, de ideal, de sentimentos (amor reciproco, da patria, da tradição, orgulho nacional, crenças religiosas), e por instituições politicas. Mas anteriormente ao sec. XI, quando é que póde começar a falar-se de «Portugueses»?

Cingindo-nos á palavra designativa da região que ocupam, sabemos que no sec. X aparece já várias vezes em documentos menção de *territorio portucalense* e *portugalense*, ora com referencia ao bispado do Porto, ora a um distrito civil (adiante no cit. Liv., cap. 2, *a*, se produzirão as provas).

Nos fins do sec. IX o Porto estava governado por um conde, juntamente com Tuy: *Ermenegildus* Tudae et *Portugale* Comes, na cronica de Sampiro, § 9. *Portugale* significa a cidade e a par o seu territorio, caso a palavra não se aplique a todo o trato de terra que vai do Douro ao Minho, o que explicaria a interrupção geografica que o senhorio de Ermenegildo aparenta (um extremo nas margens d'aquele rio, o outro nas d'este) ([2]). O supor Florez, *España Sagr.*, XIV, onde

---

([1]) Este ultimo assunto, na totalidade, pertence a uma sciencia chamada agora *Antropogeografia* (Ratzel, 1882, etc.). Tanto está relacionada a Antropogeografia com a Etnografia, que no regulamento do Congresso Internacional de Geografia anunciado para 1911 (Roma), as duas Sciencias se inscreveram juntas, no art. VII, § 4.º. Cf. ao mesmo tempo o que diz Van Gennep, *Religions, mœurs et légend.*, IV, 39, a respeito da *Géographie Humaine* de Brunhes.

([2]) Falando do sec. XI, diz o A. das *Dissert. Chron.*, IV, pt. 1.ª, 27, que não repugna admitir que o governo do Porto e

a cronica se contém, que o lugar, a que pertence o trecho, fôra interpolado, não contradiz a existencia do Conde, porque ela se averigua por outros textos: vid. Monsenhor Ferreira, *Memorias do Porto*, I (1923), 98, nota. Documento ainda mais importante, no que toca á nomenclatura territorial, é uma doação á Sé de Lugo por D. Afonso II das Asturias, no ano de 841, a qual J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, IV, pt. 1.ª, p. 25, transcreve da *España Sagrada*, XI, 378, e onde se diz que, em vista da destruição em que se achava Braga, causada pelos Arabes, fique logo aquela igreja sendo metropole *totius Gallaeciae seu* P o r t u g a l e n s i s P r o v i n c i a e, isto é, de toda a Galiza e da Provincia Portugalense. Vid. tambem G. Barros, *Hist. da adm.*, t. V (inedito), tit. I, cap. 1.º: divisão do territorio. J. P. Ribeiro, dando a *seu* o valor de «ou», julgou, por causa do absurdo resultante, que a parte que espacejei era uma nota marginal acrescentada ao documento posteriormente; mas no latim da idade-média *seu* valia muitas vezes «e» (Du Cange, s. v.). *Provincia Portugalensis* designa o territorio que tinha como capital o Porto.

Para além do sec. IX os documentos não nos dão, no ponto que nos importa, senão o nome da propria cidade do Porto: *Portocale*, *Portucale*, do sec. VII ao V: vid. *Arch. Port.*, XI, 332. Ora evocar estes seculos corresponde a evocar ainda a Lusitania, da qual tratei noutra obra. Por conseguinte, se pelo que toca ás palavras queremos estabelecer distinção entre um territorio chamado *Lusitania* e outro chamado *Portugal*, isto é, entre Lusitanos e Portugueses ou Portugalenses, devemos pô-la na transição do sec. VII para o IX, ou como quem dissesse: no sec. VIII. Então invadiram os Arabes a Peninsula, o que trouxe a toda ela abalo enorme, na geografia, nos costumes, na constituição antropologica: e dá-se assim a coincidencia de a uma mudança de estado de coisas corresponder uma mudança de nome geografico.

Os laços que vinculavam os habitantes de cada territorio um tanto extenso estreitavam-se sem dúvida em face do inimigo e perigo impendentes: do que resultava que certa cons-

---

seu territorio se estendesse para o Norte e Nascente, e até compreendesse Braga, que não consta tivesse então governador particular. A minha hipotese tem, portanto, bom paralelo a que se arrime.

ciencia de solidariedade ligasse os habitantes do territorio designado pela palavra *Portugal*, e, do mesmo modo que os contrapunha aos Arabes, os contrapusesse tambem ás gentes asturiano-galecas, suas rivais, apesar das afinidades étnico-geograficas com a Galiza (1).

Tal consciencia de solidariedade, desenvolvida de local em nacional, á medida que o territorio se alargava, e expressa por um idioma que a princípio era comum ás terras das duas margens do rio Minho, o *galaico-portugalense*, e depois adquiriu independencia brilhantissima, o *português*, tinha a apoiá-lo bom número de elementos de vida etnica, segundo se mostrará no decurso da presente obra: e bastantes d'eles ascendiam a eras muito remotas (2) — : elementos a que o estimulo maritimo, que com a conquista do Sul transformou a existen-

---

(1) As afinidades etnico-geograficas de que se fala no texto, e bem assim as tentativas feitas nos primeiros seculos da monarquia para a união da Galiza a Portugal, o que levou O. Martins a empregar na *Hist. de Portugal*, t. I, liv. 2.°, cap. I, várias vezes, a expressão «hegemonia de Portugal na Galiza», não deviam impedir que houvesse rivalidades. Ha-as sempre, maiores ou menores, entre povos vizinhos, sobretudo quando um d'eles (o galego), como aqui, se julgava superior ao outro. Para que produzir agora exemplos modernos, que nesta obra, a seu tempo, aparecerão em barda?

(2) Acêrca de alguns elementos que a civilização portuguesa deve á lusitana, vid., por exemplo:

— F. A. Coelho, in *Compte rendu* do Congresso de Antrop. e Arq. prehist. de Lisboa, de 1880, p. 438 segs.; e cf. do mesmo A., *Costumes e crenças*, etc., p. 4;

— G. Barros, *Hist. da administr.*, t. I, liv. 1.°, tit. 1, 2, 4; t. III, *passim*; t. IV, tit. 1, cap. 1;

— T. Braga, *O povo português*, t. I e II (1886);

— A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal*, Porto 1903 (= *Estud. hist. e economicos*, Porto 1923, p. 3 segs.);

— Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, Porto 1924, p. 319 segs. e p. 371 segs.;

— J. L. de V.: *Relig.*, t. I, p. XXV-XXVII, t. II, pt. II, secção I, e t. III (Vestigios do Paganismo); *O Arch. Port.*, XXIV, 87 segs., e 274; *A figa*, Porto 1925, p. 89 segs.; *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pp. 320-329.

cia politica do Portugal antigo, deu depois nova fôrça e novo impulso.

O Conde D. Henrique e seu filho, quando lançaram as bases da nação portuguesa, acharam por conseguinte outras condições para isso, além das que provinham do valor guerreiro dos barões que os acompanhavam.

Este povo heroico e glorioso. que se separou de Lião, que expulsou de cá os Mouros e em seguida os foi bater nas suas proprias terras, que descobriu mares, povoou ilhas, rasgou novo caminho para o Oriente, tornou mais conhecida a Africa, trouxe o Brasil ao convivio da civilização; este povo, que nos sec. XVI e XVII tanto enriqueceu a literatura historica, geografica e etnografica, fruto das longas viagens; que entusiasmou o mundo com uma epopeia, onde palpita o coração da patria, e que, oferecendo-nos revestido de fórma classica um tema de inspiração nacional, se tornou acabado modelo de arte, como nenhuma outra nação moderna o produziu, do mesmo genero; este povo de tão variadas aptidões, que, ao mesmo tempo que traduz seus intimos arroubos no mais aceso lirismo, atravessa os ares em fragil avião, intrèpidamente, só levado do sonho de encontrar mais um instrumento de progresso: este povo, como melhor se explicará no Liv. II e III, teve todavia primordios singelos. Por isso a eminencia do apogeu mais sobressaiu depois, e esta pelo seu lado fará que se julgue sem acrimonia a decadencia actual, visto que um povo não póde manter-se sempre grande.

Na expressão *Etnografica Portuguesa* está compreendido o Continente português, e as Ilhas adjacentes. A respeito das últimas não pôde o autor relatar tantos factos como seria mister, e como ele desejaria. Fica de fóra, por falta de informações, o elemento português das colonias antigas e modernas, senão absolutamente, ao menos como regra. — O Brasil fórma hoje nação independente, e o autor não tem de se ocupar d'ele, embora o estudo da parte portuguesa das suas tradições seja natural e apreciavel complemento das nossas.

A *Etnografia Portuguesa* refere-se principalmente aos tempos modernos; todavia, a par com factos actuais, e como antecedentes logicos dos mesmos, mencionar-se-hão nela, tanto quanto o autor for capaz de isso, factos antigos, da idade-média em diante: a obra fórma, pois, em certa medida, continuação da que se intitula *Religiões da Lusitania*, pois

que começará no sec. VIII, quando, segundo vimos, acabou a Lusitania historica, e como que já surge Portugal.

*

Considerada em geral, a *Etnografia*, que póde ser puramente descritiva, ou comparativo-genetica, e póde aplicar-se a um periodo determinado ou a um conjunto de periodos, desde a antiguidade, faz parte de uma sciencia mais vasta, a *Etnologia*, que se ocupa do que já fica atribuido áquela, e além d'isso das origens e da razão de ser de um povo, das leis a que obedece o seu desenvolvimento colectivo. Ao exame das origens de um povo, baseado em elementos ministrados pela Antropologia, sciencia que estuda o homem como ente natural, e as raças humanas (ramo, portanto, das sciencias naturais), e pela Historia, pela Glotologia, etc., consagra-se particularmente a *Etnogenia*.

Aparece-nos assim o quadro seguinte:

ETNOLOGIA:

I. — *Etnogenia*.

II. — *Etnografia*: *a)* territorio e povo,
b) *Folklore*,
c) Ergografia.

Aquilo, que a respeito de certo periodo é etnografico, torna-se em parte arqueologico, tratando-se de um periodo posterior. Por isso a Etnografia, aplicada ao passado, fica sendo nesse caso Arqueologia,

III. — *Etnologia geral*.

A noção ligada á palavra *Etnologia* não apresenta nos AA. menos incerteza que a que se liga a *Etnografia*.

Os Alemães usam uma palavra cómoda para significarem de modo geral o estudo dos povos: *Völkerkunde*, a qual se traduzirá por «Etnologia» ou «Etnografia». Mas eles proprios dividem a *Völkerkunde* em: 1) *Etnografia* ou *Völkerkunde* descritiva, e 2) *Etnologia* ou *Völkerkunde* comparativa e geral: vid. M. Haberlandt, *Völkerkunde* (Göschen), I, 10-11, e Heilborn, *Allgemeine Völkerkunde* (Aus Natur und

Geisteswelt), I, 10. Por outro lado, K. Knortz, *Was ist Volkskunde?*, Jena 1906, p. 3-4, estabelece que o dominio em que se estende a *Volkskunde* se reparte triplamente: 1) Antropologia, 2) Arqueologia, 3) Etnologia, que se ocupa do homem como criatura social, isto é, com suas leis, artes, concepções religiosas, linguas e memorias historicas; ao ramo da Etnologia, que trata especialmente das canções, jogos, festas, contos, lendas, linguas e usos de um povo, chama *Folklore* (á inglesa). W. Foy, na introdução á *Methode der Ethnologie*, de Graebner, Heidelberg 1911, p. IX e nota 2, chama *Historia da civilização*, em sentido restrito, á europeia e á dos povos que na antiguidade estiveram em relação com o Sul da Europa, e *Etnologia* á historia da civilização dos restantes povos extraeuropeus. Em Berlim ha um rico «Museum für Völkerkunde», onde está representada a Prehistoria, e bem assim a Etnografia, no sentido da Etnologia de Foy; a Etnografia nacional pertence á já acima mencionada «Sammlung für deutsche Volkskunde».

Numa excelente obra intitulada *Illustrierte Völkerkunde*, colaborada por varios AA. e dirigida por Buschan (Estugarda, 3 vol., nova edição, 1922-1926), dá-se igualmente á Etnologia o nome de *Völkerkunde* comparativa, que se define: sciencia que se ocupa do homem psiquico e social: vol, I, p. 1. A obra é muito complexiva, alcança todos os modernos povos do globo, e ainda por vezes se refere a povos e tempos antigos. No volume II-2, correspondente á Europa e territorios que a rodeiam, importa-nos particularmente o § consagrado á «População da Peninsula pirenaica» (d'entre todas as civilizações romanicas é ela que de certo possue maior cunho e antiguidade; considerações antropogeograficas; lance de olhos a todas as esferas da vida colectiva: habitação, agricultura, industria, trajo, religião, costumes, etc., aqui e além com indicações da origem), e a secção que trata da «Civilização popular da Europa, na sua evolução historica» (economia rural, habitação, industria, arte, vida social, concepções filosoficas, etc.). O que fica dito mostra um pouco o caracter da obra.

*

Entre nós, já em 1880, em que se realizou em Lisboa a 9.ª sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia prehistoricas, se procurou, num opusculo intitulado *Anthropologia* e assinado por E. D., definir não só Antropologia, senão tam-

bem Etnografia e Etnologia, segundo as ideias de Topinard *(L'Anthropologie)*. Depois trataram do assunto, mais ou menos *ex professo*, Oliveira Martins na *Anthropologia* (1.ª ed., 1880, 2.ª ed., 1881), e *As raças humanas e a civilisação primitiva* (2 vols., 1.ª ed., 1881; sirvo-me da 3.ª, 1905), e Adolfo Coelho numa critica feita aos dois ultimos trabalhos (no *Jornal do Commercio* em 1882: n.os 8476,-86,-99, 8511,-27), e noutros escritos que vão citar-se. Oliveira Martins, tanto nas obras mencionadas, como na resposta que deu a Coelho, no mesmo *Jornal*, reproduzida nas *Raças humanas*, II, emprega as expressões *Etnografia* (I, 75, 84, e *passim*; II, 272), *Etnologia* (II, 269-271), *Etnogenia* (I, 75, 84), em acepções gerais, correspondentes á fórma que as palavras apresentam.

O mais importante provém de Adolfo Coelha. Na *Rev. de scienc. natur. e soc.*, I (1889), 49 sgs., chama *Etnica* á sciencia que estuda os povos, e divide-a em: I) *Etnografia* (descritiva); II) *Etnogenia* (origem e parentesco); III) *Etnologia* «ou estudo geral das condições de formação e desenvolvimento dos povos, das variações do caracter etnico sob a influencia de acções naturais ou sociais, dos diversos tipos de sociedade que os povos nos apresentam, dos diversos elementos de vida social» (pp. 51-52). Do que diz de Etnografia não resalta bem nitido se se refere a todos os povos, ou apenas, no sentido usual, aos extra-europeus. Noutro seu estudo, publicado pela Sociedade de Geografia de Lisboa em 1890, como preparatorio de uma exposição etnografica que não chegou a realizar-se, subordina porém claramente o povo português á ideia de Etnografia, pois o estudo até se intitula *Exposição etnografica portuguesa*. Esta exposição compreenderia «sobretudo objectos materiais, proprios para dar ideia da vida do povo português (Portugal e Ilhas adjacentes) no que ele tem de proprio, de caracteristico e tradicional, embora resultado de assimilações realizadas ha mais ou menos tempo» (p. 11). No programa exposto a p. 12 segs., traça o autor não só o que, como fica declarado, pertence á Etnografia objectiva, senão tambem tudo o mais que é assunto etnografico. Eis o sumário: I, a terra; II, o homem; III, a historia (origens etnicas influencias externas, factos historicos reveladores do caracter do povo português); IV, a vida hodierna.

O que se extratou de Adolfo Coelho não é, nem podia ser, inteiramente original, porque muito se havia escrito lá fóra antes d'ele, acêrca da materia, e ele proprio cita algu-

mas obras fundamentais [1]; é, sem embargo, no conjunto, bastante metodico. Ao mesmo tempo se vê d'esse extracto quais os pontos em que me aproximo ou afasto do Mestre. Onde o Mestre põe *Etnica*, ponho eu *Etnologia*, e ao que chama simplesmente *Etnologia*, chamo aqui *Etnologia geral*. A ideia de relacionar elegantemente, em um titulo, o *homem* e a *terra* ascende já, pelo menos, a A. Maury, *La terre et l'homme* (3.ª ed., 1869). Nos pormenores, que por brevidade não especifiquei, mas que constam da *Exposição etnografica*, ver-se-ha adiante que divirjo completamente de Adolfo Coelho.

*

A obra que vem agora a público é propriamente de Etnografia descritiva (vid. o quadro de p. 270); o autor só invadirá um pouco o terreno da Etnogenia, quando falar da origem do povo português, e o da Etnologia geral, na conclusão da obra, etc. Quanto ao campo da Etnografia comparativo-genetica, só por incidente lá entrará, o que não significa que na indicação dos fenomenos etnograficos e dos objectos materiais não siga, quanto lhe fôr possivel, a ordem historica, evolutiva, ou ideologica do seu aparecimento. Para se escrever da génese de cada elemento ou grupo de elementos da vida tradicional portuguesa falta ainda muito. Por si, o autor tentou alguma cousa d'isso nas *Canções do berço* (1907), no *Signum Salomonis* (1918), nos *Ex-libris tradicionais* (1918), na *Barba em Portugal* (1925), na *Figa* (1925), e em curtas notas ou artigos, que não importa especificar.

EXCURSOS.

1. As palavras *uso* e *costume*, e expressões conexas.

Uso vem do lat. usus, de utor, e significa acção de se servir alguem de uma cousa, praticar uma acção. «O uso de cabeleira e cara rapada no sec. XVIII», por exemplo.

Costume, do lat. consuetudo, significa uso repetido, tradicional. «O uso do calção tornou-se *costume* em certas classes, por exemplo, nos Campinos».

---

(1) Da historia da *Völkerkunde* falou sumariamente M. Haberlandt, I, 11; e Lasch em Burchan, I, 3, sgs.

Será esta a diferença, mas na prática as duas palavras confundem-se muitas vezes, embora se ponham a par: *uso e costume* (na Beira dizem: *é úsio costume*, por: *é (o) uso e o costume)*.

No plural *costumes*, «correspondêndo ao latim mores, indica particularmente actos moraes do homem ou das nações, que frequentemente se praticão, e que varião segundo os tempos e os lugares». (Roquete & Fonseca, *Dicc. dos synonymos* etc., Paris 1871, p. 366).

Usança deriva de *usar:* acção de usar. «*Cada tempo sua* USANÇA», diz Gil Vicente, I, 257. O sufixo *-ança* adquiriu depois certo caracter pejorativo e degenerativo: *andança, festança, papança;* «a *mestrança* cá de Lisboa», conjunto dos melhores medicos: mas por graça. — *Usança* será um uso pouco firme, gasto, degenerado.

Costumeira, palavra formada de *costume*, talvez na origem adjectivo (cousa ou acção *costumeira*, consuetudinaria»: de costume; que costuma fazer-se ou acontecer) tem quasi a mesma significação de *usança*. O *Grande Diccionario* define-a: costume, costumagem, em sentido pejorativo; o *Novo Diccionario:* costume de pouca importancia.

Na idade-média, dava-se o nome de *costume* ao direito consuetudinario local: *costume he, e des hi he dereyto* («e por isso é direito»), nas *Leges et consuet.*, p. 300, n.° 192, p. 301, n.° 194. Cf.: Herculano, *Casamento civil*, Lisboa 1866, pp. 32-33; G. Barros, I, 33. Ainda hoje dizemos: *costume faz lei*. Temos, como se dirá adiante, várias compilações de *costumes medievais*, chamadas assim mesmo: vid. algumas notícias em G. Barros, *ibidem*. O *Elucidario*, s. v. «*custume afortelezado*, traz: «tal he o que se funda no direito, razão, e consentimento geral do povo, ou nação. E os costumes d'esta qualidade se chamam *costumes louvados*», e remete o leitor para as *Orden. afonsinas*, liv. II, tit. 1.°, art. 40, e tit. 2.°, art. 10. — *Costumeiro* «collecção de costumes ou artigos que formam o direito particular, não promulgado por lei, d'um paiz, d'uma jurisdicção» *(Grande Diccionario)*; livro dos costumes de uma frèguesia (direitos do páraco, procissões que devem fazer-se, etc.), por exemplo *Costumeiro dos vigarios e freguesia de Mire*, 1755 (concelho de Braga), manuscrito. *Costumeiro* é tambem nos Jesuitas uma especie de regulamento, ou *regra* semelhante á dos conventos (horario, actos da comunidade, serviços da igreja, festas, ladainhas, novenas, exerci-

cios espirituais, refeitorio, etc.): existe no Museu Etnologico um exemplar do *Costumeiro da provincia de Portugal*, que pertenceu ao Colegio de Campolide, e tem a data de 1901. *Costumeiro* é que é sem dúvida adjectivo na origem: «livro costumeiro».

Costumagem já acima foi indicado como sinonimo de costumeira: vem em Gil Vicente, I, 236, onde o *Grande Diccionario* o colheu. De outra acepção (tributo, etc.) tratou o P.e Viterbo, *Elucidario*, s. v. «custumagem ou costumagem».

2. De quando começaram a usar-se entre nós as expressões *Etnografia* e *Folk-Lore*.

A palavra *Etnografia*, derivada de ἔθνος «raça», «povo», etc., parece que comèçou a usar-se lá fóra pelos fins do sec. XVIII: vid. Kaindl, *Die Folkskunde*, Leipzig 1903, p. 13; e *Atti del primo Congresso di Etnogr. Ital.*, Perugia 1912, p. 205. Em Portugal encontra-se pela primeira vez, que o autor saiba, em 1815, num artigo do Visconde da Lapa, Manuel de Almeida, sôbre *Statistica*, publicado nas *Memor. econom. da Academia das Sc.*, V, 159, como estudo do que seja a raça dos homens de uma nação, e a sua origem. Depois aparece sucessivamente, em 1831 na 4.a ed. do *Dicc. da Ling. port.* de Morais, feita por Oliveira Velho («arte de pintar os costumes das nações»: a definição é do editor); em 1844 no *Panorama*, num artigo de A. Herculano (já na fórma de adjectivo, pois o artigo intitula-se «Reflexões *ethnographicas*, philologicas e historicas» etc., já como substantivo, p. 393; o autor cita a p. 392 o *Atlas ethnographique* de Balbi, 1826); em 1853 na *Resenha da litterat. portug.* de Silvestre Ribeiro («sciencia que tem por fim a classificação dos povos»). E sucessivamente, em dicionarios e outras obras, até o presente. No *Grande Diccionario*, dado a lume com o nome de Fr. Domingos Vieira, t. III (1873), até está a par de *Etnologia*, *Etnogenia* (e *Etnogenealogia)*, por inspiração, certamente, de F. Adolfo Coelho, que no *Diccionario* colaborou. — O adjectivo *etnico* é mais antigo: ascende, pelo menos, ao sec. XVII: num texto do P.e Fernão de Queiroz, de 1689, citado por Bluteau, *Vocabulário*, s. v., porém no sentido de «pagão», «gentio», que é o do lat. ethnicus. Tambem Bernardes o empregou no mesmo sentido, na *Nova Floresta*, II (1708), 102: *poeta ethnico*.

A expressão inglesa *Folk-Lore*, ás vezes transcrita *Folklore* (uma só palavra) nas nações romanicas, foi introduzida na sciencia em 1846 por proposta de Thoms no *Athenäum* de 22 de Agosto: vid. *Zs. des Vereins f. Volkskunde*, I, 1. Tornada internacional, temo-la em Portugal a primeira vez, como creio, num artigo de Consiglieri Pedroso sôbre «Mitografia portugueza» no *Positivismo*, 1880, p. 438, nota 1, e ganhou terreno d'aí em diante; alguns chegam a grafá-la *Folclore*; no *Seculo* de 11-I-928 alguem escreveu *Folquelore!* O *Novo Dicc.* de C. de Figueiredo arquivou-a na mencionada fórma *Folclore*, com o derivado *folclorista*.

II

DIVISÃO DA ETNOGRAFIA PORTUGUESA

Existem muitas e variadas classificações etnograficas, todas mais ou menos insuficientes. Confessa o autor da presente obra que examinou dezenas d'elas, respeitantes a povos europeus e extra-europeus, a idades antigas e modernas [1], e que tambem da sua parte esboçou algumas, que depois destruiu, descontente d'elas: pelo que se lhe afigura ardua ou impossivel tarefa tentar oferecer aos leitores uma classificação que definitivamente lhe agrade, e o subtráia á censura dos outros; e resolveu que, com tanto que publique inteira a enorme quantidade de materiais que reuniu, e o faça com um pouco de metodo, posto que criticavel, a austera rigidez da classificação não deveria continuar a preocupá-lo.

Da definição de *Etnografia* (vid. supra, cap. I) resulta que, sendo os fenomenos etnograficos produto da actividade social, e dependendo eles grandemente da geografia fisica, importa começar por se falar d'esta. Como porém o homem, de posse da terra, a reparte consoante as circunstancias naturais e as necessidades colectivas, e vai a pouco e pouco denominando os repartimentos, far-se-ha seguidamente ao estudo da geografia fisica uma sumária exposição de geografia poli-

---

[1] Para não acumular erudição ociosa, não se fazem citações, nem se discutem os planos das obras.

tico-historica, e panoramica, sobretudo no que toca á tradição popular.

Eis o palco em que o drama da vida se representa. Vem depois o protagonista, isto é, o povo, segundo as suas origens, densidade, agrupamentos, e caracteres. Em rigor, não era preciso tratar das origens, porque isso pertence á Etnogenia; mas fica assim a exposição mais acabada. Cf. supra, p. 273.

Compreende-se que um individuo possa sòzinho caçar, cultivar um campo, exercer uma indústria, construir e habitar uma casa (fenomenos e coisas da vida material), e bem assim cantar, dançar, rezar (fenomenos da vida moral ou psíquica); e como por outro lado ha fenomenos que na essencia constituem a familia, ou dependem d'ela, por exemplo, o casamento, o baptismo, o luto, ou da sociedade, por exemplo, a moeda, o comércio: parece, pois, ao repente, que os factos etnograficos formam tres classes nitidas, conforme respeitam ao *individuo*, á *familia*, á *sociedade*. Todavia, reflectindo bem, vê-se que todos os fenomenos e coisas de que se ocupa a Etnografia dependem da vida colectiva, como de modo claro o diz ἔθνος «povo»; por isso tal classificação não bastaria, nem seria só por si rigorosa. Mais valerá estabelecer aqui um termo-medio entre a vida do homem propriamente dito, e a do conjunto social.

Considerar-se-ha o ser humano desde o momento de surgir do ventre materno. Depois de criado, e entregue ao mundo, vê-lo-hemos sempre cuidadoso da sua vida material, e concomitantemente com o espirito desperto para investigar a Natureza que o rodeia, e para se recrear a si mesmo. Não ha dúvida que o homem pertence á Natureza: aqui vai-se com a linguagem vulgar e ordinaria. O instinto sexual, a pouco e pouco sublimado pelo amor, impele um para o outro o macho e a femea, e eis a familia; laços de contínuo mais intimos, vão ininterruptamente ligando os individuos, e estes chegam a organizar-se em sociedade, cada um dos membros da qual por último definha, e morre.

Deve atender-se a que a prèsente obra não é uma historia da sociedade portuguesa, é uma exposição dos costumes e elementos tradicionais que formam esta. Os fenomenos etnograficos de que se aqui trata nem sempre são sucessivos uns a respeito dos outros, ás vezes são coexistentes. Ao mesmo tempo que, por exemplo, o malhador sua na eira, alivia-se, trauteando uns ritmos; e enquanto a mãi embala um

filho no berço, procura desviar as Bruxas, para que lh'o não chupem. Por isso uma classificação etnografica só poderá fazer-se em linha vertical, e não em linha horizontal que apanhe tudo seguido, e de uma vez. Cada divisão diferença-se das restantes, e póde não lhe suceder cronologicamente. Opõe-se além d'isso a uma classificação racional o cruzarem-se os campos. Um fenomeno ou cousa pertence muitas vezes simultaneamente a mais de um campo: a religião, por exemplo, pertence á vida psíquica e á social; a arte tem íntimas relações com a indústria; os escravos entram no estudo das classes e no da vida doméstica.

Entretanto, com a classificação acima proposta, forma-se uma especie de biografia individuo-social, que permite abranger num relance a súmula da vida tradicional do nosso povo.

Como remate da obra, traçar-se-ha uma sintese ou resenha do que se estudou antes, para se tirarem algumas conclusões sociologicas. Será essa a cupula da *Etnografia Portuguesa.*

Plano geral:

Livro I. — *Terra de Portugal.*
Pt. I. — Descrição fisica.
Pt. II. — Historia do territorio:
A) Delimitação de fronteiras.
B) Povoamento.
Pt. III. — Divisões territoriais antigas e modernas.
Pt. IV. — Aspectos regionais fisico-politicos.

Livro II. — *O povo português.*
Pt. I. — Origem.
Pt. II. — Variações da população numerica.
Pt. III. — Grupos etnicos ou etnico-geograficos.
Pt. IV. — Caracteres.

Livro III. — *Vida tradicional portuguesa* (o individuo, a familia, a sociedade).
Pt. I. — Costumes e tradições respeitantes ao nascimento do individuo. Infancia. Entrada nas lutas da vida.
Pt. II. — Costumes e tradições respeitantes á vida material do adulto.

Pt. III. — Vida psíquica.
Pt. IV. — Aproximação dos sexos. Familia.
Pt. V. — Sociedade politicamente organizada.
Pt. VI. — Costumes, tradições e concepções respeitantes á doença, e ao deperecimento do individuo.
Pt. VII. — Costumes, tradições e concepções respeitantes á morte. Funeral, e outras conseqüencias.

Livro IV. — *Resenha etnografica.*

Tambem este livro IV se divide em partes ou capitulos, que depois se especificarão.

Possivelmente na seqüencia da impressão tipografica alterar-se-ha algum titulo, ou modificar-se-ha o plano em algum ponto.

A parte V do livro III não contende com as pts. II e III, porque os fenomenos e cousas estudados nela dependem tambem ora da Natureza material, ora da Natureza psíquica. Para não se destruir o encadeamento das ideias, mencionam-se nas mesmas duas partes factos que, apesar de se assemelharem aos da parte V, por serem colectivos, acomodam-se melhor ao pé de factos congeneres, por exemplo, a *montaria*, ao pé da caça, o *teatro* ao pé de outras produções literarias. Por isso se empregou nessa parte V a expressão *sociedade politicamente organizada*, para a distinguir da simples *colectividade* ou *comunidade*. Da sucessão dos seres resulta que certos episodios naturais se repetem: assim, por exemplo, na existencia de um casal que tem filhos, a vida infantil aparece duplamente á consideração d'ele: a que o proprio casal passou, e a que os filhos depois passam ao bafejo dos páis. Se o cruzamento ou intersecção de que se está falando fôsse obstaculo absoluto ao ordenamento de uma classificação, a mesma vida infantil, que na presente obra inicia o liv. III, e que outros AA. estudam na secção destinada á vida da familia (e ora no comêço, ora no meio), deveria ir no fim de tudo, porque as crianças imitam em seus entretimentos a vida dos adultos, e inclusivamente costumes relacionados com a morte! — Quando a logica o exigir, pôr-se-hão remissões de uns capitulos ou partes para outros, o que evitará repetição de materias.

No estudo dos multíplices grupos de elementos constitu-

tivos da nossa vida tradicional, subordinados ás diversas partes em que se scinde o liv. III, o autor seguirá, quanto lhe for possivel, como já disse a p. 273, a ordem evolutiva que com relação a elementos paralelos se observa na historia do genero humano, considerado em toda a sua extensão e desde os tempos primitivos. Ao tratar, por exemplo, da alimentação, começará por falar do costume de aproveitar para isso frutos silvestres, e certas hervas que nascem espontaneamente á beira dos rios. É claro que muitos assuntos indicados nos titulos dos capitulos ou secções, em que as referidas partes se sub-dividem, por exemplo, habitação, moeda, etc., só os tratará o autor nos elementos tradicionais ou tipicos de cada um; a contextura e o desenvolvimento competem a sciencias ou disciplinas especiais: a casa á Arquitectura, a moeda á Numismatica, á Economia politica, ou á Historia monetaria.

Como ás vezes um capítulo tomaria enorme extensão, se se vasasse nele toda a materia que lhe concerne, destinou o autor a volumes suplementares o desenvolvimento da mesma, e contentou-se de expôr no respectivo lugar apenas o que baste para a seqüencia das ideias. Assim, quando se ocupar do lirismo popular, não intercalará aí um cancioneiro de milhares de poesias, que interromperiam de modo violento a doutrina: ficará este Cancioneiro para um dos tais volumes. O mesmo acontecerá a respeito dos romances, da religião (calendario), da novelistica, dos jogos, dos adagios, de grande parte das superstições, etc. Apesar d'isso agregar-se-hão ás materias da parte sistematica rimas e outras especies etnograficas quando aquelas o exigirem como complemento ou explanação, segundo o autor tem feito noutras obras, em circunstancias analogas.

A obra deve ser profusamente acompanhada de gravuras, que elucidem o texto; e colaborarão nela notaveis artistas. Pois que a *Etnografia Portuguesa* espelha a nossa vida em muito do que esta possue mais nativo, a acção dos artistas, como sensiveis e delicados intérpretes de um dos veios do genio nacional, dar-lhe-ha, sem dúvida, apreciado fulgor.

J. Leite de Vasconcellos.

Glossario dos Arcos de Valdevez

(Continuado da *Revista Lusitana*, vol. xxv, pag. 204)

---

sacadoiro — O mesmo que solinho. (L. L.)

sacha — Utensilio semelhante á enxada, mas de menores dimensões e com a parte contigua ao *olho* lanceolada; esta parte chama-se *crista*. (L. L.)

sachada — O trabalho de sachar. (C. B.)

sacho — O acto de sachar, sacha (no sentido comum) ou sachadura. «*Este milho já tem o primeiro sacho*». (C. B.)

sacudir-se — No calão familiar: fugir. «*Anda, sacode-te!*» (M. P.)

Safaníco — O Demo, o Diabo. «*F. é levado do Safaníco*». (C. B.)

safáno — Murro, bofetada, cachaço. O *Novo Dicionario* recolheu o aumentativo *safanão*. (C. B.)

saibro — Mau gosto do pão, proveniente do cereal deteriorado. De *saibo* influenciado por *saibro*. (C. B.)

saia — Imperativo do verbo *sair*, usado como substantivo, ironicamente. «Tens uma *saia!...*» diz-se a uma pessoa que está pedindo um favor com grande palavriado, com grande cantiga, para a embair (L. L.)

Veja *Introdução* in *Revista Lusitana*, XIX, 177.

sail — Graixa antigamente empregada na iluminação domestica; ouvido em Soajo. Talvez tambem *saim*.

saliar — V. intransitivo. Estar ou ficar saliente; sair para fóra da prumada. Termo ouvido a pedreiros.

saloento — adj. *Terra saloenta*, aquela em que predomina o *salão* ou barro.

samassuga — Saramela ou salamandra aquatica. Podia parecer que fosse o mesmo que *sanguesuga*, mas afirmaram-me decididamente que não (Gavieira). (C. B.)

sâmego — adj. Falando de arvores são as que apresentam os primeiros sinais de apodrecimento; v. g. *pinheiro sámego*.

«Como substantivo, é a parte mais clara do tronco, entre o coração e a casca da arvore». (C. B.)

«Em Monção, chama-se *carmage*». (L. L.)

samoucada — Grande porção. «*Uma samoucada de dinheiro*». (C. B.)

sanco — Pata do boi (termo de cortador de carnes).

sanfona — Peça do engenho de serra. (C. B.)

«Tambem certo utensilio de serralheiro, arco retesado por uma corda. *Ferro e sanfona*, expressão usada na frase: *é preciso ferro e sanfona*, quando se quer exprimir a dificuldade em vencer a obstinação de alguem». (L. L.)

sanfonelha — Utensílio? É empregado no jogo do *pico-pico-maçarico*. (L. L.)

sanicar — Andar de um lado para o outro sem fazer coisa ou serviço algum util, para *impôr* tempo; saracotear-se. Veja *O Archeologo Português*, I, 94. Cfr. *Açanicar*.

«Em *Sistêlo* diz-se *sandicar*». (B. G.)

sant'Antone! — Exclamação votiva ou precatoria tratando-se de animais, mesmo em conversa.

sapão — Veja *Topeia*.

sapeira — adj. *Truta sapeira*, truta de carne branca; a de carne vermelha chama-se *marisca*. (L. L.)

sapejar — Bater na agua, fazendo-a saltar; atirá-la para alguma coisa com o fim de a molhar.

sarabanda — Ralho, repreensão.

sarabeita — Gôsto, graça, sabôr, «*Convida sem sarabeita nenhuma*»: desenxabida. Diz-se tambem das pessoas. (C. B.)

sarabulhada ou **sarapulhada** — Borbulhagem na pele.

«Em Monção dizem *sarapulhal*». (L. L.)

saraméla — Salamandra. *Saramela pinta*; veja *Pinto*.

sarços e **sarzeiros** — Arbustos das margens do Vez e do Lima *(Salix salvifolia Brot.?)* Usados como sucedaneos dos vimes.

«Tambem se ouve *zarzos* e *çarzos*. Entendo que deve escrever-se com çç, atendendo ao hespanhol *zarza*, com que deve ter relação». (C. B.)

sardinha — Recebe diferentes denominações: *jouba*, quando é pequena; *carabéla*, quando é salgada; *cabeçuda*, quando trás cabeça; *bolante*, a que é vendida pelas portas; *moura*, quando é salpicada; *scochada*, quando não trás cabeça.

«Em Monção chamam ás sardinhas de cabeça *arengas* ou, por ironia, *senhoras de cartola*». (L. L.)

sargaço — Planta vulgarissima nos montes e incultos. Ha pelo menos duas especies: o sargaço *mouro* e o *branco*; não sei se é o mesmo que *sargaça* do *Novo Dicionario*. (C. B).

sarrabiscar — Fazer *sarrabiscos*, que são riscos, garatujas, gatafunhos. (C. B.)

sarranho — Fuligem negra; daí *ensarranhar;* enfarruscar.

sarriscadouro — Gancho de ferro encabado em vara, com que no forno se retira a cinza, no fim do aquecimento.
«Tambem se diz *stiçadouro*». (G. V.)
«Ainda se ouve *schiçadouro*». (C. B.)

sarriscar — Namorar, cortejar uma rapariga. Veja *Riscar.*

sarronca — Roncadela grossa e alta.

Sarronco — Entidade imaginaria com que se ameaçam as crianças, quando choram. «*Cala, menino, que vem aí o Sarronco*». (L. L.)

sarulho — Entulho de pedra miuda e terra em mistura.

sbairar — V. intransitivo. Diz-se da chuva, ou trovoada, quando se dissipa ou desloca para outro ponto.
«Diz-se tambem de uma dôr, que se desvanece». (C. B.)

sbedilhar — Carmear a lã, cardá-la á mão, sem o auxilio da carda. (C. B.)

sbeiçar (esbeiçar) — Produzir beiças ou rebarbas; v. g., a estremidade de uma broca batida a martelo.

sbeirar — Limpar, rapar as hervas nas beiras dos campos para fazer a lavrada. (C. B.)

sbenteado (esventeado) — adj. Pedra *sbenteada:* fendida, cheia de *ventos* ou fendas. Veja *Revista Lusitana,* v, 108.

sberdungado — adj. Fruto *sberdungado:* algum tanto verde.

sbetar (esbetar) — Abrir e espalhar ou desembaraçar um feixe de linho v. g. depois que saiu da agua e enxugou ou quando se trate de a meter no *engenho.*

sbirrar (esbirrar) — Colocar *birra.*

sboeirar-se — Fraquejar.

sbréga-loureiro — Nome de jogo infantil. (L. L.)

sbochar — Ouvi dizer de uma criança que não trazia a cabeça ligada e podia, por falta desta precaução, *sbochar* a testa para fóra.

sborralhar-se — Desmoronar-se, abater.

scaboucar — Quebrar em pedaços. (G. V.)

scacar — Quebrar ou partir em *cacos* ou pedaços. *Olhe que a arvore scáca!*

scachoar — Ferver em cachão.

scadear — Fazer *escadas* o vinho dentro da malga. *Escadas* chamam a umas ondulações que o vinho tinto deixa sobre o vidrado branco das malgas, e que é produzido pela glicerina e alcool do bom vinho verde.

scadraçar (esquadraçar) — V. trans. e intrans. Despedaçar violentamente, rachando.

«Fazer-se em pedaços facilmente, como acontece com a brôa mal cozida, o bacalhau de má qualidade». (C. B.)

scadracento — Que *scadraça* ou se faz em pedaços, mal se lhe toca; *pão scadracento*. (C. B.)

scalafrar — Termo usado pelos carpinteiros, quando ao cavacarem ou *tirarem de linha* uma tábua, a madeira fende para o lado de dentro da linha ou risco. Dizem então que a madeira *scalafra*. É certamente o mesmo que *escalhavar*, que porém não se usa neste sentido. (C. B.)

scaleira — Degráu de escada.

«Portêlo de um ou mais degráus com uma pedra *á cota* no cimo, o que obriga quem passa a alçar a perna; por isso lhe chamam tambem *portêlo de alçaperna*». (L. L.) Veja *Portêlo*.

scaloar — Dar a primeira lavra a terra com o arado rudimentar chamado fossão (freg. de Portela). De *calo*. (C. B.)

scamalhoento — O mesmo que *scadracento*.

scambrar — V. int. Abocanhar a chuva.

scambreira — *Trazer um braço á scambreira*, trazê-lo ao peito, suspenso do pescoço por um lenço, por o ter ferido ou doente.

scanar — Quebrar-se um ramo com o peso do fruto.

«Em Monção, separar no milho mondado a raiz do caule; escanhoar. Ouve-se tambem *beber a scanar*, a não poder mais». (L. L.)

scancêlo — Liscanço (Parada do Monte em Melgaço). (C. B.)

scandula — Queixa, agravo. *Ter scandula de alguem.*

scanhotar — Despedaçar. De *canhota*.

scanjoar — Cheirar muito mal. *Féde que scanjôa!* (C. B.)

scantilhado — adj. Que tem cantos ou esquinas.

scanuchadela — Pancada ou ferimento em *canucho* v. g. de milho.

scaramalhar ou **scramalhar** — Tresmalhar do rebanho, do bando. (C. B.)

scaramuchar — Desmanchar as extremidades da maçaroca depois de tirada do fuso. «*Aquela maçaroca está scaramuchada*». (C. B.) É preciso recordar que maçaroca é a aglomeração do fiado que reveste o fuso e dêle se tira, quando atinge as dimensões desejadas.

scaramué — Escarumba, de côr muito trigueira ou morena. (C. B.)

scarapelar — Levantar-se a pélo, sobretudo na palma das mãos, como acontece em algumas doenças de péle. (C. B.)

scarbuchar — Mexer as brasas ou os carvões da lareira; sobrasar. (C. B.)

scarção — Disposição de pedras ou pedra simples colocada sobre a padieira de porta ou janela, sem pousar nela para a aliviar do peso da parede.

scarçoar — Fazer um *scarção.*

scarondo — adj. Pão *scarondo:* pão aspero, sêco. Diz-se tambem v. g. da palha e de tojo.

scarranchar — V. trans. Rasgar a péle com pau, ou por analogia, com prégo, etc.

«Tambem *sgarranchar.*» (C. B.)

scarrancheiro — Pau tosco com uma extremidade levantada do chão; rebento ou cêpo sêco e preso ainda á terra em posição de ferir as pernas de quem passa.

«Tambem *garrancho* e *sgarrancheiro*». (C. B.)

scarroncar — Acção das aguas correntes quando rasgam sulcos profundos na terra.

«Será alteração de *scarrancar?* Talvez possa derivar de *carranco,* tumor duro no corpo ou, por analogia, pequena elevação no terreno, resistente como um tumor. Sugere esta hipotese o parecer

scartilhar — Partir violentamente em pequenos fragmentos.

«Tambem tem o sentido de rachar um vaso de louça por efeito de mudança rápida de temperatura.» (G. V.)

schiçadoiro e **sarriscadoiro** — Pau ou vara propria para atiçar o lume e mexer as brasas no forno ou na lareira. (C. B.)

schiçar e **schuçar** — Chuçar. Ha aqui a influencia do verbo atiçar. É tal a tendencia para o emprego do prefixo *'s(es)* que até aparece antes de palavras começadas por *ch,* formando-se assim a combinação mais curiosa e original que se póde imaginar, pois o *ch* conserva o som explosivo forte e o *s* o mesmo som que tem *st, sp* ou *sg.* (C. B.)

schuço — Subst.: Chuço. Ádj.: sovina, mesquinho, forrêta. Ouve-se tambem sem o som do *s* inicial.

scócha — Pequena forquilha ou vara com duas hastes que se comprimem na base com a mão, servindo assim para apanhar do chão, á maneira de tenaz, algum objecto, espe-

cialmente os ouriços, na ocasião da varejada das castanhas. (C. B.)

scochar — V. trans. e intrans. Abrir um objecto partindo-o; rachá-lo, separando-o. V. g.: o ramo de uma arvore *créba* (quebra) pelo meio, mas *scocha* pela inserção. Veja *sardinha*.

scôcho — adj. subst. Homem que trabalha com a mão esquerda, ou que ao segurar o cabo de uma ferramenta ou utensilio com ambas as mãos, a esquerda é a dianteira. (L. L.)

scolhedeira — O mesmo que *sparrilha*.

scormar *(Escolmar)* — Escolher o colmo do centeio, porque depois de malhado, ficam uns pedaços amarrotados que se chamam a *palha de scormar*.

scorpetião — Chamam assim na Gavieira a uma cobra negra, grossa e curta que aparece nos montes desta freguesia. Creio que se trata da vibora negra. Em Parada do Monte (Melgaço) chamam a essas cobras *scorpions*. (C. B.)

scotar — V. trans. e intrans. Cair, desprendendo-se ou desabando depois de quebrar, falando-se por exemplo de arvores; cortar extremidade.

«Uma arvore, caindo sobre outra, abatendo-lhe e quebrando-lhe os ramos, *scotou-a*, deixou-a toda *scotada*, isto é, decotada». (C. B.)

scóte — Açougue, matadouro. «Este boi vai para o *scote*». (C. B.)

scouçar — Despejar completamente ou o resto de um liquido do recipiente, de modo que nada fique; escoar.

scrabanada — Pé de vento forte com chuva ou graniso.

scribar — Passar ao crivo ou criva, ao joeiro.

scroar — Descoroar. cortar a corôa ou extremidade de uma arvore.

scrochar — Tirar a *crocha* ao milho. (C. B.)

scubrar *(esquebrar)* — Usa-se nas frases: «*scubrar a agua da friura*»; «*agua scubrada da friura*». (C. B.)

Tambem tenho ouvido *cubrar* nas mesmas frases.

sebeiro — O que fabrica velas de sêbo. Sébe grande, silvado, matagal.

seção — Humidade natural da terra ou propriedade de a reter mais ou menos tempo. «*Esta terra não é boa, não tem seção*», isto é, morrem as plantas nela, não tem humidade para criar os frutos. Escrevo com *ç* esta palavra, porque me parece ser a mesma com que em Lisboa se designa o

estado do gesso, do cimento, da cal hidraulica quando endurece com a acção da agua. Assim diz-se, quando o gesso começa a prender, que está a ganhar *sezão*. No Minho não tenho ouvido este termo a caiadores ou pedreiros. O termo *seção* é colhido da bôca dos lavradores.

sediéla — Sêdas ou cabelos da cauda do cavalo branco que servem para segurar o anzol.

«Cordão feito com as sêdas».

segredamente — Secretamente (Gavieira). (C. B.)

seibo-a — adj. *Terra seiba,* terreno sem vedação alguma, livre para animais e pessoas.

seita — O mesmo que *séga* no arado.

seitar — Rasgar a terra com a seita ou séga, cravada no *seitoiro* para mais facilmente a virar.

seitoiro — Especie de arado composto apenas de temão, com uma seita e rabiça, para *seitar* a terra. Com êle faziam-se uns riscos paralelos no campo, que se queria cavar, tão distantes uns dos outros quanto fosse preciso para caber um grupo de cavadores. Os dois cavadores das extremidades da fila, tendo a terra já rasgada ou cortada pela *seita,* não precisavam de fazer esse serviço ou supri-lo com a enxada e assim não faziam esperar os outros cavadores e o serviço da casa corria muito mais ligeiro. Não me consta que ainda actualmente se use o *seitoiro,* do qual todavia ha gente que se lembra de o ver aplicar, por exemplo, na freguesia de Rio Frio *(Rinfrio).*

O *Novo Dicionario* traz *seitoril* para designar um aparelho identico mas para outro fim. (C. B.)

sejas — (Pronunciam *seijas).* Assentos de pedra aos lados internos das janelas, nas casas antigas. Ficam por dentro do peitoril e são salientes da parede, á maneira de cachorros. Tenho ouvido tambem dizer *sisas.* A etimologia pode estar no latim *sedia,* se é que existiu este latim. (C. B.)

seixinhos — São os pequenos ovos dos passaros. *Um ninho com seixinhos dentro.*

sem — Ouve-se por vezes esta pronuncia do *sim.* Parece afectação.

sêmea — Pão de farinha de centeio.

senha — Marca, sinal, nodoa v. g. de ferrugem em uma espingarda.

senjas — (Pronunciam *sêinjas).* Certos bichos brancos ou lar-

vas de insectos que se encontram na carne de porco, quando foi mal *curada*. Ouvido em Sabadino. (C. B.)

serenar — V. intransitivo. Diz-se especialmente da truta quando se conserva parada a meia agua; ou do milhafre quando paira, aparentemente imovel.

serigaita — Pessoa inquieta, buliçosa sem necessidade. Daí *serigaitar* — mover-se como uma *serigaita*.

serizêta — Pequeno passaro, proprio dos lameiros, que vôa aos zigue-zagues.

serra — Disposição de objectos encostados uns aos outros.

«O calcadoiro do trigo, na eira, disposto em torno de três mólhos» (Padroso). (C. B).

serralhar — Trabalhar o ferro como um serralheiro.

servente — adj. Util, pratico: v. g. *Este pedaço de madeira é muito servente.*

sestar — Sestear, passar o gado a *sésta* nos *sesteiros*. Ouvido em Soajo. (C. B.)

sesteiro — O mesmo que *mosqueiro* ou sitio onde o gado vai passar a hora de mais calor e de mais mosca (Soajo). (C. B.)

sete-coiros — Tumor na planta do pé. (L. L.)

sfilhar ou **sfilharar** — Deitar (uma planta) renovos ou rebentos no pe; trepar, rebentar. (C. B.)

sforricar-se — Sujar-se uma pessoa dos proprios dejectos.

sgaçar — Raspar roupa violentamente; dar muita pancada de modo que a pele se rasgue.

sgana — Especie de rêde de um só pano no qual o peixe fica preso pelas barbatanas e guelras. Doença que ataca a criança e os cães.

sgana-cão — Casta de uva branca. Em Vila do Conde é certa abertura em uma parede de vedação, formando um curto corredor em angulo recto, que impede a passagem de um animal mas permite a de pessoas.

sgaroupar — V. intransitivo. Crescer uma arvore muito para o ar, sem ganhar copa, ficando esguia.

«Ganhar altura sem largura proporcionada». (G. V.)

sgoivar — Fazer uso da goiva ou produzir o trabalho dela.

sgrabiçadoiro — Vara com que se remexem as brasas no forno. (G.)

sgrabilhar — Mexer com pausinho, esgravatar.

«Escrevinhar, esgaratujar, fazer ruido semelhante ao da pena quando escreve no papel». (C. B.)

sguedelhado — Despenteado. No concelho das Caldas da Rainha, lugar do Arelho, ouvi: *não esteja em guedelho* (não esteja em cabelo).

sgueirar-se — Safar-se.

sgurrichar — Escorrupichar, despejar as ultimas gotas de liquido de um vaso. (C. B.)

silbarêdo — Grande quantidade de silvas, matagal. (C. B.)

sinagoga — Sinal ininteligivel.

singela *(á singela)* — Nesta frase: *O carro vai á singela* quèr dizer: vai com uma só junta de bois. O contrario disto é: *á solada.* (O *Archeologo Português:* XIII, 349).

sisas — Veja *sejas.*

sisgo — Termo de carpinteiro. *Ao meio sisgo:* em diagonal, ao viez.

siso — Pequena rodéla de cortiça dentro da roca. Tambem se chama *rocancinho.*

smòlhar — Malhar ao mólho, batendo com as espigas numa taboa. Cf. *fanico.* (C. B.)

smonar — (o = u). Destruir, cortar ou reproduzir qualquer parte que fazia simetria com outra em determinado corpo ou objecto, ou que lhe pertencia.

smoncar — Assoar, tirar o monco.

smorido — adj. Esmorecido, amortecido, falando de um som ou da voz. (C. B.)

smormado — adj. ou part. de *smormar. Arvore smormada,* combalida pela podridão ou com principios dela.

smormar — V. intransitivo. Diz-se das madeiras cujo tecido lenhoso começou a alterar-se ou a apodrecer, perdendo a consistencia e coesão molecular, não resistindo á ferramenta ou aos pregos, desfazendo-se. Isto acontece, por exemplo, quando a arvore secou em pé. (C. B.)

smoucar — Esmurrar, quebrar aresta viva ou superficie lisa e trabalhada. *Smouca-se uma estatua, uma cantaria. (Rev. Lusitana,* V, 50).

smurrar — Na rêga do milho desfazer os pequenos montões de terra que desviam a agua para esta poder espraiar-se. De *murro.*

smurratar — O mesmo que o anterior. (G. V.)

snabar — Adelgaçar um pedaço de sola para nivelar uma baixa na bota que foi para concerto. (L. L.)

so — Na freg. da Gaviera usa-se ainda muito esta preposi-

ção. Em *Carralcova* ainda se diz *so a banca*, isto é, debaixo da banca. (C. B.)

Nos topicos é comum o seu emprego: o. g. *soadebesa*, *sobraço*, *solaça*, *someter*.

Soadebesa *(So-a-devessa)* — Nome de um lugar. Registo-o porque é de formação analoga a muitos outros, como: *socarreira*, *soascasas*, *soascostas*, *sosregos*, *sosribeiros* e outros. Colhido por mim neste glosario, foi tambem ouvido pelo Sr. D.or Leite de Vasconcellos em uma visita que fez aos Arcos em 1902 e explicado em um artigo da pena deste ilustre academico e professor. O povo diz *Suadebésa*; a pessoas cultas ouve-se tambem *Subdevêsa*. Pelo artigo anterior, prova-se que a antiga preposição *so* (debaixo) ainda não foi rechaçada de algumas freguesias montanhosas, em emprego isolado.

sobejalhos — Sobejos, sobras de comida. (C. B.)

sobqueixo — Região inferior do queixo. (L. L.)

sobraço — Parte do corpo que fica por baixo do braço (Couto). (C. B.)

sobressolar — Verbo que se faz dizer ás crianças para desembaraçar a pronuncia, no seguinte trocadilho: *Moço, vai áquele sapateiro, que te sóle aqueles sapatos, que tos sóle e sobressóle. Moço, êle sobressolar-tos-á?*

sôbro — Sobrescrito. *Dê-me papel e sôbro* (Sistêlo). (C. B.)

sóca — Seixo duro do mar onde trabalha a agulha do moinho, fica debaixo da agua. O mesmo que *gerra*.

sôco — Guarnição de madeira nas paredes internas das habitações, rente ao chão.

sóla (dos pés) — A planta dos pés.

solaça — Pequena verga ou vara torcida, que se ata sobre o nó ou laçada de outra verga grande e grossa para não o deixar correr ou desatar. A 1.a silaba é decerto a antiga preposição *so* (debaixo).

solada — Peça de páu com gancho natural em uma extremidade e cadeia de ferro na outra; serve para engatar uma junta de gado a outra, quando o pêso do carro é grande Cf. *singela*.

«Deve provir de *soles* e *sola* que os dicionarios registam com o sufixo *ada*, muito usado na região. Nalgumas localidades, chamam *camboadas*. Tambem se ouve *sólias*. Em Lanhêses (Viana do Castelo) chamam *solas* ao cambão da grade». (C. B.)

solar — O mesmo que *assoliar*, camboar (Gavieira). (C. B.)

solas — Soles, *solias* (Padroso). (C. B.)

soliar — Puxar com *solada* ou dá-la a alguma junta. O mesmo que *assoliar*.

soleira — Barrote ou viga sobre a qual assentam os outros barrotes nos madeiramentos dos telhados; muitas vezes o mesmo que *frechal*.

sôlhôso — adj. Soalheiro, exposto ao sol. Usa-se muito no deminutivo, como outros, por carinho para com a pessoa com quem se fala ou para mostrar interesse pela coisa nomeada.

solinho — Peça da grade; é a vara por onde se prende o gado á grade.

«Tambem vara curta do feitio de bengala que engata por um gancho de ferro em uma argola da grade, ao qual se agarra uma pessoa do campo para levantá-la, desviá-la e auxiliar o gado nas voltas do campo, ao trabalho da grade. Em Caminha (Venada) chamam *sacadoiro*». (L. L.)

sôma do rêgo e **rêgo de sôma** — Elevação de terra ao longo da qual o rego passa ou que o constitue de um lado só, ou de ambos para não extravasar.

somaça — Copèlinha de linho quando este se tira da agua para secar a ultima vez, e ir para o *maçadoiro* ou para ser submetido á acção da maça (so-maça) (Soajo e Ermêlo). (C. B.)

someter — Meter uma coisa por baixo de outra, v. g. uma cunha, por baixo de uma vasilha (so-meter).

soombro — Parte do corpo que fica por baixo do ombro (Couto). (C. B.)

sôpas — Um *sôpas* é um individuo inactivo e cobarde.

sopetar — Tirar o *sopêto* ou *mucêlo* com a enxada (Ermêlo). (C. B.) Veja *apetar*.

sopêto *(topête, mucêlo)* — Pequena cavadela que se faz com a enxada antes de a enterrar com toda a força para virar a terra (Ermêlo). O 1.º vocabulo parece formado de *so-pêto*. (C. B.)

soposta — Mão cheia. *Uma suposta de sal!* (C. B.)

soque — Veja *çoque*.

sórça — Vinhadalho. Cf. Sôrça e surça no *Novo Dicionario* (Gavieira). (C. B.)

sorte — Leira, pequena terra *(Revista Lusitana*, IV, 54).

«Formal de roço de tojo, que coube em sorte a cada paroquiano». (G. V.)

sospeito — substantivo masculino. Uma ou duas pedras do peitoril da janela, imediatamente inferior áquela a que a gente se encosta e que é propriamente o peitoril. *(So-os-peitos?)*

sôto — Protuberancia da haste do milho, que tem um véu branco por fóra e por dentro um pó negro. (L. L.)

soufado = adj. part. Amarrotado, amarfanhado de ter sido tocado por muitas mãos, como a brôa onde todos puseram as mãos para tirar seu pedaço; *moufado*. (C. B.)

spadada — Espadelada. (C. B.)

spardalhar — Espalhar, derramar entornar pelo pavimento.

sparreis — As duas travessas mais pequenas, no estrado do carro de bois junto ás *mamélas*.

sparrilha — Pequena peça de madeira, acessorio da urdideira nos teares *(Esparrilha?)* Veja *Portugalia*, I, 373.

spartir — Repartir a maçadura ou manta de linho, em manadas (a que chamam quartos ou meios quartos) para se poder *espadar*. Diz-se tambem *strigar*. (C. B.)

spatinar — V. transitivo. Cortar ou antes *traçar* a extremidade de um pau obliquamente, de modo que fique em chanfro e possa assentar em forma de pata de cavalo. É termo de carpinteiro.

«Tambem *spatinhar*». (C. B.)

spedir — (Despedir). Morrer. «*Stá mesmo a spedir!*»

spègunhar — Calcar com os pés, especialmente a terra de uma sementeira feita de fresco». (C. B.)

spicha — Pauzinho aguçado que se aplica a um estreito orificio no tampo dianteiro das vasilhas, para provar o vinho sem abrir a torneira que fica por baixo.

«Varinha de cerca de 2 palmos de comprimento, torcida no meio e dobrada sobre si, a qual, depois de aguçada nas duas pontas, se enterra, com outras iguais, no mólho da herva sobre a verga, á maneira de grampo. As mulheres da aldeia que vão vender a herva á praça da vila, em mólhos compridos e estreitos, armados no proprio lameiro, voltam de lá sempre trazendo na mão a verga e as espichas, Fecho com que se prende o canzil, por cima das endagas para não cair do jugo (Gaviera)». (C. B.)

spicho — O mesmo que *espicha* supra (Padroso). (C. B.)

spiga — Malhête. Termo de carpinteiro.
spigaço — As espigas de centeio que ao malhar se separam do colmo e não puderam ser apanhadas pelo malho e por isso se juntam em monte, no fim da malhada para serem malhadas á parte. (C. B.)
spigado — adj. Crescido, desenvolvido, falando de pessoas novas.
spigar — Fazer uma *spiga* ou malhêta.
spigo — Pelicula levantada em redor das unhas. (L. L.)
spinela e **spinhela** — Espinel. (L. L.)
spingar — Respingar agua.
spinhaço (espinhaço) — Parte superior de uma parede.
sporar — Calçar, acunhar um objecto ao meio para o levantar de modo que êle oscile sobre o ponto escolhido; escorar levantando; calçar ao meio.
spoular — (Gavieira). Dar a primeira cava ou lavra á terra. (C. B.)
spritoar — Inspirar, imaginar. «*Até parece que foi Deus que o spritoou!*»
sprugar — (Expurgar). Descascar. «*Sprugue essa castanha*».
squeimar — Causar ardor na boca. «*Estas sardinhas até squeimam!*»
squeimo, squeimor — Ardor nos orgãos bucais causado por uma comida excessivamente salgada.
squenturado — Muito quente, a escaldar, mas já depois de ter deixado de estar no lume.
stacoadéla — Rasgão, na roupa, feito por algum prégo ou outro qualquer objecto agudo. (C. B.)
stada — Andaime.
stá-feito — Frase que significa: nem bem, nem mal; sofrivelmente. Usa-se em dialogo.
stágo — «*Trabalhar por stago*»: Trabalhar por peça; é linguagem de pedreiros.
stála — Utensilio de madeira, com que o sapateiro aperta as costuras do calçado. Tem duas peças, uma fixa, outra movel, até o meio do comprimento da fixa, presa por um eixo para abrir e fechar. (L. L.)
stalóte — Veja *zique-traque*. (C. B.)
stampatório — Espalhafato, grande ruido de palavras e largos gestos.
stantío — adj. «*F. levantou-se como stantio*», isto é, como doido. C. B. diz que se aplica especialmente ao gado espan-

tadiço, e nas pessoas, ás que olham para tudo com ar espantado e medroso.

starruge — Lugar varrido e raspado pelas pelas patas do cão preso a uma argola, junto da gaiola.

steio (esteio) — Poste de pedra com que se sustentam as *latas* ou ramadas de videiras.

steira — «*Malhar a esteira*». Veja *binca*.

sterroada — Acto de derramar, espalhando pelo chão em desordem e com ruido, como cereais.

sterroar — Desfazer terrões; derramar pelo chão substancias solidas; divulgar, propalar um segredo ou intimidade.

«Nas sementeiras nascidas, executar uma operação que consiste em aplanar a terra com ancinho, ao mesmo tempo que se limpam as hervas». (G. V.)

stibada (estivada) — Sementeira de milho em afolhamento depois do centeio. Em Valongo e Caminha dizem *restiva;* em Monção, *restolheria*.

stibar (estivar) — Fazer a anterior sementeira.

stiça — Acendalha feita de um cavaco dos cepos dos pinheiros cortados nos pinhais, cavaco saturado de resina que se coloca no pial (poial da cozinha) ou nalgum buraco da parede, para alumiar. Tambem se fazem só de resina.

stiçadoiro — Qualquer vara ou pau que sirva para arrumar a lenha no forno, ao arder.

stiçar — Atiçar mexendo ou chuçando o lume com o *stiçadoiro*.

stilha — «*Não ter stilha*». Não ter vintem. Termo de gíria.

stinhar — Extinguir-se ou esgotar-se o liquido na vasilha, por exemplo, o vinho na pipa. Cf. *estinhar-se* na *Rev. Lusitana*, VIII, 58. (C. B.)

stônhar — Virar á enxada a terra em que se segou o centeio ou trigo com os *canos* para baixo e aconchegá-los ao milho nascido nos sulcos em que foi semeado durante Maio. (L. L.)

stopetar — Tirar o topête com a enxada para cavar a terra. Recolhido em Padroso. (C. B.)

storrejos — Torresmos de chouriça ou carne com ovos. Recolhido em Sistêlo. (C. B.)

stoupar — Diz-se especialmente do gado, quando traqueja com frequencia; rebentar, estoirar.

stourada — Cacetada com ruido. (Cf. *Rev. Lusit.*, V, 51).

stipôr (estupor) — s. m. Mulher prostituida.

straçar — Cortar, serrar ou traçar no sentido transversal, v. g. uma tábua, um tronco.

stradilho — O mesmo que *estralho* ou sobrado de carro, de pôr e tirar. Recolhido em Soajo. (C. B.)

strado — adj. «*Chão strado de fruto*». Chão coberto ou cheio de fruta que tinha caido da arvore. Tem aplicações analogas.

stralho — Estrado volante do carro de bois. Usa-se em especial para carregar pedra com o fim de poupar o verdadeiro éstrado do carro.

stralo — A flor da *digitalis*. Em Venade, concelho de Caminha, dizem *troques*. (L. L.) Veja-se esta palavra.

strampalhar — Desarranjar, desorganizar espalhando o resultado.

strancinhar — Dilacerar propositadamente; por exemplo o morder raivoso do cão.

strangla — Bolha de ar na agua produzida por gotas da chuva, quando cai em charco. Linguagem infantil.

strebirar (tresvirar) — Voltar com o debaixo para cima, voltar do outro lado; o mesmo que revirar.

strejugar (tresjugar) — V. intrans. Entalar-se um boi no jugo.

strelim — Hibrido de coelho e lebre. (C. B.)

stremunção — «*Senhora da Stremunção*» (extrema unção) diz-se em Monção. Tambem se ouve *Santunção*. (L. L.)

strepadelar (estrepadela) — Estrepada, ferida com estrepe. (C. B.)

strepôr (trespôr) — V. intrans. Empontar para longe. Na frase: «*Fede que strepõe*» significa o mesmo que *scanjôa*. Cf. *Rev. Lusit.*, VIII, 60. (C. B.)

stresposta e **streporta** — Veja-se *tresposta* e *tresfecheira*. (C. B.)

stresolhar — Rebentar uma arvore em mais olhos ou direcções do que é proprio de seu genero. Tambem se ouve *tresolhar*.

striga — Certa porção de linho pronto para ser fiado ou antes de assedado. Veja-se *menina*.

strigar — Esfregar o linho entre as mãos, depois da maçadura, para melhor largar as arestas. Recolhido em Soajo. O mesmo que *spartir*, supra; recolhido em Choças e Couto. (C. B.)

stripalhar — Espalhar no chão, espardalhar ou esparralhar cada coisa para seu lado. (C. B.)

stroçar — 1) Destroçar; comer brutalmente; 2) fabricar troça ou aguardente baixa.

strompar — Esfalfar, arruinar, cansar até o extremo. Ex.: *strompei o meu cavalo; fiquei strompado.*

stroncar (Estroncar) — Segurar com estronca, aplicar estronca.

stroussar — Trasfegar o vinho. Tambem se ouve *troussar.*

strugido e **sturgido** — adj. Refogado com cebola.

strumar (as córtes) — Estender nelas tojo, palha, etc. para cama do gado. Decerto confusão com *estrar.*

strume — Na *Gavieira* distinguem *strume* e *sterco;* o primeiro é o mato que se mete nas córtes do gado para lhes servir de cama e se transformar em adubo para as terras; o segundo é este mesmo adubo. (C. B.)

Tenho ouvido fazer a mesma distinção na ribeira.

stufo — Cunha introduzida para separar duas peças ou alargá-las ou apertar outras. É termo de carpinteiro.

stuqueiro — Fasquia de madeira com que se preparam as taipas para levarem o primeiro rebôco.

sub — Sobre. Ouvi nesta frase: (objecto) *anegrado sub lo chumbo.*

Tambem se ouve *subre.* Ex.: *F.* (defunto) *stá subre terra;* diz-se com referencia a um cadaver em deposito ou em exposição antes de ser dado á terra.

subacar (sovacar) — Mamar a cria dando *turras* com a testa ou focinho contra o úbere da vaca para fazer afluir o leite aos têtos.

subeiros — «*Vinha em subeiros*», vinha disposta em *arjões* muito bastos. Provavelmente em vez de *sebeiros,* de *sebe.* Recolhido em Ermêlo. (C. B.)

subir ao desejo de alguem — Linda expressão popular, que significa satisfazer o desejo de outrem.

subregar — Regar duas vezes no mesmo sitio. Decerto por *sobreregar,* como acima.

subreleito (sobreleito) — É, em uma pedra de cantaria, a face que na construção, fica voltada para cima.

suéce — «*Ferro suece*»; ferro da Suecia.

sufaque — Grande susto, que causa sufocação pelo improviso. (C. B.)

suficiente — Capaz de, competente para. Ex.: *F. é muito suficiente para dar cabo dêle.*

sufregante — «*Num sufregante*», num momento, em um abrir e fechar de olhos. (C. B.)

surrada — Enxurrada. (L. L.)

súpeto *(subito)* — Emprega-se nas frases: *de súpeto, num súpeto*, subitamente, de repente. Houve assimilação incompleta do *b* ao *t*; *subito* > *sub'to* > *sup'to*, que é esta afinal a maneira de pronunciar.

suspiração — Respiração. Ex.: *Tome a suspiração!* diz-se a uma pessoa meia sufocada.

(Continúa).

F. ALVES PEREIRA.

MISCELANEA

Bérrio ou Berrío?

Dos navios da expedição famosa só voltaram ao Tejo a nau *S. Gabriel* e a caravela *Berrio* (oficialmente *S. Miguel),* assim chamada do apelido do piloto armador, a quem antes pertencera.

Como se pronunciava este ultimo nome? Com acento no *e* ou no *i*?

O cardeal Saraiva, no *Indice Cronologico* (edição de Lisboa, 1890, pags. 56 e 57), Braamcamp Freire nas *Expedições e Armadas* (Lisboa, 1915, pags. 54 e 55) e Fortunato de Almeida ainda ha poucos meses no 2.º vol. da sua *Hist. de Portugal* (Coimbra, 1924, pags. 210 e 212) acentuam esse nome — *Bérrio.* O mesmo fez ha dias o sabio professor dr. Luciano Pereira da Silva num valioso artigo.

Tal acentuação é, porém, errada.

Na verdade, Castanheda *(Hist. do descobr. e conq. da India,* L. I. C. 2.º), diz que o rei comprára, para ir na expedição, «hua caravela de cincoenta toneladas a hum piloto chamado *Birrio,* de que a caravela tomou o nome». Logo a seguir a este passo o historiador emprega tambem a variante grafica *Berrio,* que é usada igualmente por Barros (Dec. I. L. IV, C. 2.º).

Temos, pois, duas fórmas do mesmo nome: *Birrio* e *Berrio.*

Ora, segundo as leis foneticas do português, como a vogal tonica não póde sofrer alteração, se o acento do *Berrio* fôr no *e*, nunca o nome póde assumir a fórma *Birrio;* mas se fôr no *i* já isso póde suceder, devido a um fenomeno fonetico que se chama assimilação regressiva. São vulgares nos nossos antigos escritores e na linguagem popular fórmas vocabulares em que tal facto se verifica. Assim *minino, sitim* (em Camões), *pilitaria* (no *Esmeraldo* de D. Pacheco), *mintira, firir, piriquito, vinci,* etc.

Do exposto resulta que a pronuncia exacta não póde ser senão *Berrio.*

Esta conclusão é, de resto, corroborada pelos documentos.

Sabe-se que nos seculos XV e XVI era corrente o uso de *y* para representar o *i* tonico. Pois em varios documentos do principio deste ultimo seculo o nome de que trato aparece repetidas vezes ortografado *Berryo* e *Beryo*: vid. Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos*, P. I. pags. 51-50. Em um desses documentos Estevão Rodrigues Berrio, que verosimilmente é o proprio antigo dono da caravela, assina mesmo *Estevã Roiz de Beryo*.

Basta dizer que este apelido *Berrio* é de proveniencia espanhola e, na origem, termo geografico, como denuncia a particula *de* que o precede na assinatura supra. Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca Hispana* menciona os seguintes escritores dos seculos XVI e XVII que o usaram: Antonio *de Berrio*, de Jaen; D. Juan Daza e *Berrio*, de Segovia; Gonzalo Mateo *de Berrio*, de Granada.

(Do *Diario de Noticias* de 28-IV-1925).

JOAQUIM DA SILVEIRA.

Falar por adágios

Os povos são como os individuos: os que mais sofrem são os que mais pensam, os que mais gostam de se exprimir por frases onde a filosofia se espalha, se define em verdades como punhos. Os grandes pensadores foram sempre grandes torturados.

Não admira, assim, que os povos que sofrem, que lutam, que muita energia gastam para vencer os elementos, para resistir ao clima, que é aspero e extremo, definidamente continental, desde o sol de rachar pedras ao frio de cortar montanhas, de gelar caudais, não admira, repetimos, que a filosofia por adágios seja tão usual nas populações, nos individuos, ás vezes nos mais boçais. Ha os que ouviram aos pais ou aos avós os adágios que a proposito de tudo ou de nada empregam. Ha os que inventam e compõem frases que são maximas, que são verdades, verdades que muitos escritores, lidos e apurados por longas vigilias de estudo, não desdenhariam assinar.

O Douro é a terra do sofrimento, da incerteza, da luta ingente e intemerária do homem com os elementos e com a

terra; de rochas de xisto, em folhas cortantes, algumas rijas como o aço, que o homem transforma em fina, em pulverizada e fertilizante terra; elementos que são os mais diversos em toda a roda do ano, mas sempre asperos e contrarios. Pelo que não admira, não espanta e não confunde que os povos, as gentes do Douro, usem e abusem nas suas falas dos adágios populares, alguns dum sabor e dum pitoresco incomparaveis.

Ora oiçam:

Alguem se admira que certa vinha, sendo tão basta e extensa, produza tão pouco vinho; que de certa terra se colha tão pouco «pão», trigo ou centeio; logo diz um: «*muito grande é o Marão e não dá palha nem grão*». Mas o que pasmou das produções, continúa a discretear, fazendo de finorio; respondem-lhe do lado: — ora «valha-te S. Jorge, que é o advogado dos malucos...»

Que tal e que torna, o Inacio da Zefa Pequena, este ano, semeou apenas algumas leiras. Não faltará quem diga: pois «quem não cria, não pia», que é uma maneira de dizer que «quem não semeia não colhe».

A um trabalhador diz outro que ele deve ter um bom *pé de meia*, bastante dinheiro junto; logo ele se defende: — cantigas! porque o *homem jornaleiro, não faz casa nem palheiro...* Falam-lhe nos filhos, que vão ter um risonho, um confiado futuro? Ele se apressa a responder: — «a gente sabe criá-los, mas não sabe fadá-los».

Em Dezembro, no Douro, já ha quem faça a apanha da azeitona. Pois não lhe faltarão vizinhos com a sua sentença: *quem apanha a azeitona antes do Natal, fica-lhe o azeite no olival.* E já antes, alguns meses atrás, falando-se da produção em azeite do ano, do valor da colheita, da *novidade*, alguem dissera: «*no dia de S. Pedro vai ver o olivedo; se vires um bago, conta com cem*».

Os pobres gostam de ironizar os ricos, os plebeus os fidalgos. E vice-versa. Fala-se de quem é fidalgo por linhagem ou por basófia, por prosápia, mas que não tem «vintem»; não faltará quem caustique: «fidalguia sem comedoria é como a gaita que não assobia...» Amesquinham a personagem, são varios a «ajudar á missa»; entretanto vem um que quer defender; — já se sabe, *quem seu cão quer matar, na raiva lhe põe o nome.*

Fala-se de alguem que na sua propriedade é «um unhas

de fome», deixa passar mal os jornaleiros. Do lado dizem: —é como «na Quinta do Pechincha:

Um feijão para trinta,
Um grão d'arroz para quatro,
Uma sardinha sairrenta
E uma manta, para quarenta».

Se em Fevereiro o calor aperta, não faltará quem deite proverbio: *Fevereiro quente traz o Diabo no ventre.* E se não chove, logo acrescentam: *não chovendo em Fevereiro, nem boa tulha, nem bom palheiro.*

O mês de Março é o mês do tempo incerto e vário. Daí o adágio: «Março, marçagão, de manhã cara de cão, ao meio-dia cara de rainha, e á tarde corta-se com a foicinha».

O ano foi de nevoeiro? É contar: «ano de nevoeiro, ano de grande palheiro». Chove nos Ramos? Ano farto em cereais; e dizem: «Ramos molhados, carros carregados». E para todo o ano agricola ser de boas colheitas, de produções, de fartura, fazem prosa rimada:

Dezembro chuvoso,
Janeiro geoso,
Fevereiro ventoso,
Março amoroso,
—Fazem o ano formoso.

Começam as ceifas em Junho. Pois é assim mesmo: *em Junho, seitoira no punho.* As malhadas ficam para o tarde, para Agosto? Mal vai: «Quem malha em Agosto, malha contra rosto». Outros dizem: «com desgosto». Tambem em Agosto mal sabem as couves, parece choco o caldo verde; então, «se queres ver o teu marido morto, dá-lhe couves em Agosto».

A proposito do «vivo», dos porcos, afirmam: *porcos de Janeiro vão com a mãi ao fumeiro.* Das galinhas dizem: «que a galinha pinta põe por trinta», e que «a pita de Janeiro põe detrás do rolheiro». E das videiras, em rima de pé-cochinho: «a videira rara dá por ela e pela camarada».

Na vinha as uvas começam a pintar? Que admira! «Em dia de S. Tiago, pinta o bago». Depois, «em dia de S. Lourenço, vai á vinha e enche o lenço». E «no dia de S. Martinho, prova o vinho».

Isto dizem os entendidos; e «cada um, no que trata, mata». Mas fica a prova para depois? Tambem está certo. Confirma-se outra grande verdade: porque «o que se não faz no dia de Santa Luzia, faz-se noutro dia...»

(D'*O Douro em brasas*, Porto 1927, p. 153-158) [1].

KOL D'ALVARENGA.

Lua de mel

Lua de mel designa temporada que se segue ao casamento, cheia de doçura. Fr. *lune de miel*, ital. *luna di miele*, hesp. *luna de miel*, rum. *luna de miere*. É frase propagada pela civilização.

Lua aqui quer dizer «mês», como já em latim *luna*. Povos não romanicos têm expressões analogas. Os Ingleses dizem *honey-moon*, correspondentemente ao francês, mas tambem *honey-month* «mês de mel», expressão analoga á alemã *Flitterwoche* ou *Flitterwochen* á letra «semana ou semanas de caricias».

Acêrca de *Flitterwoche* vid. Kluge, s. v., que menciona outras expressões germanicas menos graciosas.

Os Romanos nada tinham igual, pois no *Dic. alemão-lat.* do grande latinista Georges traduz-se *Flitterwochen* perifrasticamente, em latim moderno: *primi post factas nuptias* ou *post initum matrimonium dies*. Em grego tambem nada encontrei.

É possivel que *lua de mel* nascesse em França, de primeira inspiração germanica, e depois se propagasse d'aquela nação ás restantes da Romania, e á Inglaterra.

J. L. DE V.

---

(1) [Referindo estes adagios ao Douro, já se entende que o autor do artigo não quis dizer que eles são só de lá, pois alguns, pelo menos, ouvem-se noutras regiões, e até fóra de Portugal, mas que foi lá que os coligiu. — NOTA DA RED.]

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

Obras de Monsenhor Dalgado

[Com a devida venia se transcreve do *Literaturblatt f. germ. u. romanische Philologie*, 1920, col. 339-341, o seguinte artigo, por emanar do grande filologo que o subscreve. Cfr. RL, xxiv, 298-304. — J. L. de V.]

Sebastião Rodolfo Dalgado, Contribuições para a lexiologia (so!) **luso oriental.** Academia das Sciências de Lisboa. 1916. 8°. S. 192.

Derselbe, Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiático-africana. Ac. d. Sc. d. L. 1917. 8°. S. 166.

Derselbe, Dialecto Indo-português de Negapatão. S.-A. aus der Rev. Lus. Bd. 20. 1917. 8°. S. 16.

Derselbe, Glossário Luso-asiático. Vol. i. Coimbra, Imprensa da Universidade. 1919. Gross 8°. S. lxvii, (zweispaltig) 535 (bis Luzeiro).

Der Verf., jetzt Professor des Sanskrit an der Lissaboner Universität, hatte längere Zeit als Geistlicher in Indien gewirkt (1886/87 war er Generalvikar der portugiesischen Mission in Ceylon gewesen) und nach seiner Rückkehr ins Mutterland sein praktisches Studium vertieft und erweitert, um den gegenseitigen Einfluss zwischen Portugal und Asien in helles Licht zu setzen. Der Einfluss Portugals hat sich vor allem in der Entstehung eines örtlich abgestuften, aber im Grunde einheitlichen Indoportugiesisch offenbart, dessen Erforschung zu Anfang der 80er Jahre von A. Coelho angeregt und neuerdings durch den Verf. mit schätzbaren Beiträgen gefördert wurde, hauptsächlich mit dem grösstenteils auf eigener Erfahrung beruhenden: «Dialecto indo-português de Ceilão» (1900, S. 259, zum «Quarto Centenario do descobrimento da India»), dem die kleineren auf Gôa (1900), Damão (1903), den Norden (Bombaim usw.; 1906) und Negapatão bezügli-

chen folgten. Wo das Portugiesische nicht als Sprache sich festsetzen konnte, hat es wenigstens zahlreiche Wörter an die einheimischen Sprachen abgegeben; darauf bezieht sich des Verf.s «Influência do Vocabulário Português em línguas asiáticas» (1913, S. 253).

Anderseits hat das Portugiesische aus den asiastichen Sprachen zahlreiche Wörter aufgenommen, die sich zum Teil auch in andere europäische Sprachen verpflanzt haben; in den Fussstapfen von Gonçalves Viana, dem Verfasser der «Apostilas» 1906 und der «Palestras filolójicas» (1910) und nach dem Vorbilde des indoenglischen «Hobson-Jobson» hat Monsenhor Dalgado sein indoportugiesisches Wörterbuch zu veröffentlichen begonnen. Dass die Lissaboner Akademie der Wissenschaften ihm das ermöglicht hat, dafür sind wir ihr zu Dank verpflichtet. Wie viel oder wie wenig aus der reichen Fülle des Gebotenen in ein etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen überzugehen habe, das masse ich mir nicht an zu entscheiden, Meyer-Lübke verhält sich, was ich durchaus begreife, recht spröde gegen die neuasiatischen Lehnwörter, aber warum spröder als gegen die amerikanischen? Warum gewährt er den Wörtern «Kakao», «Schokolade» Einlass, aber nicht dem Worte «Tee», dessen doppelte Lautgestalt eine Erklärung wünschenswert macht, und das doch die beiden anderen an Volkstümlichkeit übertrifft (vgl. port. *não ter tomado chá em pequeno* «keine gute Kinderstube gehabt haben»; franz. *thé dansant*, dtsch. *Teekind*, u. a.). — Port.-span. *catre*, Pritsche, Feldbett, ist völlig eingebürgert; M.-L. erwähnt es unter «quadrus» mit den Worten: «gehört nicht hierher», wäre nicht ebenso kurz und lehrreicher gewesen «ist indischen Ursprungs»? — Wenn wir *chiado*, boshaft, schlau, durchtrieben, im Wörterbuch von H. Michaelis lesen, so vermuten wir, dass es mit *chiar*, kreischen, zusammenhänge; aber Bluteau bezeichnet es als den in Indien geborenen Portugiesen eigentümlich, und Dalgado führt es auf ein Konkaniwort zurück; wegen seiner romanischen Lautgestalt hätte es aber im REW Platz finden dürfen. Sicher zum altromanischen Wortschatz gehört port. *bonito*, Bonitfisch; Dalgado scheint sich der Annahme arabischer Herkunft zuzuneigen (doch übersetzt Petrus Hispanus «bonito pescado» mit *máça*, und das marokkanische Arabisch bietet dafür *bairūn*, das augenscheinlich aus dem Romanischen stammt). Nun darf man freilich nicht, wie das geschieht, sagen, dass das

Wort vom mittellat. (bas-latin) *boniton* herkomme oder entlehnt sei. Der «Tractatus de piscibus», aus dem DC (unter «byza») das Wort entnommen hat, und der wohl dem Ausgang des Mittelalters angehört, verzeichnet *boniton* als einen örtlichen Namen des Fisches, der noch heute in dieser Gestalt lebt *(bounitoun)*, ganz so wie an der angegebenen Stelle «*byza* quasi *bysantia*» den Bezeichnungen *biso, bisu, bizet, bisarù, pisantuni, pizzintun* entspricht, die an den Gestaden des Mittelmeers für den Bonitfisch und andere Scombriden vorkommen. —Unter den Wörtern romanischen Ursprungs, die das Glossário enthält, ist wohl das merkwürdigste *côco*, Kokosnuss, dessen allgemeine und auch von Dalgado angenommene Erklärung ich einigem Bedenken unterwerfen möchte, und zwar gerade auf Grund seiner literarischen Anführungen. Zu ganz gleicher Zeit (1563) und wohl auf gleiche Anregung hin melden die Portugiesen Barros und Orta, dass ihre Landsleute die betreffende Frucht wegen ihrer Aehnlichkeit mit einer menschlichen oder tierischen Fratze *côco*, Popanz, genannt hätten. Aus eigener Erfahrung konnten sie das kaum wissen, denn das erste Zeugnis für *coco (coquo)* stammt aus dem Jahre 1498, und der Name wird angeführt, als sei er ein gewöhnlicher. In diesem Jahre aber erst wurden die Portugiesen mit dem Baume bekannt, wenn nicht an der Westküste Vorderindiens, so vielleicht kurz vorher bei der Berührung der ostafrikanischen Gestade. Das lässt mich vermuten, dass port. *côco* schon vor der Bekanntschaft der Portugiesen mit dem Baume selbst üblich war und sich auf die zu Gefässen oder sonstwie verarbeitete Schale der Frucht bezog, wohl eher mit Anlehnung an (span.) *coca*, Hirnschale, Schale, als an *côco*, Popanz. Der arabische Reisende Ibn-Batuta (14. Jahrh.) vergleicht die Kokosnuss (ohne den bewussten Namen zu gebrauchen) mit einem Menschenkopf; man erkenne an ihr die Augen und den Mund, und zwei Jahrhunderte später sprechen die obengenannten Portugiesen von den drei Löchern in der Nussschale, die sie einem Gesichte ähnliche machten. Sollten sie nicht von den Arabern beeinflusst worden sein?

Graz.

H. Schuchardt.

Silvio Pellegrini, Don Denis. Belluno, 1927, 41 págs.

O sr. Pellegrini, que é, segundo fomos informado, professor prático da Universidade de Heidelberg, procurou fazer nova edição das cantigas de D. Dinis, acompanhando-as da respectiva tradução em italiano. Como porém surgissem dificuldades de interpretação textual, desistiu da obra, e, porque alguma coisa havia já feita, decidiu o sr. Pel. publicar a introdução literaria, seguida dum grupo de 20 cantigas, vertidas para italiano.

No curto prefácio não nos diz nada de novo, e é para lamentar, porque há ainda um ou outro aspecto da nossa poesia trovadoresca, merecedor de sério estudo; e se alguma coisa nos diz, que valha a pena lembrar, sentimos não aceitar as suas conclusões, que, aliás, não são *suas*, e já foram contraditadas por Lang e Carolina Michaëlis: lamentamos até, que se procure agitar de novo o problema das origens do nosso lirismo, sem novos materiais para a refutação do que estava anteriormente estabelecido. É curioso registar que desde 1923 se vem notando em filólogos italianos uma mal velada animosidade contra a profunda simplicidade, tão comovedora por vezes, do nosso lirismo arcaico. Bertoni, Lollis e agora o sr. Pel. parecem exprobar-lhe o que constitue a sua maior valia: o não ser chata imitação dos moldes provençais, o ser emfim, de certo modo, original, terrantês. E o que é grave, é que essa ideia tem frutificado e tem aceitação em obras, como a *Poesia juglaresca*, 214, de M. Pidal, e *The Arthurian Legend*, 48, n. 1, de W. Entwistle.

Ao falar das origens da cantiga d'amigo, pág. 10, n. 1, define o sr. Pel. o seu conceito de poesia popular, afirmando, o que é menos verdadeiro, que os géneros poéticos não saem dos campos e praças para as côrtes e academias, dando-se justamente o inverso. Ora a verdade é que em Portugal se verifica uma interpenetração constante da poesia popular e culta. Os grandes líricos, Gil Vicente, Camões, Rod. Lobo, João de Deus, Rosalia, Correia d'Oliveira, Augusto Gil, bebem constantemente no manancial da inspiração popular, sucedendo também que o povo se apropria muitas vezes dêsses cantores, que não são verdadeiramente dêle. Entre nós, mais talvez do que nenhures, é difícil fazer distinção rigorosa entre poesia popular e poesia artística, imita-

dora daquela. O uso consagrado da redondilha imprime inquebrantável unidade ao nosso lirismo.

Remata o sr. Pel. as suas considerações, opinando que a nossa poesia popular — assim chamada — devia ter tido qualquer origem literária e culta, que poderia também ser total ou parcialmente forasteira, ou ter sofrido, posteriormente, influxos de fora. Essa origem literária, que o sr. Pel. parece ignorar, foi já determinada, com suficiente precisão, por Lang e D. Carolina: influência do culto de Santiago e, em geral, da poesia litúrgica. A poesia da Igreja gerou formas rítmicas, que se tornaram populares, por via dos clérigos, jograis e soldadeiras; depois, essa poesia em vulgar, enriquecida de novos elementos, entrou na côrte, quando lá entraram os jograis. O carácter feminino da cantiga d'amigo explica-se pela freqüência e importância das soldadeiras, na execução e transmissão da poesia. Há nos cancioneiros restos de cantigas dessas mulheres, como demonstraremos num próximo trabalho.

Por seu turno, os jograis aceitaram com entusiasmo as formas e géneros cultos e começaram de imitá-los (Lourenço). Neste constante dar e receber é muito difícil destrinçar o que pertence à côrte e o que pertence à rua; cremos até que é impossível formular uma opinião segura sôbre todos os elementos formadores do nosso lirismo. O que é importante é que dêsses elementos resultou uma poesia, que até nos seus aspectos mais cultos, tem cunho fortemente português, de apropriação ao génio nacional. É neste largo sentido de *nacional* que nós consideramos a expressão vaga de poesia popular.

Quere isto dizer que não tenham entrado elementos de fora na laboração do nosso lirismo? De modo nenhum; D. Carolina já o admitia em 1895 (*Zeitschrift f. rom. Phil.*, XIX, 592). Agora, apresentar como prova dessa influência, que o sr. Pel. julga fortíssima, o decantado tema dos *olhos verdes*, inventado por Jeanroy, como oriundo de França, por uma errónea tradução de *vair oil*, é que não pode ser. Na crítica tão substanciosa da edição de Lang, citada por sinal neste opúsculo, diz D. Carolina estas palavras, que o sr. Pel. parece não ter lido: «A hipótese de Jeanroy de que *verde* não seria mais que uma versão errada do francês *vair* (que se teria confundido em Portugal com *vert*), parece-me absolutamente inaceitável. Com efeito, *veiro* < *vairo* < variu era em Portugal uma palavra

ainda mui usada, quando já se pensava em louvar ou escarnecer os *olhos verdes»* (*Zeit.*, XIX, 610, n. 4). Além disto, em 1920, M. Pidal insurgiu-se contra essa opinião, defendendo o carácter peninsular do tema (*Estúdios literários*, 315).

Perde o sr. Pel. algum tempo em demonstrar o que Lang já demonstrara: que as cantigas d'amigo tẽem acentuado cunho cortesão; mas não faz o que Lang fizera, e é absolutamente mister que se faça, a distinção entre cantiga d'amigo pròpriamente dita, e bailada paralelística. O não figurar na sua antologia sequer uma cantiga dêste último género é acto censurável e de pouca lealdade literária. Dir-se-ia que o filólogo italiano receava, como de facto sucederia, que um só dêsses cantares désse o mais formal desmentido à sua tese negativista.

Passemos agora ao tratamento do texto. Também aqui não concordamos com certas grafias, que corresponderam já a uma utilidade, mas que se nos apresentam hoje intoleráveis, embora a delicada sensibilidade filológica de D. Carolina se extasiasse perante *mha*, *Pavha*, *sabha*, etc. É muitíssimo preferível a ortografia adoptada pelo dr. J. J. Nunes, nas *Cantigas d'amigo*, a cujo valor diplomático e filológico o sr. Pel. faz reservas, que me parecem injustas. Individuemos:

unha. — *ũa*, como escreve o dr. Nunes, é que é a verdadeira lição, concorde com as leis fonéticas, e ocorrente, de resto, nos cancioneiros. No galego moderno escreve-se *unha*, mas pronuncia-se *ũa*. O som molhado é nele representado ao modo castelhano, *uña*. Em português, porém, dá-se confusão entre o artigo e o substantivo.

vos, vus. — Não se justifica hoje a conservação da forma átona, *vus*. Coerentemente devia ortografar-se *todus*, *muytus*, e sobretudo *dar-vu-lo*, etc. De resto também aparece *vos* átono, C. B. 353, v. 1. Mantenham-se, pois, *vós*, *vos*.

e-no. — É puramente inaceitável esta grafia. O traço implica a desnasalação do *e*, o que é errόneo. Além disso a vogal ligava-se indissolùvelmente ao elemento seguinte; só assim se explica a sua perda. O dr. Nunes adopta a boa lição, *eno*, e melhor ainda seria *ẽno* (= *en no*). Cf. *nona* = *non na*, *beno* = *ben no*, etc.

mha. — Confessamos que *mia* não substitue vantajosamente aquel'outra forma, por haver tendência para tonificar o *i*, o que é errado; mas nos outros casos as formas com *i*, propostas pelo dr. Nunes, são melhores, porque se recorre ao

acento. A grafia *servh'e*, v. 315, embora do texto, é perfeitamente bárbara. Deve ser *sérvio e* (= *servho e*); como, porém, aquelè grupo de 3 vogais se reduz na leitura a uma só sílaba, ainda poderia admitir-se *serv'e*, mas nunca por nunca *servh'e*.

ocajom. — Seguindo o dr. Nunes, o sr. Pel. lê *ocajom*, contràriamente ao que está no manuscrito e ao que era empregado realmente por D. Dinis, *C. B.* 409, 415. O verso deve ser restituido a esta forma, *caestes en atal cajon*.

Muitos pequenos reparos haveria ainda a fazer ao texto do sr. Pel., que não melhorou o de Lang. O texto do dr. J. J. Nunes deve ficar como modèlo de trabalhos dêste género, feita uma ou outra restrição, que a seu tempo exporemos.

RODRIGUES LAPA.

L. SPITZER, **Die epizoenen Nomina auf -a(s) in den iberischen Sprachen,** em: E. Gamillscheg und L. Spitzer, Beitraege zur romanischen Wortbildungslehre, Genève 1921 (Biblioteca dell'«Archivum Romanicum», série 11, vol. 2).

Observamos em várias linguas românicas, particularmente nas da Península, o fenómeno curioso que um tipo morfológico evolucionando aceita duas significações lògicamente opostas. É isso o caso dos substantivos masculinos em *-a*, *-as*, de que trata L. Spitzer no trabalho em cima mencionado, trabalho muitíssimo bem documentado e que dá uma ideia da difusão daquele tipo nas línguas ibero-românicas. O autor, com uma aptidão psicológica pouco vulgar, procura as causas desta transformação, e mostra-nos as origens do aparente paradoxo que está na denominação dum ser masculino por um substantivo com desinência feminina. Trata-se de nomes de vestidos (o casaca, o sotaina, etc.), de instrumentos (o corneta, o faca, o farrapa, o espada), partes características do corpo (o careca, o carola, o carranca, o língua, o unhas de fome, etc.) que têm certa relação com o indivíduo assim denominado. Sucede o mesmo com abstractos (o cura, o futrica) e colectivos femininos (o canalha, o recruta). Um outro caso se dá quando designações de mulheres são transferidas a homens aceitando significado depreciativo, porque, para o povo, a mulher é um ser mais imperfeito e mais fraco que o homem (por exemplo, o janota, o loira, o mulherica, o senisga). Tam-

bém encontramos comparações (o barra, o foca, o sota, o troixa). Os substantivos compostos que servem como alcunha são uma outra fonte de masculinos em *-a* (por exemplo, o mosca-morta), assim como a substantificação de imperativos (o endireita) e enfim a imitação de sons (anhanha, fula-fula, etc.). O doutor Spitzer recolheu em autores populares e glossários dialectais, catalães, espanhóis, portugueses, galegos, americanos, mais de 600 exemplos de masculinos em *-a*, dos quais 300 exemplos portugueses, o que indica que o português será talvez a língua que desenvolveu mais êste tipo.

Coimbra.

JOSEPH PIEL.

NECROLOGIA

Monsenhor Sebastião R. Dalgado

(† 4 de Abril de 1922)

I — Discurso lido á beira da sepultura pelo director da "Revista Lusitana„

Meus senhores:

Há apenas 10 para 11 anos que estou na Faculdade de Letras, e já me aconteceu ter de acompanhar à última jazida três mestres daquela Escola, cultores todos êles das sciências filológicas, e insignes nos ramos que cultivaram: em 1916 (a êste mesmo cemitério) o S.or Epifânio Dias, humanista, e gramático da língua portuguesa; em 1919, o S.or Adolfo Coelho, lingüista, na acepção mais lata da palavra; agora Monsenhor Sebastião Dalgado, professor da cadeira de sânscrito.

Nascido em 1855, em Assagão, bebeu de pequeno o primeiro e prático conhecimento dos idiomas neo-hindús, que depois o habilitou para sublimes emprêsas; ordenou-se de presbítero em Goa; e seguiu carreira sacerdotal, doutorando-se em Teologia na Universidade romana de Santo Apolinar, e exercendo espinhosas funções, quais as de missionário ultramarino, e de vigário geral e administrador das missões de Ceilão e Bengala. Os serviços que prestou à Igreja mereceram-lhe do Papa o título de *Monsenhor*.

Nas horas vagas, que os trabalhos eclesiásticos lhe deixavam, começou após 1885, a dedicar-se ao sâncrito. Acaso o levaria a isso sensibilidade religiosa, despertada ao contacto com a história local. Não é o sânscrito a língua santa da Índia antiga? Não era Sebastião Dalgado crente sincero, embora de outra religião, e fervoroso amigo da pátria? Espírito vivo e perscrutador, em breve começou a descortinar as parecenças que existem entre o concani e o idioma dos Vedas, o que o levou a coordenar e publicar o *Dicionário concani-português*, que veio a lume em 1893, seguido em 1905 do seu natural complemento, o *Dicionário português-concani*.

No domínio da dialectologia indo-portuguesa consagrou monografias aos falares crioulos de Ceilão (1902), Damão (1903), Norte (1906), Nègapatão (1917). Pròpriamente em sanscritologia deu-nos em tradução portuguesa o *Hitopadexa* (1897), e a *História de Nala & Damayanty* (1916), e para uso das aulas uns *Rudimentos de língua sânscrita* (1920). Mais importantes que todos para a língua portuguesa são, porém, os seguintes trabalhos, que publicou de 1913 a 1921: *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas; Contribuïções para a lexicologia luso-oriental; Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiático-africana;* e o grandioso e nunca assás louvado *Glossário luso-asiático*, que consta de dois volumes grossos.

Os Portugueses, na época aventureira das viagens marítimas e descobrimentos, transportaram com as armas para longe ideias, sentimentos, e também a língua, que ora se comunicou por inteiro a vários povos, ora se infiltrou noutros sob quási insensível forma vocabular. Ao mesmo tempo o nosso léxico enriqueceu-se de palavras peregrinas. O principal papel de Monsenhor Dalgado nas sciências consistiu em mostrar, com vastíssima erudição lingüistica, a influência que o idioma de Portugal exerceu no Oriente, e vice-versa, e mais que tudo a última. A Índia, a Indo-China, o Japão, com seus produtos naturais, suas indústrias, seus costumes, perpassam diante de nós nêsses volumes magistrais, como não há outros do mesmo género em Portugal. O *Glossário*, que transfundiu nova seiva na nossa lexicologia, é um acabado modêlo de método, de sagacidade e de saber. Quando veio a público, alguns especialistas de alto renome, como Longworth Dames, Vice-Presidente da Real Sociedade Asiática de Londres, Meillet, Professor do Colégio de França, que em 1920 fêz conferências glotológicas em Lisboa, Bloch, da Sociedade Asiática de Paris, Hugo Schuchardt, Professor aposentado da Universidade de Graz, que escreveu luminosos estudos de dialectologia crioulo-oriental, especialmente um de malaio-português, foram unânimes no entusiasmo com que o saüdaram, e alguns dêles puseram-no a par do *Glossary* de Yule & Burnell, mais conhecido por *Hobson-Jobson*, e destinado de modo análogo à investigação de indianismos transmitidos ao inglês e concomitantemente a outras línguas europeias.

Monsenhor Dalgado, a quem por motivo de grave doença, a cirurgia havia amputado as duas pernas, jazeu no leito

durante muitos anos. Aí lia, aí escrevia, e por vezes prelecciónava aos seus alunos; daí falava com os amigos que o iam visitar. Quem, ao entrar no quarto, não se comoveria de o ver, de meio corpo, encostado a uma mesinha que lhe pousava sôbre a cama, rodeado de livros e de papéis? Como as leis do mundo parecem contraditórias ao nosso intelecto! Quanta gente inútil ou prejudicial que vagueia por essas ruas, sã e resistente, e aquele mártir, amarrado perpètuamente ao sofrimento, e, apesar-de-tudo, a desvendar sempre, com actividade ininterrupta, os segredos da história e psique humanas, que outro não é o sentido da pesquisa lexicológica! Trabalhou até os últimos momentos: ainda ante-ontem, na véspera de morrer, esteve revendo provas tipográficas de novo livro que tinha no prelo sôbre Provérbios indianos!

Modesto, obsequioso, amigo certo, só deixa saüdades entre os que o conheceram. Nunca procurou honras; contudo a Sociedade Asiática de Londres, há pouco mencionada, elegeu-o em Novembro de 1921 membro honorário, e a nossa Academia das Sciências devia votá-lo, em 27 do corrente mês, sócio efectivo, — distinção literário-scientífica das maiores que em Portugal se conferem.

Foi pensando em Monsenhor Dalgado, tradutor do *Hitopadexa*, que colhi no famoso livro indiano esta admirável sentença moral:

De todas as coisas a sabedoria é a que não tem nada superior a si, por ser para sempre inamovível, inestimável, e imperecível.

Disse.

J. L. DE V.

(Êste artigo foi já publicado na *Lusa*, IV, 70-71).

II — Artigo do P.e Valerio A. Cordeiro

Na sua residencia, na rua Eduardo Coelho, 96, faleceu ontem Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado, virtuoso e sabio sacerdote, bem conhecido em todo o mundo culto.

Nasceu em Assagão, a 8 de Maio de 1855. Fez os estudos preparatorios em Gôa, onde tambem cursou a teologia, com distinção, no Seminario de Rachol. Ordenado já sacerdote, partiu em 1881 para Roma. Aqui cursou as faculdades de Direito Canonico e Romano na Universidade de Santo Apoli-

nar. Doutorou-se em ambas, no ano de 1884, e com licença especial do Sumo Pontifice, sem previa frequentação de aulas, fez o exame de doutoramento na Sagrada Teologia, merecendo em todos esses actos premios e medalhas que atrairam para o jovem sacerdote as simpatias do proprio Papa. Nomeou-o este logo seu capelão honorario com o titulo de Monsenhor. De Roma veio para Lisboa e foi nomeado missionario regio da India. Chegou a Gôa em 1885 e ai promoveu a romaria espiritual a Lourdes, de que fora encarregado na França, enviando para o famoso santuario 5.222 rupias. Entretanto foi nomeado desembargador da Relação Eclesiastica e em Junho de 1885 inspector dos seminarios, e escolas do Padroado Portuguès, cargo de que foi dispensado um ano depois, sendo nomeado professor de direito canonico, e sagrada escritura do Seminario de Rachol, cargo que não aceitou, por ser incompativel, com a comissão de missionario. Em 19 de Março de 1886 foi nomeado vigario geral de Ceilão, tomando posse logo depois.

Em 1887, foi extinta a missão portuguesa, e Mons. Dalgado foi obrigado pelo delegado apostolico a aceitar a nomeação de Vigario geral do Arcebispado de Colombo, mas os cristãos descontentes com a extinção do Padroado fechavam as Igrejas, e Mons. Dalgado, com outros missionarios, regressava para Gôa.

Era então nomeado vigario geral de Bengala, onde esteve até esse lugar ser extinto, Abril de 1890. Em Janeiro de 1893 foi nomeado vigario de vara de Honor, cargo que exerceu até 1895. Durante toda a sua carreira nas diversas partes da India, Mons. Dalgado foi estudando profundamente o sanscrito, e linguas aparentadas e entesourando conhecimentos de que são prova os seus eruditos livros. E assim, regressando em 1895 para Portugal, foi logo autorizado a ficar no reino e superintender na publicação do *Dicionario Português-Concani* por ele composto. Terminada esta publicação em 1904, era Mons. Dalgado elevado ás honras de Prelado Domestico de Sua Santidade e dispensado pelo Governo do Serviço da India.

Neste intervalo era eleito socio da Sociedade de Geografia de Lisboa, e do Instituto de Coimbra. Em 1907 era nomeado professor de Sanscrito do Curso Superior de Letras e eleito socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa. Quando foi criada a Faculdade de Letras foi-lhe con-

ferido o titulo de doutor em letras, fazendo parte da faculdade desde 1917, como lente de Sanscrito. Desde 1893, em que publicou, já em Bombaim, o *Dicionario Concani-Português*, é enorme a sua actividade literaria. A sua bibliografia é vasta. Lembremos apenas o *Glossario luso-oriental*, verdadeiro monumento de literatura nacional. Estava actualmente no prelo a colecção dos *Proverbios indianos*. Em breve seria Mons. Dalgado socio efectivo da Academia das Sciencias para a vaga de Anselmo Braamcamp.

Já ha anos sofrera uma amputação de ambas as pernas. No ano passado sobreveio a tuberculose pulmonar. Ha oito dias agravou-se o seu estado, supomos, com uma infecção renal. Celebrou missa ainda na vespera da sua morte e quis ser ungido. Foi recèber o premio da sua vida tão laboriosa ontem ás 7 da manhã.

A sua resignação, a serenidade nos ultimos momentos foi admiravel. Verdadeiramente adormeceu no Senhor.

V. A. C.

(Da *Epoca* de 5-IV-22).

III — Artigo do D.[or] Solidonio Leite

A circumstancia de fallarmos a mesma lingua, e termos, em parte, a mesma historia, bastaria, se outros motivos não houvesse para reflectir-se entre nós as perdas que vão sofrendo as letras portuguezas com o desapparecimento dos seus vultos proeminentes.

O sentimento que ellas nos causam, avulta naturalmente em se tratando de um sabio que não deixa quem o substitua: como acontece com Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado.

A solida cultura que tinha; e principalmente os seus profundos e vastissimos conhecimentos de sanscrito e linguas auxiliares; e especialmente dos dialectos indo-portuguezes, o collocaram em posição singular entre os philologos e indianistas de toda a Europa cujas linguas principaes tambem conhecia perfeitamente.

Em parecer, que, por parte da Academia das Sciencias de Lisboa, deu sobre seu livro — *Influencia do vocabulario portuguez em linguas asiaticas (abrangendo cerca de cincoenta idiomas)*, escreveu o Sr. Gonçalves Vianna ser «um trabalho de largo folego, que talvez nenhum outro sabio portuguez

ou mesmo extrangeiro, poderia levar a cabo, satisfactoriamente».

E accrescentou:

«É uma especialização glotologica de que o seu benemerito autor não encontrou exemplo, e para cujo desempenho teve de crear elle proprio o methodo, acommodado á exposição clara e persuasiva dos factos... Perfeitamente preparado pela diuturna leitura e assimilação completa dos processos rigorosos da philologia comparada, revela o auctor em todo o seu trabalho o conhecimento da litteratura scientifica apropriada ao assumpto, e o aproveitamento consciencioso dos factos tendentes a demonstrar cabalmente a sua these — a consideravel influencia da civilização portugueza nas varias manifestações das civilizações indigenas... O valioso estudo que me coube o dever de examinar é precedido por uma introducção, em todos os pontos de vista do maior interesse, e no qual o auctor revela o vasto cabedal do seu saber neste importantissimo ramo da sciencia... Estou certo que a publicação desta obra monumental obterá éco e applauso entre os especialistas de todas as nações civilizadas e ao publico em geral, e redundará em gloria para a nossa patria, em merecido louvor para a nossa Academia, e principalmente para quem, com o maior desinteresse, amor, espirito verdadeiramente scientifico e acrisolado patriotismo, se abalançou a execução modelar de trabalho tão bem concebido, tão difficultoso e tão util, em um dominio até agora quasi inexplorado».

O mesmo Sr. Gonçalves Vianna, um anno antes — em Fevereiro de 1911, referindo-se ao *Diccionario Portuguez Komkani*, que serviu para a admissão de Monsenhor Dalgado na Academia das Sciencias de Lisboa, assim se pronunciou:

«Esta segunda parte da obra (já havia sahido o *Diccionario Komkani Portuguez)* muito mais compendiosa e abundante que a primeira, deve de ter sido laboriosissima, e é sobremodo interessante, esmerada, e meritoria como vindo preencher uma das muitas lacunas que existem na litteratura patria com relação ao estudo dos nossos idiomas coloniaes... Não existindo presentemente na nossa Academia nenhum indianista professo, e sendo de manifesta conveniencia que os diversos ramos do saber estejam nella representados por acreditados cultores dessas sciencias, parece-me que, este instituto faria um acto justo chamando ao seu gremio o auctor do

Diccionario Portuguez Komkani, que pela sua provada competencia nestes estudos poderia prestar ao mesmo instituto valiosos serviços na sua especialidade...»

Monsenhor Dalgado era, como se vê, um especialista insubstituivel. Philologo dos mais esclarecidos, tornara-se um indianista profundo, sem competidor; pois, além do pleno conhecimento que tinha das melhores fontes, elle mesmo reunira na India o riquissimo cabedal que as suas obras attestam.

Nasceu em Assagão, a 8 de Maio de 1855, e fez o curso de humanidades e o de theologia em Gôa, conquistando a estima e o applauso dos seus mestres. Logo depois de ordenar-se, partio para Roma, onde se doutorou em direito canonico e romano na Universidade de S. Apolinario, em 1884; fazendo em seguida o exame de doutoramento em theologia, sem frequencia prévia das aulas por concessão especial do Summo Pontifice, — que o nomeou seu Capelão honorario com o titulo de Monsenhor.

Em Lisboa, onde o precedera a noticia do seu merito excepcional, foi nomeado missionario regio da India. Para alli seguio, chegando a Gôa em Abril de 1885, com 30 annos incompletos.

Exerceu os cargos de desembargador da Relação Ecclesiastica, e de Inspector dos seminarios e escolas do padroado portuguez, e deixou de aceitar o de professor de direito canonico e sagrada escriptura do seminario de Rachol, por não lhe permittirem os deveres da sua comissão de missionario.

Foi vigario geral de Ceylão em 1886, de Colombo em 1887, de Bengala desde 1887 até a extincção desse lugar em 1890; e de Honor desde Janeiro de 1893 até 1895.

Pondo sempre todo o zelo no desempenho dos cargos que exerceu, aproveitou o tempo que as obrigações dos mesmos lhe permittiam, para aperfeiçoar-se no estudo do sanscrito, linguas derivadas, e dialectos indo-portuguezes. Assim, accumulou o valiosissimo thesouro de saber que o habilitou á composição de obras verdadeiramente monumentaes, que nenhum outro poderia levar a cabo, segundo acertadamente affirmou Gonçalves Vianna.

Foi a primeira o «Diccionario Komkani-Portuguez» — Philologico-Etymologico, Bombaim, 1893; completado com o «Diccionario Portuguez-Komkani», cuja impressão foi autorizado a superintender quando em 1895 regressou a Portugal.

Com a publicação em 1904, dessa segunda parte do Diccionario da lingua vernacula de Gôa, foi o seu auctor elevado ás honras de Prelado Domestico de S. Santidade; e admittido na Academia das Sciencias de Lisboa, na Sociedade de Geographia da mesma cidade, e no Instituto de Coimbra.

Poucos annos depois, em 1907, era nomeado professor de sanscrito no Curso Superior de Lettras, substituindo ao emerito Vasconcellos Abreu.

Já haviam sahido em 1897: a sua versão portugueza do famoso fabulario — «Hitopadexa», «a primeira traducção completa de uma obra sanscritica em portuguez», segundo affirma o mesmo Vasconcellos Abreu; e tambem o «Primeiro plano da celebração do Centenario da India», traduzido em concani por incumbencia da Commissão executiva; e de 1900 a 1906, os trabalhos sobre os dialectos indo-portuguezes de Ceilão (1900), de Gôa (1900), de Damão (1903), e do Norte (1906).

Decorridos sete annos, em 1913, appareceu a obra monumental — «Influencia do vocabulario portuguez nas Linguas Asiaticas», da qual já fallamos acima; e pouco depois, de 1915 a 1917, sahiam a Contribuição para a «Lexicologia Luso-Oriental, a Historia de Nala e Damayanti», episodio do Mahabarata, traduzido do sanscrito, o «Dialecto Indo-Portuguez de Negapatão», e «Gonçalves Vianna e a Lexicologia Portugueza de Origem Asiatico-Africana», onde se corrigem os enganos havidos nas «Apostillas».

O trabalho de maior folego — «Glossario Luso-Asiatico», completamente da «Influencia do Vocabulario Portuguez nas Linguas Asiaticas», sahio em 1919 e em 1921 (1.º e 2.º volumes). Para a sua elaboração Monsenhor Dalgado leu e releu devagar, pacientemente, as obras dos muitos escriptores antigos, portuguezes e extrangeiros, que trataram das cousas da Asia meridional, afim de ir colhendo os vocabulos exoticos e verificar-lhes o sentido e a derivação, para o que lhe foi preciso vencer as maiores difficuldades; pois acontecia não raro que um dado vocabulo, peregrino em portuguez, se encontrava ao mesmo tempo em varios idiomas orientaes da mesma familia ou de diversas, e em regiões muito distanciadas, não se podendo precisar, sem demorada pesquisa, de qual delles proveria; acontecendo egualmente que o que parecia étimo

tinha na realidade por étimo a palavra cuja origem procurava.

Quanto ás difficuldades que encontrou na composição do diccionario, o auctor as menciona, terminando por este theor:

«Depois quando senti o peso do commettimento e vi aggravados os meus padecimentos physicos, fiquei mais de uma vez tentado a retrahir-me; mas não tive outro recurso senão proseguir no caminho encetado, não só porque me julgava compromettido com o Governo, como porque tinha pena de deixar inutilizado ou truncado o trabalho executado. Nem parecia airoso que, tendo lançado grandes alicerces, levantasse mesquinhos edificios».

No mesmo lugar mostra, contra a opinião de glothologos extrangeiros (Cust, Reames, Hoernle, Grierson, Elliot, Ellis, Lassen, Burnell, etc.) que o exame detido do vocabulario basilar e organico do concani, deixa fóra de duvida ser importado por hereditariedade do sanscrito; accrescentando que «se fosse minuciosamente confrontado o seu mecanismo grammatical com o dos outros idiomas aricos — pois é a grammatica e não o lexico que distingue e caracteriza as linguas — demonstrar-se-hia até a evidencia que, longe de se filiar em algum delles, se approxima, mais do que o proprio maratha, da lingua mãi — que pertencia ao grupo gaudiano».

O *Glossario*, a *Influencia do vocabulario portuguez* e o *Diccionario*, obras que somente Monsenhor Dalgado poderia emprehender e executar, bastariam para attestar sobejamente o valor excepcional desse grande homem que Portugal acaba de perder.

SOLIDONIO LEITE.

(Do *Jornal do Comércio*, do Brasil).

IV — Apontamentos autobiograficos

[Confesso que não me lembro de como obtive estes apontamentos, mas creio que foi o proprio Mgr. Dalgado que m'os ofereceu manuscritos. Ao presente só tenho á mão uma copia dactilografada que em tempos mandei fazer. O titulo do original é: «Meus apontamentos biograficos». — J. L. DE V.]

1. Nasci em 8 de Maio de 1855, em Assagão, e fui baptizado em casa, por perigo.

ou mesmo extrangeiro, poderia levar a cabo, satisfactoriamente».

E accrescentou:

«É uma especialização glotologica de que o seu benemerito autor não encontrou exemplo, e para cujo desempenho teve de crear elle proprio o methodo, acommodado á exposição clara e persuasiva dos factos... Perfeitamente preparado pela diuturna leitura e assimilação completa dos processos rigorosos da philologia comparada, revela o auctor em todo o seu trabalho o conhecimento da litteratura scientifica apropriada ao assumpto, e o aproveitamento consciencioso dos factos tendentes a demonstrar cabalmente a sua these — a consideravel influencia da civilização portugueza nas varias manifestações das civilizações indigenas... O valioso estudo que me coube o dever de examinar é precedido por uma introducção, em todos os pontos de vista do maior interesse, e no qual o auctor revela o vasto cabedal do seu saber neste importantissimo ramo da sciencia... Estou certo que a publicação desta obra monumental obterá éco e applauso entre os especialistas de todas as nações civilizadas e ao publico em geral, e redundará em gloria para a nossa patria, em merecido louvor para a nossa Academia, e principalmente para quem, com o maior desinteresse, amor, espirito verdadeiramente scientifico e acrisolado patriotismo, se abalançou a execução modelar de trabalho tão bem concebido, tão difficultoso e tão util, em um dominio até agora quasi inexplorado».

O mesmo Sr. Gonçalves Vianna, um anno antes — em Fevereiro de 1911, referindo-se ao *Diccionario Portuguez Komkani*, que serviu para a admissão de Monsenhor Dalgado na Academia das Sciencias de Lisboa, assim se pronunciou:

«Esta segunda parte da obra (já havia sahido o *Diccionario Komkani Portuguez)* muito mais compendiosa e abundante que a primeira, deve de ter sido laboriosissima, e é sobremodo interessante, esmerada, e meritoria como vindo preencher uma das muitas lacunas que existem na litteratura patria com relação ao estudo dos nossos idiomas coloniaes... Não existindo presentemente na nossa Academia nenhum indianista professo, e sendo de manifesta conveniencia que os diversos ramos do saber estejam nella representados por acreditados cultores dessas sciencias, parece-me que, este instituto faria um acto justo chamando ao seu gremio o auctor do

Diccionario Portuguez Komkani, que pela sua provada competencia nestes estudos poderia prestar ao mesmo instituto valiosos serviços na sua especialidade...»

Monsenhor Dalgado era, como se vê, um especialista insubstituivel. Philologo dos mais esclarecidos, tornara-se um indianista profundo, sem competidor; pois, além do pleno conhecimento que tinha das melhores fontes, elle mesmo reunira na India o riquissimo cabedal que as suas obras attestam.

Nasceu em Assagão, a 8 de Maio de 1855, e fez o curso de humanidades e o de theologia em Gôa, conquistando a estima e o applauso dos seus mestres. Logo depois de ordenar-se, partio para Roma, onde se doutorou em direito canonico e romano na Universidade de S. Apolinario, em 1884; fazendo em seguida o exame de doutoramento em theologia, sem frequencia prévia das aulas por concessão especial do Summo Pontifice, — que o nomeou seu Capelão honorario com o titulo de Monsenhor.

Em Lisboa, onde o precedera a noticia do seu merito excepcional, foi nomeado missionario regio da India. Para alli seguio, chegando a Gôa em Abril de 1885, com 30 annos incompletos.

Exerceu os cargos de desembargador da Relação Ecclesiastica, e de Inspector dos seminarios e escolas do padroado portuguez, e deixou de aceitar o de professor de direito canonico e sagrada escriptura do seminario de Rachol, por não lhe permittirem os deveres da sua comissão de missionario.

Foi vigario geral de Ceylão em 1886, de Colombo em 1887, de Bengala desde 1887 até a extincção desse lugar em 1890; e de Honor desde Janeiro de 1893 até 1895.

Pondo sempre todo o zelo no desempenho dos cargos que exerceu, aproveitou o tempo que as obrigações dos mesmos lhe permittiam, para aperfeiçoar-se no estudo do sanscrito, linguas derivadas, e dialectos indo-portuguezes. Assim, accumulou o valiosissimo thesouro de saber que o habilitou á composição de obras verdadeiramente monumentaes, que nenhum outro poderia levar a cabo, segundo acertadamente affirmou Gonçalves Vianna.

Foi a primeira o «Diccionario Komkani-Portuguez» — Philologico-Etymologico, Bombaim, 1893; completado com o «Diccionario Portuguez-Komkani», cuja impressão foi autorizado a superintender quando em 1895 regressou a Portugal.

Com a publicação em 1904, dessa segunda parte do Diccionario da lingua vernacula de Gôa, foi o seu auctor elevado ás honras de Prelado Domestico de S. Santidade; e admittido na Academia das Sciencias de Lisboa, na Sociedade de Geographia da mesma cidade, e no Instituto de Coimbra.

Poucos annos depois, em 1907, era nomeado professor de sanscrito no Curso Superior de Lettras, substituindo ao emerito Vasconcellos Abreu.

Já haviam sahido em 1897: a sua versão portugueza do famoso fabulario — «Hitopadexa», «a primeira traducção completa de uma obra sanscritica em portuguez», segundo affirma o mesmo Vasconcellos Abreu; e tambem o «Primeiro plano da celebração do Centenario da India», traduzido em concani por incumbencia da Commissão executiva; e de 1900 a 1906, os trabalhos sobre os dialectos indo-portuguezes de Ceilão (1900), de Gôa (1900), de Damão (1903), e do Norte (1906).

Decorridos sete annos, em 1913, appareceu a obra monumental — «Influencia do vocabulario portuguez nas Linguas Asiaticas», da qual já fallamos acima; e pouco depois, de 1915 a 1917, sahiam a Contribuição para a «Lexicologia Luso-Oriental, a Historia de Nala e Damayanti», episodio do Mahabarata, traduzido do sanscrito, o «Dialecto Indo-Portuguez de Negapatão», e «Gonçalves Vianna e a Lexicologia Portugueza de Origem Asiatico-Africana», onde se corrigem os enganos havidos nas «Apostillas».

O trabalho de maior folego — «Glossario Luso-Asiatico», completamente da «Influencia do Vocabulario Portuguez nas Linguas Asiaticas», sahio em 1919 e em 1921 (1.° e 2.° volumes). Para a sua elaboração Monsenhor Dalgado leu e releu devagar, pacientemente, as obras dos muitos escriptores antigos, portuguezes e extrangeiros, que trataram das cousas da Asia meridional, afim de ir colhendo os vocabulos exoticos e verificar-lhes o sentido e a derivação, para o que lhe foi preciso vencer as maiores difficuldades; pois acontecia não raro que um dado vocabulo, peregrino em portuguez, se encontrava ao mesmo tempo em varios idiomas orientaes da mesma familia ou de diversas, e em regiões muito distanciadas, não se podendo precisar, sem demorada pesquisa, de qual delles proveria; acontecendo egualmente que o que parecia étimo

tinha na realidade por étimo a palavra cuja origem procurava.

Quanto ás difficuldades que encontrou na composição do diccionario, o auctor as menciona, terminando por este theor:

«Depois quando senti o peso do commettimento e vi aggravados os meus padecimentos physicos, fiquei mais de uma vez tentado a retrahir-me; mas não tive outro recurso senão proseguir no caminho encetado, não só porque me julgava compromettido com o Governo, como porque tinha pena de deixar inutilizado ou truncado o trabalho executado. Nem parecia airoso que, tendo lançado grandes alicerces, levantasse mesquinhos edificios».

No mesmo lugar mostra, contra a opinião de glothologos extrangeiros (Cust, Reames, Hoernle, Grierson, Elliot, Ellis, Lassen, Burnell, etc.) que o exame detido do vocabulario basilar e organico do concani, deixa fóra de duvida ser importado por hereditariedade do sanscrito; accrescentando que «se fosse minuciosamente confrontado o seu mecanismo grammatical com o dos outros idiomas aricos — pois é a grammatica e não o lexico que distingue e caracteriza as linguas — demonstrar-se-hia até a evidencia que, longe de se filiar em algum delles, se approxima, mais do que o proprio maratha, da lingua mãi — que pertencia ao grupo gaudiano».

O *Glossario*, a *Influencia do vocabulario portuguez* e o *Diccionario*, obras que somente Monsenhor Dalgado poderia emprehender e executar, bastariam para attestar sobejamente o valor excepcional desse grande homem que Portugal acaba de perder.

SOLIDONIO LEITE.

(Do *Jornal do Comércio*, do Brasil).

IV — Apontamentos autobiograficos

[Confesso que não me lembro de como obtive estes apontamentos, mas creio que foi o proprio Mgr. Dalgado que m'os ofereceu manuscritos. Ao presente só tenho á mão uma copia dactilografada que em tempos mandei fazer. O titulo do original é: «Meus apontamentos biograficos». — J. L. DE V.]

1. Nasci em 8 de Maio de 1855, em Assagão, e fui baptizado em casa, por perigo.

2. Estudei os preparatorios em diversas partes, cursei teologia no seminario de Rachol de 1876-1879, tendo *accessit* no 1.º ano, e 2.º premio no 2.º e no 3.º.

3. Fui ordenado de presbitero em 11 de Junho de 1881, e celebrei a primeira missa no Monte de Guirem em 20 do dito mês.

4. Fiz exame de prègador em 11 de Agosto de 1881, e fui aprovado, sendo passada a provisão em 20 do dito.

5. Fiz o exame de confessor em 18 do mesmo mês, e sai aprovado por dois anos, sendo passada a provisão em 22.

6. Tive dimissorias do Bispo de Beja, Vigario Capitular, com data de 24 de Agosto, para cursar em Roma estudos superiores.

7. Cheguei a Roma em 29 de Setembro, matriculei-me em Novembro nas Faculdades de direito canonico e romano no seminario pontificio de Santo Apolinario. No 1.º ano fiquei bacharel com dois premios; no 2.º licenciado com quatro premios, e no 3.º doutor *in Utroque Jure*, sendo o diploma de 30 de Junho de 1884.

8. Com licença superior do Papa, e com estudo particular, fiz o exame de doutorado em teologia, sendo passado o diploma em 17 de Janeiro de 1884.

9. Fui nomeado Capelão honorario do Papa, *extra Urbem*, com título de «Monsenhor», e hábitos roxos, em 11 de Outubro do referido ano.

10. Parti para Portugal em Outubro de 1884, e por portaria de 19 de Novembro fui nomeado missionario com as mesmas vantagens que têm os alunos do Colegio das missões ultramarinas. Cheguei á India em Abril de 1885.

11. Por pastoral arquiepiscopal de 2 de Junho fui autorizado a promover a Romaria Espiritual de Lourdes, de que tinha sido encarregado em França, na arquidiocese e nas missões. Recolhi 5:220 rupias, que, deduzida a despesa de 136 rupias, remeti para Lourdes.

12. Por provisão de 2 de Julho fui nomeado desembargador da Relação Eclesiastica de Goa.

13. Por portaria de 27 de Novembro fui nomeado inspector dos seminários, e outras escolas do Real Padroado. Outra portaria de 13 de Fevereiro de 1886 declarou sem efeito a anterior.

14. Por portaria de 13 do mesmo mês fui nomeado interinamente professor das cadeiras de Escritura Sagrada e de Direito canonico, de que não tomei posse, por incompatibilidade com a missão de missionário do Padroado.

15. Por portaria de 19 de Março fui nomeado vigário geral de Ceilão. Tomei posse em 17 de Maio.

16. A 2 de Janeiro de 1887, extinta a missão portuguesa, fui obrigado pelo Delegado Apostólico a aceitar a nomeação de vigário geral do Arcesbispo de Colombo. Fechadas as igrejas pelos cristãos no mesmo mês, regressei a Goa com alguns missionários.

17. Por portaria arquiepiscopal de 11 de Janeiro do dito ano fui nomeado vigário geral de Bengala e administrador das propriedades. Fui confirmado por provisão do Bispo de Meliapor de 12 de Maio. Tomei posse em 14 de Maio.

18. Extinto o lugar de vigário geral por decreto de 9 de Abril de 1890, fui desligado da jurisdição do Bispo de Meliapor por outro decreto de igual data, e em Maio saí de Calcutá.

19. Em 9 de Janeiro de 1893 passou-se-me provisão de vigário da vara e vigário missionário de Honor no Cassorá, tomando posse em 1 de Fevereiro.

20. Em 23 de Abril de 1895 parti de Honor para Goa, onde me apresentei á junta de saude e tive licença do governador, por portaria de 27 do referido mês, para regressar ao reino, e Letras Comendaticias do Arcebispo em 2 de Maio. Cheguei a Portugal em principios de Julho.

21. Em 1896 o ministro da marinha autorizou a publicação do meu *Dicionario português-concani* por conta do Estado, e fui demorado em Lisboa até nova ordem por um despacho de 11 de Novembro, exarado no oficio da Academia Real das Sciencias, para dirigir a sua composição impressão e revisão.

22. Por diploma de 13 de Janeiro de 1896 fui nomeado sócio ordinário da Sociedade de Geografia de Lisboa.

23. Por diploma de Junho de 1898 fui nomeado sócio correspondente do Instituto de Coimbra.

24. Por breve de 4 de Maio de 1904 fui nomeado Prelado Doméstico de S. Santidade.

25. Por portaria ministerial de 27 de Abril de 1906 foi dada por finda a minha comissão de missionário e abonado o subsídio de 25 por cento da congrua.

26. Por decreto de 28 de Dezembro de 1907 fui nomeado professor da cadeira do curso de Língua sânscrita, do Curso Superior de Letras. Tomei posse em 11 de Janeiro de 1908, e inaugurei o curso em 18 de Fevereiro.

27. Por oficio de 27 de Julho de 1911 o secretário da Academia das Sciencias de Lisboa participou-me que fui eleito sócio correspondente de 2.ª classe.

28. Em 22 de Dezembro de 1917 o conselho da Faculdade de Letras de Lisboa conferiu-me o grau de Doutor em Letras.

29. Em fins de Outubro depositei no Banco Nacional Ultramarino a quantia de 700 libras em obrigações da Dívida externa em nome do pároco e presidente da fábrica da frèguesia de Assagão, para com os seus juros *fornecer guisamento* de missa aos sacerdotes que aí celebrarem, devendo aplicar uma missa semestral pelo instituidor e seus parentes.

30. Na sessão de 8 de Novembro de 1921 fui eleito por unanimidade membro honorário da *Royal Asiatic Society*.

31. Na sessão da 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisboa, de 8 de Dezembro, fui encarregado de dirigir a publicação duma edição corrigida e anotada do texto português do *Livro* de Duarte Barbosa.

V — Outros apontamentos autobiograficos

[Extraidos por J. L. de V. de obras impressas]

Vigario geral e administrador das missões portuguesas de Ceilão e de Bengala: *Influencia*, p. XII.

Dedicou-se ao estudo do sanscrito depois que voltou da Europa [para a India, em 1885] como missionario ultramarino, e começou a notar muitos pontos de contacto entre essas linguas e o idioma de Goa ou concani. *Dicc. concani-port.*, p. IX.

Em 1903, ao publicar o *Dicc. conc.*, conhecia seis ou sete linguas aricas e dravidicas, *Influencia*, XII. Estas linguas devem ser: *bengali, guzerath, hindustani, maratha, canari, malaialam, tamul*, cf. *Dicc.* p. IX, XXIII, XI, XIV, XXIV, X, XIV, XXXIX.

VI — Generoso acto de Monsenhor Dalgado

Desejando ver cultivado o concani entre o clero de Goa, pôs á disposição do sr. Patriarca D. Mateus, haverá ano e meio, uma avultada quantia para se fundar uma cadeira da lingua concani no Seminario de Rachol. Recentemente instituiu, no Liceu de N. Goa, um premio pecuniario para ser conferido ao aluno mais distinto nos exames da aula de sanscrito, com juros de inscrições que ofereceu do valor de 100 libras; no ano que não fôr este premio conferido a nenhum aluno, passe a respectiva importancia á biblioteca do mesmo liceu para aquisição de livros de indologia; em duas portarias do Governo, de 26 de Março e de 9 de Abril do corrente ano, designa-se o modo de se conferir esse premio que se denominará «Mons. Dalgado», e é louvado quem fez tão generoso e patriotico donativo.

Casimiro Cristóvão de Nazareth.

(Do *Heraldo* de Nova-Goa, de 20 de Julho de 1921).

ERRATAS E EXPLICAÇÕES

Para a R. L., vol. XXV

Erratas ao meu artigo sôbre *Alvalade* do vol. 25.º:

= onde se lê *balão*, p. 273, l. 20 leia-se *balāt* (em oposição a *balăt)*.
= onde se lê *Háncal*, p. 274, l. 1 lei-se *Háucal*.

DAVID LOPES.

*

Para o presente volume

OBSERVAÇÕES Á LINGUAGEM DE SAN MARTÍN DE TREVEJO

Pag. 248:

Linha 4.ª do § 1.º, suprima-se: «*ĕm (e* surdo nasalado)». —Foi equívoco do autor, porque na ocasião, em que compôs este artigo, compunha outro sobre linguagem de Trás-os-Montes onde tal som existe.

Linha 2.ª do § 3.º. O autor não póde de pronto dar exemplos de η, nem tambem dizer se haveria confusão sua, pelo motivo indicado na errata anterior.

Como já se observou a pag. 257, nota, as provas foram revistas, estando o autor fóra de Lisboa. Além d'isso, ninguem, que escreva, por maior cuidado que tenha, deixa de andar sujeito a semelhantes transtornos.

*

Pag. 303:

Suprima-se o algarismo «I» abaixo de *Bibliografia*.

J. L. DE V.

ÍNDICE DO VOLUME XXVI

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA: